



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUIZETE VICENTE DA SILVA

**A PRIMEIRA VISTA: UMA ANÁLISE SOBRE A IDENTIDADE E A
REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DA PÁGINA
“PROFISSIONAIS NEGROS DO CEARÁ” NO INSTAGRAM**

FORTALEZA

2023

LUIZETE VICENTE DA SILVA

A PRIMEIRA VISTA: UMA ANÁLISE SOBRE A IDENTIDADE E A REPRESENTAÇÃO
DAS MULHERES NEGRAS DA PÁGINA “PROFISSIONAIS NEGROS DO CEARÁ” NO
INSTAGRAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação. Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581p Silva, Luizete Vicente da.
A primeira vista : uma análise sobre a identidade e a representação das mulheres negras da página “Profissionais Negros do Ceará” no Instagram / Luizete Vicente da Silva. – 2023.
264 f. : il.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes..

1. Mulheres Negras . 2. Redes Sociais. 3. Identidade. 4. Representação. 5. Instagram. I. Título.
CDD 302.23

LUIZETE VICENTE DA SILVA

A PRIMEIRA VISTA: UMA ANÁLISE SOBRE IDENTIDADE E A REPRESENTAÇÃO
DAS MULHERES NEGRAS DA PÁGINA “PROFISSIONAIS NEGROS DO CEARÁ” NO
INSTAGRAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação. Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes.

Aprovada em: ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Márcia Vidal Nunes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Catarina Tereza Farias de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Tamires Ferreira Coêlho (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Prof.^a Dr.^a Kássia Mota de Sousa (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof.^a Dr.^a Denise Ferreira da Costa Cruz (Examinadora Externa)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

In memoriam de meu pai Luiz Soares, com todo amor e gratidão ao longo da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos e todas que acompanharam e caminharam comigo na produção desta tese.

À Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pela oportunidade em desenvolver esta pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À professora Márcia Vidal, pela excelente orientação e companheirismo que foram para além de sua tarefa.

Às professoras participantes da banca examinadora, Catarina Farias de Oliveira, Tamires Ferreira Coêlho, Kássia Mota de Sousa e Denise Ferreira da Costa Cruz pelo tempo que disponibilizaram para participar deste momento tão importante e pelas valiosas colaborações na pesquisa.

Aos meus pais, Luiz e Aurizete, pelo carinho e por me ensinarem, desde cedo, mesmo sem terem acesso aos estudos, a sempre valorizar a Educação para suas filhas.

As minhas irmãs, Elisabete e Auricélia, por aguentarem minhas chateações sobre a dificuldade com carinho e cuidado de sempre.

Ao Hernesto Luz, pelo amor, ombro e escuta tão preciosa neste momento.

Ao Movimento Negro, pela contribuição na minha formação enquanto mulher negra.

Aos amigos e às amigas, Janick Dias, Leila Maria, Amanda Rocha, Francisco José (Chicão), Pedro Jonas, Dário Bezerra, Ana Patrícia Chaves, Camila Brandão, Elis Brandão Amaral, Rodrigo Amaral, Marcos Paulo, Alexandre Joca, Lucas Veloso, Régis Pereira, Antonio José Teixeira, Lidi Rodrigues, Zilmara Alves e Taiane Alves pela força e pelo companheirismo na caminhada pela estrada da vida.

Aos companheiros e companheiras do Movimento Negro, Dediane Souza, Rebeca Bezerra, Dione Silva, Clarisse Alexandre, Labelle Rainbow e Diego David, pela caminhada coletiva para a construção da minha militância.

RESUMO

A tese tem o intuito de oferecer reflexões sobre a identidade e a representação da população negra, e, em especial, das mulheres negras, na página Profissionais Negros do Ceará, no *Instagram*. A pesquisa realiza um recorte de gênero e raça que tenta compreender como esta rede cruza textos e imagens, com outras ferramentas da plataforma como as curtidas, comentários e compartilhamentos com a utilização da combinação de análise de postagens e interações, entrevistas semiestruturadas e grupo focal que nos permitiu estabelecer um diálogo com as entrevistadas. Nesta pesquisa qualitativa, temos por inspiração metodológica a etnografia multisituada que tenta descrever o comportamento humano, utilizando de diferentes instrumentos para compreender estes hábitos sociais. Observando como ocorre a construção deste mosaico digital de identidades e suas representações, para além da funcionalidade das hashtags, palavras-chave, ícones entre outros instrumentos que proporcionam a indexação de assuntos e/ou discussões na rede social. A pesquisa mostra que é possível pensar sobre uma identidade negra constituída pelo próprio negro, no entanto, percebemos que o tema da representação tem um lugar de reflexão, ainda em formação, sobre a experiência do “eu” e a subjetividade de cada mulher negra e suas histórias, sejam elas de dor ou superação, buscando, de forma coletiva, elaborar novos olhares sobre a temática.

Palavras-chave: mulheres negras; redes sociais; identidade; representação; *Instagram*.

ABSTRACT

This thesis aims to offer reflections about the identity and representation of the black population and especially of black women on Profissionais Negros do Ceará page, on Instagram. The research carries out a gender and race clipping which tries to understand how this web page crosses texts and images, with other platform tools such as likes, comments and shares. We also have the application of the semi-structured interview model that allowed us to establish a dialogue with the interviewees. In this qualitative research, we have as methodological inspiration the multisituated ethnography, to observe how the construction of this digital mosaic of identities and their representations occurs. In addition to observing the functionality of hashtags, keyword, icons and other tools which provide the indexing of topics and/or discussions on the social network.

Keyword: black women; social media; identity; representation; Instagram.

RESUMEN

Esta tesis tiene el objetivo de ofrecer reflejos sobre la identidad y representación de la población negra y, en especial, de las mujeres negras, en la página web Profissionais Negros do Ceará, en Instagram. Esta investigación realiza recortes de género y raza que intenta comprender como esta red mezcla textos e imágenes, con otras herramientas de plataformas como los likes, comentarios y compartimentos. También contamos con la aplicación de formas de entrevistas semi-estructuradas que nos permite establecer un diálogo con las entrevistadas. En esta investigación cualitativa, tenemos por inspiración metodológica la etnografía multisituada, para observar como ocurre la construcción de este mosaico digital de identidades y sus representaciones. Además observar la funcionalidad de hashtags, palabras-claves, iconos y otros instrumentos que proporcionan indexación de temas y/ o debates en la web.

Palabras-claves: mujeres negras; redes sociales; identidad; representación; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Repost</i> foto de divulgação da entrevistada na página.....	32
Figura 2 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	34
Figura 3 – foto de divulgação da entrevistada na página.....	40
Figura 4 – Foto de divulgação entrevistada na página.....	44
Figura 5 – <i>Repost</i> da foto de divulgação da entrevistada na página.....	53
Figura 6 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	55
Figura 7 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	58
Figura 8 – Desenho explicando as etapas da transição capilar.....	59
Figura 9 – Foto com mulher negra de cabelo crespo e texto ao lado falando das características na página.....	63
Figura 10 – Foto de divulgação da entrevistada na página utilizando a uma imagem de mulheres negras da Internet.....	68
Figura 11 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	70
Figura 12 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	73
Figura 13 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	76
Figura 14 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	80
Figura 15 – Foto do <i>repost</i> de divulgação do texto da militante negra Ludmilla Cabral sobre a #blackouttuesday.....	84
Figura 16 – <i>Post</i> “Informe Preto” de divulgação da pesquisa sobre a saúde financeira de mulheres negras durante a pandemia feita pela Revista Exame.....	87
Figura 17 – Primeira foto de divulgação de uma profissional negra no perfil “Profissionais Negros do Ceará”.....	98
Figura 18 – Foto das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará, Elza Soares e Margareth Menezes (nomes fictícios), respectivamente, na capa Pop Empregos, do Jornal O Povo.....	102
Figura 19 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	105
Figura 20 – Foto das manifestações por justiça para Marielle Franco.....	108
Figura 21 – Mensagem de um internauta que afirma não estar satisfeito com a saída da cantora do BBB.....	110
Figura 22 – Ícones e logotipos do <i>Instagram</i>	112
Figura 23 – <i>Stories</i> de busca por professores de <i>Yoga</i>	114

Figura 24 – <i>Stories</i> de divulgação de serviços.....	115
Figura 25 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	118
Figura 26 – Nuvem de palavras das <i>hashtags</i> que mais apareceram nas postagens da página.....	120
Figura 27 – <i>Repost</i> de divulgação do texto da militante negra Ludmilla Cabral sobre a <i>#blackouttuesday</i>	122
Figura 28 – Print do vídeo da produtora de conteúdos digitais, Sá Ollebar.....	126
Figura 29 – Imagens do experimento sobre racismo algoritmo.....	128
Figura 30 – Foto da primeira bilionária da África.....	132
Figura 31 – Imagem da chamada para a <i>live</i> “O Papo”.....	134
Figura 32 – Postagem do vídeo da influenciadora Gabi Oliveira.....	137
Figura 33 – Foto de um texto republicado na página.....	138
Figura 34 – Foto de divulgação da entrevistada na página.....	141
Figura 35 – <i>Print</i> do vídeo do comercial da Natura na página.....	154
Figura 36 – Texto na íntegra da postagem chamada “Acho chic a representatividade”....	156
Figura 37 – Postagem sobre a vaga para gerente de negócios da Natura.....	157
Figura 38 – postagem sobre o programa Representa estágio.....	158
Figura 39 – Vídeo de apresentação dos produtos da empresa Leveza Preta.....	166
Figura 40 – Peça publicitária da marca de lingerie Duloren.....	185
Figura 41 – Matéria sobre o nervosismo da jornalista Maju Coutinho.....	203
Figura 42 – informe preto sobre a morte de negro por Covid-19 no Brasil.....	211
Figura 43 – Imagem da matéria do site <i>The Intercept</i> Brasil.....	217
Figura 44 – Imagem da africana Sarah Baartman.....	219
Figura 45 – Montagem produzida para mostrar propagandas racistas.....	220
Figura 46 – Funcionários da Ável, escritório da XP em Porto Alegre/RS.....	223
Figura 47 – Postagem sobre o projeto Corre Preto.....	242
Figura 48 – Divulgação da contadora Ruth no perfil da página Profissionais Negros do Ceará.....	243
Figura 49 – Gráfico sobre a participação das mulheres negras nos movimentos sociais.....	249
Figura 50 – Página “Profissionais Negros Bahia”.....	250

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIHPEC	Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos
Cetic.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CGI.br	Comitê Gestor da Internet no Brasil
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONAR	Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária
EBC	Agência Brasil
Educafro	Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
NIC.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TI	Tecnologias da Informação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO – TE ENXERGA, MULHER NEGRA!.....	15
2	OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA E GÊNERO.....	33
2.1	A questão da identidade das mulheres negras.....	33
2.1.1	<i>“Esbarrando” no discurso da identidade.....</i>	39
2.1.2	<i>Entre o “agora eu sou prostituta porque tenho esse tom de pele?” e o “não quero ser uma afrobarbie!”: as nuances da política de identidade.....</i>	45
2.2	O cabelo como instrumento de (de)colonização do pensamento.....	51
2.2.1	<i>“Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear”: a internalização do racismo através do cabelo da mulher negra.....</i>	41
2.2.2	<i>“E com a coroa vem o quê? O peso do reinado!”: da transição capilar para a transição de uma conscientização.....</i>	58
2.2.3	<i>“O meu cabelo não é ruim, ruim são os seus conceitos”:</i> <i>sobre um “empoderamento capilar” individual e coletivo.....</i>	64
2.3	Diálogos interseccionais na caminhada das mulheres negras.....	74
2.3.1	<i>Essa ‘ruma de coisa’: uma análise interseccional das opressões que cruzam a vida das mulheres negras.....</i>	74
2.3.2	<i>O traçado da interseccionalidade nos processos identitários.....</i>	81
2.3.3	<i>Interseccionalidades e as redes sociais: uma abordagem interseccional na Internet.....</i>	86
3	NARRANDO UM “FAZER COMUNICAR” DAS MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DA INTERNET.....	94
3.1	Avistando um modo de comunicação através das redes sociais na Internet.....	94
3.1.1	<i>As “interações negras” e suas interfaces na rede digital.....</i>	99
3.1.2	<i>Do discurso de ódio na Internet à cultura do cancelamento: mulheres negras como principais alvos.....</i>	107
3.3	O Instagram e a sua teia de interações.....	115
3.2.1	<i>Eu sei que você quer me curtir, então não me enrola agora, vem, dá um like logo aí”: as diversas faces do Instagram.....</i>	115

3.2.2	<i>Utilizando as hashtags para a visibilidade da população negra.....</i>	120
3.2.3	<i>Algoritmos que impulsionam o racismo e o sexismo nas redes sociais.....</i>	126
3.3	Comunicar para resistir, resistir para comunicar.....	132
3.3.1	<i>A (in)visibilidade de um corpo negro e político na web.....</i>	132
3.3.2	<i>Vozes negras midiáticas resistindo nas redes sociais.....</i>	138
3.3.3	<i>Lugares de mobilização negra no espaço digital e presencial.....</i>	146
4	MEMÓRIAS DE DOR E CORAGEM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES NEGRAS.....	151
4.1	A questão da representação na sociedade.....	151
4.1.1	<i>As diversas ciladas da representação para a população negra.....</i>	153
4.1.2	<i>“São pessoas que me intitulam através da minha aparência”: impactos e desdobramentos sobre a representação.....</i>	156
4.2	Entre o ‘ver’ e o ‘olhar’ da negritude: reflexões sobre a imagem da mulher negra.....	164
4.2.1	<i>O que vejo no espelho? Os efeitos da representação nas relações de gênero e raça.....</i>	166
4.2.2	<i>A mulher negra no cruzamento da representação.....</i>	171
4.2.3	<i>“Essas identidades pra mim, representam resistir pra sobreviver. Tipo assim é o que tem para nós”: um outro “olhar” sobre a representação das mulheres negras.....</i>	176
4.3	As representações sociais com a era digital.....	179
4.3.1	<i>As redes sociais como sistema de representação.....</i>	179
4.3.2	<i>A imagem da mulher negra na mídia.....</i>	184
4.3.3	<i>O mito da representação das mulheres nas redes sociais.....</i>	190
5	UM OLHAR NEGRO SOBRE A PÁGINA “PROFISSIONAIS NEGROS DO CEARÁ”	197
5.1	Da oralidade para a escrita virtual negra.....	198
5.1.1	<i>(Re) construindo linguagens diaspóricas negras.....</i>	202
5.1.2	<i>Escritos negros no mundo digital.....</i>	209
5.2	Enxergando a comunicação nas imagens das mulheres negras.....	214
5.2.1	<i>A espetacularização da imagem do negro na comunicação.....</i>	220
5.2.2	<i>A imagem negra em tempos de redes sociais.....</i>	225
5.3	“Um divisar” de esperança das mulheres negras da página.....	231

5.3.1	<i>Quando o ‘esperançar’ vem do ato de acolher e cuidar de mulheres negras.....</i>	238
5.3.2	<i>“Uma rede de divulgação, uma de fortalecimento, uma rede de contatos”: quando o digital busca uma ‘nova’ representação da mulher negra.....</i>	245
6	CONCLUSÃO – O COMEÇO DO FIM.....	252
	REFERÊNCIAS.....	262

1 INTRODUÇÃO - TE ENXERGA, MULHER NEGRA!

Nossos passos vêm de longe.

(Jurema Werneck)

Sim! Os passos das mulheres negras vêm antes mesmo de nosso nascimento, de nossa chegada ao movimento negro, e antes até de decidirmos entrar na academia, para pesquisar sobre a população negra na comunicação. Estes passos vêm de nossas ancestrais que tiveram de lutar muito, para que hoje pudéssemos produzir outros saberes na sociedade. Saberes que foram e ainda são silenciados pela opressão e pelo racismo, e que precisam ser percebidos pela sociedade. Precisamos enxergar para onde vão esses passos. E não estamos falando de ver, uma ação despreziosa ou involuntária. Buscamos mais profundidade. Estamos falando do enxergar, verbo transitivo, que tem o sentido de perceber com a visão e com os sentimentos a trajetória destas mulheres negras.

Contudo, ao lembrarmos que este termo é um verbo transitivo e, como tal, tem sentido incompleto, ou seja, o verbo precisa de um complemento, para fazer sentido e assim estabelecer uma completude. Ademais, precisamos responder: quem precisa enxergar, e o que enxergar? As mulheres negras. Estas precisam enxergar quem são, o que querem, como querem ser representadas, e como querem falar. É necessário compreender que estas mulheres desejam falar em primeira pessoa sobre suas histórias, sentimentos e vontades.

Assim, esperamos apresentar, de forma respeitosa, como foi ouvir cada fala e suspiro das entrevistadas, como foi observar a raiva nos seus olhares, e como foi perceber o choro em suas vozes embargadas, e no silêncio que tomava o espaço - local da entrevista presencial ou no microfone do computador - de cada participante que acontecia no formato presencial ou on-line. Um momento doloroso, sem dúvidas, pois não foi apenas uma escuta, foi uma troca de sentimentos, como raiva ou alegria, que chegam para elas e para nós que, além de pesquisadoras, somos mulheres negras que também vivenciamos traumas. Desta forma, perceber-se em cada fala, a ponto de parar diversas vezes durante a escuta, ou no ato da transcrição, para chorar, por ter relembrado de algum episódio na vida em que houveram momentos semelhantes que com os vividos pelas mulheres negras da página, com certeza, nos desloca para um local de partilha e compartilha dessas dores.

Com isso, chega-se a esse primeiro encontro, “à primeira vista”, sem um conceito preestabelecido, sem afirmações ou conclusões sobre estas mulheres negras. Há apenas um primeiro olhar que anseia por descobrir quem são e o que buscam esses sujeitos que são vistos

e (re)vistos. Os olhares que foram trocados, em sua maioria, de forma virtual, pois a chegada ao campo de nossa pesquisa começou no final de 2019, e seguiu em 2020, ano que explode a pandemia da Covid-19, resultam de uma situação incômoda, onde muitas das entrevistas foram feitas entre as janelas dos apartamentos e do computador. Nesse primeiro contato com olhares, risadas e conversas, realizado através do aplicativo de *stream*, o *Zoom*. Onde buscamos estratégias para tentar entender cada fala em meio à oscilação na página da plataforma, a queda do sinal da internet, ou mesmo os problemas para ligar o microfone e a câmera, perguntamos: como criar um local de intimidade neste lugar que parece tão indiferente? Como estabelecer uma relação de confiança através da janela de um computador? O distanciamento social que a pandemia criou não foi apenas de corpos, mas de sentimentos e relacionamentos. Foi preciso refletirmos sobre a metodologia, pois com as pesquisas acadêmicas que têm uma natureza etnográfica, como é o caso da nossa produção, o distanciamento trouxe o problema de interação física com o campo, bastante caro para a efetivação da pesquisa.

Tivemos que nos (re)fazer, (re)organizar, (re)pensar neste novo caminhar, contando com outras ferramentas, como as plataformas de reunião, e com aplicativos que proporcionam melhor qualidade na gravação das conversas. Mas, sem esquecer o caderno de campo onde anotamos pontos humanizadores que a câmera do computador não consegue captar, como exemplo, a intensidade de uma risada quando se fala da alegria de conquistas realizadas; a alegria de apresentar a família pela tela do computador que chega bem no momento da entrevista, ou; quando deixa a entrevista de lado para contar sobre a mudança de casa. Neste momento, não somente se fala sobre a participação nas redes sociais, apenas observamos as fotos de família na parede da sala, a apresentação de uma irmã pela tela, o choro de um bebê que brinca na hora da conversa. Então, percebemos que a janela do computador, mesmo plana e sem vida, mostra existências e resistências em tempos de isolamento e a pesquisa consegue encontrar fôlego para continuar.

Sendo assim, a produção da pesquisa seguiu esses passos e conseguiu ir longe, atravessando da janela do apartamento para a janela do computador, onde viu e ouviu as imagens, textos, *hashtags*, vídeos, curtidas, comentários e todas as histórias de vida das mulheres negras da página Profissionais Negros do Ceará. Histórias de mulheres que buscam o direito por visibilidade nas diversas janelas inseridas na sociedade, seja no Brasil ou no mundo. Pois, a disputa por visibilidade da população negra e, em especial, das mulheres negras, nos meios de comunicação, vem de longe, e se mostra um grande obstáculo, ainda presente no Brasil. Percebemos isso quando vemos que a construção de mídias sociais, para dar visibilidade

aos grupos historicamente excluídos e oprimidos, ainda é um desafio, pois em um país onde mais da metade da população é formada por negros, como mostra o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2014, a discussão sobre as relações raciais ainda aparece na comunicação de forma muito tímida e pouco significativa. Como apresenta o Estudo da Rede de Observatórios da Segurança, que realizou um monitoramento, dirigido por pesquisadores dos cinco observatórios que formam a Rede, entre o dia 1 de junho de 2019 e 31 de maio de 2020, nos estados de São Paulo, Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro. A pesquisa registrou 12.559 notícias sobre segurança pública e violência, onde apenas 0,4% se refere a racismo ou injúria racial.

Com pouco ou quase nenhum acesso às políticas públicas específicas, as mulheres negras tornam-se vítimas da violação de vários direitos, dentre eles o direito à comunicação. Pois, ou buscam políticas afirmativas e precisam disputar com os homens negros, que na relação de gênero, têm mais possibilidades. Ou nas políticas públicas de mulheres, quando atravessam as mulheres brancas, onde na questão da raça, essas sujeitas têm mais acessos. Na mídia, as mulheres negras são quase sempre apresentadas de forma estereotipada e, tradicionalmente, ligadas ao imaginário da inferioridade por terem dois marcadores, gênero e raça, sendo divisores na construção da sua identidade e sua vivência social. Isso é dito por Davis (2016), ao afirmar que as mulheres negras eram unidades de trabalho no sistema escravagista que, além de sofrerem a exploração da mão de obra escravizada, eram abusadas sexualmente. Ela retrata o “abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas.” (DAVIS, 2016, p. 19).

O esforço midiático de tentar divulgar e popularizar as pautas e as demandas das mulheres negras é mínimo e os meios de comunicação, em geral, dão pouca visibilidade aos temas relacionados às políticas públicas, legislação e/ou direitos direcionados para essa comunidade. No entanto, as mídias têm-se constituído como espaços de extensão para as relações sociais que podem ser mediadas não apenas presencialmente, mas também *online*. Os sujeitos sociais adquirem uma nova forma de construção e compartilhamento das demandas e fortalecimento da resistência para a produção de discursos referentes às questões sociais, raciais, culturais e econômicas.

Nesse momento, as chamadas mídias independentes do Brasil, que visam produzir um jornalismo diferente do oligopólio midiático da comunicação nacional, criam força para mobilizar aliados e divulgar suas ações. Mudanças tecnológicas que possibilitam um olhar diferente destes sujeitos através dos sites de redes sociais que têm crescido e que disputam uma

forma de “fazer comunicação” para superar as barreiras da discriminação racial e criar um espaço de diálogo para o fortalecimento das mídias negras. Vemos as produções independentes de mulheres negras de diversos lugares do país que trazem várias pautas e questões que estão em evidência na sociedade.

Assim também acontece com a página no Instagram, intitulada “Profissionais Negros do Ceará”, que temos acompanhado. O perfil nasce da inquietação de duas mulheres negras que, por meio da produção e divulgação dos serviços de pessoas negras, cria espaço colaborativo e de representação deste grupo social. A página tem o objetivo, segundo as criadoras, de apoiar e divulgar os serviços dos profissionais negros do Estado do Ceará.

Além das postagens dos profissionais, a página conta com fotos, vídeos e textos que falam sobre diversos assuntos que fazem parte da vida da população negra. Produções que buscam estimular temas como empreendedorismo, valorização da estética negra, pandemia, dentre outros temas que serão discutidos na produção. Em algumas postagens que buscam a visibilidade sobre temas criados por mulheres negras, por meio da produção de conteúdo, são utilizados instrumentos comunicacionais que auxiliam na democratização de suas informações.

Costurando uma colcha de retalhos

Tal qual uma colcha de retalhos é costurada com vários pedaços, a pesquisa acadêmica também é uma costura de saberes que se cruzam com diferentes temáticas, através das linhas que trazem cores que, na pesquisa, representam os métodos, referenciais, metodologias e com panos que são as produções – fotos, textos, vídeos, depoimentos e tantos outros materiais - que vão se unindo, para criar este retalho formado por diversos fragmentos. Assim é costurada a produção da tese intitulada “A primeira vista: uma análise sobre identidade e a representação das mulheres negras da página ‘Profissionais Negros do Ceará’ no Instagram” que tem por objetivo compreender o processo de representação e identidade na página, por meio da observação do perfil e das narrativas das mulheres negras divulgadas, identificando as estratégias utilizadas para a promoção das questões raça e gênero. Que se debruça nos objetivos específicos de investigar o ‘lugar’ da identidade e da representação nas falas das mulheres negras e nas produções divulgadas na página; analisar as estratégias comunicacionais adotadas pelas administradoras para visibilizar as pautas sobre raça e gênero no Instagram; e identificar se as narrativas das entrevistadas se cruzam com o objetivo promovido pelo Profissionais Negros do Ceará.

Olhando para esses objetivos, nos chega algumas inquietações: Onde vem essa inquietação pelo tema? Percebemos essa necessidade, pois o tema sempre fez parte da vida da pesquisadora. Diversos questionamentos sobre o significado da nossa história, fez-nos chegar a esta temática. Isso vem desde quando iniciamos a militância no movimento juvenil da Igreja católica São Francisco Xavier, na qual fizemos parte do “Grupo Ação Jovem”, que tinha o intuito de debater sobre juventude e Igreja, articulando pautas mais progressistas dentro do Cristianismo, em que a luta e a fé caminhassem juntas para a transformação social. Tínhamos o sonho de uma sociedade mais justa, solidária e democrática, na qual o ecumenismo pudesse trilhar espaços de fé e mudança. Foi um local de muito aprendizado e troca de saberes, no qual pudemos entender o significado da palavra fé para além do orar, uma fé de poder ajudar a combater as desigualdades. Um primeiro passo para encontrar outros jovens que refletiam sobre temas como o papel da mulher na sociedade, a condição do negro, a invisibilidade da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), entre outras pautas que nos incomodavam.

Não parou por aí! Quando conhecemos um grupo de jovens que também tinha os mesmos anseios, os mesmos questionamentos, querendo discutir sobre o espaço de fala da juventude negra cearense, juntamo-nos a ele. Esses jovens tinham um aglomerado de identidades, como ser negro, gay, travesti, candomblecista, mulher e/ou pobre que procuravam respostas para os dilemas da população negra.

Além das inquietações que surgiram durante a pesquisa do Mestrado intitulada “Enegrecendo o Whatsapp: uma análise sobre a (re)apropriação da identidade cultural do Grupo Juventude Negra Kalunga pelo uso do aplicativo” que tinha por objetivo analisar a produção sociopolítica do ativismo digital negro por meio da observação do uso do aplicativo *whatsapp* o grupo “Juventude Negra Kalunga”, grupo formado por jovens negros que tem como objetivo discutir as relações raciais, dando ênfase à prática do empoderamento juvenil e à identidade da juventude a partir de sua criação nesse aplicativo.

A dissertação deixou perguntas e outras questões aparecerem, pois percebemos que o grupo de jovens negros era constituído, majoritariamente, por mulheres negras. Percebemos que outros espaços também traziam o tema da mulher negra, e, como um espelho que reflete nossa caminhada, decidimos por falar das mulheres negras, utilizando sempre da primeira pessoa do plural, por entender que não escrevemos sozinhas essa tese, ao contrário, são diversas mulheres negras que costuram, com muitas mãos. Por isso nos chega o pronome pessoal “Nós” para escrever, pensar e produzir esta tese que tem pedaços nossos e delas.

Costurando o primeiro retalho

Qual o local desta pesquisa? As redes sociais, que têm moldado as relações e a forma como a população negra tem-se conectado com o mundo em diferentes questões. Surge, então, a escolha pelo tema como um motivador que estabelece um elo da pesquisadora entre o “fazer ciência” e sua militância social e política. A importância da existência de espaços como a página “Profissionais Negros do Ceará”, mulheres negras trazem uma visão do mundo através de um olhar negro sobre esse lugar das mulheres negras com sua identidade e representação, debatem as questões vivenciadas diariamente, para compreender seus traumas, refletir sobre suas identidades e representação na mídia, entre outros aspectos, em uma plataforma orientada pelo olhar branco e pela branquitude, espaço nitidamente conferido aos privilégios de pessoas brancas em detrimento de pessoas negras.

Compreender a relação das redes e a representação da identidade das mulheres negras através da página, proporcionando outra forma de “fazer comunicação”, um espaço de acolhimento e troca de informações que produzem saberes em que agenciam aproximações, relações e mediações virtuais. Vem daí nossa intenção de perceber como as mídias sociais têm moldado as relações e a forma como essas mulheres negras se conectam com o mundo e com diferentes questões. Para isso, fizemos leituras, fichamentos e, após as transcrições, a categorização por segmento, utilizando autoras que proporcionaram a compreensão do tema e a reflexão sobre os objetivos apresentados na tese.

Além dos recortes necessários para analisar as temáticas referentes às conceituações sobre mulheres negras, redes sociais, identidade e representação, abordaremos: 1) a construção política e social dessa sujeita negra, que tem como marcador o recorte de gênero e raça; 2) a construção da questão de gênero e raça na percepção de sua identidade, e; 3) a representação que está em disputa no espaço da mídia. Diferentes teóricas(os) ajudaram na elucidação sobre essas questões, que são tão caras na atualidade, seja no âmbito nacional ou internacional.

Para falar dessas mulheres negras, usamos o conceito “Outro do Outro”, isso porque Hall (2006) destaca a construção do Outro, quando trata do negro na sociedade. Os estudos sobre as relações raciais mostraram que esse negro será considerado, por diferentes instituições que regem os valores morais e normas sociais, como uma não-pessoa que integrará a sociedade civilizada. Esse negro que, na ordem social, reivindicará o reconhecimento de sua humanidade durante séculos tentará compreender essa diferença que o localiza, o situa e o posiciona no mundo. Essa interação do “Outro” deixa de ser fixa e estática para se tornar oscilante, sempre

que necessário, para responder pelas questões de pertencimento em comunidades, grupos e/ou coletivos. Ainda sobre isso, Hall (2006) diz que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 2006, p. 11)

A questão da identidade e seus aportes teóricos com o recorte racial para compreender a ressignificação dessas questões na sociedade atual, e suas outras formas de organização dessa temática com a atual entrada desses outros atores sociais que, até então, não faziam parte do espaço acadêmico, trazem diversas referências sobre as relações de gênero e raça, pois passam a discutir suas vivências, enquanto populações identitárias, em uma perspectiva científica. Como bem explica Beatriz Nascimento, ao indagar “a identidade não se faz com um só elemento caracterizador, mas nas inter-relações raciais, onde origem, meio formador, aspirações e frustrações se combinam” (NASCIMENTO, 2022, p. 111).

Também utilizamos, Sueli Carneiro (2003) e Djamila Ribeiro (2017), que ajudaram nas questões das mulheres negras, bem como Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez (2020), Patricia Hill Collins (2019), que tratam das questões de identidade e seus desdobramentos. Abordaremos sobre o lugar da representação destas mulheres negras com a fundamentação de pensadoras como bell hooks (1995; 2019), Joice Berth (2019) e Stuart Hall (2020), que analisam a disputa da representação da mulher negra em uma sociedade onde a fala hegemônica vem da branquitude e masculinidade.

Vamos discorrer sobre as redes e suas implicações na vida cotidiana, falando um pouco sobre os avanços das novas tecnologias e as outras formas de “fazer comunicação”, como o Instagram. Gohn (2010) afirma que a pós-modernidade pede uma relação com diferentes articulações em rede que necessita dessa conectividade com o mundo ao seu redor, para apresentar as suas demandas. Para Gohn (2010), o atual momento produz diferentes articulações em rede para a reprodução de temáticas organizadas em segmentos, formando um novo modelo de cooperação no Brasil. É possível pensar sobre as diversas pautas que grupos, coletivos e/ou organizações debatem, utilizando, como ponto de partida, a organização em blocos sociais como forma de dividirem os espaços de atuação e participação em redes de mobilização.

Observando esses percursos narrativos que produzem uma forma de representação em rede que proporciona a afirmação da sua identidade e as relações sociais que parecem atravessar os meios para fazer parte da formação de núcleo/comunidade/coletivo que tem uma tomada de consciência sobre as questões raciais e a mídia. Para Manuel Castells (1990), esse

novo sistema de comunicação tem a possibilidade de promover diferentes integrações globais que podem construir uma nova cultura digital.

Esse entrelaçamento dos indivíduos na *Internet*, possibilitou a criação de uma rede de relações que mesmo “em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social” (CASTELLS, 1990, p. 41). Desta forma de sociabilidade, que busca o entrelaçamento de vozes criando laços sociais em uma comunidade emocional, “cada um está num processo de correspondência, de participação, que privilegia o corpo coletivo” (MAFFESOLI, 1998, p.36). Queremos, nesta pesquisa, apresentar os referenciais teóricos, que levam em consideração os marcadores que o trabalho vai discorrer, referentes às questões de gênero, raça, identidade, representação e redes sociais, inseridos na área da Comunicação.

Surge assim o motivo da escolha por este tema, um elemento motivador que estabelece uma conexão entre a pesquisadora com o “fazer ciência” e sua militância política. A escolha acontece, porque percebemos que existe uma necessidade, uma urgência, em falar sobre espaços como a página “Profissionais Negros do Ceará”, objeto deste estudo, onde fazemos um recorte de gênero, por entender que as mulheres negras têm contado suas próprias histórias e debatido sobre questões vivenciadas diariamente, seja pela divulgação de seus trabalhos ou denunciando os problemas vividos.

Tomamos conhecimento sobre sua cultura, religião, identidade, entre outros aspectos, por meio da tela, onde as páginas trazem a visão do mundo através de um olhar feminino negro para outras pessoas negras e não-negras. A pesquisa busca compreender como são os modos de vida, das relações raciais e de gênero, apresentados neste ambiente digital, proporcionando outra forma de “fazer comunicação” que proporciona saberes, ao elaborar relações e mediações virtuais. Assim reflete Moraes ao afirmar que

A mega-rede pode propiciar aos movimentos sociais uma intervenção ágil em assuntos específicos, acentuando-lhes a visibilidade pública. Sem falar na constituição de comunidades virtuais por aproximações temáticas, anseios e atitudes. Elas reforçam a sociabilidade política e praticam uma ética por interações, assentada em princípios de diálogo, de cooperação e de participação. (MORAES, 2001, p.21).

Com isso, buscamos analisar a representação dessas mulheres no espaço digital, os olhares sobre identidade na rede e a forma de interação social utilizadas por essas sujeitas

sociais que promovem interações (*online* e *offline*) que ajudam a compartilhar as ações de mulheres negras de diferentes lugares, faixas etárias, orientações sexuais, classes sociais, entre outros marcadores, em contraponto às narrativas hegemônicas que fazem parte do oligopólio da mídia.

Através da página Profissionais Negros do Ceará, criada em janeiro de 2019, tem o objetivo de apoiar e divulgar os profissionais negros do Ceará. Quando iniciamos a pesquisa, a página contava com mais de 6000 (seis mil) seguidores e fez 369 (trezentos e setenta e uma) publicações sobre a divulgação de profissionais, vagas de emprego e estágio, eventos festivos e/ou culturais de/para pessoas negras. Além de textos informativos, cards e vídeos sobre negritude, empreendedorismo negro, ativismo negro, relações de trabalho, dentre outros temas sobre a população negra.

Fazendo um recorte de doze meses, janeiro a dezembro de 2020, onde fizemos a separação pelo segmento de gênero e catalogamos a divulgação dos serviços de 32 (trinta e duas) mulheres na página durante este período. Percebemos que durante a pesquisa aconteceu uma desaceleração das postagens, em 2020, ano da pandemia e perdurou durante até o fim das postagens, nesse mesmo ano. Acompanhamos as postagens realizadas, sejam as publicadas no *feed* ou nos *stories* da página, e realizamos um grupo focal com o tema “representação”, para entender melhor como essa questão atravessa as interlocutoras.

Das mulheres divulgadas conseguimos entrevistar 22 (vinte e duas), além da entrevista com as 02 (duas) administradoras, somando um total de 24 (vinte e quatro) entrevistas. Fizemos também uma análise das postagens e suas interações, entrevistas semiestruturadas e a realização de um grupo focal com a participação de 05 (cinco) entrevistadas. Também modificamos os nomes das mulheres entrevistadas que foram, respeitosamente, substituídos por nomes de mulheres negras brasileiras que fazem e/ou fizeram história por meio de suas lutas e conquistas, e, por isso, precisam ser lembradas e celebradas nos dias de hoje, como vemos na tabela abaixo:

Tabela 1: Comparativo do fluxo de postagens e os nomes fictícios das mulheres negras no perfil ‘Profissionais Negros do Ceará’ no Instagram

Número de participantes	Datas das Postagens	Nome social
	Janeiro	Não teve postagem
1	05 de fevereiro	Preta Ferreira
2	08 de fevereiro	Cidinha da Silva
3	09 de fevereiro	Não participou da entrevista
4	13 de fevereiro	Antonieta Barros

5	20 de fevereiro	Olívia Santana
6	20 de fevereiro	Não participou da entrevista
7	23 de março	Anielle Franco
8	23 de março	Não participou da entrevista
9	23 de março	Preta Tia Simoa
10	23 de março	Leci Brandão
11	24 de março	Lúcia Xavier
12	25 de março	Ruth Souza
13	26 de março	Não participou da entrevista
	04 de abril	(re)postagem
	04 de abril	(re)postagem
14	04 de abril	Carolina Maria de Jesus
15	04 de abril	Não participou da entrevista
16	04 de abril	Clementina de Jesus
17	16 de abril	Elza Soares
18	06 de maio	Auta de Souza
19	08 de maio	Não participou da entrevista
20	11 de maio	Não participou da entrevista
21	12 de maio	Zezé Motta
22	13 de maio	Teresa de Benguela
	25 de maio	(Re) postagem
23	04 de junho	Dandara de Palmares
24	09 de junho	Theodesina Rosário
25	25 de junho	Laudelina de Campos
	Julho	Não teve postagem
	Agosto	Não teve postagem
	Setembro	Não teve postagem
26	09 de outubro	Jurema Werneck
27	14 de outubro	Não participou da entrevista
	Novembro	Não teve postagem
28	2 de dezembro	Não participou da entrevista
29	2 de dezembro	Não participou da entrevista
30	3 de dezembro	Benedita da Silva
31	3 de dezembro	Janete Pietá
32	9 de dezembro	Elisa Lucinda

Fonte: elaboração da autora.

As postagens foram bem intensas nos primeiros meses de 2020. Fizemos uma tabela (ver tabela 1), para mostrar o fluxo das postagens realizadas durante o período da pesquisa e

percebemos as lacunas em alguns meses. Depois, começam a cair, tendo até 3 (três) meses consecutivos, sem postagens e retornando com postagens ou (re)postagens de mulheres que já haviam aparecido na página durante o ano.

Dessa forma, percebemos como a página teve grandes dificuldades para continuar produzindo. Mesmo mudando de foco em 2020, com a realização de ações para movimentar o perfil, como foi a criação da série e lives “O Papo”, que fala sobre o continente africano, com a participação de africanos, apresentação de dados e outras coisas, não ocasionaram tanto engajamento, para ajudar no aumento de seguidores, curtidas e compartilhamentos. Tempos difíceis para a página que compõem esse mundo virtual que propaga muito mais os conteúdos de pessoas brancas. A tabela é um reflexo dos problemas que as mulheres negras vivenciam dentro e fora do espaço virtual.

Também é importante ressaltar que o perfil é administrado por duas mulheres negras, Margareth Menezes¹ e Elza Soares², que afirmam, como está descrito na página, ser uma “união de duas pretas que querem apoiar e divulgar profissionais negros. Sem fins lucrativos, acreditamos no investimento e crescimento pautado pela raça” (Profissionais Negros do Ceará, 2021). Para a pesquisa, utilizamos o procedimento metodológico da abordagem de pesquisa qualitativa com o emprego da técnica de entrevista e coleta de dados, através de conversas com as moderadoras da *Página* e com as mulheres divulgadas. No entanto, as etapas só foram concluídas, porque encontramos a metodologia adequada que se entrelaçou à pesquisa. Como dissemos, a pesquisa sobre a população negra e a comunicação fazem parte da nossa caminhada e esta pesquisa é a continuidade de outras já realizadas.

Indagações sobre a tentativa de compreender como essa forma de ativismo social, que cria uma ligação entre as mídias sociais e os temas referentes a um grupo social, tem sido recorrente na atualidade. E, quando se trata de um grupo com recorte de raça e gênero, a questão provoca ainda mais reflexões e aponta para uma encruzilhada, ou seja, para um entrecruzamento de caminhos, que se articula ao tema central desta pesquisa. Percebemos que discutir a democratização da comunicação no país sob o prisma da questão racial, além de documentar as experiências históricas da mídia negra no Brasil, é uma tarefa essencial.

¹ Nome fictício escolhido para a tese.

² Nome fictício escolhido para a tese.

Compreendendo esse caminho que se montava com os percursos da página e suas narrativas no espaço digital, foi possível entender que a metodologia mais adequada seria a etnografia multissituada. A partir dessa metodologia, podemos descrever sobre os caminhos que atravessam as relações sociais deste tipo de participação no meio digital e presencial. Entre os diversos pontos que marcam a opção por este estudo, precisamos ressaltar alguns elementos que ajudaram na formação de um pensamento sobre o campo de pesquisa que queremos trabalhar.

Para entender o porquê da etnografia como metodologia escolhida, é preciso caminhar e queimar muita sola do pé, ou muita “vista na tela”, para saber que estrada se está pisando. Por meio da etnografia multissituada, a pesquisa tentará observar como são elaboradas as narrativas dessas mulheres que aparecem por meio de fotos e os textos produzidos para o perfil. A etnografia multissituada é uma ferramenta nas pesquisas qualitativas, que tem sido implementada em diferentes ciências, para auxiliar na produção de pesquisas científicas que proporcionem a descrição do campo. Luciana Oliveira (2017) explica que a etnografia multissituada é um movimento científico que tenta descrever o comportamento humano, mas utilizando de diferentes instrumentos para compreender estes hábitos sociais.

Em linhas bem gerais, a etnografia multissituada, como toda etnografia, é um modo de investigar a realidade social que implica o deslocamento do pesquisador de seu contexto cultural originário a outros para ele desconhecidos. Implica também que a subjetividade do pesquisador está altamente implicada no processo de investigação, pois é o contato dela com outras subjetividades a matéria que constitui a produção do conhecimento num movimento de aproximação e afastamento, familiaridade e estranhamento. (OLIVEIRA, 2017, p. 73)

A autora acredita que a etnografia clássica é um estudo constante do homem e sua relação com a sociedade, tentando entender sua cultura, costumes, valores sociais que impulsionam essa sujeita a aspirar desejos de vivência no mundo ao seu redor. Vamos explicar como funciona a técnica para esse tipo de etnografia.

A gênese das etnografias multissituadas tem a ver com quatro questões articuladas. A primeira traz as discussões em torno da noção de sistema-mundo e a possibilidade de proporcionar uma grande narrativa sistêmica sobre

a história mundial que convidava a ser completada e debatida através da produção de história social e de etnografias regionais e microgeográficas. A segunda é a emergência de fenômenos móveis e a necessidade de resposta a fenômenos empíricos recortados por fluxos culturais, informacionais, de poder, de pessoas em trânsito, inéditos até então. Um terceiro elemento importante na defesa de etnografias multissituadas diz respeito à relação entre colonialismo e antropologia e o forte desejo de descolonizar as colônias e descolonizar a antropologia, subvertendo relações de produção etnográfica altamente hierarquizadas, subservientes a necessidades institucionais (principalmente do Estado) e que realizaram um verdadeiro processo de pilhagem de acervos de conhecimentos, práticas e artefatos dos povos pesquisados, legitimado na noção de autoridade etnográfica (Clifford, 1998). Nasce desse elemento todo um movimento de publicações compartilhadas entre antropólogos e nativos, de adoção de estilísticas diferenciadas, para dar conta, na forma, dos léxicos nativos, em si formas de saber. Finalmente, destaca-se um movimento de ciência que vê como mais importantes na explicação de fenômenos complexos as relações que estes mobilizam/realizam e menos uma observação centrada em pontos específicos de forma intensiva. (OLIVEIRA, 2017, p. 74)

Essa busca por tentar entender o homem e sua relação com o mundo será o combustível impulsionador em diversas áreas das ciências humanas e, inclusive, é o ponto de partida para analisar as postagens na página “Profissionais Negros do Ceará”. Um ponto de partida, como explica Joca (2015), na tentativa de “fazer ciência” a partir das narrativas das sujeitas sociais e suas questões. Ele diz que “na pesquisa científica, especialmente no campo das ciências humanas e sociais, demarcar um ponto de partida de um estudo é correr o risco de ignorar (ou desconsiderar) os diversos caminhos (ou circunstâncias) que nos levam ao encontro das questões estudadas e das inquietações formuladoras das perguntas iniciais” (JOCA, 2015, p. 46).

Percebe-se que essas questões devem ser importantes marcadores na pesquisa científica sobre o processo de produção da representação destas mulheres. Mas isso só é possível quando o estudo se destina a investigar o campo delimitado que “descreve os passos essenciais que permitem, no contexto da investigação, descobrir a verdade e enuncia as regras fundamentais que ajudam, no contexto da exposição, a transmitir as descobertas” (ECO, 2007, p. 13).

Foi a partir dessas definições sobre a etnografia multissituada e suas formas que as identificações foram-se constituindo na produção do nosso trabalho científico, pois “como técnica, envolve o que chamamos de observação participante e a manutenção de modos de registro sistemático das informações coletadas. É exigente do ponto de vista do tempo e da necessidade de construção de relações de confiança entre pesquisador e pesquisados” (OLIVEIRA, 2017, p. 73).

Os elementos que permeiam esta metodologia foram criando encaixes no objeto estudado e compondo a prática de pesquisa que se localizou no lugar/tempo do campo escolhido. Assim como na travessia de um rio, que demanda instrumentos para realizar tal feito, o fazer etnográfico necessita de instrumentos precisos, observação detalhada do objeto e o conhecimento sobre o processo que será descrito. Entendendo isso, é preciso passar para o segundo ponto que corresponde à etnografia nas pesquisas em comunicação, para situar sobre o local do campo do grupo social pesquisado, pois entendemos que este estudo é relevante para a comunicação social por promover o debate sobre a representação e identidade de mulheres negras nas redes sociais.

A utilização da etnografia, nas pesquisas em Comunicação, vem sendo uma constante, como fala Oliveira (2014), que destaca o estabelecimento de reflexões de diferentes autores nos anos 1950. A autora fornece pensamentos que ajudam no entendimento sobre o papel da etnografia na pesquisa em comunicação como um processo do “fazer etnográfico” que investiga o contexto e comportamento dessas sujeitas sociais, muitas vezes, incluindo a perspectiva de uma pesquisa qualitativa e método etnográfico (OLIVEIRA, 2014).

Creio que é importante ressaltar que, nesses dois enfoques de investigação, paira, sobre a pesquisa em Comunicação, o dilema de assumir o fazer etnográfico; por um lado atribuindo que esse é um método da antropologia que requer pré-requisitos de formação e, quando muito, é utilizado sob a ótica de procedimentos técnicos através, essencialmente, da observação participante que passa a ser usada como técnica de pesquisa de campo, e, por outro, entendendo a comunicação enquanto campo que usa a etnografia integrada num processo que chama de multimetodológico e acredita que precisa de outras estratégias, buscando, muitas vezes, desenvolver seu próprio campo de investigação, procurando inovar em termos metodológicos. (OLIVEIRA, 2014, p. 32-33)

Com isso, a autora inicia uma reflexão sobre a abordagem etnográfica na pesquisa em comunicação enquanto campo de investigação que precisa ser pensado como processo que tem como foco a recepção e circulação.

A reflexão central se guia pela indagação de que essa é uma tradição da Antropologia que os pesquisadores da Comunicação, provocados pela natureza dos objetos da comunicação, não mais identificados apenas com as mídias, mas relacionados à constituição de processos e mediações culturais, solicitam outras formas de abordagens metodológicas. É importante considerar que a mudança não está nos objetos, mas na compreensão que os pesquisadores passam a ter dos objetos em comunicação. (OLIVEIRA, 2017, p. 33)

Outra pesquisadora que também fala sobre isso é Beatriz Polivanov (2013). Contudo, ela discorrerá sobre uma etnografia para o espaço digital, quando abre o leque sobre o conceito e sua aplicabilidade. Polivanov (2013) diz que:

A etnografia é um termo complexo, que pode adquirir acepções diversas dependendo de como é apropriado por determinada área de estudo (como a Antropologia – que a tem como seu método por excelência – , Comunicação, Educação, História, Geografia, Linguística, entre outras) e por determinado pesquisador. (POLIVANOV, 2013, p. 62).

Polivanov (2013) fala que a etnografia tem diferentes formas para descrever grupos sociais e destaca que há os métodos de pesquisas, no campo da comunicação, e em especial, no campo mediado pela interação das sujeitas sociais nos dispositivos móveis, onde precisamos observar sua linguagem, sua interação e como a utilizam. “Ora, se a etnografia tem esse intuito de descrever, então, a criação dessas descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades), com o propósito de entender diferentes aspectos de diversas culturas” (POLIVANOV, 2013, p. 62), percebemos que as narrativas das entrevistadas e administradoras, além das produções observadas na página do *Instagram* Profissionais Negros do Ceará, são o nosso campo.

A tela se mostra um local de saberes, pois tem a “característica dos ambientes mediados por computador que é ressaltada frequentemente na bibliografia: seu constante processo de transformação e reconfiguração” (POLIVANOV, 2013, p. 62). No entanto,

a etnografia multissituada acrescenta um novo ponto para as pesquisas em comunicação, quando coloca a questão digital como um elemento que precisa ser observado, como explica Luciana Oliveira (2017) que inclui essa metodologia na área da comunicação.

De forma mais operatória, os desenvolvimentos da etnografia multissituada têm sido especialmente proveitosos nas análises dos produtos e processos midiáticos ou a partir deles. Vale sublinhar que os estudos contemporâneos da comunicação estiveram empenhados em dar conta, de forma dinâmica, daquilo a que convencionalmente chamávamos de “polos” da produção e da recepção, esforçando-se para pensar os fenômenos comunicativos imbricados “na mídia, na rua” [...] (OLIVEIRA, 2017, p. 76)

Por conta disso, a etnografia multissituada se mostrou o método mais acertado, pois foi se entrelaçando às singularidades existentes no perfil.

[...] a etnografia multissituada tem contribuições específicas para um trabalho comunicacional que busca desestabilizar as noções de centro e periferia, admitindo também a importância de pensá-los desde o ponto de vista de grupos, coletivos e corpos marginalizados, invisibilizados ou silenciados. (OLIVEIRA, 2017, p.77)

Compreendemos, assim, que o ambiente virtual se consolida, cada vez mais, como um espaço de produção do conhecimento que se vai configurando e (re)configurando com mais rapidez que qualquer outro campo de pesquisa. Após a escolha da metodologia, o processo da escrita foi encontrando seu encaixe com os marcadores escolhidos, se entrelaçando a cada teoria como linha que vai unindo cada parte do retalho para a construção desta colcha de significados. As narrativas alinhadas às autoras e autores vão criando forma na tese que tenta proporcionar um diálogo que dispensa o tempo/espaço de seus narradores, para oferecer reflexões sobre identidade e representação marcadas pelas relações de gênero e raça nas redes sociais.

Para isso, dividimos a tese em introdução, capítulos - com subcapítulos - e a conclusão. Na introdução com o título - **Te enxerga, mulher negra!** - trata sobre os percursos da pesquisa como a justificativa de sua escolha, os métodos utilizados e metodologia mais apropriada para desenvolver a produção. No capítulo segundo - **Olhares sobre a questão da identidade na intersecção entre raça e gênero** - examinamos como as questões de gênero e

raça cruzam a vida das mulheres negras. Neste ponto, tentamos explicar como os desdobramentos dos discursos produzidos, para estas sujeitas sociais, afetam sua mente e corpo. Tentamos discorrer como esses atravessamentos impactam suas relações interpessoais, mas, ao mesmo tempo, estabelecem estratégias de existências, quando se entrelaçam aos processos de autoafirmação da sua cor e sua história. Mostraremos como o tema da identidade traz à tona os episódios de descoberta de si e sobre a forma de (re)pensar seu papel na sociedade enquanto mulher negra que vivencia diferentes sentimentos em cada descoberta.

No capítulo terceiro - **Narrando um ‘fazer comunicar’ das mulheres negras através da Internet**, vamos percorrer as narrativas da página Profissionais Negros do Ceará e alinhá-las com as falas das entrevistadas. Passamos por temas como os novos modos de discutir as relações de gênero e de raça, na Internet, a sociabilidade existente nas redes e as interações que fazem parte desta interface. Abordando temas que estão em crescente evidência, como é o caso do ódio na Internet, a cultura do cancelamento e os algoritmos que promovem o racismo na mídia digital. Mas também falamos das práticas negras que têm ganhado visibilidade e das vozes que vão resistindo no espaço *on-line*.

Já no capítulo quarto - **Memórias de dor e coragem: representações sociais das mulheres negras** - apresentamos alguns apontamentos sobre a representação social das mulheres negras. O capítulo mostra como as mulheres negras pensam a representação de si na sociedade. Falamos tanto da representação criada pelo Outro, onde a página expõe, através das postagens e vídeos, o que está em voga no mundo, como a representação que estão (re)inventando. Onde elas trazem suas perspectivas sobre a representação da imagem da mulher negra no mundo. Também discorremos sobre as representações sociais com a expansão da Internet e os impactos desta para as mulheres negras.

Já no capítulo quinto - **Um olhar negro da página ‘Profissionais Negros do Ceará’** - pretende examinar as interseções entre a raça e o gênero nas publicações, e as práticas utilizadas pelas administradoras, para promover uma página que tem como assunto central a divulgação da população negra, bem como, a representação que faz parte da vida dessas mulheres, através dos depoimentos, esquemas e instrumentos utilizados na produção das mulheres negras que foram divulgadas na página. Por fim, a conclusão - **O Começo do Fim** - que pontua as questões apresentadas na tese como o que seria a identidade e a representação para as mulheres entrevistadas e aponta alguns temas que não aparecem no início, a coletividade como um ponto central para pensar as mulheres negras e o *Instagram*.

A pesquisa busca retomar temas da dissertação que discutem sobre a identidade e se aprofundam na questão da representação das mulheres negras divulgadas pela página Profissionais Negros do Ceará. Percebemos algumas lacunas sobre cada tema, pois estas questões estão em constante construção, como aparece nas falas das entrevistadas. No entanto, buscamos criar mais consistência no referencial teórico, político e social sobre essa busca pela representação e identidade da mulher negra, além de tentar identificar se a página conseguiu responder ao seu objetivo e se revelou mais elementos que ajudaram a compreender que essas questões, apesar de individuais para cada sujeita, são coletivas, quando pensadas como lugares de segurança e cuidado pelas mulheres negras.

2 OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA E GÊNERO

Esmeralda Ribeiro - Olhar negro

Nafragam fragmentos de mim sob o poente mas,
vou me recompondo com o Sol nascente,

Tem PeDaÇos

mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou
refazendo em mim o que é belo

Nafragam fragmentos de mim
na coca mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo,

Fragmentos de mim
diluem-se na cachaça
mas, pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido venenoso

Tem PeDaÇos

tem empilhados nas prisões,
mas vou determinando
meus passos para sair dos porões
tem fragmentos no feminismo procurando
meu próprio olhar, mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser mulher

Tem PeDaÇos

mas não desisto vou atravessando o meu oceano
vou navegando vou buscando meu olhar negro
perdido no azul do tempo vou, vôo,

(Cadernos Negros: os melhores poemas, p. 64-66)

2.1 A questão da identidade das mulheres negras

Como devemos iniciar uma reflexão sobre a questão da identidade na raça e no gênero? Quais marcadores não podem faltar para exemplificar o cruzamento de raça e gênero na formação da identidade? Que impactos têm as relações da raça e do gênero no processo de identificação das mulheres negras pesquisadas? Percebemos que é um dever pesquisar, ousamos dizer que é um ato político discorrer sobre essas questões e tantas outras que aparecem no decorrer da pesquisa e, para isso, é preciso valer-se das produções de pesquisadoras e pesquisadores que nos atravessam. Tentando não repetir as teorias já postas sobre raça, gênero e identidade, mas desenvolvendo outros pensamentos que podem somar-se às temáticas que

serão levantadas no transcorrer da pesquisa. E para começar, é importante apresentar o poema de Esmeralda Ribeiro que traduz, de forma excelente, o que nos arriscamos a dizer com palavras, sinônimos e citações esse tal “conceito” sobre identidade das mulheres negras. Este navio em naufrágio onde mulheres negras buscam os “pedaços” dessa identidade para tentar “colar” as partes que faltam e as que sobram, parte que nem sabiam que existia, pois, muitas vezes essas partes são impostas pelo “Outro” (HALL, 2014) que projeta a significação e aplica mediante as estruturas de poder (FOUCAULT, 2005) que a classificam e, com isso, amarram na barra de sua saia diversos pedaços sobre o que deve ser uma mulher negra na sociedade.

Aqui, tentaremos refletir sobre o significado de identidade, entrelaçando as conceituações desses pesquisadores com a caminhada das mulheres que fazem parte da pesquisa e que cederam suas falas, vivências, de forma generosa e afetiva, sobre esse processo de se afirmar pessoa negra. Falas que carregam autonomia e resistência, mas, ao mesmo tempo, dúvidas e incertezas sobre esse lugar que é atravessado de conceitos. Assim é a fala da entrevistada Carolina Maria de Jesus³, de 24 anos, que é escritora e professora bilíngue e mora em Quixadá onde realiza projetos de leituras em escolas, e outros espaços onde faz oficinas, palestras e rodas de conversas, entre outros, e gosta de se intitular de “militante da literatura”.

A entrevistada havia sido divulgada em 2019 e, neste ano, foi repostada no período da pandemia para impulsionar sua página. Ela conheceu a página através de pesquisas que fez nos perfis do Instagram enquanto procurava maneiras de divulgar o seu primeiro livro. Então entrou em contato, fez o cadastro na página e aguardou a sua postagem que demorou um pouco na época, pois, tinha uma lista de pessoas, por ordem de inscrição, para serem divulgadas. “Eu não conhecia a página, e na verdade, eu também não conhecia as meninas da página. Fui conhecer muito tempo depois, a página, foi através de hashtags com todos os elementos que a gente põe pra ajudar na busca” (Carolina Maria de Jesus⁴, de 24 anos).

³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

⁴ Idem.

Figura 1 – *Repost* foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: imagem retirada da página Profissionais Negros do Ceará.

Quando perguntada sobre o que é “ser mulher negra”, Carolina Maria de Jesus⁵ afirma ser esse mosaico de referências que trazem sentimentos sobre quem se é, as possibilidades de se criar e se (re)criar sua história, além de um olhar sobre o passado, a ancestralidade, e onde é preciso voltar para compreender sua caminhada.

Eu acho que é uma superação, você sobreviver porque é um país difícil, viu?! E assim ser mulher negra eu acho que é carregar toda uma ancestralidade, e, principalmente, ser existência, sabe?! Eu costumo dizer que eu resisto para que mais mulheres existam, mulheres negras. [...] Ser mulher negra pra mim é uma superação, é resistência e também é afeto. Enfim, a gente tem aprendido muito com outras mulheres negras. E também é carregar muita ancestralidade. (Carolina Maria de Jesus⁶, 24 anos)

É um processo que começa quando elas se percebem negras, pois mesmo que cor venha desde o seu nascimento, essa mesma cor aparece no decorrer de sua vida como uma “marca” que dá início aos seus referenciais de raça que a acompanham em suas trajetórias. Essa vivência é o que une a raça ao gênero na formação de uma identidade, ou identidades, que tecem o espaço-tempo da mulher negra no mundo. Sendo assim, esse primeiro momento pede certa atenção sobre a questão da identidade que atravessa o lugar do campo, as redes sociais, onde

⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

⁶ Idem.

essas pessoas negras são vistas por todos que acessam a página do *Instagram* e esses “olhares” identificam e classificam esses sujeitos sociais.

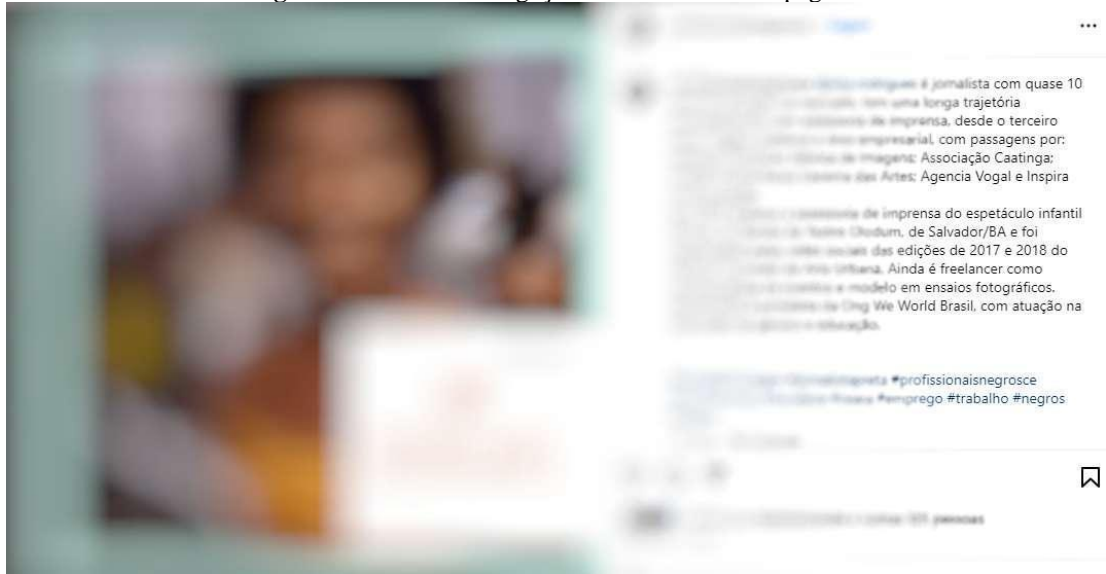
Olhares que, como no poema, procuram respostas, procuram outros olhares negros, procuram o seu olhar no oceano que tem mudado, com a contemporaneidade, as formas de interação do olhar, que agora vem também por meio das redes sociais, como uma moderna forma de “visagens” sobre os agentes sociais que fazem parte deste espaço virtual, mas que ainda carregam olhares arcaicos, ou até mesmo ultrapassados, quando se trata da questão de raça. Tentamos explicar como esses olhares que, mesmo com as transformações vindas da pós-modernidade e a representação desse grupo nos espaços de coletividade, como as redes sociais, ainda estão impregnados de (pre)conceitos que acarretam a continuidade de um discurso hegemônico que dita quais olhares são vigentes na sociedade atual, e, conseqüentemente, quais olhares são aceitáveis para ter mais destaques nos aplicativos da *web*.

Acreditamos na importância do marcador de classe e afirmamos, utilizando as palavras da pesquisadora Flávia Biroli (2018), que esse marcador vai atravessar diversas vezes o caminho da pesquisa, pois “é na conjunção entre gênero, classe e raça que as posições relativas se estabelecem de fato.” (BIROLI, 2018, p.22). Ousamos dizer que a fala da entrevistada Antonieta Barros⁷, 31 anos e jornalista, consegue se conectar ao pensamento de Biroli (2018), ao falar com muita firmeza sobre sua identidade; e ressalta que atravessa a classe, quando diz “porque, assim, eu sou uma preta que tem consciência de raça e classe. Talvez para outras pessoas não, mas para mim, eu sou assim mesmo” (Antonieta Barros⁸, 2020). A jornalista fala com convicção e de um lugar importante, pois, já fez parte de movimentos sociais discutindo as relações de raça, gênero e classe. Atualmente não participa e, por isso, foi indicada por amigos à página. Ela não conhecia a página, mas, após a divulgação, em fevereiro do ano corrente, curtiu as produções e ficou acompanhando.

⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

⁸ Idem.

Figura 2 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: imagem retirada da página Profissionais Negros do Ceará.

Com isso, percebemos que o debate de classe cruza as falas das interlocutoras, cruza as publicações da página “Profissionais Negros do Ceará” no *Instagram* e cruza a caminhada da pesquisadora que também vivencia essas intersecções. A questão do gênero, que será estudada, é uma categoria ampla que estabelece diversos conceitos e que sempre está em constante discussão nos movimentos sociais, na academia e nas relações sociais. Por compreender que vamos discorrer mais sobre o tema, com suas definições e nuances, optamos por utilizar o termo “mulheres negras” em diversos momentos da escrita na tentativa de especificar este grupo.

A identidade, como local que tem muitos atravessamentos e que continua sendo um tema tão atual, tanto quanto foi no seu primeiro conceito. Aqui, a identidade é pensada como um processo contínuo de transformação do sujeito com diferentes fragmentos que perpassam a vida das mulheres negras pesquisadas. Para Stuart Hall (2014), a identidade na pós-modernidade tem produzido mudanças estruturais e institucionais (HALL, 2014). Ele acredita que “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam [...]” (HALL, 2014, p. 11). Sendo assim, com as mudanças a identidade vai-se costurando no tecido do tempo que provoca, ou mesmo estabelece novas linguagens e traduções sobre esse mesmo tempo. Isso não significa dizer que essa corrida por novos apontamentos sobre a identidade não seja também arriscada, como também questiona Hall (2014) ao indagar se essa transformação “não é a própria modernidade que está sendo transformada” (HALL, p. 10, 2014). Isso significa dizer que essas fragmentações de raça e gênero que aparecem na pesquisa que, mesmo já fazendo

parte por tempo da vida dos indivíduos e das estruturas sociais, se modificaram com as novas tecnologias que produziram novas formas de organização da sociedade na atualidade.

A partir da globalização, essas identificações foram ganhando novas articulações com a era da informação onde o imediatismo dita a forma de organização dos indivíduos e das estruturas, assim explica Rocha (2016) que apresenta reflexões distintas de Hall (2014), mas que também falam sobre essa identidade variável na pós-modernidade. Ele diz que “essas identidades são móveis e problematizam as questões de tempo e espaço, as quais passam a ser entendidas e representadas de forma distintas das maneiras com que se apresentavam em eras pretéritas” (ROCHA, 2016, p. 11). Se hoje uma pessoa resolver ser um ambientalista que luta contra o desmatamento e as queimadas na Amazônia, amanhã pode acrescentar e/ou substituir por um defensor dos direitos LGBTQI+ que promove o debate da diversidade sexual e o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Com isso, esses indivíduos passam a acrescentar, retirar e/ou substituir uma identificação conforme as suas práticas sociais e o sistema social que os rodeiam.

Assim “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2014, p. 12). Essas identificações podem fazer parte dessas pessoas que hoje assumem certa identidade e amanhã poderá mudar conforme as referências do local onde vive, de acordo com as pessoas que fazem parte de seu convívio, o grupo social que escolhem fazer parte ou mesmo as redes sociais que acessam. O surgimento dessa concepção ampliada de identidade proporcionou os espaços de extensão da sua convivência por meio da participação em comunidades virtuais, grupos online, ou aplicativos, na web, que criam lugares de relacionamento e reconhecimento de temas em comum. Contudo, mesmo que a identidade na atualidade transforme os indivíduos em polvos com diversos “tentáculos identitários” que experimentam diversas “identidades”, não deixemos de lado a reflexão de que algumas identidades acabam por ser impostas, mesmo que essas sujeitas não a escolhem: essa identidade o atravessa desde o seu nascimento. Assim ainda fala a entrevistada Antonieta Barros⁹, ao contar como se percebeu negra antes mesmo de se perceber mulher, quando diz que “Infelizmente, eu me percebi negra desde as minhas primeiras memórias, assim, e não foi de uma maneira positiva, foi na dor mesmo. Não foi uma maneira legal. Vivo essa aceitação até hoje.” (Antonieta Barros¹⁰).

⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

¹⁰ Idem.

Também é preciso falar sobre o perigo dessas identidades tomarem apenas a forma de um discurso político tornando-as um “identitarismo”, muito utilizado pela ideologia neoliberal¹¹ vigente, como explica o professor Silvio Almeida (2019), quando escreve sobre as suas reflexões no prefácio do livro do pesquisador Asad Haider. O escritor Asad Haider (2019) explica sobre os perigos do reconhecimento das identidades pessoais na atualidade e enfatiza a necessidade de se compreender que não existe a superioridade entre classe, raça e gênero. Esses pontos serão discorridos nos próximos tópicos onde fazemos um cruzamento das identidades que são atribuídas às mulheres, mesmo quando não a queiram, e trazemos ponderações sobre como essa “política da identidade” ou “identitarismo” podem transformar-se em uma estratégia de controle à “manifestação do poder” (MBEMBE, 2018). Sendo assim, arriscamo-nos a dizer que tentamos explicar como essas identidades caminham junto à vida dessas mulheres negras que estão em um processo permanente de se afirmar ou, como disse a pesquisadora Lélia de Almeida Gonzalez (1988), “não se nasce mulher negra, tornar-se negra”.

2.1.1 “Esbarrando” no discurso da identidade

A imposição de algumas normas e regras estabelece uma forma de identidade que é constantemente imposta às mulheres negras. Identificações que vêm internalizadas no espaço-tempo pela sociedade, quando se fala do conceito de ser uma “mulher negra”. Estas identificações são moldadas na linha do tempo da história que mostram os diversos períodos de exclusão e violação dos corpos e vidas das mulheres negras. Violação que transborda até hoje através dos olhares tortos, olhares desconfiados, olhares objetificadores. Essa história se utilizou de um discurso soberano dos dominantes, um discurso “homem-hetero-branco-hegemônico”, para perpetuar uma narrativa que dita sobre quais corpos devem ser aprisionados e desvalorizados, sobre quais corpos não são passíveis de luto (BUTLER, 2015), quais corpos devem ter o direito de viver ou não.

Para compreender isso, faz-se necessário trazer o pensamento de Achille Mbembe (2018) que fala sobre a máxima da soberania em seu livro sobre a Necropolítica. Ele diz que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar

¹¹ O filósofo político Norberto Bobbio explica que “A acusação que o neoliberalismo faz ao estado do bem-estar não é apenas a de ter violado o princípio do estado mínimo, mas também a de ter dado vida a um estado que não consegue mais cumprir a própria função, que é a de governar (o estado fraco). O ideal do neoliberalismo torna-se então o do estado simultaneamente mínimo e forte.” (BOBBIO, 1997, p.126)

quem pode viver e quem deve morrer”, ou seja, “[...] matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais” (MBEMBE, 2018, p. 5). Por isso, a constituição desses discursos diz, e dirá muito, sobre os percalços no caminho de descobrimento dessas mulheres negras que, por muitas vezes, foi apresentado em suas falas.

Durante as conversas, elas ressaltam o quanto foi doloroso a afirmação de suas identidades, algumas até baixavam a voz, para tocar em temas que achavam mais delicados sobre como é ser mulher negra, como perceberam que são essas identidades. Quando entravam esses assuntos, parecia que seus pensamentos as levavam para outro tempo, um tempo passado, tempo de dor e solidão. Então, soltava risos desajeitados e respirações ofegantes, ou até mesmo lançavam perguntas ao final da resposta como “né”, “você não acha”, “nós somos, não é”, “é difícil, né”, para tentar encontrar o acalento, um colo, uma força, um lugar seguro, para então dizer o que realmente sentiam. Algumas com mais tranquilidade, e até diria mais confiança na voz do outro lado, outras menos, tentando apenas responder às perguntas, com incômodos que podem ser relacionados ao fato de estar[em] respondendo a uma pesquisa, de não conhecerem a pesquisadora ou mesmo porque não desejam (re)lembrar, (re)memorar esses conflitos que permeiam suas vidas.

Acredito que o verbo transitivo “esbarrar” seria a palavra mais apropriada para se falar sobre essa afirmação da identidade “mulher negra”. Isso porque algumas, e nos atrevemos a afirmar que uma grande maioria das mulheres que participaram da pesquisa, ressaltaram as dores que foram, e ainda são, a afirmação dessas identidades. Muitas delas dizem que as questões sobre “ser mulher negra” tropeçaram na sua trajetória de vida. Essas dores tão recorrentes na caminhada da mulher negra, como explica a filósofa Vilma Piedade (2017), quando conceitualiza a palavra “dororidade” (PIEIDADE, 2017) e afirma que faz parte da vida desses sujeitos. Ela traz a etimologia da palavra dor em sua obra, para tentar externar o significado onde “o caminho que percorro nessa construção conceitual me leva a entender que um conceito parece precisar do outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio.” (PIEIDADE, 2017, p. 16). E acrescenta “Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta.” (PIEIDADE, 2017, p. 16).

O filósofo Mbembe (2014) fala de um lugar e tempo distinto de Piedade (2017), mas também traz um olhar importante sobre os tormentos que a questão da raça acarreta a essas sujeitas, bem como suas sequelas que provocam a formação da sua identidade. Ele diz que “se aprofundarmos a questão, a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos,

de problemas do pensamento e de terror, mas, sobretudo de infinitos sofrimentos [...]” (MBEMBE, 2014, p. 25). Isso explica como as dores e os medos cruzam os corpos e deixam marcas na identidade desses indivíduos que “tropeçam na cor”, nessa “pedra-cor”, fazendo com que se choquem fisicamente, psicologicamente e socialmente na questão e, aqui, não estamos falando da pedra que havia no meio do caminho da poesia de Carlos Drummond Andrade, pois, por mais que se tente desviar, mudar de calçada ou mesmo jogá-la fora, essa “pedra-cor” sempre retorna, seja por vontade ou não. Conceituações que fazem parte das relações de poder na sociedade e criam uma dialética dominante sobre os corpos e sobre a consciência, como assim escreve o pensador Foucault (2005):

Tendo como efeito a constituição de uma identidade. Pois minha hipótese é de que o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças. (FOUCAULT, 2005, p. 161-162)

Assim, são diversos os problemas que se estabelecem, quando se constitui uma identidade de raça e gênero, como acontece com as entrevistadas. Conflitos que acontecem entre essas categorias que são carregadas de significados e que não podem ser separadas, pois, como afirma a entrevistada, quando perguntada sobre o que é ser mulher no questionário, responde rapidamente e com certa firmeza: “Só mulher? Ou o que é ser mulher negra? Eu acho, é porque ‘Ave-Maria’ (**risos**) para essa pergunta eu acho que para as mulheres negras, essa pergunta, precisa vir uma coisa com a outra.” (Antonieta Barros¹², 31 anos, **grifo nosso**).

Ainda acrescenta “Porque é tão diferente eu falar enquanto mulher, e falar enquanto mulher negra, eu acho que não conseguiria falar, enquanto mulher, sem perpassar a questão da raça, né?!” (Antonieta Barros¹³, 31 anos). A jornalista trouxe uma dúvida, na verdade, outras também falaram sobre a indissociabilidade dessas duas categorias, mulher e negra. Isso fez com que nós mudássemos as perguntas do questionário aplicado, pois, no início, as perguntas eram: o que é ser mulher? E o que é ser negra? Mudamos para apenas uma pergunta: “O que é ser mulher negra?”. Isso parece ser mais honesto com o objetivo da pesquisa.

Sabemos que a questão do gênero é um marcador de múltiplos significados e que carrega um modelo de representação nas instituições de poder, como assim explica Butler

¹² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

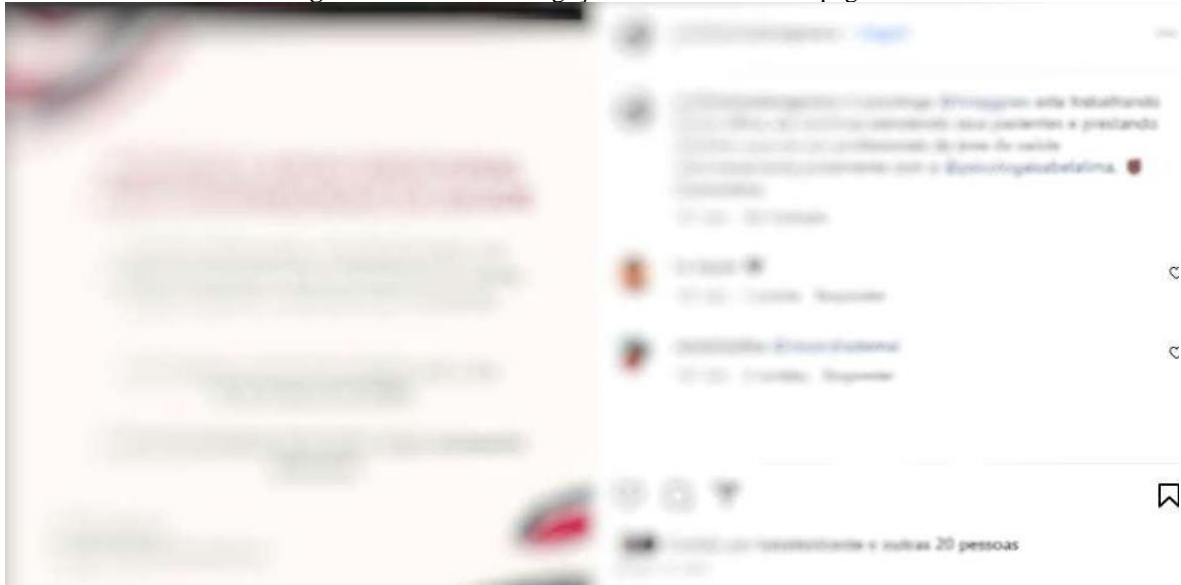
¹³ Idem.

(2019), quando fala sobre uma forma de identidade de gênero “coerente” para a manutenção das normas e leis estabelecidas pelo sistema social, onde “é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (BUTLER, 2019, p. 44). A filósofa nos mostra que está, e que sempre esteve em vigência a determinação de um certo “tipo” de identidade de gênero pendurado no corpo, na fala, na vestimenta, na maneira como a mulher deve se comportar, quais valores ela deve formar, entre outras normas presentes que são aplicadas no espaço-tempo das diferentes civilizações.

Não queremos deixar de considerar a densidade que as relações de gênero têm na formação dessas mulheres negras, mesmo que pareça, em alguns momentos, que a questão da raça toma forma mais evidente, isso não é real e é visto na entrevista de uma das participantes, num discurso que nos fez refletir sobre como se dá a imposição das práticas aceitáveis do gênero, ao descrever sobre o “que é ser mulher?”. Essa pergunta chega através de medidas e impressões diferentes para cada entrevistada, onde umas riem, outras respiram fundo, outras desviam o olhar – quando foi possível fazer entrevistas presenciais – e tantas outras percepções, como percebemos na fala tranquila de Anielle Franco¹⁴, 28 anos e psicóloga, que foi divulgada no ano anterior e retornou com nova postagem para divulgar o trabalho que estava realizando durante a quarentena. Ao lado de outra psicóloga, ofereceram apoio emocional aos profissionais da área da Saúde, voluntariamente, pela *Internet*. A psicóloga conheceu a página por meio de uma cliente que falou sobre o perfil e, logo quando chegou a sua casa, foi pesquisar e achou bem interessante, então mandou seus dados para que divulgassem.

¹⁴Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 09 de setembro de 2020.

Figura 3 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: imagem retirada da página Profissionais Negros do Ceará.

Para Anielle Franco¹⁵, o tema provoca sensações, pois mesmo não vendo a entrevistada, porque grande parte das entrevistas aconteceram através do aplicativo *Zoom* e utilizando apenas o áudio em decorrência da pandemia do Covid-19, percebemos sua voz meio que arranhada com o peso de cada palavra. Isso se deu, principalmente, quando falou do “distanciamento de si”. Parecia até que falava de uma terceira pessoa, uma pessoa que tentava se aproximar dela, que tentava ficar ao seu lado e que tentava fazer parte da sua vida, buscando chegar mais e mais próxima, para acalantar suas lágrimas, suas incertezas, suas tristezas.

Eu vou tentar te responder. Primeiro, parte da compreensão, da minha construção enquanto pessoa. Primeiro, enquanto pessoa mulher, isso ocorreu e não foi quando eu era criança, adolescente. Isso já veio no início da vida adulta. O que é ser mulher? E aí, é me desconstruir e me reconstruir novamente. E nessa desconstrução e reconstrução eu vim ter a noção do que é ser mulher e negra, ao mesmo tempo. São coisas diferentes, eu não sou como você, por exemplo, quando você se diz mulher negra, **(falando sobre a pesquisadora)**. Então não é, assim. Eu não nasci, eu me tornei. Tem muito essa compreensão também e isso veio com tempo. Assim eu fui muito distanciada de mim, era ditado e, assim, tinha muitas formas de opressões que eu vivi. Tem que ser isso, tem que ser aquilo, isso tá feio. (Anielle Franco¹⁶, 2020, **grifo nosso**)

E depois a mesma participante entrelaça a questão da raça quando relembra a convivência com a mãe e os conflitos sobre o seu cabelo, um signo muito recorrente na fala de

¹⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 09 de setembro de 2020.

¹⁶ Idem.

outras mulheres entrevistadas, e a necessidade de ele ser alisado para que ela seja aceita pelas instituições sociais. Com isso, a questão da mulher acaba por se “esbarrar” na raça, e vice-versa, quando testemunhamos as inquietações, as angústias, a solidão e as dores sentidas pela interlocutora Anielle Franco¹⁷, ao falar sobre a formação da sua identidade “mulher negra” nesta sociedade que dita a maneira como ela dever ser e que lugar deve ocupar.

Vem o processo de descobrimento também mais forte quando me percebi negra. Então, eu não nasci assim. A minha mãe falou...**(a entrevistada interrompe a fala)**, porque a gente tem um vínculo muito forte e não tem como negar. Esse processo de distanciamento de si foi tão grande, mas acredito que pela história da minha mãe também, né?! A minha mãe é branca, branca, branca dos olhos verdes e a minha avó é portuguesa. Então, isso contribuiu pro meu distanciamento mais ainda. Então, eu queria ter o cabelo do jeito que ele é. A minha mãe dizia “não, vamos alisar, porque você tá sofrendo na escola”. Não, mas eu quero assumir. “Não. Vamos fazer isso.” **(frase final da mãe)** Então, muitas coisas eu fui dar voz mesmo no início da vida adulta. (Anielle Franco¹⁸, 28 anos, **grifo nosso**)

Descobrir-se “mulher negra” parece ser um ponto comum para a psicóloga e para outras participantes que estão nesta busca constante por respostas sobre o seu passado, para viver o seu presente e caminhar para um futuro um pouco mais conscientes de quem são, de onde vêm e sobre quais são as suas raízes. Com isso, percebemos que, mesmo que não queiram, essas mulheres são lembradas de sua cor e de seu gênero, com essas questões que marcam seus corpos, como a marcação do ferro a brasa em animais, onde a “identificação” leva a carga do racismo, patriarcado¹⁹ e o machismo²⁰ no cotidiano dessas sujeitas sociais, que se vêem em um emaranhado de nós que se cruzam para formar a sua identidade.

¹⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 09 de setembro de 2020.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Para Marilena Chauí (2013) o significado de “patriarcal é a sociedade estruturada segundo o poder pai. Esses termos designavam a divisão social das classes em que patrícios eram os senhores da terra e dos escravos, formando o Senado Romano” (CHAUÍ, 2013, p. 15), sendo assim o patriarcado é a representação deste poder exercido pelo homem.

²⁰ A filósofa Marcia Tiburi (2015) traz reflexões sobre a dominação masculina, ao explicar o significado do machismo, dizendo que “o discurso típico da dominação masculina é biopolítico de qualquer esfera, ele está presente na sociedade, configurando o machismo estrutural ao qual todos estão submetidos, uns como sujeitos oprimidos, outros como sujeitos de privilégios” (TIBURI, 2015, p. 111).

2.1.2 Entre o “*agora eu sou prostituta porque tenho esse tom de pele?*” e o “*não quero ser uma afrobarbie!*”: as nuances da política de identidade

A política de identidade ou “identitarismo”, palavra bastante utilizada no Brasil, acaba causando problemas no debate sobre raça e gênero, que, por vezes, são ditos como problemas particulares, vitimismo, ou o tão conhecido “mimimi”, construindo, assim, tensões perigosas na sociedade e desqualificando a luta por direitos sociais, equidade de direitos e igualdade racial. Essas tensões, que fazem parte da sociedade no tempo-espaço, surgem através do entrelaçamento das dimensões do privado e do público que produzem diversos conflitos, no que diz respeito à representação da mulher negra nas estruturas institucionais de poder, quer seja na família, na política, na divisão do trabalho, na relação sexual, dentre outras. Existe, por assim dizer, um lugar que foi determinado para elas, assegurado pelo sistema que faz a “roda girar” na perpetuação de um modelo hegemônico de opressões que se seguem no caminhar das civilizações. Para Biroli (2018), essa dualidade entre a esfera pública e privada causa distintas representações no significado do que é ser homem e mulher.

Quando a dualidade entre o público e privado não é problematizada – o que é majoritário nas teorias da democracia -, as relações de poder na esfera privada não são computadas na compreensão de *como os indivíduos se tornaram quem são* e dos limites desiguais para atuarem, individual e coletivamente. (BIROLI, 2018, p. 11)

O avanço dessas questões, provocadas por essa perigosa dualidade, nos faz testemunhar no mundo o aumento do fundamentalismo religioso²¹ nos continentes, a chegada de diversos governos conservadores ao poder e o fascismo²² que corre pelos países, essas problemáticas têm em voga o modelo capitalista que aprofunda ainda mais as desigualdades, as violências e as intolerâncias tão vistas na atualidade com a *Internet*. Não são poucos os casos de racismo e machismo que ocorrem através das redes sociais, ou sendo filmados por meios dos aparelhos celulares, em tempo real, com atos da mais pura crueldade, reflexos desse

²¹ Carlos Alberto Motta Cunha (2020) diz que fundamentalismo “é um movimento ou uma corrente de pensamento, que prega obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios fundamentais. Pode estar presente na economia, na política, na educação e em outras instâncias da vida humana. É na religião que o fundamentalismo é mais conhecido e relacionado. Fundamentalismo religioso tem fases de expressão no decorrer da história possibilitando novas elaborações conceituais e estruturais”. (CUNHA, 2020, p. 1137)

²² Marcia Tiburi (2015) explica que “No fascismo, há uma tentativa de edificação de um Estado total, isto é, um Estado que se sobreponha ao indivíduo a ponto de anulá-lo.” (TIBURI, 2015, p. 13)

entrelaçamento entre o público e o privado. Estes extremismos tornam-se mais evidentes aos “olhares virtuais”, mais cotidianos e até naturalizados, pois são vários os episódios que se podem compartilhar com outros apenas com um clique na tela do celular. Vemos os perfis de mulheres, negros, população LGBTQI+, lideranças políticas e ativistas, sendo bombardeadas por notícias falsas, as conhecidas *Fake News*²³, que tomam conta dos compartilhamentos nos aplicativos.

Uma reflexão que o pesquisador Haider (2019) apresenta de forma certa em sua pesquisa ao discorrer sobre as “armadilhas da identidade” e afirmar que as identidades são determinantes na sociedade. Ele relembra a infância para explicar sobre como esses marcadores se aplicam constantemente, pois mesmo tendo nascido e vivendo até hoje nos Estados Unidos, é visto como um estrangeiro em sua terra por ter características de um homem de origem paquistanesa. Seus pais nasceram no Paquistão e foram morar na Pensilvânia, onde construíram suas histórias, mas sempre cultivando os costumes e práticas de sua cultura natal. Com isso, sempre sentiu o conflito dessa dualidade na sua identificação, quando “em meio aos garotos brancos na Pensilvânia que perguntavam de onde eu era (não podia ser da Pensilvânia) e os parentes paquistaneses que apontavam o meu sotaque americano [...]” (HAIDER, 2019, p. 23). E, então, acrescenta “[...] parecia que, se eu tinha uma identidade, ninguém possuía realmente capacidade de reconhecê-la.” (HAIDER, 2019, p. 23).

Ele nos mostra que vive no meio, o não-lugar, pois não é reconhecido como um cidadão americano e também não é cidadão paquistanês. Um exemplo prático que ocorre, constantemente, com as mulheres negras. As entrevistadas, em sua maioria, destacam como é serem intituladas de “negra” e “mulher” pelos “outros”, sejam esses parentes, namorados, amigos, desconhecidos ou pelas instituições como a escola, igreja, local de trabalho, dentre outros órgãos. E não importa se as mesmas se recusam a falar ou pensar sobre o tema, pois, ele as atravessa porque essas identidades estão lá. Assim conta a entrevistada Teresa de Benguela²⁴, 40 anos e empreendedora social, quando lembra que não queria ser identificada como negra e, por vezes, dizia que não o era. No entanto, essa identidade lhe era definida.

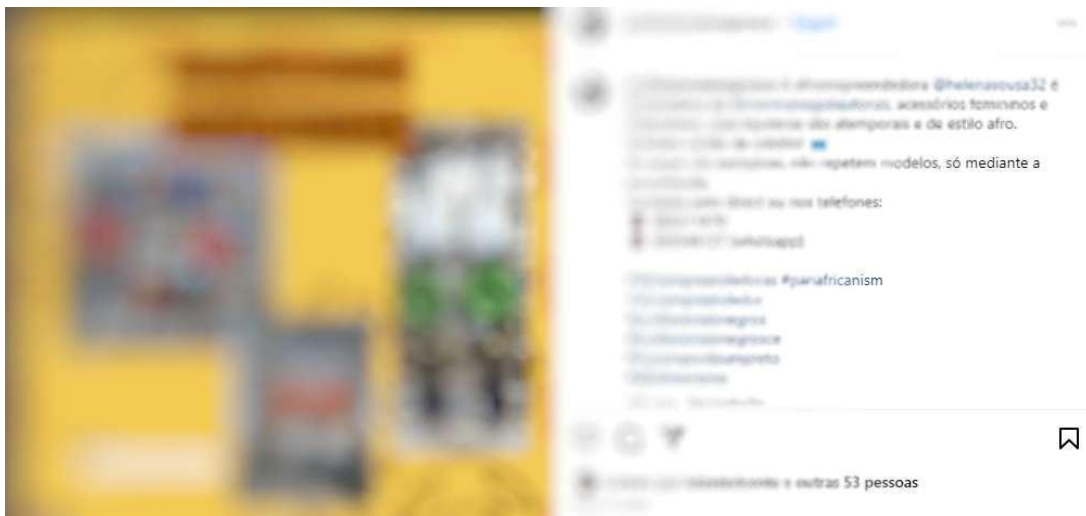
²³ Fake news são escritas e publicadas com a intenção de enganar, tendo como objetivo prejudicar uma organização, entidade ou pessoa, e/ou obter ganhos financeiros ou políticos, frequentemente utilizando manchetes sensacionalistas, desonestas ou absolutamente fabricadas para aumentar a quantidade de visualizações e de compartilhamentos online, além de ganhos gerados por cliques na internet. Fonte: site Observatório da Imprensa <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/edicao-brasileira-da-columbia-journalism-review/fake-news-a-novidade-de-dizer-mentiras/>. Acesso em 25 de setembro de 2020.

²⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

Mas, é porque o que foi construído mesmo, e que precisa ser desconstruído, é essa questão da negação do tom da pele. Porque então era visto como uma coisa que não prestava. E ninguém ia querer dizer que é algum que não presta, né?! No caso, eu falo por mim, que até ter esse entendimento, eu não queria ser negra porque desde pequena, na família e fora da família, eu sofria essa questão. “Essa nega”, “essa eu não sei o quê” então tudo de ruim é voltado por ser negra. E aí eu não queria. (Teresa de Benguela²⁵, 40 anos)

A empreendedora é do grupo das mulheres negras mais velhas entre as entrevistadas e, com isso, tem um olhar diferente, uma fala diferente, sua experiência. Ela que faz parte de uma Rede de Afroempreendedores Negros e da Feira Negra tem uma relação forte com o tema do afroempreendedorismo e, por isso, conheceu uma das criadoras da página durante um desses eventos, que falou sobre o papel da “Profissionais Negros do Ceará” e que perguntou se ela queria participar. Ela não pensou duas vezes e aceitou o convite, e foi divulgada em maio deste ano.

Figura 4 – Foto de divulgação entrevistada na página.



Fonte: imagem retirada da página Profissionais Negros do Ceará.

O momento de partilha de Teresa de Benguela²⁶, que ficava entre risadas e brincadeiras quando indagada sobre sua militância e o seu trabalho, ficou mais tenso quando falou. Seu olhar ficou perdido, e até diria triste, quando rememorou os tempos da infância carregada de aflições por não entender o motivo de tais falas. E afirmo que vi esse olhar vagando

²⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

²⁶ Idem.

da tela para o recinto que ela se encontrava, porque conversamos através do aplicativo *Zoom*, utilizando também da ferramenta de vídeo, a fim de se sentir mais familiarizada e para saber como eu era.

Ela que olhava para mim, através da câmera, e na hora de responder sobre “o que era ser mulher negra?”, desviou o olhar, olhando para baixo ou para os lados, e ficou mais séria; tocava as mãos. Sua narrativa parecia levá-la para aquela lembrança que parecia ainda muito forte, mesmo com a idade e o local diferente. Como se tivesse sido ontem, ou hoje, ou amanhã de novo e de novo, presa num imaginário que se repete incessantemente, mesmo após se tornar uma mulher adulta.

E não vamos longe ao acreditar que é possível afirmar, ou, pelo menos, “fazer pensar” que a fala de Teresa de Benguela²⁷ tem um pouco de familiaridade com a história de vida do pesquisador Haider (2019), e que ambos têm uma conexão com a experiência vivida pelo psiquiatra e filósofo, Frantz Fanon (2008), que na vida adulta foi morar na França onde desenvolveu diversas pesquisas sobre os impactos do racismo individual e institucional na psique do negro, viveu um episódio semelhante sobre a discriminação por causa de sua cor. Ele estava em uma estação de metrô na França, quando uma criança branca com sua mãe começou a apontar para ele e falar: “um preto”. A fala e expressão do menino mostravam que existia um ser estranho no meio daquelas pessoas, uma não-pessoa, um não-sujeito; enfim, qualquer outra coisa menos um homem. Esse relato de Fanon (2008) é apresentado em sua tese intitulada “Peles Negras, Máscaras Brancas” que foi reprovada, inicialmente. No entanto, tempos depois tornou-se um dos livros mais importantes para se entender a mente do Negro na sociedade eurocêntrica²⁸.

“Olhe, um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. (FANON, 2008, 105)

²⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

²⁸ A filósofa Márcia Tiburi apresenta dois conceitos importantes para compreender o significado do eurocentrismo. O primeiro diz respeito ao “eurocentrismo em que a familiaridade se dá apenas pelo padrão eugenista da consanguinidade” (TIBURI, 2015, pg. 166) e o outro complementa o primeiro quando diz que “O paradigma eurocêntrico caracterizado pelo precário princípio da identidade quanto à visão sobre o “outro” faz parte da história das Américas e do Brasil.” (TIBURI, 2015, pg. 149).

Uma vivência dolorosa para cada indivíduo, uma experiência não solicitada, um sofrimento não desejado por essas pessoas que mesmo em lugares diferentes, tempos diferentes e situações diferentes testemunham a obrigação de certos marcadores da identidade, atravessando sua jornada. Escuto e leio cada palavra e frase com bastante inquietação e penso que o tempo continua repetindo e reproduzindo o mesmo olhar e sensações sobre esses corpos, e mesmo com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das novas tecnologias. Essas percepções sobre o “Outro” ainda tecem o conceito de raça e adentram outros espaços, inclusive o espaço virtual.

Essa visão continua de outra forma, pois não basta apenas dizer que essas pessoas são não-pessoas. O sistema de opressão escolhe outras nuances para ditos padrões estéticos, desejo, padrões corporais, que Foucault (2005) descreve bem em seu livro “A Metafísica do Poder”, quando fala do controle dos corpos “no nascimento da medicina social” (FOUCAULT, 2005) para a perpetuação das opressões no modelo capitalista. Ele enfatiza: “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”. E finaliza, explicando que “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu na sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (FOUCAULT, 2005, p. 80). Assim, vemos que os corpos destas mulheres negras serão ditados por esse modelo eugenista da atualidade que induz, por exemplo, o seu corpo ao simbolismo sexual, como ainda relata Teresa de Benguela²⁹:

Você começa, vou voltar só um pouquinho para essa questão da mulher negra, essa questão da mulher ser olhada como símbolo sexual (**a entrevistada explica que vai retornar para a pergunta anterior**). De a mulher negra ser olhada como um símbolo sexual. É uma das coisas que eu ficava assim... (**interrompeu esse pensamento**) que eu também não sirvo só para isso, pra ser vista só como isso, essa coisa exótica. Uma vez a mulher me disse assim “Você com sua morenice?” e eu disse “oi, morenice?!”. E depois disse “se você for na beira-mar vai conseguir vários “gringos””. Eu disse assim “agora eu sou prostituta porque eu tenho esse tom de pele?!”. “eu não sou prostituta”. E ai eu comecei e me perceber mulher negra através disso. (Teresa de Benguela³⁰, 40 anos, **grifo nosso**)

²⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

³⁰ Idem.

Ou mesmo o relato da participante da pesquisa a jornalista Antonieta Barros³¹ que fala da imposição de um modelo de identidade para a “mulher negra” na atualidade, onde ela deve valorizar sua cor, sua raça, afirmar-se e quebrar as amarras, mas, que parece, esbarra outra vez em práticas de opressão que tentam definir qual a forma correta de identificação deste corpo.

Porque eu acho que eu não me identifico mais com aquela militância clássica, mas também não quero ser uma afrobarbie (**risos**), mas as outras coisas apareceram para mim, outros anseios, né?! Que às vezes quando você tá em coletivo não entende muito. E aí eu também tento fazer com que essa identidade, ela possa ser mais maleável, mais flexível, menos cruel, menos exigente comigo. Porque às vezes você cai numa armadilha de pensar, se eu sou negro tem que ser assim, e não necessariamente é assim, eu fico ali mantendo ao máximo manter minha raiz, minhas origens e tal, mas também percebendo que não faz mal eu pensar ou aprender. (Antonieta Barros³², 31 anos, grifo nosso)

A fala de ambas, mesmo em espaços, vivências e pensamentos diferentes, mostram que se alinham num ponto em comum, o objetivo de determinar suas escolhas. E mesmo que pareça ser boa a ideia de conceituar como deve ser a mulher negra e a forma como deve se comportar, ainda é uma forma de tentar guiar como essas sujeitas sociais devem viver, ou seja, ao contrário disto, queremos dizer com isso que as mulheres negras podem e devem elaborar suas identidades, partindo dos espaços que compõem, dos lugares que transitam e dos seus relatos de experiências.

Isso nos faz compreender que temos muito “o que caminhar”, pois esses marcadores não são desejáveis, eles as atravessam em cada passo dado, mas, também, não é possível achar que apenas em se afirmar será arranjada uma “releitura” de sua identidade. É preciso considerar que a questão da identidade tem que ser pensada como uma ferramenta estratégica para transformações sociais, onde não está em jogo a superioridade ou relevância política de cada diferença, mas, sim, o reconhecimento de tais questões para a produção de táticas conjuntas.

Discorreremos, mais adiante, sobre a busca de respostas dessas mulheres que tentam entender essa identidade em “maturação”, trazendo a conceituação do “devir negro” e do “devir mulher” para encontrar alguns apontamentos, pois respostas definidas parecem estar longe de serem encontradas. A questão da identidade ainda tem muito que ser discutida diante

³¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

³² Idem.

da incorporação de outros agentes sociais, da (re)invenção de práticas sociais e do acesso às novas tecnologias.

2. 2 O cabelo como instrumento de (de)colonização do pensamento

2.2.1 “Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear”: a internalização do racismo através do cabelo da mulher negra

Falar sobre mulheres negras e suas identidades é discutir a sua estética, um assunto necessário quando refletimos sobre a vida das mulheres negras. Trazer a fala dessas interlocutoras que trazem nos depoimentos, pautas como essas e como esse tema transita, atravessa e, diria até que, assombra a sua trajetória de vida na formação de sua identidade. Até porque os meios de comunicação utilizam bastante do debate da estética feminina para ditar quais os padrões, condutas e comportamentos “aceitáveis” pela sociedade para as mulheres, e, em especial, para as mulheres negras.

Isso fará parte do imaginário dessas mulheres, pois, o cinema, a música, as propagandas comerciais, a TV, as redes sociais, dentre outros meios, determinaram como elas devem ser vistas, olhadas, pelo “outro” e por si mesmas. Com isso, criaram mulheres que temem a forma e espessura de seus cabelos e que buscam, a todo custo, modificar e silenciar suas mechas como forma de calar seus gritos de raiva e medo que vivenciam cotidianamente. Assim como o trecho da canção que abre esse tópico, que traz uma reflexão sobre a internalização do racismo através do cabelo das mulheres negras. A música citada se chama “Fricote”, de Luiz Caldas que foi apresentada, em clipe exibido no Fantástico, Programa da televisão brasileira produzido pela emissora Rede Globo, em 1985. Essa e outras melodias fizeram parte do imaginário de diversas mulheres negras da década de 80.

Uma década repleta de contradições no que diz respeito aos direitos da população negra brasileira, pois, foi um período de intensa organização do Movimento Negro no Brasil, seja pela criação da Fundação Palmares, em 1988, seja pela promulgação da Lei 7.716/1989, também conhecida como “Lei Caó”, que tipificou o crime de racismo no Brasil como imprescritível e inafiançável no país. No campo da televisão brasileira, foi palco de atos racistas como na novela “Corpo a corpo” de Gilberto Braga, em 1984, que retrata o romance dos atores Zezé Motta (mulher negra) e Marcos Paulo (homem branco). Na época, a novela recebeu uma enxurrada de críticas dentro e fora da televisão que vão desde mensagens hostilizando a atriz Zezé Motta, ligações para a emissora pedindo o fim do romance, dentre outras práticas.

Entendemos que problema não é apenas o seguinte episódio na novela, é preciso discutir o enredo dessa teledramaturgia e de outras que não construíram uma narrativa real sobre as questões raciais no Brasil, mas, apresentamos esse ponto como uma reflexão inicial sobre o racismo nas novelas. Esse é apenas um dos diversos relatos que poderíamos apresentar para discutir sobre o papel que a TV brasileira, os filmes ou revistas também tiveram sua parcela na disseminação do racismo que fez parte da vida de diversas mulheres negras e que levou muitas delas a considerar que existia apenas um padrão de beleza aceitável.

Um padrão que chega até os dias de hoje, pois trata sobre esse tema que parece ser bem espinhoso para algumas das entrevistadas, diria até que para a maioria delas, que falam quer seja de forma superficial, quer seja de forma mais aprofundada, e que sempre trazem uma voz embargada, um sorriso desajeitado, ou mesmo um olhar perdido, quando chegam as memórias escondidas, bem lá no fundo do mar de suas lembranças de dor, sobre o trato, as falas debochadas e indiretas aos seus cabelos.

Assim relembra a entrevistada Teresa de Benguela³³, 40 anos e empreendedora social, quando fala sobre as palavras duras e preconceituosas sobre seus cabelos:

Até porque se você for olhar os traços de um negro, eu tenho os traços na cor da pele, meu nariz não afilado, minha boca também não é fina, mas também não esse grosso todo, (**risos**) e meu cabelo. Então eu não posso dizer que não sofri, eu já sofri muita coisa por ser negro. Desde gente perguntando “se o cabelo de baixo é enroladinho que nem o de cima” e desde gente passar no carro e falar “vá cortar esse cabelo”. (Teresa de Benguela³⁴, 40 anos, **grifo nosso**).

Por conta disso, essas mulheres negras tentaram incessantemente modificar sua aparência com o intuito de serem aceitas pela sociedade que impõem qual padrão de beleza é aceitável ou hegemônico. Farão tratamentos que possam ajudar no alisamento dos cabelos, cirurgias, inclusive pelo SUS (Sistema Único de Saúde)³⁵, para retirar e/ou minimizar os traços negroides que apresentam, cosméticos que auxiliam no embranquecimento da pele, dentre outros aparatos que enchem as prateleiras das lojas, salões de belezas e clínicas de estéticas e cirúrgicas, levando o Brasil ao ranking de terceiro maior mercado de estética do mundo, de

³³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

³⁴ Idem.

³⁵ Ver Matéria “Nariz negride” é critério para cirurgia reparadora gratuita em hospital do Rio. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/nariz-negroide-e-criterio-para-cirurgia-reparadora-gratuita-em-hospital-do-rio,a327f5010b2a3d29220ec3af2acabb73ejyx719v.html#:~:text=O%20documento%2C%20dispon%C3%ADvel%20no%20site,nariz%20fissurado%20e%20nariz%20negroide.>

acordo com o levantamento feito pela Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC)³⁶, em parceria com o Instituto FSB Pesquisa, ficando atrás, apenas, dos Estados Unidos, que têm 16,5% e da China, com 10,3%.

Esses tratamentos influenciaram, conscientemente ou inconscientemente, a vida desses atores sociais para que não aceitem sua imagem, como explica a pesquisadora e liderança negra, Joice Berth (2019), em seu livro intitulado “Empoderamento”, quando discorre como ocorrem esses “processos de dominação dos grupos historicamente oprimidos” (BERTH, 2019) através da estética da mulher negra. Ela afirma que “nossa visão de nós mesmos começa a ser distorcida e influenciada de forma extremamente negativa e agressiva por obra do colonizador” (BERTH, 2019, p. 113), causando sequelas em nossa forma de olhar para o espelho, o “espelho-vida”, que nos mostra alguém não desejável, alguém não aceitável que precisa ser modificado para viver em sociedade. Esses elementos de dominação marcam a mente e os corpos dessas sujeitas e as fazem optar pelo doloroso tratamento de alisamento dos cabelos, como ocorreu com a entrevistada Teresa de Benguela³⁷ que relata sobre os problemas que ocorreram durante o tratamento e como precisou elaborar estratégias para retornar para o cabelo natural:

Uma vez eu alisei o cabelo, mas eu não queria alisar total, eu queria só diminuir um pouco o volume, entendeu?! Ele era muito volumoso. Tá comportado aqui, né?! (**risos**), mas ele é muito volumoso. Foi uma das coisas que meio que doeu porque o processo não deu certo, e aí eu disse “eu estou querendo mudar uma coisa em mim que é minha?” “Por que estou fazendo isso?” Foi mais uma questão de me ver mulher negra, mas uma questão que é do cabelo. Machucou o couro cabeludo e não ficou como era pra ser. Eu desisti desse processo e disse “vou deixar ele como é, porque ele é assim”. Pra mudar a transição eu fui fazendo tranças e também tem muito a influência das meninas, das mulheres africanas que conheci e fiz amizade. (Teresa de Benguela³⁸, 40 anos, **grifo nosso**).

A entrevistada e a pesquisadora, Joice Berth, que têm quase a mesma idade, pois, a primeira 40 anos e a segunda 44 anos, ou seja, as duas estão “na casa dos quarenta”, idades de quem vivenciou épocas desafiadoras no que diz respeito às opressões estéticas vividas pelas mulheres negras ou a falta de representação da população negra nos programas televisivos,

³⁶ Fonte da pesquisa: Terra. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/dino/com-3-maior-mercado-do-mundo-brasil-mantem-setor-de-estetica-aquecido,7057894f803145681eb48d2061281278sctp6dzo.html>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

³⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

³⁸ Idem.

dentre outros agravantes, poderiam ser apenas relatos de um passado distante que mudou com as novas tecnologias. No entanto, mesmo com a criação de novas formas de comunicação, a quebra dos padrões antigos de beleza ou mesmo a chegada das redes sociais na *Internet* que traz o discurso da diversidade não mudou a realidade dessas mulheres que continuam atravessando o mesmo caminho de não aceitação de seu corpo.

Como explica a ativista social estadunidense, bell hooks (2019), em seu livro “Olhares Negros: representação e raça”, quando fala que “Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (hooks, 2019, p. 33). Ela nos faz refletir sobre o papel da mídia que continua perpetuando, através de suas diversas linguagens, uma forma de representação que exclui a população negra. A ativista que mesmo em outro país se conecta com as entrevistadas através de pensamentos e palavras para descrever as dores que essas mulheres enfrentam, quando não é permitida a aceitação saudável de seus corpos. A ativista ainda ressalta a função da mídia de massa na “internalização do racismo” (hooks, 2019), quando diz que

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. (hooks, 2019, p. 33)

E mesmo que o tempo tenha trazido novos contornos sobre a imagem da população negra, ainda contamos com diversos depoimentos que marcam a violência sofrida através desses “olhares dominadores” que buscam silenciar ou mesmo apagar sua imagem, como explica o filósofo Mbembe (2018), ao relatar que “O Negro é uma sombra no centro de um comércio dos olhares. Este comércio tem uma dimensão tenebrosa, quase fúnebre, de tal maneira que exige, para o seu funcionamento, elisão e cegueira”. (MBEMBE, 2018, p. 192-193). Uma tentativa latente de eliminar os traços deste corpo negro e suprimir sua aparência de forma descartável, que mesmo na atualidade flutua na mente das entrevistadas, como assim explica Clementina de Jesus³⁹, 26 anos e ilustradora, quando fala de suas memórias de infância atravessadas pelo racismo e os constrangimentos por conta do cabelo:

³⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

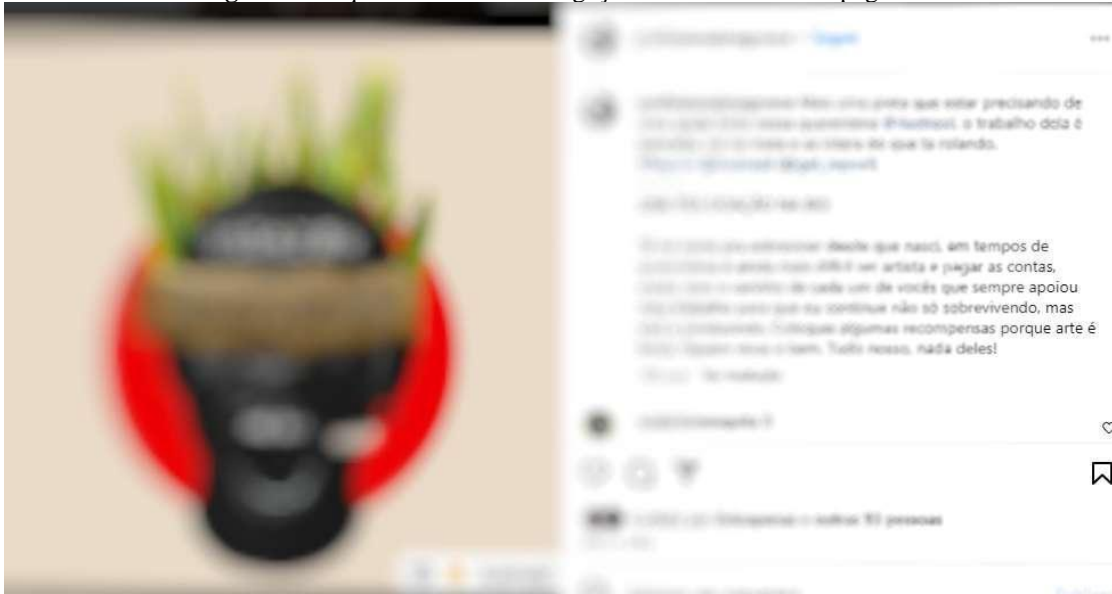
Tipo, eu lembro quando eu era pequena de tentar colocar um pregador no nariz pra ele ficar fino, se liga?! Eu me lembro dessas coisas. E eu comecei a alisar o cabelo com 12 anos, eu era muito nova, e eu alisei até quando tinha 19 anos. Isso foi há muito tempo. [...] Quando eu comecei a cortar o cabelo pra tirar a química, cortei todo de uma vez. Fiquei com o cabelo bem curtinho. E comecei a perceber várias coisas, de cabelo, de olhares, de lugares que eu não conseguia acessar e porque eu não conseguia acessar. (Clementina de Jesus⁴⁰, 26 anos)

A entrevistada percebe que sempre teve um trato diferente das outras pessoas, pois seria vista por outras pessoas como um ser diferente, ou seja, um não-humano e não-sujeito que tem relação com qualquer outra coisa, menos uma pessoa, como assim destaca, em outro momento da conversa, quando diz: “E eu me lembro de, muito pequena, perceber coisas em mim que eram diferentes. E eu acho que isso acontece muito cedo, eu acho que quando a gente nasce preta, a gente nasce preta, e é isso.” (Clementina de Jesus⁴¹, 26 anos). A entrevistada falou sobre esse episódio e também contou que conheceu uma das fundadoras da página e iniciou um diálogo sobre a importância da divulgação do trabalho de profissionais negros nas redes sociais e outras questões que fazem parte da vida delas. A ilustradora achou legal a iniciativa e, enquanto trocavam saberes sobre tantos temas, uma das criadoras solicitou suas ilustrações, fotos pessoais e informações adicionais para apresentar seu trabalho no perfil. A entrevistada foi repostada, durante o período da pandemia, pela página para relembrar o trabalho que desenvolve, mas, aparece mais de uma vez desde que o perfil foi criado. A repostagem ocorreu como uma dica importante para os tempos de pandemia, pois, algumas dessas mulheres falam e ressaltam, em seus *posts*, os desafios de sobreviver com seus serviços neste período de confinamento social em decorrência da Covid.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

Figura 5 – *Repost* da foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

Como bem disse a entrevistada Clementina de Jesus⁴², esse “diferente” ocasiona um traçado na caminhada dessas crianças negras, agora mulheres, que parecem sentir um engasgo em suas vozes, que sempre mudam quando falam de seus cabelos, bocas, narizes, corpos. E neste momento nos amparamos no pensamento de Hall (2014) para entender o importante papel que a política da diferença exerce, pois busca afirmar as diferenças como estratégias de representação na sociedade, mas que essa política não seja utilizada como instrumento para a exclusão das sujeitas. Lembremos das palavras do pesquisador, ao discorrer que “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2014, p. 36).

E assim respeitar as diferenças entre os indivíduos, para que não haja a sua unificação forçada com o intuito de criar um único povo ou o contrário, que é a utilização da diferença como meio para a exclusão desses sujeitos do espaço coletivo. Por isso, percebemos que esse engasgo que propaga a ideia de um “diferente” das demais pessoas ao seu redor tem uma relação direta com a estratégia de exclusão dessa mulher negra da vivência afetiva e social. Esse engasgo também faz parte da narrativa de outra interlocutora que sente esse peso e fala desse “não ser igual a todo mundo”, sentido desde a infância. Como também acontece com

⁴² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

Dandara de Palmares⁴³, 26 anos e florista, que estava sorridente e firme em quase toda a entrevista, relembra com seriedade e até com questionamentos para si e para a entrevistadora sobre esse tempo.

Desde a infância, acho que aconteceu ou eu sempre soube que não era igual a todo mundo. Mas como eu sou uma pessoa de pele mais clara, existia aquela moreninha. O “moreninha” vem pra renegar quem você é, sabe?! **(pergunta para a entrevistadora)** Acho que desde quando eu era muito pequena sabia que não era igual a todo mundo. (Dandara de Palmares⁴⁴, 26 anos)

A florista que é amiga de longa data de Elza Soares⁴⁵, uma das criadoras da página, conta que se conheceram há mais de 4 anos, através de um grupo no Facebook - espaços digitais que vão se atravessando, trazendo e transcendendo conexões para fins distintos - onde discutiam negritude, racismo, dentre outros temas relacionados à população negra. Uma relação que perdura até os dias de hoje e que ajudou na divulgação, mais de uma vez durante a quarentena, da empresa da florista com a tia. Ela diz que conversa muito com as criadoras sobre diversos temas, dentro e fora das redes ou do outro grupo de pessoas que fazem parte do projeto Afrofuture, criado por Elza Soares⁴⁶ que tem o objetivo de realizar ações voltadas para a população negra. Dandara de Palmares⁴⁷ fala com alegria da amizade e das atividades que elas realizam nas redes sociais, virtuais e presenciais.

⁴³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

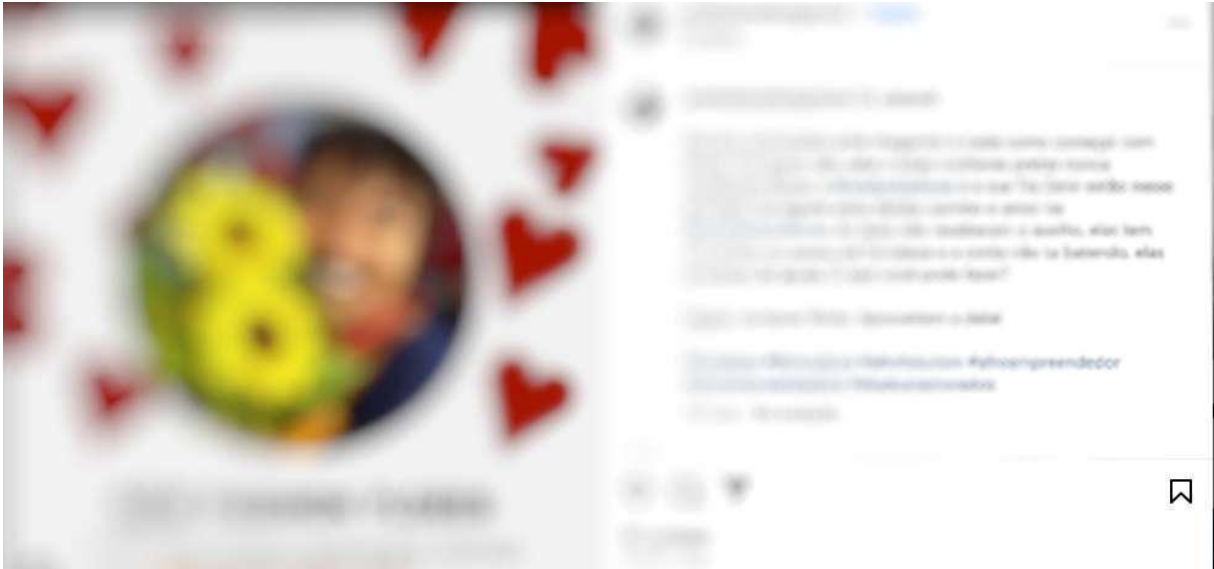
⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Nome fictício aplicado para a fundadora da página.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

Figura 6 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

Ela (re)lembra, com um engasgo, os tempos de infância e como depoimentos assim fizeram e farão parte de cada etapa de sua vida em proporções maiores ou menores à medida que vão vivendo em coletivo, pois, é neste espaço que as inquietações mais aparecem e se aprofundam. O espelho do mundo que reflete apenas as imagens que o colonizador deseja, naturalizando assim os medos e as dores que dilaceraram seus corações, suas mentes e seus corpos, precisa ser quebrado, feito em pedaços, para que novas imagens sejam refletidas na sociedade. Mas quais imagens? A pergunta ainda está em curso, é um pensar constante sobre novas práticas, um olhar permanente para além das mesmas imagens e um (re)criar incessante sobre os novos passos que precisam ser dados. E assim como os seus cabelos passam por uma transição capilar, tema que será aprofundado no próximo tópico, é necessário que passem por transição psicológica, afetiva e social para que ocorram mudanças reais para desestruturar os espaços de dominação do poder.

2.2.2 “E com a coroa vem o quê? O peso do reinado!⁴⁸”: da transição capilar para a transição de uma conscientização

Neste tópico, valemo-nos das reflexões de algumas entrevistadas, emaranhadas com os pensamentos de autoras e autores que compreendem o que passaram, pela tão conhecida

⁴⁸ Fala de Dandara de Palmares - nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

transição capilar⁴⁹, e, mais ainda, para pensar em uma outra transição que as acompanha, como o entrelaçar dos fios de seus cabelos: a transição de uma conscientização. E explicamos o motivo de não só classificar este tópico com a categoria da conscientização, mas tentar afirmar que essas mulheres atravessam, por meio da transição capilar, um espaço de libertação de alguns padrões impostos, alguns moldes que aprisionaram os fios de seus cabelos e de suas vidas durante um tempo considerável. Um tema muito falado pelo pedagogo da libertação, Paulo Freire, que explica a importância da conscientização para a transformação social. Mesmo não sendo o fundador desse termo, suas produções falam muito sobre o tema e ajudam bastante na compreensão e na relação do assunto com as práticas vivenciadas pelos diversos grupos oprimidos.

Ele diz, em seu livro intitulado “Conscientização” que a palavra foi criada aproximadamente em 1964, por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros e que ele introduziu, imediatamente, ao seu vocabulário, pois, percebeu “a profundidade de seu significado” (FREIRE, 2016). Freire explica que o homem tem a capacidade de pensar conscientemente sobre a sua realidade e elaborar uma visão de mundo, mas, quando esse homem cria uma posição crítica sobre o mundo ao seu redor, ele então compreende que a prática da práxis, a ação-reflexão tão difundida pelo pedagogo, está ligada diretamente à conscientização desse homem.

Quando ele enfatiza que “essa tomada de consciência ainda não é a conscientização – esta constitui o desenvolvimento crítico daquela” (FREIRE, 2016, p. 56). Utilizamos o termo “conscientização” como possível forma para explicar a travessia dessas mulheres que optam pela transição capilar. Ele ainda relata que “a conscientização implica que se passe da esfera espontânea de apreensão da realidade para uma esfera crítica, na qual a realidade se oferece como objeto cognoscível e na qual o homem assume um posicionamento epistemológico” (FREIRE, 2016, p. 56). O pedagogo da libertação parece que estava ao nosso lado ouvindo os depoimentos, os risos engasgados e olhares perdidos, que mudam quando falam da força que nasceu com a mudança de seus cabelos, pois, não é só de um cabelo que estamos falando, mas,

⁴⁹ A transição capilar é um processo químico que busca retornar aos cabelos naturais, fazendo a retirada dos produtos químicos através do corte de cabelo, muitas vezes bem curtinho ou mesmo careca, para auxiliar no seu crescimento. Fonte: cabelo bom é o meu em 08 de jun de 2018 Disponível em: <https://cabelo.com.br/o-que-e-transicao-capilar/#:~:text=Transi%C3%A7%C3%A3o%20capilar%20%C3%A9%20o%20processo,e%20esperar%20que%20cres%C3%A7a%20novamente> Acesso em: 16 de Nov de 2020.

para as interlocutoras, é uma mudança de pensamento, de atitude e, principalmente, da forma como elas se veem e como o mundo olha para as mesmas. E o pensador educador enfatiza que:

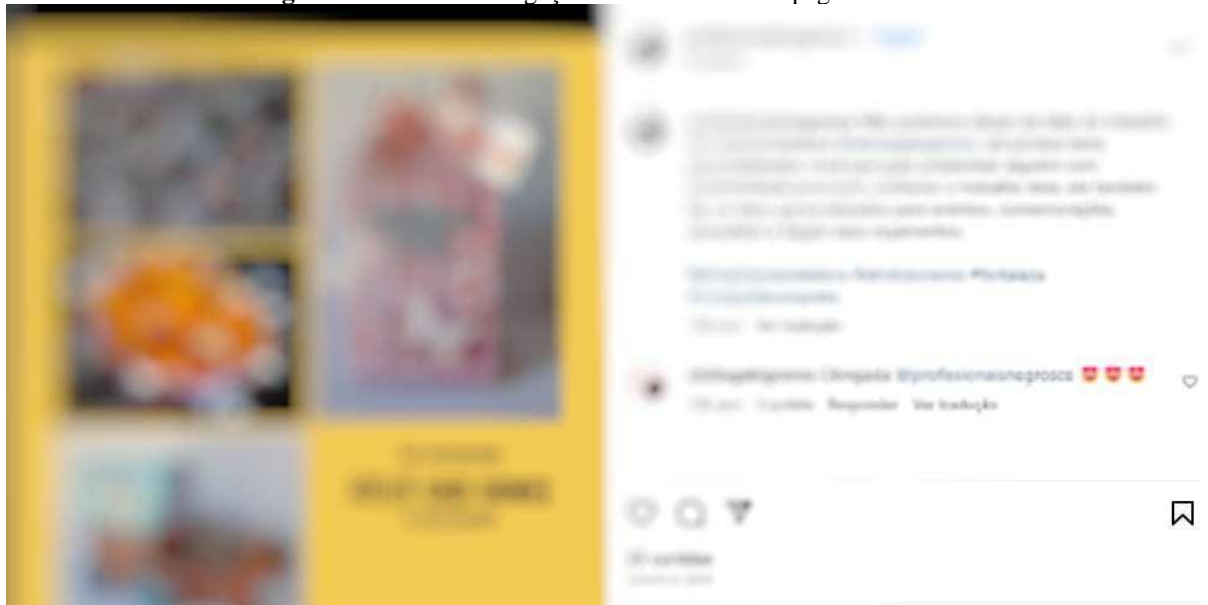
Assim, a conscientização é o teste da realidade. Quanto mais nos conscientizamos, mais “desvelamos” a realidade, e mais aprofundamos a essência fenomênica do objeto diante do qual nos encontramos, com o intuito de analisá-lo. Por essa razão, a conscientização não consiste num “estar diante da realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. Ela não pode existir fora da práxis, ou seja, fora do ato “ação-reflexão”. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo, e que é próprio dos homens. (FREIRE, 2016, p. 56)

Essa “transição de uma conscientização” as faz questionar sobre seus cabelos, sobre sua identidade e sobre a forma como são representadas na mídia e na sociedade. Quando perguntadas sobre o que é “ser mulher negra?” muitas trazem o cabelo e vêm, diversas vezes, como um artefato de dor, de medos sofridos e tristezas, como relembra a entrevistada Theodesina Rosário⁵⁰, 20 anos e empreendedora social, como era não se aceitar, enquanto mulher negra. A empreendedora social produz itens personalizados e conheceu a página através do compartilhamento de uma conhecida que repostou informações sobre o perfil. Theodesina Rosário⁵¹ gostou de pronto, curtiu e começou a acompanhar as postagens, depois mandou seus dados para as gerenciadoras que a divulgaram.

⁵⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 16 de setembro de 2020.

⁵¹ Idem.

Figura 7 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

Ela fala sobre o seu cabelo e como achava que ele era mais aceito pela sociedade por não ser “tão crespo”, mas percebeu que esse cabelo também fala sobre um olhar, sobre um trato e sobre a sua forma de ser representada no mundo.

A minha infância toda não me aceitando, porque o meu cabelo não é tão crespo, a minha pele não é tão retinta. Mas a partir do momento que eu me vi sendo seguida na loja, já na adolescência, foi quando caiu a ficha. Quando eu saí de casa, tinha colocado o meu cabelo mais alto e ver o povo na rua. O povo mudando de lado na rua, olhando e virando a cara e foi ali que eu percebi. Eu estava me tornando igual às pessoas que eu achava que não era e era, sabe. Antes eu achava preto tudo ladrão e vagabundo e isso é uma mentalidade muito idiota. E muita gente tem e não abre a cabeça pra mudar. (Theodesina Rosário⁵², 20 anos)

Esse processo tem feito parte da vida de muitas meninas e mulheres negras que passaram boa parte de suas vidas, utilizando de tratamentos para tentar “domar” seus cabelos, assim como se doma um animal selvagem para que fique manso, também é preciso domar a identidade dessas sujeitas, através de práticas como o alisamento capilar, com o intuito de serem aceitas pela estrutura de dominação do poder. Pois, o mito do alisamento chega para essas mulheres como uma ideia de cuidado fácil, mais prático para o dia a dia. Mas na verdade há uma estratégia que controla o cuidado de si, o autoconhecimento, o tempo destinado ao domínio do cabelo, para mascarar um mercado que olha para todas de forma uniforme, de forma única.

⁵² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 16 de setembro de 2020.

Figura 8 – Desenho explicando as etapas da transição capilar.



Fonte: lexplorateur (2015).

Essas sujeitas que ligam a TV, que folheia uma revista de moda ou mesmo que acessam as redes sociais são bombardeados com informações que buscam ditar um modelo único de beleza e bem estar na sociedade, a pessoa branca. Assim explica Berth, quando fala como os meios de comunicação ajudaram na “consolidação pacífica e cordial desse ideário de hierarquização social” (BERTH, 2019, p. 118-119). Isso causa uma aversão na população negra que, desde a infância, cria ressentimentos, raivas, dentre outros sentimentos de negação da sua identidade. Berth (2019) ainda fala da criação da televisão na década de 60 e sua disseminação nas casas de muitas famílias brasileiras com pessoas brancas de uma classe média. Ela diz que:

Nos programas, novelas, filmes, propagandas etc., a imagem da pessoa negra oscilava entre a escassez premeditada e aceita pela branquitude, que sempre quis se assemelhar a cidadãos do continente europeu, negando ao máximo suas raízes afro-ameríndias, e o vilipêndio descarado de nossas identidades, cimentando no imaginário de toda uma sociedade a forja de uma existência casual ou causal. [...] Os símbolos de beleza exaltados e os protagonistas de diversas histórias sempre foram brancos. (BERTH, 2019, p. 119)

O pensamento da pesquisadora caminha, lado a lado, com uma das entrevistadas que fala sobre essa negação desde sua infância e como foi dolorosa a sua caminhada, para tentar compreender que os mecanismos de dominação branca se beneficiaram, por muito tempo, com

a negação de sua identidade. A entrevistada Dandara de Palmares⁵³ fala que sempre soube que era mulher negra, mas não se afirmava e acrescenta: “Porque eu acho que quem é negro sabe que é negro a vida inteira, mas fica naquele sentimento de negação. Porque a negação vem do medo de sofrer e a gente sabe como é difícil” (Dandara de Palmares⁵⁴, 26 anos). Essa negação que vem traçando a história e as suas memórias de outras mulheres negras no mundo, e resolve partilhar com a pesquisadora sobre a sua transição capilar que se entrelaçou com a transição de sua conscientização.

Saber que eu sou, eu sempre soube (**ser mulher negra**), mas, de me afirmar de, tipo, hoje eu dizer sou uma mulher preta foi bem assim no meu início da transição, da transição capilar. Foi o que me ajudou a me afirmar como uma pessoa que eu me defino hoje. Isso foi há 5 anos atrás. Saber-me mulher negra, eu sempre soube, mas afirmar e ter orgulho foi na minha transição capilar. Quando eu assumir a coroa! Tanto que eu tava até batendo um papo com um amigo meu e tava falando sobre transição capilar. Muita gente passou pela transição capilar porque agora vê cachos perfeitos na TV e aí diz “eu vou assumir o natural e tal”, mas, pra gente que é mulher negra, existe outra dinâmica, existe outro lado da história que ninguém conta. Porque quando você assume o seu cabelo natural, com ele vem as nuances mais fortes do racismo, vem as nuances mais agressivas do racismo, vem os toques indesejáveis, vem as palavras de ofensa que nem todo mundo tá preparado. Você até tá preparado para assumir seu cabelo natural, mas, você tá preparada pra sofrer as nuances do racismo com mais intensidade? É muito sobre isso. (Dandara de Palmares⁵⁵, 26 anos)

O relato da florista traz tantos elementos sobre o significado desta transição que não sabemos se cabe apenas neste tópico, pois a mesma toca em pontos que são caros às mulheres negras, como a afirmação de sua identidade, a tarefa das mídias na aceitação ou não destes cabelos e sobre o “peso da coroa”, que ela tanto enfatiza no seu relato, quando se assume os cachos e se percebe as nuances do racismo que tenta oprimi-la. Ela nos faz entender que não é só de cabelo que estamos conversando, estamos falando de uma estrutura de poder de criar os padrões de beleza e que, até na hora que se consegue “furar a bolha”, elabora uma nova narrativa para manter as pessoas negras e, em especial, as mulheres negras enclausuradas em rótulos que as desumanizam. Estamos falando de um sistema de controle dos corpos negros que busca, a

⁵³Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

⁵⁴ Idem

⁵⁵ Ibidem.

todo custo, silenciar e até mesmo matar socialmente qualquer tentativa de afirmação da sua negritude.

No entanto, mesmo que tentem, essas mulheres (re)criam suas trajetórias como aconteceu com a entrevistada que diz “Eu já tava muito incomodada com a minha aparência. Tipo, você se olha no espelho e você não se encaixa naquilo” (Dandara de Palmares⁵⁶, 26 anos), e lembra como foi importante a conversa e a troca com outras pessoas negras para então fazer a opção pela transição capilar, quando finaliza: “E eu comecei a ter conversas com pessoas negras e tinha meus amigos e eu comecei a ver que não estava me encaixando naquela aparência de cabelo liso”. (Dandara de Palmares⁵⁷, 26 anos). Lembramos que não ter um cabelo alisado, ou de outro forma que não seja natural, não significa rejeitar a sua identidade, pois elas não deixam de ser mulheres negras. Falamos sobre a transição capilar porque percebemos, na nossa pesquisa, que é um tema recorrente entre as entrevistadas que disser ser um rompimento com “velhas normas” para a elaboração de um novo pensamento e afirmação de sua identidade.

2.2.3 “O meu cabelo não é ruim, ruim são os seus conceitos”: sobre um “empoderamento capilar” individual e coletivo

Neste último tópico sobre cabelo, tentamos discorrer sobre como a transição pode proporcionar um processo de empoderamento dessas mulheres, enquanto grupos historicamente oprimidos, e como conseguem empoderar-se através do cabelo e, com isso, elaborar estratégias de afirmação da sua identidade negra. Abrimos o tópico com um trecho do poema do professor carioca, Thiago Iury, chamado "Meu cabelo não é ruim - Poema crespo", para tentarmos entender quais conceitos são apresentados sobre o cabelo afro na sociedade e apresentar as ideias de alguns estudiosos sobre o tema, mas compreendendo que aqui o ponto central é explicar como esse empoderamento, que começa com o indivíduo, caminha para a constituição de um empoderamento coletivo e retorna como se produzisse uma circularidade de saberes e informações que ajudam neste momento tão desafiador para aquelas que optam pelos cabelos naturais, uma circularidade na produção de identidade que continua de um lado para o outro (indivíduo-coletivo-indivíduo).

Isso nos faz entender que o pensamento de Freire (2016) parece bem conectado com o da pesquisadora Joice Berth, pois a formulação do conceito de empoderamento tem inspiração

⁵⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020

⁵⁷ Idem.

na teoria da conscientização do indivíduo, que o pedagogo tanto discute em seus textos, falas e práticas. Para Freire (2016), a conscientização é um instrumento que pode ajudar na transformação social dos homens, utilizando do pensamento crítico desses grupos excluídos que podem então (re)pensar o mundo e, com isso, podem realizar mudanças reais. Sendo assim, Freire acredita que a conscientização se faz de forma social e coletiva, para que as desigualdades sejam combatidas e para que a libertação consciente do oprimido seja alcançada.

Ele elaborou um pensamento que ajudou muito nas reflexões dos movimentos sociais, inclusive nas reflexões do movimento feminista negro, mas que precisou ser (re)organizado por diferentes movimentos que compreenderam que o oprimido é marcado pela raça, gênero, orientação sexual, dentre outras categorias. Consideramos que o pensamento do pedagogo é o ponto de partida para desvendar quais obstáculos temos de enfrentar na formulação de ideias sobre conscientização, mas não é o ponto de chegada da caminhada de dor dessas mulheres negras. A palavra empoderamento aparece nas narrativas de algumas das entrevistadas, quando tocam no tema do cabelo, seja de forma direta, quando utilizam da palavra, ou de forma indireta quando utilizam de elementos que constituem o conceito para contar como foi a sua transição capilar.

O conceito é muito utilizado pelas mídias sociais. Atualmente, vemos lideranças sociais, youtubers, políticos, celebridades em páginas das redes sociais, falando sobre o tema em diversas áreas, empoderamento jovem, empoderamento negro, empoderamento feminino, dentre outros. Como exemplo, temos a página do *Instagram* “Profissionais Negros Ceará” que, mesmo sendo uma página que tem por objetivo central o apoio e divulgação de profissionais negros do Ceará, coloca textos e imagens que fazem referência ao tema do empoderamento negro.

No *post* abaixo (ver imagem 9), as administradoras colocaram a foto de uma mulher negra de cabelos crespos, com roupas de executiva e utilizaram uma música conhecida, onde, trocando algumas palavras, por meio de paródia, falavam de cabelo, estética negra e até relações interpessoais. Começa falando que todos desejam as características, serem amigos e até as relações pessoais da população negra, no entanto, não desejam passar episódios racistas, receber menores salários ou qualquer tipo de desigualdade que esta população enfrenta.

Figura 9 – Foto com mulher negra de cabelo crespo e texto ao lado falando das suas características na página.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

Uma questão que precisa ser pensada com cuidado, pois, realmente vemos pessoas que se solidarizam e até falam frases feitas do tipo “eu adoro a sua pele”, “queria ter esse cabelo” e tantas outras em rodas de conversa para tentar amenizar as desigualdades vivenciadas no mercado de trabalho, na educação, na saúde, dentre tantos outros direitos. Frases assim são ouvidas a todo instante, como poderemos perceber ao acompanhar um recente episódio onde Xuxa Meneghel⁵⁸, empresária, apresentadora de TV, e também conhecida como a rainha dos baixinhos, busca criar uma imagem de solidariedade à estética negra.

Xuxa participa de uma entrevista para o programa do “Superbonita⁵⁹”, programa da TV Brasileira exibido do canal GNT que discute o mundo feminino que é apresentado, nesta temporada, pela atriz Taís Araújo, uma mulher negra. A apresentadora Taís Araújo perguntou para a rainha dos baixinhos, se ela tivesse uma segunda chance, como a mesma gostaria de vir ao mundo se pudesse escolher. Xuxa responde: “Taís, eu gostaria de vir com a sua cor, seu

⁵⁸ Conhecida pelo título de “Rainha dos Baixinhos”, Maria da Graça Meneghel, a Xuxa, é desde a década de 1980 um dos maiores ícones da TV brasileira como apresentadora infantil, além de acumular experiências como cantora, atriz, modelo e empresária. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/xuxa-meneghel_p2417 Acesso em 08 de nov de 2021.

⁵⁹ Superbonita é um programa de televisão brasileiro produzido e exibido pelo GNT, emissora de canal a cabo, trazendo o formato de entrevistas com personalidades femininas. Disponível em: <https://gnt.globo.com/programas/superbonita/> Acesso em 08 de nov de 2021.

cabelo, sua pele”⁶⁰. A resposta de Xuxa foi logo rebatida por Taís Araújo que falou rapidamente: “Ser preta não é mole não. Depois te conto o que é vir preta nesse país e nesse mundo”⁶¹.

A apresentadora do programa Superbonita, Taís Araújo, responde de forma bastante coerente por compreender os problemas que as mulheres negras enfrentam na sociedade. A mesma já falou, em outros momentos, sobre a falta de mulheres negras no papel de protagonistas em novelas, no cinema ou mesmo como apresentadoras de programas de TV. Precisamos perceber os perigos de romantizar um tom de pele e cabelo para tentar abrandar o racismo nas relações. É necessário entender que frases como essas não ajudam no combate ao racismo, muito pelo contrário, criam outras formas de mascarar as opressões e violências que mulheres negras vivem diariamente. A postagem mostra como o racismo elabora estratégias para se perpetuar, elaborando um discurso que fortaleça, cada vez mais, as desigualdades. Percebemos que a página tem feito uso das imagens de mulheres negras para falar de assuntos que estão dentro do eixo de divulgação dos serviços da população negra. Postagens que trazem assuntos como o empoderamento, como vemos na figura 8.

Isso mostra como o termo empoderamento que já faz parte dos discursos de militantes e lideranças de diferentes grupos sociais, também tem sido incluído nas redes sociais. Mas o que é essa palavra? No dicionário Aurélio, a palavra aparece como um substantivo masculino e tem como explicação: *uma ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas*⁶². Assim, a palavra significa a tomada de poder por alguém. E o dicionário ainda inclui outra característica, por meio de gíria, ao termo dizendo que: *[Por Extensão] Gíria. Passar a ter domínio sobre a sua própria vida; ser capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito: empoderamento das mulheres*⁶³. Esse poder que poderia ser utilizado como um instrumento de autonomia dos grupos oprimidos. Mas sem esquecer que empoderar também pode significar desempoderar.

⁶⁰ Falas retiradas da matéria Xuxa negra? Entenda a nova polêmica envolvendo a rainha dos baixinhos. Disponível em: <https://ndmais.com.br/tv/xuxa-negra-entenda-a-nova-polemica-envolvendo-a-rainha-dos-baixinhos/> Acesso em 08 de nov de 2021.

⁶¹ Idem.

⁶² Significado da palavra Empoderamento. Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empoderamento/> Acesso em 17 de nov de 2020.

⁶³ Idem.

A conceituação nos mostra que a compreensão sobre o empoderamento passa pela relação de poder sobre si mesmo, um poder que foi historicamente retirado dos corpos negros e que culminou na elaboração de práticas e discursos negativos que ajudaram na opressão, no silenciamento e no ressentimento desta população. Esse poder que violentou por séculos diversos sujeitos e que, como bem analisa Michel Foucault (2005) em seus escritos, leva ao funcionamento das peças desta maquinaria social. Ele fala que “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 2005, p. 8). E ainda explica que: “Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. (FOUCAULT, 2005, p. 8).

Por assim dizer, é possível afirmar que a palavra empoderamento traz uma remodelação, quando se pensam as relações de poder que o filósofo expõe em suas falas. O termo nasce como uma ferramenta, para impulsionar as práticas dos grupos excluídos, que tem a tarefa de (re)construir novas pontes de saberes para ajudar na caminhada destas mulheres que, através do cabelo (re)encontraram-se consigo, ajudando na autoafirmação de sua identidade, o reconhecimento de sua negritude e autonomia de seu corpo. Como relata Berth (2019), ao dizer que o Empoderamento responde pela ressignificação do “dar poder”, fazendo com que indivíduos e grupos assumam sua história. Ela diz que:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e auto-conhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto à sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. (BERTH, 2019, p. 21).

As palavras da pensadora entram em sintonia com o pensamento de Djamila Ribeiro (2017), que escreveu o livro “O que é lugar de fala?”, quando ressalta a necessidade de repensar o lugar de fala das mulheres negras no feminismo. Mesmo não utilizando da palavra empoderamento no seu texto, a autora nos mostra uma reflexão consistente que tem relação direta com a tomada da autonomia dos grupos oprimidos. Ela lembra que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64). E ela ainda enfatiza que “quando falamos de direito à

existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2017, p. 64). Esse empoderamento que deve ser uma prática de dentro pra fora, pois vem do olhar para si, para olhar o mundo como assim explica a entrevistada Dandara de Palmares⁶⁴, que entre brincadeiras, risos e voz mais dura, fala dos sentimentos que a atravessaram quando cortou o cabelo bem curtinho para iniciar a transição capilar:

Mas quando eu saí de lá (**do salão**) e eu me vi foi um sentimento libertador. Eu me senti liberta! Eu acho que tava com o meu cabelo bem curto, bem Maria João mesmo. Foi uma das fases da minha vida que eu me senti mais feminina, me maquiava e botava um batomzão, brincão bem grande e tal. E nessa fase eu fui percebendo, me descobrindo e tendo mais informações. Porque uma das coisas que são negadas para as pessoas negras são informações. A gente é bombardeada, a toda hora, de informações que a branquitude quer que a gente saiba. A gente não sabe a partir dos nossos, a gente sabe a partir deles. Então, o que a gente sabe é que a partir deles, é o que eles querem que nós saibamos. E isso não é bacana! Eu fui procurar minhas fontes, fui procurar coisas reais e que me contemplavam no momento. (Dandara de Palmares⁶⁵, 26 anos, **grifo nosso**)

A entrevista passa por uma mudança estética que trouxe inquietações sobre o sistema de dominação que busca ditar padrões de beleza, ditar quais informações devem e podem chegar e ditar o silenciamento de sua voz. No entanto, essas atrizes sociais encontram forma de “assumir o poder” de sua própria voz e reconhecer sua identidade por meio da autoafirmação, como é mostrado no segundo relato.

Eu me afirmei, me autoafirmei negra, mulher negra, quando eu assumi mesmo minha coroa. Tirei a minha parte advinda da pressão social e estética que a branquitude nos obriga a ter cabelo liso, e eu assumi meu cabelo natural. Ele cresceu e hoje é um Black Power enorme. Pra mim é tudo, sabe?! (**risos**) Hoje me sinto muito mais bonita, muito mais linda, muito mais maravilhosa, empoderada e tudo por conta do meu cabelo. Porque é realmente como se eu estivesse assumido uma coroa. E com a coroa vem o quê? O peso do reinado! (**risos**) A gente sabe que o peso do reinado não é fácil, as nuances que a gente vive não é fácil, mas não voltaria nenhum segundo. Ao contrário, me arrependo de não ter feito antes. (Dandara de Palmares⁶⁶, 26 anos, **grifo nosso**)

⁶⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

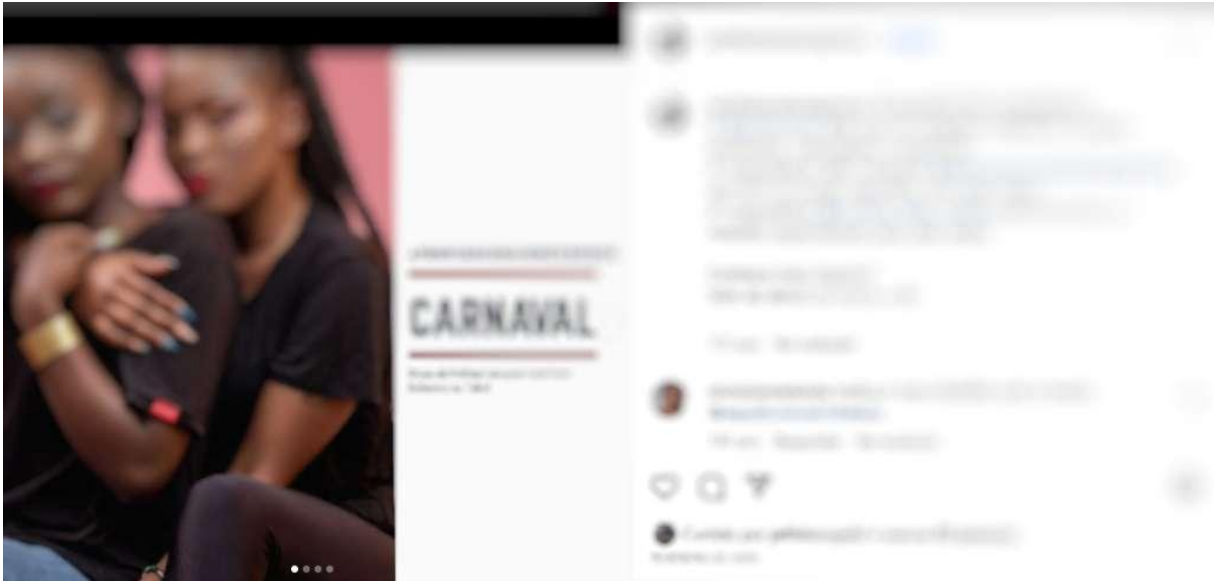
A narrativa parece até a proclamação de um discurso que aproxima a interlocutora com o significado de empoderar-se, tão falado por pesquisadores. Ela questiona os padrões impostos pela branquitude que tenta determinar um padrão hegemônico de beleza e estética e aprisiona psicologicamente e socialmente essas mulheres. A transição de seus cabelos é um grito de liberdade, um grito de resistência, um grito de autonomia da sua vida. Percebemos que essas mulheres não estão falando só de cabelos, elas estão falando de estratégias para “bater de frente” com o sistema opressor que utiliza de narrativas com a intenção de produzir um modelo único, uma história única.

Para bell hooks (2019) é preciso criar imagens que ajudem na decolonização do pensamento e não de imagens que sejam de negação, de desumanização ou de ódio pelas pessoas negras, e “apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos” (hooks, 2019, p. 39), e finaliza dizendo que “neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos” (hooks, 2019, p. 39). Esses olhares também fazem parte da fala da entrevistada Olívia de Santana⁶⁷, 24 anos e cabeleireira, quando conta os depoimentos das mulheres que aparecem em seu salão para iniciar a transição capilar. A cabeleireira é especialista em tranças e trabalha na área há 17 anos e conheceu a página quando participava de uma Feira de empreendedorismo negro, da Rede Kilofé de Economia Negros e Negras do Ceará⁶⁸. Ela diz que as criadoras estavam no evento e pediram informações sobre o trabalho que desenvolvem para divulgá-lo. A postagem saiu em fevereiro de 2020, no período do Carnaval, e em parceria com outras pessoas que trabalham com cabelo e maquiagem.

⁶⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de novembro de 2020.

⁶⁸ Rede Kilofé de Economia Negros e Negras do Ceará que tem o intuito de desenvolver os empreendimentos que contribuam para transformar a realidade da população negra, promovendo um mercado de produtos étnicos produzidos e/ou desenvolvidos por afrodescentes para a valorização e a cultura e economia do negro. Fonte: página do Facebook da Rede. Disponível em: https://pt-br.facebook.com/pg/redekilofe/about/?ref=page_internal Acesso em 18 de dez 2020.

Figura 10 – Foto de divulgação da entrevistada na página utilizando a uma imagem de mulheres negras da Internet.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

Entre um sorriso discreto e a voz mansa, Olívia de Santana⁶⁹ nos compartilha o dia-dia do salão, e alguns relatos de mulheres que trazem na fala a raiva, o ressentimento e a dor que viveram por conta de seus cabelos, ou mesmo os olhares tímidos de outras que ainda estão caminhando, para mudar o cabelo com tranças que disfarçam o alisamento.

O que me alegra é saber que eu cheguei até aqui. Já me libertei de muitas coisas desagradáveis, de me aceitar e tá passando hoje para outras pessoas, entendeu?! Tem uma cliente aqui que fica reclamando “ah, eu não vou botar esse cabelo, porque eu uma ‘nega’ de cabelo loiro?” E eu digo, não, tem disso não. A gente pode tudo. Eu acabo sendo uma professora, assim?! (**riso descontraído**). Falando dos tempos que eu já vivi. Eu só gosto de colocar cabelos loiros mesmo. Deixa o pessoal falar, eu não me importo mesmo. Então eu falo, a gente pode botar a cor que a gente quiser. [...] Infelizmente, não são todas as pessoas que chegam aqui no salão empoderadas, sabe?! Aí, a gente tem um conjunto (**de pessoas**) entre nós, que já vivenciou tantos assuntos no salão e acaba passando pra elas. Porque elas dizem “Ah, meu cabelo duro”. Não, seu cabelo não é duro! “Meu cabelo é ruim”. Não, seu cabelo não é ruim! Então a gente vai aprendendo também. Cada dia que passa é uma história nova e diferente aqui no salão e isso é muito aprendizado. (Olívia Santana⁷⁰, 24 anos, **grifo nosso**)

A cabeleireira, que aparece mais de uma vez na página do *Instagram* da “Profissionais Negros do Ceará”, explica como é desafiadora essa transição capilar, mas que

⁶⁹Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de novembro de 2020.

⁷⁰ Idem.

elas não precisam vivenciar essa etapa sozinhas. É possível construir um espaço de troca de vivências, de partilha de histórias e enlaçamento de vidas neste emaranhado de cabelos e trajetórias.

Temos muitas transições capilares, muitas mesmo (**risos**). E me deixa feliz mesmo. (**Elas**) clientes que estão vindo, clientes que estão se aceitando. [...] E isso é muito bom. A maioria das clientes vem triste e a gente tem o prazer de elevar a autoestima delas. Até porque cada uma tem uma educação familiar, então umas vêm mais empoderadas, outras realmente vêm tristes. Falando “Nossa, mulher! Lá na minha própria família o pessoal ri do meu cabelo, o pessoal diz que é pra mim alisar e tudo mais”. E eu acho que só delas terem coragem de tá aqui e não tá alisando e sim colocando trança, passando pela transição é uma coisa boa. (Olívia Santana⁷¹, 26 anos, **grifo nosso**)

A alegria da interlocutora de poder ajudar essas mulheres era percebida na voz, na linguagem corporal e no olhar brilhante do ato de depoimento. Ela fala de um empoderamento, a partir da prática cotidiana, onde o salão tem uma atmosfera de celebração e aconchego para a chegada de cada menina e mulher que busca se (re)encontrar com a sua imagem, se ver refletida no espelho como quem realmente é. Sem deixarmos de pensar que mesmo sendo uma ruptura de padrões estéticos, passa a ser também apropriado pelo capitalismo de algum modo.

Esses pontos nos mostram como o empoderamento proporciona uma caminhada que vai do individual para o coletivo, de dentro para fora, colaborando para a autoafirmação e a construção de uma cadeia que interliga essas mulheres e desestabiliza as estruturas de repressão de seus corpos, pois, se Olívia Santana⁷² utiliza do salão para ser um espaço amplo de debate para a libertação das clientes, a entrevistada Teresa de Benguela⁷³, 40 anos e empreendedora social utiliza o espaço familiar como local de conversa e prática de resistência, quando diz que “tem dias que a gente sente vontade de fraquejar, mas ao mesmo tempo você começa a pensar que você não é só. Que tem alguém que vai precisar se espelhar em você, e você é um exemplo”, e relembra da fala de sua afilhada “A minha afilhada que é criança diz: ‘eu quero o meu cabelo igual ao da minha madrinha’. Então, a gente tem essa responsabilidade de ser um exemplo todo o tempo. Não fraquejar”. (Teresa de Benguela⁷⁴, 40 anos).

⁷¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de novembro de 2020.

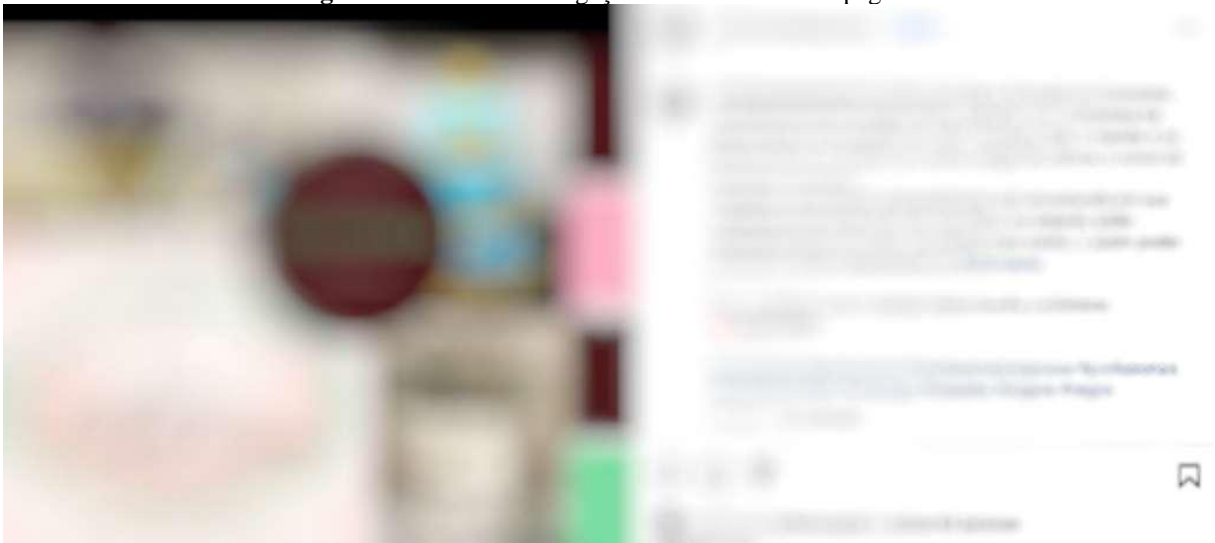
⁷² Idem.

⁷³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

⁷⁴ Ibidem.

Que esses passos são dados na infância, juventude ou mesmo na vida adulta, mas sempre precisam se (re)conectar com a sua origem, para combater o “olhar do colonizador” que tenta estabelecer um padrão normativo na sociedade, como mostra a outra entrevistada Preta Ferreira⁷⁵, 48 anos e confeitadeira, que também fala sobre a vivência com o seu cabelo e como percebia, no período da juventude, o debate sobre o alisamento do cabelo. Preta Ferreira⁷⁶ é formada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará e faz bolos personalizados para sustentar a família, teve contato com a página quando estava no movimento de luta pela moradia, militância que ressalta durante toda a entrevista. Ela e sua família foram removidas da Comunidade Trilha do Senhor. Teve participação ativa e, com isso, visibilidade e contato com outros espaços como o Escritório Frei Tito de Alencar⁷⁷, onde o advogado da época apresentou a página e disse que seria legal ela divulgar seus serviços por lá, pois era um espaço para promover o trabalho de mulheres negras. Ela entrou e gostou das postagens, então resolveu enviar suas informações e cadastrar-se na ficha de inscrições e foi à primeira postagem deste ano, 2020, no perfil.

Figura 11 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: perfil do Instagram da Profissionais Negros do Ceará.

⁷⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ O Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar (EFTA) é um órgão permanente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, tem como objetivo prestar assessoria jurídica popular, judicial e extrajudicial, às comunidades vulnerabilizadas, aos grupos, coletivos, movimentos e indivíduos em casos emblemáticos de violações de direitos humanos. Fonte: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Disponível em <https://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/frei-tito> Acesso em 18 de dez de 2020.

Vale lembrar que a entrevistada é de um período que não se tinham os tipos de redes sociais com páginas e mais páginas, e canais de youtube de valorização do cabelo afro, e contava com poucos, ou quase nenhum, produtos específicos.

A gente, às vezes, (**risos**) na adolescência quer seguir os padrões da moda e tudo. De alisar o cabelo, mas, depois a gente vai acordando, vai percebendo que a gente tem que se valorizar. Porque desde pequena eu ouvia que meu cabelo era crespo, era muito alto e tinha que alisar, porque tava muito armado, e isso, e aquilo. Ou então que tinha de ser sempre curtinho pra não chamar muita atenção ou então alisado, mas a gente vai percebendo que, por exemplo, que a beleza de ser negro é se aceitar como é, e se achar bonito como é. E acho que desde a juventude eu comecei a perceber isso e a importância de ser negro é uma luta diária. (Preta Ferreira⁷⁸, 48 anos, **grifo nosso**)

Por isso, se olharmos para cada etapa da transição capilar das interlocutoras, percebemos a existência de três estágios percorridos, sendo eles a negação como primeiro elemento que as entrevistadas enfrentam, e, por isso, a escolha pelo procedimento capilar; o segundo, a conscientização, quando elas compreendem que é preciso (re)pensar, de forma crítica, como se olham e como os outros as olham; e, por fim, o empoderamento que nasce de dentro para fora e as ajuda a se conectarem em uma grande rede de afetos capaz de mudar seus cabelos, sua fala, seu comportamento e sua imagem diante do espelho do mundo.

2.3 Diálogos interseccionais na caminhada das mulheres negras

nem todo mundo vai compreender
 isso tudo que você é
 o que não significa
 que você deva se esconder
 ou se calar

o mundo tem medo
 de mulheres extraordinárias

Poema de Ryane Leão do livro Tudo nela brilha e queima, ed. Planeta, 2018, p. 10.

2.3.1 Essa ‘ruma de coisa’: uma análise interseccional das opressões que cruzam a vida das mulheres negras

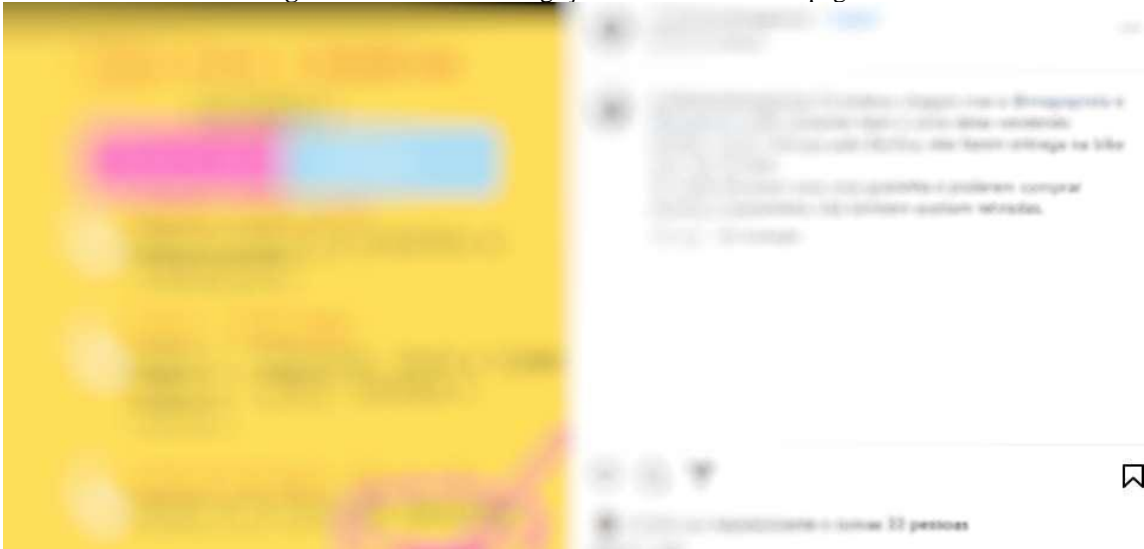
⁷⁸ Entrevista concedida à autora em 10 de setembro de 2020.

Precisamos conversar e, diria mais, precisamos olhar o que é essa ‘ruma de coisa’ das quais as entrevistadas, que foram divulgadas na página Profissionais Negros do Ceará, relatam em suas falas. Não vamos tentar afirmar que existe um modo ou ordem correta de afirmação de suas identidades ou mesmo dizer que a forma como elas pensam a hierarquização de suas identidades está correta ou não. Aqui tentaremos, com cuidado e respeito por cada palavra, cada respiro e cada engasgo partilhado, apresentar algumas indagações sobre os atravessamentos que fazem parte da caminhada das mulheres negras que são apresentadas na página.

Buscaremos cruzar seus pensamentos, enquanto sujeitos sociais, com diferentes marcadores que compõem sua trajetória que as unem e separam na sociedade. Identidades que proporcionaram fazer parte do grupo de pessoas que são divulgadas na página, pois, mesmo que a página tenha um objetivo central, apresentado no texto geral da página, que é o apoio e divulgação de profissionais negro do Ceará. Ainda é preciso entender o que essas interlocutoras têm em comum que as integra na luta como ‘irmãs’, palavra que aparece com alguma frequência em seus depoimentos durante a entrevista. Por isso, abrimos o terceiro e último tópico do primeiro capítulo desta pesquisa com o poema de Ryane Leão, sem título, e de uma potência sem igual, para falar sobre isso tudo que é cada mulher negra que participou desta nossa caminhada. Mulheres extraordinárias, como diz o poema e que são uma ‘ruma de coisa’ que é ser mulher negra no mundo, como fala entre o riso e um engasgo, a entrevista Preta Tia Simoa⁷⁹, 31 anos e cabeleireira.

⁷⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 5 de novembro de 2020.

Figura 12 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: perfil do *Instagram* da “Profissionais Negros do Ceará”.

A entrevistada aparece mais de uma vez na página, só em 2020, e tem uma relação muito próxima de idealizadora do perfil. No período que foi divulgada era *bartender*⁸⁰ no negócio que administrava, mas, deixou o Bar por causa do serviço estava gerando risco e adoecimentos, e a chegada da pandemia fortaleceu o fechamento. Depois passou para a venda de quentinhas e lanches, em conjunto com o Bar, no entanto, não conseguiu permanecer no ramo e decidiu fazer um curso de cabeleireira e hoje trabalha cortando cabelo no salão que montou. Na época, a cabeleireira havia sido indicada para uma das fundadoras da página “Profissionais Negros do Ceará”, por uma pessoa que também foi divulgada na página. Preta Tia Simoa⁸¹ fala com muito respeito de sua religião, o candomblé, e quando perguntada sobre as questões de gênero e orientação sexual, ela se afirma lésbica, mas, enfatiza que não gosta muito dessas ‘caixinhas’. E ainda conta como algumas pessoas chegam, constantemente, com seus olhares curiosos e suas impressões sempre tentando definir tudo com um “Ah, tu é mulher?”, “Tu é não binária?”, “Tu acha que tá em transição?”. Questionamentos que acabam chegando, ela querendo ou não, em seus ouvidos e buscando uma resposta, quase uma sentença sobre quem é, qual a orientação e a identidade de gênero. O que nós também fizemos, pois, caminhamos com essa padronização nas estruturas de nossos questionários, nas perguntas

⁸⁰ Significado: pessoa que trabalha como garçom de bar ou prepara bebidas. Fonte: site Bartender. Disponível em <https://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/bartender>. Acesso em 04 de dez 2020.

⁸¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 5 de novembro de 2020.

indiretas sobre como se definem ou mesmo nas suposições tão comuns que fazemos no espaço acadêmico.

Ela então ressalta que “[...] como te falei, todo mundo quer te botar dentro de uma caixinha e não importa qual seja. Ela quer jogar dentro de uma caixa, ela quer te rotular de alguma forma” (Preta Tia Simoa⁸², 31 anos). Uma resposta que foi falada, mais de uma vez, durante a pesquisa para contar dos desafios que sente ao rememorar o entrelaçamento existente em sua vida ao se identificar como mulher negra e lésbica. Assim, abrimos este ponto com a fala desta sujeita social para trazer reflexões sobre a interseccionalidade que permeia suas histórias, analisando como essas diferenças compõem o bojo de sua identidade. Para iniciarmos, é preciso contextualizar a significação deste termo que não é novo, mas, encontra-se em voga na sociedade e tem feito parte do tema de diversas pesquisas acadêmicas, debates nos espaços dos movimentos sociais e, também é pauta nas redes sociais que tanto estudamos, onde encontramos setores favoráveis e críticos ao conceito.

O termo, que faz parte do cotidiano de diversas pesquisas científicas e de reflexões de pensadoras e ativistas negras, foi criado pela professora Kimberlé Williams Crenshaw há 25 anos e tinha o intuito de descrever sobre as opressões que cruzam a vida das mulheres afro-americanas. Ela explica que o conceito nasce com a importante tarefa de compreender a funcionalidade dos sistemas discriminatórios que se fazem presente nas relações de poder e provocam desigualdades e as piores condições de vida para os grupos historicamente oprimidos, e, especialmente, para as mulheres negras que sentem o peso dessas ideologias excludentes que perpetuam dentro desta mecânica violenta como o racismo, machismo, patriarcado, sexismo, homofobia, dentre outros.

Kimberlé Crenshaw (2002) diz que não é possível garantir a proteção ou mesmo a ampliação dos direitos humanos quando se pensa apenas no gênero nesta sociedade, pois, existe uma “gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres” (CRENSHAW, 2002, p. 174). A reflexão da pesquisadora estadunidense chega como uma canção aos nossos ouvidos, e como força nos pés para percorrer nesta caminhada onde temos realizado entrevistas, observado as postagens e falas na página. Algumas das entrevistadas colocam em questão exatamente esse ponto. Não podem se definir apenas como mulheres, pois existe uma complexidade quando se coloca em questão outras caracterizações que trazem à tona as violações vividas no dia-a-dia

⁸²Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 5 de novembro de 2020.

de cada interlocutora que têm formas diferentes de ver e sentir e, com isso, detalham cada episódio trazendo sentimentos diferentes. Para Crenshaw esse conceito é metafórico, ou seja, é uma representação simbólica que compõe os marcadores identitários de raça, classe, gênero, orientação sexual, nação, dentre outros, destas mulheres negras que estão inclusas nas relações de poder vigentes na sociedade que, por sua parte, exerce esse poder para manter a exploração dessas sujeitas sociais. A afro-americana diz que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Reflexão que se alinha com a fala da entrevistada Preta Tia Simoa⁸³, que mesmo sem ter lido sobre o conceito ou sobre o pensamento da pesquisadora fala de um lugar seu, um lugar que teve tantos cruzamentos de opressão que a moveram para um lado e para outra de sua vida, sem saber, algumas vezes, o motivo ou o porquê dos eventos preconceituosos, o porquê de não ser chamada para a festa de aniversário das colegas e dos colegas de infância, o porquê de não ser apresentada para os pais da companheira, entre outras razões que mexem com ela, deixam sua voz embargada, durante o depoimento, os olhos lacrimejados e uma pausa enquanto fala de episódios revestidos de dor e raiva quando pergunto sobre o como é se perceber mulher negra no decorrer da vida.

Eu acho que foi nessa mesma época que eu comecei a questionar o porquê eu não estava dentro dos espaços. Porque eu não era convidada para os eventos e foi quando caiu a ficha. Não é porque eu sou lésbica, não é porque eu sou pobre, não é porque eu sou esquisita, é porque eu sou negra! (Preta Tia Simoa⁸⁴, 31 anos)

⁸³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 5 de novembro de 2020.

⁸⁴ Idem.

Poderíamos dizer que a entrevistada teve essa percepção que a estudiosa Kimberlé Crenshaw (2002) apresenta na conceituação sobre interseccionalidade. Cada marcador identitário se entrelaça e não está apartado como mostra a fala de Preta Tia Simoa⁸⁵, que recorda o momento com um pouco de tristeza na fala, pois, a questão da orientação sexual é um marcador que atravessa constantemente a sua vida e a de outras mulheres como na vida da entrevistada Lúcia Xavier⁸⁶, 25 anos e psicóloga, que é lésbica. Esta última conheceu a página através da indicação de uma pessoa que estava fazendo o mesmo curso na UFC sobre Fascismo e Saúde Mental.

Figura 13 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: Perfil da página Profissionais Negro do Ceará no Instagram.

A psicóloga entrou no perfil e gostou muito do trabalho desenvolvido, então mandou seus dados e foi publicada durante a pandemia, para atendimento presencial e online. Além de pesquisar sobre Saúde Mental da População Negra com o foco nas implicações do racismo na saúde mental desses indivíduos, Lúcia Xavier⁸⁷ fala sobre sua identificação com o tema da sexualidade e dos problemas que enfrentou quando decidiu contar para a família qual a sua orientação sexual. “A minha identificação, enquanto mulher lésbica, veio muito antes da questão racial. Adolescente eu já me identificava enquanto mulher lésbica.” (Lúcia Xavier⁸⁸,

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ibidem.

25 anos). Ela ainda ressalta os desafios que foi compreender-se lésbica e ainda perceber-se negra neste percurso identitário.

Eu venho de uma família dita tradicional com pai, mãe e avós. E com essas definições bem amarradinhas do que é dito normal, então foi bem complicado. Até mesmo dentro do que eu considero meu ciclo familiar, que era na época, meu pai e minha mãe. Meu pai não aceitou e minha mãe foi na onda dele de não aceitar, e eu acredito que até hoje ela ainda esteja neste processo de aceitação, mas aí é um processo dela. Eu fiquei pensando sobre isso, que pra mim foi mais fácil, eu não sei se pode ser dito assim, mas, foi mais acessível me entender enquanto mulher lésbica, do que mulher negra. Porque dentro do meu ciclo de amizade também tinham outras pessoas bissexuais, gays, lésbicas. Então, dividir a experiência era mais fácil enquanto homossexual. Mas eu não tinha com quem dividir experiências enquanto pessoa negra. Não tinha esse acesso de “olha, essa vivência também é minha”. (Lúcia Xavier⁸⁹ 25 anos)

A fala da entrevistada cola-se ao pensamento de Butler (2019) em seus escritos “Corpos que Importam: os limites discursivos do ‘sexo’”, onde nos conta sobre o “imperativo heterossexual” comum nas estruturas sociais. Para a filósofa existe “Sobretudo para aquelas conjunturas em que a heterossexualidade compulsória trabalha a serviço das formas hegemônicas de manutenção de pureza racial, a “ameaça” da homossexualidade assume uma complexidade distinta” (BUTLER, 2019, p. 160). A homossexualidade cria uma fissura na estrutura normativa de poder heteronormativo expondo sua instabilidade e hegemonia, que tentam por meio de violência, rejeitar qualquer outro modelo que não seja o vigente e pré-estabelecido pela sociedade patriarcal.

Além disso, não devemos esquecer que esses cruzamentos precisam ser entendidos sem hierarquizações como bem definido pela assistente social e militante do movimento negro brasileiro, Carla Akotirene, que produziu um material tão necessário sobre o termo interseccionalidade, e coloca em ênfase sua percepção sobre a importância de descolonizar as teorias hegemônicas. Ela diz que “A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal”. (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

Ainda faz uma conexão desse conhecimento epistemológico com o outro Atlântico, a grande Mãe-África, com o feminismo e o feminismo negro em seus diversos saberes dizendo que “o pensamento feminista se deu mediante a construção a ferro e águas atlânticas, e a

⁸⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral” (AKOTIRENE, 2019, p. 25). Sempre explicando que “o pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho” (AKOTIRENE, 2019, p. 26) e, por isso, mulheres negras sentiram com muito mais peso essas opressões no seu cotidiano sem, muitas vezes, compreender o motivo de tais violências e discriminações.

Um detalhe percebido durante as entrevistas que realizamos quando tocamos no ponto sobre sua identidade, enquanto mulher negra, muitas dessas mulheres traziam à tona que demoravam a se afirmar, pois, achavam que a causa de diversas explorações tinha apenas o motivador de classe, ou apenas o motivador da orientação sexual ou mesmo apenas o motivador do seu gênero. Sem levar em consideração que são motivadores comuns que estão alinhados para o aprofundamento das desigualdades de acesso. Isso nos faz lembrar a reflexão da cientista política Flávia Biroli (2018), que produz diversos artigos e livros sobre as relações de gênero, no entanto, enfatiza os perigos de não entendermos que o gênero está ligado às demais identidades causando problemas e experiências na vida destas mulheres. Flávia fala de um espaço muito caro para esses sujeitos sociais, a questão política, diz que

A dualidade entre o público e o privado constitui papéis, produz o gênero. Mas não o faz da mesma forma para todas as mulheres. Assim, ao mesmo tempo que estou atenta à reprodução das hierarquias de *gênero*, analiso-a nas *convergências* entre gênero, raça, classe e sexualidade (BIROLI, 2018, p. 11)

A partir da fala de Biroli (2018), podemos afirmar que as questões de gênero, raça, classe, orientação sexual, nação, dentre outras, estão (co)relacionadas na caminhada das entrevistadas e compõem os espaços de participação social, posto de trabalho, formação educacional, dentre outros locais que fazem parte e as constituem e/ou as limitam na sociedade. Colocando em evidência essa visão interseccional podemos ajudar no preenchimento das lacunas deixadas na história desses sujeitos sociais, lacunas que trouxeram invisibilidade e experiências dolorosas, e, assim, retirar o véu de seus olhos que tenta desqualificar as potencialidades sobre esses cruzamentos para a construção de um bem viver para as mulheres negras.

2.3.2 O traçado da interseccionalidade nos processos identitários

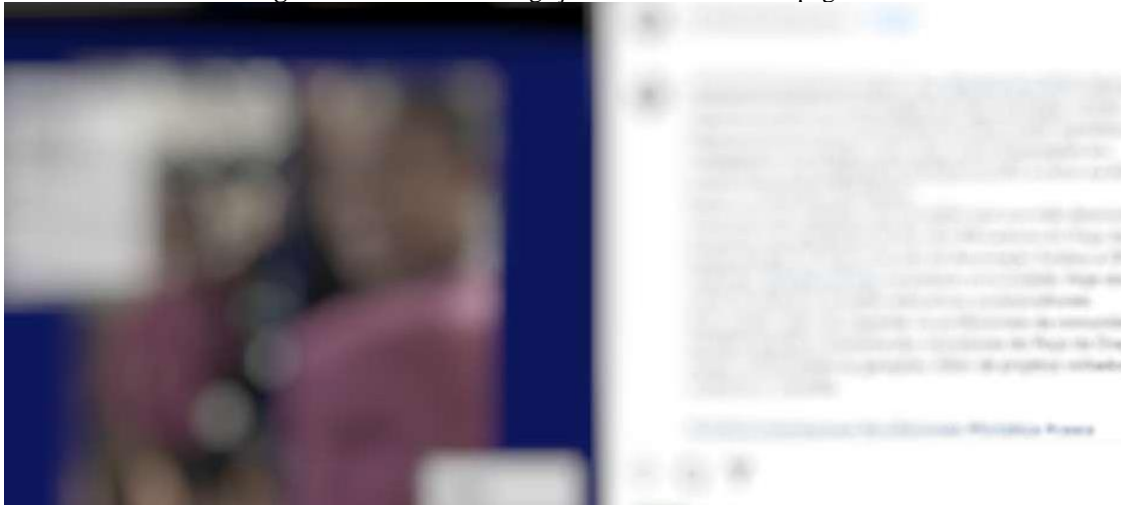
Ao escutar cada entrevista, no processo de produção e transcrição, fui percebendo que as vivências e experiências das interlocutoras levavam para alguns pontos em comum entre elas. As identificações foram pontos relevantes nas falas, e como elas se percebiam, de forma

individual e coletiva, como mulheres negras na sociedade. Cada uma, ao seu modo, foi relatando suas experimentações sobre como é viver tendo as questões de gênero e raça entrelaçadas no seu cotidiano e compondo a sua trajetória. No entanto, outros marcadores também foram falados com certa intensidade, como a questão da classe e da orientação sexual, que em alguns momentos vinham com mais sonoridade ou intercalados com o gênero e a raça.

Em função da faixa etária da maioria foi apresentado de forma superficial, apenas quando se fala a idade, mas, não aprofundamos como uma pauta relevante para ser discutida como um marcador que precisa ser discutido como tema de grande relevância. E, ocasionalmente, aparecem marcadores como a questão do peso e, excepcionalmente, a questão da deficiência, que para nós foi algo inesperado, pois, percebemos que mesmo escrevendo ou debatendo sobre a diversidade identitárias, acabamos por não olhar com cuidado e respeito para algumas pautas que não fazem parte do nosso cotidiano. Só percebemos quando nos chega, como foi o caso da entrevistada Cidinha da Silva⁹⁰, 55 anos e articuladora comunitária, que tem uma deficiência física desde a infância. Ela conta que certo dia estava mexendo no celular para tentar aprender sobre essas novas tecnologias e encontrou o perfil “Profissionais Negros do Ceará”, começou a seguir o perfil e mandou seus dados para divulgarem seus serviços.

⁹⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

Figura 14 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: Perfil da página Profissionais Negro do Ceará no Instagram.

A entrevistada fala dos desafios de sua deficiência ao relatar que teve poliomielite aos 3 anos e, de lá pra cá, sente as consequências de ser mulher negra e pessoa com deficiência em uma sociedade que limita seus acessos básicos diariamente.

Além de eu ser mulher negra, eu tenho uma deficiência. Eu tive poliomielite com 3 anos de idade. E aí você já vê como as coisas ainda...é pior do que se imagina. Porque a cidade não foi preparada pra quem não tem acessibilidade. Precisa dessa sensibilidade. Eu tenho dificuldade de caminhar, mas isso não me impede de reivindicar pelos meus direitos constitucionais e fundamentais. É o direito à saúde, direito à vida, direito à educação e cada dia eu busco isso. E ser negra num país onde a sociedade já te pune por você ser esse diminutivo mesmo, porque eles colocam “você é negro”. A própria criação mesmo já nos faz pra que a gente seja esse “diminutivo”. “Ah, você é negra, você é mulher, você é deficiente, você só pode até aí”. E eu costumo dizer que não, o meu direito é o mesmo seu. (Cidinha da Silva⁹¹, 55 anos)

Acreditamos que as suas relações e suas diferentes identificações impulsionou em nós um “pensar” sobre si e sobre essa encruzilhada da interseccionalidade em nossas vidas. Dizemos isso, porque ao acolher cada palavra compartilhada, cada sentimento (re)vivido através dos relatos de um passado, não tão distante, e cada sensação sentida durante a entrevista, nos causou inquietações sobre esse “pensar interseccional” e os efeitos que ele promove na formação social, cultural, afetiva e psíquica destas mulheres. Então, identificar como esses cruzamentos tomam conta de suas jornadas é necessário, pois, assim entenderemos de fato o processo de opressão vivido por esses atores sociais, como diz a pesquisadora e filósofa Djamila

⁹¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

Ribeiro (2017) quando toca no importante papel que as mulheres negras precisam desempenhar para colocar em destaque suas pautas e reivindicando o pertencimento sobre si, sobre suas vozes e sobre suas vidas. Ribeiro (2017) ressalta que:

Tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para que fuçamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, 2017, p. 42-43)

O diálogo interseccional mostra uma forma de posicionamento das mulheres negras no mundo e uma estratégia de “bater de frente” com as opressões experimentadas em sociedade. Sendo assim, a interseccionalidade tem o papel de elaborar uma nova linguagem que coloca as mulheres negras como interlocutoras principais e não apenas sujeitos vistos, falados e estudados sempre na terceira pessoa pelo mecanismo de poder e exploração. Esse conceito parece ajudar na afirmação e no empoderamento sobre “quem se é”, como fala a entrevistada Clementina de Jesus⁹², 26 anos e ilustradora, que afirma-se enquanto mulher negra, pobre, gorda, bissexual, além da questão de ser artista, e como esses atravessamentos fazem parte de sua vida.

Ela fala durante a entrevista que todas essas questões estão acontecendo, ao mesmo tempo, em sua vida e são processos constantes. “São muitas coisas, muitos processos. E aí também os lugares que a gente tá. Se você tá na Academia, se você tá na rua, sei lá, em qualquer lugar e as várias formas que você é vista” (Clementina de Jesus⁹³, 26 anos). Para ela, é preciso olhar para esses cruzamentos e pensar em outras vidas, outras pessoas que vieram antes dela e como ela pode transformar essa caminhada em uma aprendizagem. Ela ainda afirma que:

São várias coisas. Eu não tenho muito contato, assim, pra estudar sobre todas elas. Eu acho que, às vezes, eu me centro muito mais no que me toca primeiro. Eu acho que o racismo é o que chega pra mim mais forte e que é a minha luta principal. Não que as outras não sejam, e essas outras identidades fazem parte de tudo isso e eu tenho muita noção que a minha identidade com relação a sexualidade, com relação ao meu corpo, com relação a classe social tudo isso interfere em quem a gente é. (Clementina de Jesus⁹⁴, 26 anos)

⁹² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Ibidem.

A ilustradora que diz ter pouco contato com esses estudos, no entanto, mostra saber bastante sobre o significado de cada pauta em seu corpo, sua forma de amar e seu modo de viver em sociedade e nos faz refletir que esses aspectos estão presentes no cotidiano das mulheres negras e, que é necessário um esforço para entender essas diferenças, pois, só assim será possível a ampliação de seus direitos. Ela também nos faz lembrar que o recorte de classe teve grande participação na sua fala, principalmente quando lembra dos desafios do curso da Comunicação Social, com habilitação em Publicidade, da Universidade Federal do Ceará, e morava em Horizonte, um município do estado do Ceará, localizada na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) que fica a 40,1 km de Fortaleza, capital cearense.

Tinha que acordar muito cedo para sair de sua cidade no ônibus cedido pela Prefeitura municipal e, muitas vezes, dormia nos bancos da Universidade enquanto aguardava o horário da aula. “Eu entrei na UFC e era, tipo, o curso de Publicidade e todo mundo muito branco, muito rico. É um choque, você chega nesse lugar” (Clementina de Deus⁹⁵, 26 anos), e ainda acrescenta que “Na minha escola tinham pessoas negras, sempre estudei em escolas públicas, mas na Faculdade foi um choque muito grande pra mim. E eu sou de Horizonte” (Clementina de Jesus⁹⁶, 26 anos).

Esse relato materializa o pensamento de que a classe perpassa com potência sua vida e a vida das demais entrevistadas e, nos faz compreender, nas palavras de David Harvey (2016) em seu livro intitulado “17 contradições e o fim do capitalismo”, onde discorre sobre as mutações e as crises do capitalismo na atualidade. O geógrafo que estuda por anos e que já publicou diversos livros sobre o tema, fala que o capitalismo é “qualquer formação social em que os processos de circulação e acumulação do capital são hegemônicos e dominantes no fornecimento e moldagem das bases materiais, sociais e intelectuais da vida social” (HARVEY, 2016, p. 9). E explica que o capitalismo “é cheio de contradições, contudo muitas não têm nada a ver diretamente com a acumulação do capital. Essas contradições transcendem as especificidades das formações sociais capitalistas”. (HARVEY, 2016, p. 9).

Ele coloca em destaque como esse capitalismo, dominante e hegemônico, molda as estruturas de sociabilidade dos indivíduos e não seria diferente com as mulheres negras que participam da página, pois, vale lembrar que a página colocar em destaque o debate do mercado

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Ibidem.

de trabalho, ou seja, o acesso ao trabalho, melhores condições de trabalho para a população negra, as desigualdades existentes entre negros e brancos dentro de uma sociedade capitalista que se apropria, por séculos, da mão de obra negra, quer seja pelo trabalho escravo em um grande período da história, quer seja pelos trabalhos precarizados na atualidade.

David não coloca em ênfase a questão da raça e da classe em sua obra, mas discorre no livro que essas questões são importantes para compreender o capitalismo. “A racialização e as discriminações de gênero existem há muito tempo, e não há dúvida de que a história do capitalismo tem um profundo viés de raça e gênero.” (HARVEY, 2016, p. 9). Pontos que se ligam neste emaranhado social e ditam os acessos e limitações que esses indivíduos devem ter, retirando assim suas oportunidades e escolhas. Por isso, se faz tão importante analisarmos como a interseccionalidade permeia a vida dessas mulheres contribuindo para as diferentes vulnerabilidades. Seja de classe, gênero, raça, orientação sexual, nação, padrão de corpo, deficiência, dentre outros.

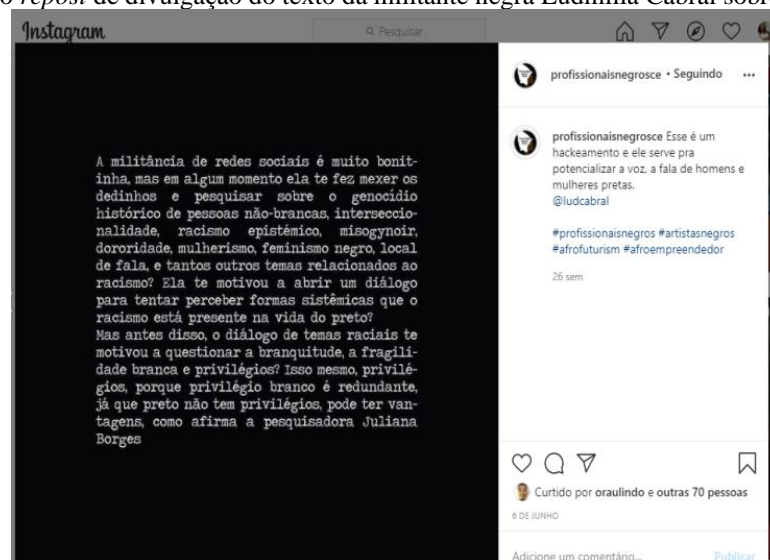
2.3.3 Interseccionalidades e as redes sociais: uma abordagem interseccional na Internet

Para fecharmos esse último tópico é necessário falarmos sobre a divulgação massiva do conceito nas e através das mídias sociais na atualidade. As estruturas midiáticas que criam estratégias de apropriação de conceitos e pensamentos quando não conseguem mais invisibilizá-los, por isso, não seria diferente com esse termo que tem feito parte dos espaços da mídia televisiva e social. Em bem verdade, temas como feminismo, feminismo negro, lugar de fala, dentre outras temas têm sido pautas nos meios de comunicação, universidades, dentre outras estruturas, como bem fala a filósofa Djamila Ribeiro (2018) quando apresenta seu pensamento sobre o silenciamento estrutural que a população negra vive em diferentes espaços da sociedade.

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos o lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2018, p. 8)

Um pensamento que nos faz entender que a mídia não está colocando o tema porque acha necessário ou importante, pois, “não é um mero instrumento passivo na construção do sentido que tomam os processos sociais, as estruturas econômicas ou os conflitos políticos.” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 31), mas, porque ocorreram furos na estrutura. Esse instrumento é mutável e ativo, e seu discurso se (re)modela, se (re)faz, se (re)inventa para diante das transformações sociais, econômicas, políticas e sociais e isso leva ao fato de hoje acompanharmos a visibilidade destes temas que eram abafados pela classe dominante. Na página “Profissionais Negros do Ceará” que, mesmo tendo como principal tarefa a divulgação de trabalhos elaborados e exercidos por pessoas negras, vez ou outra, destaca sua posição por meio de imagens, textos e/ou vídeos para discutir temas como racismo, feminismo negro, dororidade, ou mesmo interseccionalidade, como se verifica no texto postado pela página.

Figura 15 – Foto do *repost* de divulgação do texto da militante negra Ludmilla Cabral sobre a #blackouttuesday.



Fonte: página Profissionais Negros do Ce no instagram

O texto publicado na página Profissionais Negros do Ceará foi extraído da página de outra pessoa, a documentarista e militante negra Ludmilla Cabral, que fala sobre os problemas da militância apenas nas redes sociais discorrendo sua reflexão sobre *hashtag*⁹⁷ #blackouttuesday. O *Blackout Tuesday*⁹⁸ é um movimento de antirracismo feito por meio das

⁹⁷ Hashtag é usada nas redes sociais com o objetivo de direcionar o usuário para uma página com publicações sobre o mesmo tópico. É muito usada no Twitter, Facebook, Instagram e TikTok. Fonte: Blog Rockcontent em 13 de ago de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-hashtag/> Acesso em 16 de dez de 2020.

⁹⁸ Fonte: Site da Revista Carta Capital em 2 de jun de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/blackouttuesday-entenda-o-protesto-feito-com-imagens-pretas-no-instagram/> Acesso em 16 de dez de 2020.

redes sociais e de plataformas de *streaming*⁹⁹. A *hashtag* foi criada por empresas de música como o *Spotify*, para convidar pessoas a colocarem imagens pretas no *Instagram*. Uma onda que tomou as redes em 2020 por conta dos protestos que ocorreram no mundo contra o racismo e a violência policial nos Estados Unidos, após o assassinato brutal de George Floyd, no dia 25 de maio de 2020, um trabalhador negro que foi asfixiado por um policial branco, em Minneapolis, nos EUA. A morte de Floyd teve visibilidade em todo o mundo, inclusive no Brasil que puxou mobilizações com o mote *#vidasnegrasimportam*, que já era utilizado, mas, ficou em destaque neste período como uma das *hashtag* mais impulsionadas durante as manifestações sobre o caso.

Percebemos que as redes sociais têm proporcionado mudanças e direcionando fluxos uma sociedade em rede que (re)agrupa pessoas através de comunidades virtuais que têm pautas comuns. É um ativismo digital que tem feito parte da vida de muitas pessoas, como vemos diariamente, e tudo muito rápido, pois, a dinâmica na *Internet* é mais acelerada. Casos de racismo, violências contra a mulher, corrupção no parlamento, dentre outros temas são colocados em ênfase quando alguém sofre algum episódio ou testemunha um caso. Com o celular na mão, já se tem uma nova notícia, denúncia ou matéria sobre o tema que está em destaque no dia, como explica o sociólogo Manuel Castells (2017), em seu livro *Redes de Indignação e Esperança*. Ele diz que

Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda a parte. (CASTELLS, 2017, p. 190)

Com a internet se pode propagar com mais facilidade informações para indivíduos e/ou coletivos e, assim, pode-se desencadear uma gigantesca onda de textos, imagens e vídeos que auxiliam neste processo de divulgação. Vemos que o ativismo digital de pessoas e/ou grupos têm feito parte deste espaço digital, sendo temas de todo gênero, e com as diversas posições políticas que vão da esquerda à direita, sendo compartilhados entre os usuários da rede. Não é à toa que a página nasce a partir do encontro das criadoras, através de um grupo no Facebook chamado Sala Preta, onde se conheceram e tornaram-se amigas fora das redes. Isso

⁹⁹ Streaming é uma tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo Fonte: site Tecnoblog. Disponível em <https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/> Acesso em 16 de dez de 2020.

mostra como a interseccionalidade tem feito parte da caminhada desta página, que pode ser por uma publicação direta sobre o tema ou mesmo indiretamente quando se trabalha com os cruzamentos nas suas postagens criando, neste aglomerado virtual, identificações que passam do *online* para o *offline*.

A página, por exemplo, utiliza de dados e pesquisas para falar sobre as desigualdades sociais entre negros e brancos no Brasil no que diz respeito ao mercado de trabalho, e coloca a mulher negra no centro da questão. A postagem, feita em 2020, durante a pandemia, fala do percentual de mulheres negras empreendedoras no Brasil. O perfil no *Instagram* destacou a pesquisa feita pela Revista Exame¹⁰⁰ sobre os desafios das empreendedoras negras que hoje são metade das donas de negócios no Brasil, conforme o relatório especial produzido pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), onde afirma que o empreendedorismo de mulheres negras é de 49%, que entre mulheres brancas que são 35%. No entanto, somente 21% das empreendedoras negras têm CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), contra 42% das mulheres brancas. Uma diferença significativa no quesito da informalidade que ficou mais forte com a pandemia. Uma pesquisa que relata a dura vida dessas sujeitas que vivem na “corda bamba” na produção de serviços e produtos, e que sentiram o peso da pandemia com a diminuição de pedidos e demissões.

¹⁰⁰ Matéria divulgada no site da Revista Exame em 01/11/2019. Disponível em: <https://exame.com/pme/informalidade-estudo-e-ganhos-o-desafio-das-empreendedoras-negras/> . Acesso em 15 dez. de 2020.

Figura 16 – Post “Informe Preto” de divulgação da pesquisa sobre a saúde financeira de mulheres negras durante a pandemia feita pela Revista Exame.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instagram.

Essa realidade também chegou à vida das entrevistadas que relataram a diminuição nas vendas e a pouca procura pelo seu trabalho. Assim foi a fala da entrevistada Teresa de Benguela¹⁰¹, 40 anos e empreendedora social, que fala das dificuldades de conseguir vender neste período. Ela diz

Esse ano a gente ficou muito, eu, principalmente, fiquei um pouco presa na questão de empreendedorismo. Mesmo produzindo e postando eu ficava com insegurança porque se as pessoas estão sem poder comprar o alimento, vai comprar acessórios? Vai ter na sua lista de compras um acessório, né?! Mas mesmo assim eu continuei produzindo e procurando, de certa forma, mostrar o meu produto. Não tive muitas vendas, mas saiu algumas coisas. E como eu tinha esperança de um dia vender uma peça, e quem teve a esperança de poder sair e usar comprou, ou então usar em uma reunião online (**risos**). (Teresa de Benguela¹⁰², 40 anos, **grifo nosso**).

Ela e outras interlocutoras falaram com medo sobre a pandemia que tomou conta de vida financeira de muitas delas como explica Dandara de Palmares¹⁰³, 26 anos e florista, que ressaltou a importância da página ter repostado seu serviço, neste período, para impulsionar as

¹⁰¹Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

vendas de seus produtos. Ela associa o *repost* ao aumento das vendas e ao acesso na página oficial da sua loja de floricultura.

Eu posso dizer e afirmar que me ajudou muito (**a divulgação na página**). Ainda faço uma ligação para esse período de pandemia, pois, bem na época da pandemia elas fizeram outro *Repost* falando da Floricultura. Porque essa época, da quarentena ficou bem crítico, sabe?! Porque as pessoas ainda têm muito o costume de ir ao local, ver o que vai comprar e escolher. Então o *delivery* não tava com essa força toda. Começou a criar essa força agora, nessa época de pandemia, e ela fez um *Repost* tipo assim “olha gente tá aqui a minha amiga. Ela tem a Floricultura, junto com a tia dela, compre flores”. Ela fez uma postagem toda especial, um *Repost* porque ela já tinha postado. Pra alavancar e ajudar em alguma venda. E realmente, eu obtive, não foi o esperado porque na época de pandemia todo mundo se fechou muito pra venda. E a gente estava trabalhando de casa e não chega aos pés do que a gente fazia quando estava com o comércio aberto, outra dinâmica, né?! A gente ainda tá se acostumando, mas, posso afirmar que foi muito importante sim. (**o Repost na página no período da pandemia**). Deu certo! Inclusive pra mim e pra outras pessoas. (Dandara de Palmares¹⁰⁴, 26 anos, **grifo nosso**)

O depoimento da florista tem uma conexão com o relato de outra interlocutora, a jornalista Antonieta Barros¹⁰⁵. de 31 anos que não fala, em sua entrevista, sobre os problemas enfrentados na pandemia. Mas, também ressalta o importante papel da página e ainda diz sobre a necessidade de compreender que a população negra está, em maioria, no campo da informalidade no mercado de trabalho, como bem apresentam os dados da matéria da Revista Exame.

Eu acho que a página vai além, sim! Dá indicação de serviços de profissionais porque hoje em dia não adianta, seria uma página bem pontual se só fizesse isso (**postagens apenas com os serviços e/ou produtos dos profissionais negros cearenses**), né?! E a partir do momento que a página apresenta conteúdos daquele universo que envolve o trabalho, que envolve a força de trabalho, que envolve questões que chegam muito para gente, enquanto negros e negras, principalmente, no tocante ao mercado de trabalho, porque a gente sabe que nós somos ainda o maior número de pessoas em postos de trabalhos informais. Eu acho que a página cumpre um papel social, assim de a gente ter mais informações sobre nós mesmos (Antonieta Barros¹⁰⁶, 31 anos, **grifo nosso**)

¹⁰⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

¹⁰⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

¹⁰⁶ Idem.

Relatos importantes para compreendermos como a questão da classe atravessa a vida dessas mulheres e como cruza com seus sustentos. Sendo assim, não podemos pensar de forma separada as demais relações, pois, estão focadas em uma mesma dinâmica que faz girar essa engenhosa estrutura de opressões e discriminações diárias. E não esqueçamos que, em especial, as mulheres negras sentem essa roda esmagando seus desejos e sonhos com mais força como diz a filósofa Sueli Carneiro (2011), em seu livro "Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil", onde reúne diversos artigos escritos entre 1999 e 2010 para a imprensa brasileira. Ela organizou os melhores textos em uma coletânea que fala sobre as reflexões de uma estrutura desigual que alicerça a sociedade brasileira. Sueli diz que “Pobreza tem cor no Brasil. E existe dois Brasis” (CARNEIRO, 2011, p. 57), afirma também que “não é possível negar, raça e pobreza são sinônimos no Brasil. (CARNEIRO, 2011, p. 60).

Os relatos também nos faz entender, um pouco, sobre o papel que a página desempenha ao debater temas importantes que compõem a vida dessas mulheres, e perceber em suas falas que a página ajuda não só na divulgação de seus produtos e serviços, mas traz problematizações correntes da vida da população negra, seja sobre o mundo do trabalho, como vimos, ou sobre reflexões de temas da atualidade como apresentado no texto repostado pela página sobre o período das manifestações em defesa de vidas negras.

Temos acompanhado, principalmente, no período da pandemia a posição política da página diante de temas que tocam a vida da população negra, e, em especial, da mulher negra. Temas como a importância do voto em mulheres negras no período eleitoral, vídeos sobre a importância da representatividade de mulheres negras em grandes empresas, a exemplo do vídeo da Natura, dos vídeos de celebridades e *youtuber* negras falando sobre gênero, classe, orientação sexual, dentre outras pautas. Essas ações nos mostram um olhar interseccional aplicado para percebermos como caminha a vida das mulheres negras e, conseqüentemente, faz parte das mulheres negras que criaram a página, das entrevistadas e do cotidiano do perfil.

Falar sobre o conceito ajuda na compreensão das múltiplas formas de dominação impostas pela sociedade e avista novas possibilidades que o termo pode nos fazer pensar, pois, como diz a pesquisadora Carla Akotirene (2019), que fala da “travessia interseccional” (AKOTIRENE, 2019) para contar que “A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas” (AKOTIRENE, 2019, p.114), e finaliza dizendo que “A interseccionalidade é sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isto é tão difícil engolir os seus fluxos feitos mundo afora” (AKOTIRENE, 2019, p.114). Um pensamento comum da pesquisadora de um termo que está

em disputa subjetiva e política, com críticas que precisam ser discutidas e ponderadas, diante da urgência da fala e do olhar destas mulheres negras que têm pressa e que não querem e não serão mais silenciadas ou interrompidas.

3 NARRANDO UM “FAZER COMUNICAR” DAS MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DA INTERNET

Criei meu website
 Lancei minha homepage
 Com 5 gigabytes
 Já dava pra fazer
 Um barco que veleje
 Meu novo website
 Minha nova fanpage
 Agora é terabyte
 Que não acaba mais
 Por mais que se deseje
 Se o desejo agora é navegar
 Subindo o rio Tejo tenho como achar
 Num site de viagem a melhor opção
 Com preço camarada bem no meu padrão
 Se é música o desejo a se considerar
 É só clicar que a loja digital já tem
 Anitta, Arnaldo Antunes, e não sei mais quem
 Meu bem, o iTunes tem
 De A a Z quem você possa imaginar
 Estou preso na rede
 Que nem peixe pescado
 É zapzap, é like
 É instagram, é tudo muito bem bolado
 O pensamento é nuvem
 O movimento é drone
 O monge no convento
 Aguarda o advento de Deus pelo Iphone
 Cada dia nova invenção
 É tanto aplicativo que eu não sei mais não
 What's app, what's down, what's new
 Mil pratos sugestivos num novo menu
 É Facebook, é Facetime, é Google Maps
 Um zigue-zague diferente, um beco, um CEP
 Que não consta na lista do velho correio
 De qualquer lugar
 Waze é um nome feio, mas é o melhor meio
 De você chegar.

(Gilberto Gil, 2018, nova versão da música “Pela Internet”)

3.1 Avistando um modo de comunicação através das redes sociais na Internet

Para adentrarmos neste “fazer comunicar” da página “Profissionais Negros do Ceará”, é necessário analisarmos alguns pontos importantes que serão discutidos no seguinte capítulo. Tentaremos discorrer sobre os impactos que a Internet tem proporcionado na vida de seus usuários, as transformações vividas em todo o aspecto da vida social após a incorporação das redes sociais contemporâneas e, em especial, o *Instagram*, onde a página foi criada. Além de analisar como essas conexões instituem interações na vida das mulheres negras que

fundaram a página e das que são divulgadas na mesma. A interação entre milhões de pessoas no Brasil e no mundo é um fato recorrente no cotidiano após a chegada da *Internet*, com sua forma de comunicação que transformou a maneira de se comunicar dos sujeitos e promoveu novos desenhos sociais e geográficos. Como exemplo, podemos citar a criação de comunidades digitais, grupos em rede e coletivos virtuais que interagem diariamente e com grande rapidez. Temos em nossas mãos um dispositivo que nos conecta, apenas com um click, com uma infinidade de redes sociais e diversas informações que podem mudar em segundos.

A nova versão da música “Pela Internet”, de Gilberto Gil, produzida em 2018, que fala sobre os diferentes aplicativos com seus nomes e suas desenvolturas, chega como um canto pensado, especialmente, aos novos atores digitais que se cruzam nas redes com suas frases, imagens e vídeos encontrando comunidades comuns que falem sua língua, “curtam” os seus ideais de vida e celebrem suas pautas. A primeira versão da música “Pela Internet” foi tocada em 24 de dezembro de 1996, onde, pela primeira vez, uma canção brasileira era lançada e transmitida pela *Internet*.

Um feito grandioso na época que não imaginava como e quais seriam os desdobramentos desta rede digital na atualidade. Acreditamos que ninguém idealizaria, nem mesmo Gilberto Gil que cria uma nova versão, 24 anos depois, e que diz estar “preso na rede (rede social) que nem peixe pescado. É “zapzap”, é like. É *instagram*, é tudo muito bem bolado”, e brincando com os trocadilhos utilizados pelos usuários digitais que se encontram “presos na rede” onde ficam conectados às redes sociais, interagindo e criando outras formas de relação social entre usuários.

Assim como aconteceu com as duas fundadoras da página Profissionais Negros que se conheceram através de um grupo de Facebook que debatia sobre a população negra brasileira, Margareth Menezes¹⁰⁷, 32 anos e estudante de agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira (UNILAB) e uma das fundadoras da página, disse que o grupo colocou uma postagem solicitando que os/as participantes se apresentassem falando nome, região do país e outras informações complementares. A estudante com suas roupas estampadas e cabelo *Black* me explica com alegria como foi o primeiro contato com a amiga e outra fundadora da página:

A gente se conheceu pela Internet, nesses grupos de Facebook. Na época, era uma postagem falando para as pessoas se apresentarem. Para conhecer as pessoas negras e seus respectivos estados e regiões. Ai, eu coloquei lá que era

¹⁰⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

de Fortaleza. Mesmo não sendo de Fortaleza, porque eu sou de Camocim, mas eu sempre estava em Fortaleza. Ai, eu conheci a Elza Soares (**nome fictício**) e mais um grupo de pessoas que, hoje em dia, são meus amigos. Nos aproximamos e trabalhamos juntos todos nós. Começou daí! A gente se conheceu pela rede social mesmo. Uma ferramenta que nos aproximou. Hoje mesmo nós comentamos sobre isso. Que a gente se conheceu na internet. A internet foi uma ferramenta muito crucial pra essa aproximação da gente hoje em dia. De estarmos hoje com esse monte de gente que a gente conheceu. (Margareth Menezes¹⁰⁸, 32 anos, **grifo nosso**)

Margareth Menezes¹⁰⁹ ressalta como a *Internet* foi importante, para que elas se encontrassem e construíssem uma relação de amizade e trabalho. Na conversa com a estudante, durante a pandemia, na casa de um dos amigos que também conheceu no grupo do *Facebook*, a mesma conta que ela e outras pessoas do grupo, atualmente, marcam encontros presenciais, quer seja para se divertir, quer seja para discutir sobre as pautas da população negra, e permanecem no contato *online*. Ela fala que, por causa da pandemia, as aulas na Unilab deram uma parada e, por ser mãe-solo, teve que retornar para o município de nascença, mas continua mantendo laços afetivos e profissionais com as pessoas que fazem parte do grupo do Facebook, que depois se estendeu para o *WhatsApp* com o nome “Sala Preta” e com integrantes do Brasil e de outros países que se reúnem uma vez por semana.

A fundadora fala que a Internet é um meio que aproxima pessoas e organizações com temas e/ou pautas comuns em redes sociais, como também explica a pesquisadora Raquel Recuero (2009), quando disserta sobre o fenômeno das redes sociais na *Internet*. A pensadora diz que “Eles representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador”. (RECUERO, 2009, p. 16). Isso ocorre porque a criação da *Internet* promoveu um novo conceito de rede de sociabilidade, pois as comunidades e grupos não são algo novo.

As abordagens e conceituações sobre as redes já datam de séculos anteriores e diversas áreas do conhecimento já produzem, por décadas, estudos sobre isso. O desejo, a vontade e a necessidade do indivíduo de se comunicar faz parte da história da condição humana e atravessa a formação da nossa civilização desde a antiguidade aos dias atuais. Como fala Maffesoli (2014), quando se discorre o pensamento de que o homem não deseja ser individualizado. Ele acredita que o homem busca formar laços, compor um lugar, um “estar-

¹⁰⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹⁰⁹ Idem.

junto” (MAFFESOLI, 2014), para interagir socialmente, criando uma relação com o mundo ao seu redor.

O homem não é mais considerado. E mesmo quando admitimos, e eu tenderia a fazê-lo, a preponderância do imaginário, não devemos esquecer que ele resulta de um corpo social e que, de retorno, volta a materializar-se nele. Não se trata, exatamente, de autossuficiência, mas de constante retroação. (MAFFESOLI, 2014, p. 133)

“Ser parte” ou “fazer parte” faz com que os sujeitos sociais criem formas de relações, utilizando ferramentas que compõem a sua realidade, para motivar a participação social, desenvolvendo espaços e linguagens que auxiliem na consumação desse desejo de sociabilidade. Com isso, comunicar-se é um dos pontos centrais que ajudam nesse objetivo, como explica Paulo Freire, que mesmo não fazendo o mesmo caminho de pesquisa em espaço/tempo distintos, traça um pensamento importante, para elucidar o conceito da comunicação. Freire conceitua, em seu livro “Extensão ou Comunicação?”, comunicação como um “ato de conhecer” os sujeitos em uma constante coparticipação. (FREIRE, 1983).

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. (FREIRE, 1983, p. 45)

Paulo Freire (1983) refletiu sobre isso décadas antes da criação das redes sociais digitais e, mesmo já existindo a Internet não da forma como é hoje, não imaginaria que fosse possível, por meio da comunicação, estabelecer uma conexão através da Internet para a criação de uma rede social que tem por objetivo o ato de interagir ou, como disse Freire, o “ato de conhecer”, que conecta as pessoas e/ou entidades. Foi o que ocorreu com Margareth Menezes¹¹⁰, que acessou um grupo de pessoas com pautas comuns, em que teve acesso ao grupo através do Facebook e, tempos depois, fundou com outra amiga a página “Profissionais Negros do Ceará”.

¹¹⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

Quem também faz parte deste grupo do Facebook e, através deste conheceu as criadoras da página, foi a entrevistada Dandara de Palmares¹¹¹, 26 anos e florista, que teve seu produto divulgado, mais de uma vez, no espaço digital. A florista diz que o grupo na *Internet* foi responsável por ajudar no contato e hoje ela é amiga das duas fundadoras.

Eu conheci a Elza Soares (**nome fictício**), assim, ela caiu do céu, literalmente! (**risos de alegria**). Conheci ela num grupo de Facebook na *Internet*. [...] A gente se encontrou, bem dizer, na mesma época. Eu me encontrei com Elza Soares (**nome fictício**), que a gente encontrou com Margareth Menezes (**nome fictício**) e pronto. Foi esse start todo. Tipo assim, a gente tinha que estar nesses lugares para se encontrar e, até hoje, somos grandes amigas, de verdade mesmo e pra tudo. (Dandara de Palmares¹¹², 26 anos, **grifo nosso**)

Episódios como este têm sido recorrentes na contemporaneidade com as possibilidades de conexão que as redes sociais proporcionam. Isto só nos mostra que esse ciberespaço, que tem crescido com os avanços tecnológicos, está cada vez mais presente na vida de seus usuários que utilizam diferentes interfaces na busca por interesses comuns que acarretam, às vezes, em relações presenciais. Um conceito muito falado por Pierre Lévy (2010), um grande entusiasta dessa rede digital de computadores, em seu livro intitulado *Cibercultura*, onde ele discorre sobre as mudanças que a Era Digital trouxe para a sociedade e o reconhecimento de novas formas de comunicação para o convívio social. Uma realidade na vida das fundadoras e das participantes da página que se encontram neste espaço e estenderam seus laços afetivos.

Sem juízo de valor sobre a Internet, mas sem poder deixar de afirmar que a *web* pode ser um espaço que ocasiona ligações entre as pessoas e possibilita meios para estender essas relações, e, ao contrário, aumentar os abismos identitários. Sabemos que existe outro lado, pois a *internet* é mediada por seres pensantes que têm conceitos de vida com ideias e representações diferentes, e podem utilizar as redes digitais para potencializar a supremacia de grupos, competições econômicas, sociais e geográficas, disseminação de opressões, discriminações e violências, perpetuação do poder, dentre outras formas. No entanto, como afirma Lévy (2010), o ponto central não é falar se as redes digitais são “boas ou ruins” ou se somos a “favor ou contra” elas, mas, sim, “reconhecer as mudanças qualitativas na economia

¹¹¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

¹¹² Idem.

dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural”. (LÉVY, 2010, p.12).

E essas são algumas das questões a se discutir, referentes a o papel que a página “Profissionais Negros do Ceará”, no tocante da identidade e representação das mulheres negras na Internet, pois estamos falando de um mundo que gira em ritmo acelerado com a proliferação deste espaço digital. É um caminho sem volta e que só se amplifica, como também acrescenta Recuero (2009), quando diz que “essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos se comunicar, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador” (RECUERO, 2009, p. 16).

Diante de tantos avanços ocorridos, resta compreender como essas redes trazem estratégias que possibilitam a criação e ampliação da participação de pessoas, grupos, movimentos que, excluídos, tentam apresentar suas pautas, utopias, ideias e representações que colaboram para a construção de um espaço coletivo que se alimenta e retroalimenta, por meio da capacidade de desenvolver e fortalecer seus signos e linguagens, mas que também está em disputa pelo poder com suas postagens, curtidas, comentários e compartilhamentos.

3.1.1 As “interações negras” e suas interfaces na rede digital

Quando falamos em “interações negras”, buscamos refletir como as páginas, sites, blogs, dentre outras ferramentas inseridas na Internet tentam evidenciar suas causas, utilizando técnicas que ajudem na visibilidade e participação ativa das sujeitas que estão nas redes. Estamos cientes da existência de uma “infraestrutura técnica do virtual” (LÉVY, 2010), que proporciona uma gestão no ciberespaço e que já foi conceituado por diversos pesquisadores das áreas da comunicação, tecnologias da informação (TI), marketing, dentre ciências que se interessam pelo tema, por isso não vamos exemplificar; mas queremos discorrer sobre como essas técnicas são utilizadas por pessoas e grupos excluídos, para tentar se sobressair diante das grandes potências digitais, e criando autonomia e uma narrativa que aposta na mobilização social e política, a fim de fazer ecoar, ampliar vozes, se fazer escutar.

Já Recuero (2010) fala sobre isso, quando relata que existem abordagens na rede que “fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço” (RECUERO, 2010, p. 21), que auxiliam no entendimento sobre a pesquisa das redes sociais. E acrescenta:

[...] a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de um capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos”. (RECUERO, 2010, p. 21)

Compreendendo isso, precisamos caminhar olhando para esses padrões de conexão que são apresentados na Internet, pois, só assim, estaremos cientes se e como esses elementos causam impactos e proporcionam interação no perfil da “Profissionais Negros do Ceará”. Percebemos que a pesquisadora Recuero (2010) tem um alinhamento com o nosso pensamento, quando diz que, para saber disso, é preciso olhar para dois elementos: os atores sociais e as suas conexões.

Ela afirma que “uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. (RECUERO, 2010, p. 24). Para ela, os atores sociais se constituem como representação de pessoas e/ou grupos, organizações, entidades que têm seus perfis na Internet. São espaços de interação com padrões, identidades e atuações diversas, apresentando seu lugar de fala e conceitos através de seus “elementos identitários e de apresentação de si” (RECUERO, 2010). Esses atores têm narrativas próprias, pois, assim como no mundo presencial, são constituídos de ideias e de uma cultura social que envolve sua trajetória.

Como sujeitos sociais também cruzam o público com o privado no espaço virtual, quer seja em um perfil pessoal, quer seja em um perfil de uma empresa, pelo anseio de serem vistos e expressarem sua identidade, como explica a pesquisadora, quando conta que “Essas apropriações funcionam como uma presença do 'eu' no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público” (RECUERO, 2010, p. 27). Ainda, ressalta que “Através da observação das formas de identificações dos usuários na Internet, é possível perceber os atores e observar as interações e conexões entre eles”. (RECUERO, 2010, p. 28-29). Acreditamos que essa percepção é plausível diante do caminhar dos agentes nas redes sociais. Vemos, por exemplo, a constituição dessas representações da identidade negra na fala da idealizadora do perfil Profissionais Negros do Ceará, Elza Soares¹¹³, 30 anos, gerente comercial, quando disse que estudou sobre planejamento estratégico e buscou dicas e informações para criar o perfil.

Um dia, conversando com a Margareth Menezes (**nome fictício**), (**falei**) “a gente vai criar o (**perfil**) nosso Instagram. A gente vai ter uma logo. Vai conversar com os nossos amigos pra eles indicarem pessoas, né?! E a gente

¹¹³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

vai começar aos pouquinhos. No WhatsApp com quem a gente conhece e fala com qualquer pessoa. [...] Mas, quando a gente fez..., semanas antes, eu fiz um planejamento estratégico. Porque eu fui procurar entender como funcionava outros grupos na *Internet*. A gente sabe que tinha o movimento *Black Money*, a gente sabia que existia outros movimentos. A gente queria entender como eles agiam com o público alvo deles e como era feito esse contato com as pessoas. (Elza Soares¹¹⁴, 30 anos, **grifo nosso**)

A gerente comercial teve o cuidado de pesquisar as redes sociais de outras pessoas públicas ou entidades, que pautam a população negra, têm seu perfil na Internet, como no Facebook ou Instagram, para compreender como essas páginas têm alcance e como podem ter interatividade, quando se pensa um público negro.

Elza Soares¹¹⁵, durante toda a nossa conversa, fala com alegria sobre a criação da página, quando diz que o perfil trouxe novas possibilidades para sua caminhada, e isso é percebido em cada palavra, sorriso e olhar celebrativo. Um grande momento para a pesquisadora que conversa com proximidade, pois foi a primeira entrevista para a pesquisa, e antes de iniciar a pandemia, que traria, posteriormente, mudanças no formato das entrevistas. Sentadas próximas, foi possível sentir cada sentimento que a criadora falava, ao rir e ao expressar um agradecimento com abraço no final da conversa com aquela mulher negra, que passou mais de uma hora, contando como foi a construção desta conta que ajuda na disseminação do trabalho de profissionais negros cearenses. Elza Soares¹¹⁶ conta de sua relação com a amiga e outra fundadora, Margareth Menezes¹¹⁷, e como foi a primeira postagem na página.

A primeira pessoa que a gente postou foi uma veterinária, uma médica veterinária. E ela era muito...ela tinha um padrão bem...eu tem um perfil pessoal e um perfil no profissional. Então era uma pessoa já bem ambientada da Internet. Tipo, então foi muito fácil ir até ela. Porque tem pessoas que é um pouco mais difícil o contato. (Elza Soares¹¹⁸, 30 anos)

Após certa procura, em 08 de janeiro de 2019, postaram a primeira foto de uma profissional negra, uma médica veterinária, que permitiu a divulgação do seu trabalho na

¹¹⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹¹⁵ Idem.

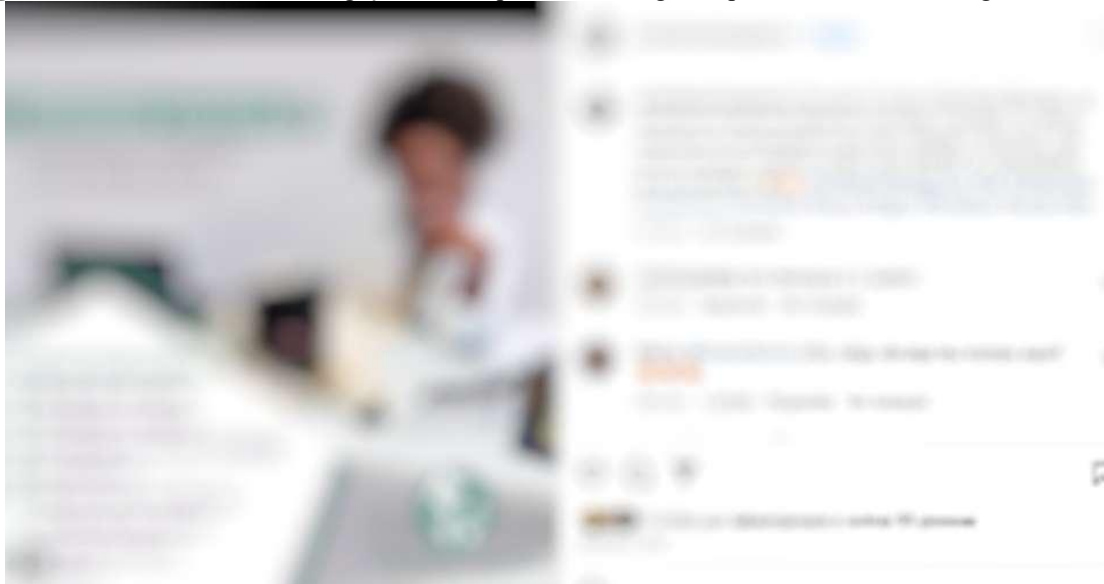
¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Nome fictício aplicado para a tese.

¹¹⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

página. A participante já tinha página pessoal e profissional no Instagram, mas se identificou com a pauta apresentada pelas criadoras e aceitou participar da página.

Figura 17 – Primeira foto de divulgação de uma profissional negra no perfil “Profissionais Negros do Ceará”.



Fonte: imagem retirada da página.

Essa aceitação só foi possível porque a participante comungava com os ideais e as pautas identitárias, apresentadas pela página, e a página encontrou na mesma o perfil que buscava para lançar seu trabalho na Internet. Isso ocorre porque, conforme Recuero (2010), existem “construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade, através de performances”. (RECUERO, 2010, p. 30). O que nos faz entrar no segundo elemento para abordagem nas redes sociais, a conexão, pois essa afinidade é constituída através de laços sociais que possibilitam a página ser procurada (pesquisada) por pessoas que têm causas em comum.

Na conexão, Recuero (2010) descreve que “são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos”. (RECUERO, 2010, p. 30). E complementa, dizendo que os conceitos de interação, relação e laços sociais são elementos desta conexão. A interação é a ação de um ator social que depende da reação de outro através das curtidas, compartilhamentos e comentários. Somente com a interação é possível saber se o conteúdo está chegando ao público alvo e se tem alcance.

A relação diz respeito a um grande número de interações sociais que obtiveram e que independem de seu conteúdo, pois, na relação, a proposta é integrar informações e criar uma relação com troca de mensagens que podem ser favoráveis ou não ao conteúdo divulgado. Na relação, podem ocorrer contatos diretos, como os “direct” do *Instagram*, onde a conversa é

mais personalizada ou mesmo há a resposta ao comentário personalizado, além de criação de relação com temas comuns, como exemplo das comunidades no Facebook ou das páginas de fã-clubes de personalidades. E, por fim, os laços sociais que advêm da relação, pois como afirma Recuero (2010), quando conta que “laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2010, p. 38).

Sendo assim, os laços sociais ligam as interações com as relações para efetivar uma conexão relacionada com o pertencimento ou representação, que podem ser fortes ou fracas, dependendo da troca de interação. Outro componente também necessário para a conexão é o capital social, pois tem relação direta com a “qualidade das conexões de uma rede social” (RECUERO, 2010, p. 44). Ela explica que existem pensadores com classificações diferentes para o tema, no entanto se alinham, quando dizem que o capital social tem peso valorativo para os atores sociais e a conexão utilizada, variando conforme o perfil de cada um. E considera “o capital social como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo [...] que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriados individualmente, e que está baseado na reciprocidade” (RECUERO, 2010, p. 50). Sendo assim, o capital social tem cruzamento com as relações sociais nas redes e precisa ser analisado como um ponto necessário para a conexão.

A conexão, apresentada no texto do Recuero (2010), também esteve presente na construção da página “Profissionais Negros do Ceará”, como explica a fundadora Elza Soares¹¹⁹, quando lembra que precisavam estabelecer os recortes - o público da página, quais pessoas serão divulgadas e quais não podem - para ter densidade de alcance, e como seria a interação com as pessoas que acompanham a página.

Porque, assim, quando a gente quis criar a Profissionais Negros do Ceará, a gente entendeu que tinha de ser estadual. A gente percebia que tinha de ser estadual, tanto por essa questão da população cearense não se ver como negra. E a gente tem. Temos várias biografias que falam sobre isso. E a gente sabia que a Profissionais Negros era uma maneira de interagir com a população, fazendo com que também elas conseguissem entender essa questão da identidade racial. Porque é uma maneira positiva de entender. Você chegar em alguém e (**dizer**) “eu sou profissional negro”. Ela tá querendo me promover, ela tá querendo me divulgar. Então é um modo positivo de se usar a militância em prol da população negra. (Elza Soares¹²⁰, 30 anos, **grifo nosso**)

¹¹⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹²⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

Elza Soares¹²¹ fala sobre a importância do pertencimento e como a identidade negra cearense foi crucial, para compreender que o perfil deveria ser estadual. Ela fala com descontentamento sobre esse ideário pregado, por décadas que tenta afirmar a não existência de negros no estado do Ceará. A fundadora da página e diversas pessoas que discutem a temática da população negra no Ceará ressaltam sobre esse pensamento que tanto foi implementado pelo Estado, mesmo quando se olha para as pesquisas e percebe-se que a população que se autodeclara preta quase dobrou nos últimos 7 anos, como afirma a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua 2018, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹²². A porcentagem da população declarada preta no Ceará passou de 2,9% para 5,3% entre 2012 e 2018. Com isso, o total de pessoas passou de 253 mil para 480 mil, o que foi um aumento de 82%.

Por isso, acreditar que, no Ceará, não há pessoas negras é uma estratégia de apagamento das biografias de grandes lideranças negras cearenses, como Dragão do Mar, Preta Tia Simoa, dentre outras lideranças. Uma prática do racismo estrutural que marginaliza e estigmatiza o negro, e uma forma de silenciar sua identidade e cultura na formação da sociedade da “Terra da Luz”. Esta é uma tática advinda do período abolicionista, como contextualizam os pesquisadores Franck Ribard e Eurípedes A. Funes (2020), no seu artigo “Fortaleza, uma cidade negra na ‘Terra da Luz’”, do livro História de Negros no Ceará, que se perpetua até os dias de hoje.

Neste sentido, a ênfase na autocelebração redencionista e abolicionista, bem como a sua constante memorialização na história do Ceará republicano, correspondem a um mecanismo de ocultação e de negação do processo de manutenção da exploração e coerção da população negra, oriunda da escravidão, racialmente estigmatizada. [...] Os “pretos” são poucos no Ceará, porque a escravidão foi pouco significativa. Mas a marca da cor é o bastante para discriminar, para olhar com estranhamento (RIBARD; FUNES, 2020, p. 28)

¹²¹ Idem.

¹²² Se constitui no principal provedor de dados e informações do País, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Informações retiradas do site do IBGE pelo link: <https://www.ibge.gov.br/>.

Percebemos que esse ideário se mostra frágil e vai de encontro ao pensamento de Elza Soares¹²³ e da outra fundadora, Margareth Menezes¹²⁴, que também acredita na existência de uma população negra, mesmo com dúvidas sobre a adesão de pessoas negras interessadas em divulgar seu trabalho no perfil.

E foi aí a gente no dia, **(eu)** disse “mulher, vamos fazer?” Ela **(disse)** “Vamos!” Ela **(Elza Soares - nome fictício)** já tinha uns contatos na época, com a dermatologista que ela conhecia e tudo mais. E partiu daí. E, no começo **(do perfil)**, a gente pensou que não fosse dar tanta gente, porque, infelizmente, dizem que não tem pessoas negras no Estado do Ceará. E tem! Só que foi totalmente diferente. E a gente queria mostrar isso, que tem pessoas negras, sim. Pessoas pretas, sim. E essas pessoas trabalham. São profissionais e estudam (Margareth Menezes¹²⁵, 32 anos, **grifo nosso**)

Com isso, mapearam pessoas negras cearenses, o que ajudou no recorte inicial e depois, com a funcionalidade da página, iam fazendo os demais recortes que serão discutidos posteriormente, e, à medida que a página ganhava espaço nas redes sociais, mais pessoas negras apareciam. Isso ajudou a página que, fazendo uso dessas técnicas, conseguiu o alcance de pessoas e entidades e logo no primeiro ano de sua criação teve uma boa audiência e diálogo com os usuários das redes sociais e capilarização de outras estruturas como a imprensa local, organizações do setor privado que discutem empreendedorismo, movimentos sociais, dentre outros.

¹²³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹²⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹²⁵ Idem.

Figura 18 – Foto das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará, Elza Soares e Margareth Menezes (nomes fictícios), respectivamente, na capa Pop Empregos do Jornal O Povo.



Fonte: imagem retirada da página do *Instagram* da página

Vemos isso na imagem divulgada na página do perfil com um recorte da matéria do jornal O Povo¹²⁶, em 18 de novembro de 2019, onde aparece a foto das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará, Elza Soares e Margareth Menezes - nomes fictícios -, respectivamente, na capa do caderno Pop Empregos com o tema “A Força da Cultura Negra”. Na época, elas falaram sobre a funcionalidade da conta que serve como catálogo para divulgação de trabalhadores negros em todo o Ceará. Naquele período, o perfil já havia divulgado quase 200 perfis e contava com mais de 6 mil seguidores, como mostra a matéria do jornal.

Sendo assim, o perfil contou com técnicas que permitiram sua entrada na Internet e a consolidação do perfil nas redes sociais, no entanto é necessário saber que houve desafios, pois a pauta não tem fácil aceitação, as interações nem sempre são positivas e vale lembrar que a Internet é um local em disputa. Esses e outros efeitos do ciberespaço serão discutidos no próximo tópico.

¹²⁶ Informações retiradas da matéria “A Cor do Mercado de Trabalho” do caderno Pop empregos do Jornal O Povo divulgando em 18 de nov. 2019. Link: <https://mais.opovo.com.br/jornal/popempregosecarreiras/2019/11/18/a-cor-do-mercado-de-trabalho.html> Acesso em 17 de fev. 2021.

3.1.2 Do discurso de ódio na Internet à cultura do cancelamento: mulheres negras como principais alvos

Precisamos considerar que a Internet trouxe a possibilidade de acesso rápido e permanente e que, através das redes sociais, foi possível mobilizar pessoas e entidades e novas formas de interações, mas é necessário compreender que também existem consequências, quando se escolhe compor os espaços das redes, principalmente quando são incorporadas causas, temas e/ou ideias para dar visibilidade neste espaço digital. Por esse motivo, precisamos dissertar sobre outras questões das redes sociais, os conflitos de interesse que também fazem parte da web e que trazem ações densas, quando pensamos os grupos sociais excluídos, pois, os agentes sociais conectados expressam suas personalidades que vão do público ao privado, ou seja, as opressões, preconceitos e discriminações farão parte do ciberespaço.

Assim, mesmo com o avanço das novas tecnologias que ajudaram na ampliação do acesso à Internet e no desenvolvimento e nas melhorias de plataformas digitais, a (in)visibilidade da população negra ainda é um desafio real na atualidade. Uma realidade com a qual a fundadora Margareth Menezes¹²⁷ comunga, quando falou, ainda sobre a criação do perfil no *Instagram*, sobre a falta de visibilidade das produções da população negra como um problema. Por isso, pensaram a Profissionais Negros como um espaço de divulgação do trabalho da população negra. Ela diz que “A gente não consegue ter, infelizmente, a gente não consegue ter visibilidade, mas estávamos ali construindo essa plataforma, pra que essas pessoas tivessem visibilidade” (Margareth Menezes¹²⁸, 32 anos).

A estudante fala assertivamente sobre essa (in)visibilidade, pois, mesmo com o aumento de pessoas negras na Internet, ainda é desigual a sua participação. Como mostra o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando elaborou algumas pesquisas sobre Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (PNAD2014TI), em 2014. A pesquisa evidencia que da população com mais de 10 anos que havia acessado a internet nos últimos três meses, antes da realização da pesquisa, 61,5% eram brancos, enquanto, entre os negros e negras, este percentual era de apenas 39,5%.

Esse abismo entre negros e brancos se intensificou com a chegada da pandemia de coronavírus que transformou o acesso à *Internet* em uma necessidade para o ambiente de trabalho e estudos de muitas pessoas. A *hashtag* #SQN (Só Que Não) ficou em evidência e

¹²⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹²⁸ Idem.

trouxe à tona um ponto central no início da Covid, quando governos precisaram implementar a quarentena¹²⁹, e/ou *lockdown*¹³⁰, enquanto as pessoas precisavam do acesso à *Internet* no período do *Home Office*. E mesmo com o aumento, nos últimos anos, da população brasileira que usa a *internet*, o que representa 134 milhões de pessoas, cerca de 47 milhões delas seguem desconectadas, como mostra a pesquisa TIC Domicílios 2019, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Já os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua (IBGE, 2020), que investigou, em 2018, o tema complementar sobre Tecnologia da Informação e Comunicação, mostram que apenas 48% da população indígena, 55% das pessoas pretas e 57% das pessoas pardas utilizaram computador pelo menos uma vez na vida, demonstrando as diferenças de acesso à tecnologia no país. Esses são dados alarmantes sobre o acesso da população negra, que ainda hoje segue com pouco e/ou quase nenhuma estratégia de visibilidade e divulgação dentro do espaço virtual, que se encontra em disputa constante e que, diversas vezes, é palco de práticas preconceituosas e discriminatórias.

Como explica a interlocutora, Laudelina de Campos¹³¹, autônoma, 23 anos e dona de uma marca de doces caseiros, que trabalha com a produção de doces e teve seus produtos divulgados na página Profissionais Negros do Ceará com outras pessoas e/ou empresas, em um sorteio dos Dias dos Namorados.

Figura 19 – Foto de divulgação da entrevistada na página.

¹²⁹ Restringe o acesso ou circulação de pessoas que foram ou podem ter sido expostas ao vírus. Pode ser um ato administrativo, estabelecido pelas secretarias de Saúde dos estados e municípios ou do ministro da Saúde, por exemplo. Texto extraído do site Engemed no link: <https://www.engemed.med.br/2020/05/14/diferenca-entre-distanciamento-isolamento-quarentena-e-lockdown/> acesso em 23 de fev de 2021

¹³⁰ É uma paralisação total dos fluxos e deslocamentos. A circulação de carros e pessoas também é reduzida, sendo autorizada apenas a saída de casa para a compra de alimentos, medicamentos e transporte de indivíduos para hospitais. Nesta etapa, o governo pode usar as forças armadas e aplicar multas e detenções para quem desrespeitar a medida. Texto extraído do site Engemed no link: <https://www.engemed.med.br/2020/05/14/diferenca-entre-distanciamento-isolamento-quarentena-e-lockdown/> acesso em 23 de fev de 2021.

¹³¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 25 de novembro de 2020.



Fonte: imagem retirada da página Profissionais Negros do Ceará.

Ela conta sobre o importante papel que a página tem desempenhado, quando divulga os profissionais negros e seus serviços e/ou produtos para população cearense, pois acredita que algumas páginas não proporcionam visibilidade para a população negra.

Tem porque tem certas empresas, certas páginas que não divulgam por ter um certo preconceito com as pessoas negras no ramo do empreendimento. E essa página foi a melhor coisa que fizeram pra poder divulgar, principalmente, no palco dos empreendedores negros. (Laudelina de Campos¹³², 23 anos)

A participante nos faz refletir sobre os interesses colocados pelas empresas, mas, também, por pessoas que estão na web. Não vamos nos enganar que a Internet é um local diverso e plural, mesmo que se tente acrescentar esses elementos como discurso para afirmar sua universalização. Temos que questionar esse discurso, pois existem espaços que, na verdade, propagam práticas preconceituosas e racistas, existe um “meio a meio”, como fala a participante Laudelina de Campos¹³³, quando conta que o perfil da Profissionais Negros ajuda na representação da população negra cearense.

Com certeza, ajuda bastante ainda mais pelo foco ser a representatividade negra. As redes sociais ajudam meio a meio, porque existe também um preconceito. Como eu disse que tem pessoas que compreende que é negro. E tem certas pessoas que não querem divulgar, não querem apoiar por conta disso. (Laudelina de Campos¹³⁴, 23 anos)

¹³² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 25 de novembro de 2020.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Ibidem.

Essas práticas que estamos falando, também conhecidas como discurso de ódio na *Internet*, que vêm sendo disseminadas nas redes sociais, têm sido mais intensas com as mulheres negras. O ódio, um sentimento em resposta às estratégias de autonomia das populações marginalizadas, uma emoção negativa que tem sido tema recorrente em artigos, livros e debates com a intensidade que o conservadorismo cresce no mundo e nas redes digitais. Uma emoção que, como outras, faz parte da psique humana, como explica Sartre (2011), em seu livro “Esboço para uma teoria das emoções”, onde busca refletir sobre os processos da emoção no homem.

“A emoção se apresentará como uma novidade irreduzível em relação aos fenômenos de atenção, memória, de percepção, etc” (SARTRE, 2011, p. 18) e acrescenta que “a emoção é a realidade-humana que se assume ela própria e se 'dirige-comove' para o mundo” (SARTRE, 2011, p. 24); ou seja, uma forma de se expressar no mundo que tem conexão com a individualidade e a significação que o sujeito assume e se posiciona com referência à sua cultura, sua consciência e condutas.

Essas emoções podem ser pensadas como uma forma do homem “ser” no mundo, ou seja, o ódio é a forma que esse sujeito assume uma conduta individual na sociedade que precisa ser externalizada, e que encontra outros sujeitos que têm o mesmo sentimento. No caso do ódio, assume-se o desprezo, o nojo, o rancor que serão dirigidos a grupos sociais, religiões, nações, raças, acabam por desenvolver práticas e ações perversas como a escravidão, nazismo, totalitarismo, dentre outras. Esse ódio que nasce de uma cultura hegemônica, discursa com o ideário de liberdade de expressão ou direito de pensar e agir como se deseja, assim explica Butler (2015), em seu livro “Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?”, que, mesmo falando de um período de guerra do Estados Unidos com o Iraque, e da tortura dos prisioneiros de Guatánamo, faz reflexões para além, quando coloca o nosso olhar sobre o significado e valores de certos “corpos”, como são os “corpos negros” que se mostram não passíveis de luto pela sociedade.

No entanto me parece que algo mais fundamental está ocorrendo, a saber, que agora se supõe que as liberdades liberais se baseiem em uma cultura hegemônica, uma cultura que se chama “modernidade” e que depende de certo cômputo progressivo de liberdades crescentes. Esse domínio acrítico de “cultura” funcionando como uma precondição para a liberdade liberal torna-se, por sua vez, a base cultural para sancionar formas de ódio e abjeção de cunho cultural e religioso. (BUTLER, 2015, p. 162-163)

Butler explica como são creditadas as formas de ódio na atualidade para que possa se perpetuar o preconceito, a discriminação e exclusão no mundo. E essa segue para todos os espaços, inclusive para as redes sociais, onde mulheres negras são as maiores vítimas, como apresenta a tese do pesquisador brasileiro e PHD em Sociologia, Luiz Valério Trindade, que analisou mais de 109 páginas no Facebook e 16 mil perfis de usuários. Ele constatou que 65% dos usuários que disseminam intolerância racial são homens entre 20 a 25 anos de idade e que 81% das vítimas do discurso depreciativo nas redes sociais são mulheres negras entre 20 a 35 anos, como mostra a matéria da Agência Brasil¹³⁵ (EBC).

Uma realidade vivenciada pelas fundadoras do perfil Profissionais Negros do Ceará, que tiveram sua ideia sobre a página divulgada em matérias e entrevistas de jornais e sites jornalísticos do estado. Margareth Menezes¹³⁶ conta que, durante o tempo que a página existe, não receberam comentários ou mensagens no privado de cunho preconceituoso, discriminatório e/ou racista, mas disse que ela e a outra fundadora, viveram isso nas postagens das matérias sobre a página para os veículos de comunicação.

O que aconteceu, a única situação que foi assim uma repercussão bem grande, foi bem no início da página. Foi a primeira vez que nós saímos no jornal, que nesse dia assim... deu. Foi aí uma semana, bem no começo mesmo, que a gente saiu (**no jornal**). Primeiro a gente saiu no (**jornal**) O Povo e depois a gente saiu no Diário (**Jornal Diário do Nordeste**) e depois saiu no Estado (**jornal O Estado**) e tem mais um, a Tribuna (**Portal Tribuna do Ceará**) e na página em si, na Profissionais não teve repercussão negativa nesse sentido, né?! Não aconteceu nada. A única coisa que aconteceu foi o impulsionamento (**do perfil**), mas nas páginas dos jornais foi um negócio assim aterrador, pessoal naquele conto de fadas do racismo reverso é de que a gente estava sendo racista por fazer uma ferramenta desse jeito. Aí depois foi o pessoal branco dizendo que a gente não era negra. Começou daí também... “Gente, como é que eu não sou preta? Você pode dizer várias de mim, mas dizer que eu sou branca? Você nunca vai poder na sua vida, jamais. Teve muito comentário assim, um negócio triste, triste. Gente conhecida minha na cidade de Camocim que estuda Direito, faz Direito e escreveu coisas escabrosas, sabe?! Mas, o pior assim foi a galera dizendo que a gente tava sendo racista. Os racistas reversos, né?! Eu acredito que é uma desonestidade muito grande. (Margareth Menezes¹³⁷, 32 anos, **grifo nosso**)

¹³⁵ Informações extraídas da matéria “Discurso de ódio na internet tem mulheres negras como principal alvo” do site Agência Brasil no link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-08/discurso-de-odio-na-internet-tem-mulheres-negras-como-principal>. Acesso em 23 de fev 2021.

¹³⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹³⁷ Idem.

Um relato longo que mexeu afetivamente com a fundadora, pois ficou nitidamente aborrecida com a lembrança causada pela pergunta que lhe trouxe memórias sobre o que passaram na época. Palavras dolorosas contra elas e outras coisas que não quis mencionar, mesmo quando perguntada como eram as mensagens. O discurso do ódio na Internet tem em si uma estratégia de desqualificar as ações e práticas de pessoas e/ou movimentos que podem levar para além: mensagens raivosas, preconceituosas e até ameaças de morte, como ocorreram com candidatas e/ou vereadoras negras no pleito eleitoral de 2020. Lembramos, por exemplo, o assassinato da vereadora Marielle Franco, em 14 de março de 2018. Um caso que ficou conhecido mundialmente e, até hoje, não se tem condenação. À época, a vereadora recebia ameaças nas redes sociais.

Figura 20 – Foto das manifestações por justiça para Marielle Franco.



Fonte: foto retirada da página da Veja.

Esses discursos de ódio tão danosos podem causar danos sociais e psicológicos nas mulheres negras e têm sido exercício comum que ultrapassa a fronteira da liberdade de expressão, tornando a atuação virtual dessas mulheres negras um tormento. Ou quando não se mata fisicamente, criam-se ferramentas que auxiliam na “morte digital” ou “massacre digital”, que têm por objetivo o julgamento de posições políticas, sociais e ou culturais dos atores sociais na *Internet*, como é a cultura do cancelamento, tão falada hoje.

O movimento começou há alguns anos com o intuito de visibilizar as causas sociais e a proteção ao meio ambiente. Muito utilizado por jovens, o maior grupo de usuários da rede, esta estratégia consiste em “cancelar” empresas e pessoas que tivessem sua imagem ligada a ações de ódio, preconceito e exploração. Como exemplo, temos os casos de *exposed* através do

Movimento *#MeToo*, quando várias mulheres denunciaram os abusos sexuais cometidos por diretores e atores de Hollywood, através de mensagens divulgadas, principalmente, pelo *Twitter*.

Muitos desses diretores e atores tiveram suas páginas canceladas, perderam contratos e até tiveram que responder na justiça. No Brasil, a onda da Cultura do Cancelamento também veio com força e, no Ceará, houve diversas denúncias através da *hashtag* *#ExposedFortal*, onde estudantes divulgaram denúncias de abusos sexuais contra professores e ex-professores no *Twitter*. Uma maneira de ampliar as falas silenciadas de pessoas e/ou grupos excluídos para cobrar mudanças de pessoas públicas, empresas e até do Estado.

No entanto, a cultura do cancelamento tem provocado problemas, pois, temos visto a divulgação de injustiças sendo, algumas vezes, interpretadas como uma “boa-intenção” que podem ser, na verdade, operadas para a tentativa de destruição da imagem de pessoas e/ou grupos. Esses problemas têm causado o “linchamento digital”, acarretando diversos danos à vida das vítimas. A cultura do cancelamento ficou em maior evidência com a nova edição do “Big Brother Brasil 21” ou “BBB”. Este último é a versão brasileira de um reality show, produzido e exibido pela Rede Globo, onde pessoas ficam confinadas em uma casa cinematográfica que é vigiada 24 horas por dia, sem conexão com o mundo externo.

Essa edição do programa de 2021 teve o maior número, em sua história, de negros participando do reality. E tem como intuito mostrar as condutas, os posicionamentos, as preferências, sentimentos e falas de seus participantes. Sem juízo de valor sobre o caráter de cada participante, vimos que alguns dos integrantes passaram por esse “linchamento digital” e tiveram perdas gigantescas como a diminuição de seguidores nas suas redes sociais, o cancelamento de contratos empresariais e até ameaças de morte. Como exemplo, temos a cantora Karol ConKá, uma mulher negra que teve um recorde de rejeição na história do programa, sendo eliminada do BBB21, com 99,17% dos votos.

Isso diz muito sobre o cancelamento que a sociedade brasileira faz para com as mulheres negras, pois compreendemos que suas atitudes foram graves, no entanto outras práticas semelhantes já foram feitas por atores que não tiveram nenhum e/ou pouco julgamento da opinião pública. Precisamos pensar com cuidado nos danos causados por essa cultura que levou a cantora a precisar de segurança policial na saída do programa, algo que nunca aconteceu a outro participante do BBB, e que sua família tem sofrido diversas ameaças, além de mensagens que continuam chegando nas suas redes. Até a criação de páginas exaltando o ódio à cantora também foram criadas, para que pessoas possam seguir, curtir e comentar o ódio.

Figura 21 – Mensagem de um internauta que afirma não estar satisfeito com a saída da cantora do BBB.



Fonte: foto retirada do perfil do twitter da cantora Karol Conká.

Essa prática do “amamos odiar” é constante na formação da sociedade brasileira que odeia negros, indígenas, mulheres, pobres, pessoas LGBT, pessoas com deficiências. Aqui falamos de uma mulher negra que recebeu palavras e frases que perpetuam o racismo no espaço virtual. Assim explica a estudante de agronomia e criadora Margareth Menezes¹³⁸, quando conta como foi afirmar-se negra. Ela diz que teve uma formação familiar que a ajudou, pois seu pai é negro e sua mãe é negra de pele mais clara e com traços indígenas. Por isso, o tema sempre esteve presente em sua vida,

Tanto da forma boa, como da forma ruim. Por muito, infelizmente, a gente ver muito mais por causa da coisa ruim. O Brasil é extremamente racista, apesar de dizerem que não, mas foi muito bom pra minha construção, do que eu sou hoje em dia. (Margareth Menezes¹³⁹, 32 anos)

A ideia de uma cultura do cancelamento já faz parte da vida das mulheres negras, seja presencial ou virtual, e caminha com a sua história, cultura e memória. Por isso, necessitamos olhar para os rastros deixados com a representação destas mulheres negras nas

¹³⁸Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹³⁹ Idem.

redes sociais, e saber se causam visibilidade ou danos traumáticos à sua trajetória.

3.2 O *Instagram* e a sua teia de interações

3.2.1 “*Eu sei que você quer me curtir, então não me enrola agora, vem, dá um like logo aí*”¹⁴⁰: as diversas facetas do *Instagram*

Existem músicas, paródias ou mesmo trocadilhos que se utilizam de palavras-chave, termos ou nomes de redes sociais que colaboram para a visibilidade dessas plataformas. Vai desde um “Dá1LIKE” da Banda Uó, que abre este tópico, ou mesmo a música “Ela é top” de MC Bola, quando diz que ela “tira foto no espelho pra postar no *Facebook*¹⁴¹”, dentre outras músicas que ressaltam as palavras ou termos que trazem o significante (palavra) e o significado (imagem) para essa nova forma de se comunicar na *Internet*, produzindo um discurso corrente na atualidade.

Isso ocorre porque esse ciberespaço proporciona a interconexão de mensagens entre os atores sociais, como explicada por Pierre Lévy, através de alguns princípios para essa interação, onde “do mais básico ao mais elaborado, três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva”. (LÉVY, 1999, p. 127). Ele ainda exemplifica cada um dos princípios no intuito de tentar fundamentar a funcionalidade do ciberespaço. No entanto, queremos destacar as comunidades virtuais, onde ele fala que “As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos” (LÉVY, 1999, p. 132), ou seja, essas comunidades virtuais representam espaços onde os usuários buscam interagir a partir dos seus interesses e seu comportamento.

O *Instagram* apresenta esses elementos, quando une, em sua plataforma, fotos e vídeos que proporcionam curtidas, comentários e compartilhamentos, tudo isso através de um conjunto de ícones e logotipos que caminham com as postagens dos milhões de usuários

¹⁴⁰ Trecho da música Dá1LIKE da Banda Uó com a participação de Karol Konká.

¹⁴¹ O Facebook é a maior rede social de todo o mundo, contando com [2 bilhões de usuários](#) ativos em todo mundo, onde é possível criar um perfil pessoal ou [uma Fan Page](#), e interagir com outras pessoas conectadas ao site, através de trocas de mensagens instantâneas, compartilhamentos de conteúdos e as famosas “curtidas” nas postagens dos usuários. Essa rede social foi criada em 2003, dentro de um quarto, na Universidade de Harvard, com o nome de Facemash. O site foi criado pelos estudantes Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e o brasileiro Eduardo Saverin, que estavam no segundo ano de faculdade. Fonte: site rockcontent. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/facebook/> acesso em 19 de mar de 2021.

diariamente, criando interesse e desejo. Não é à toa que essa rede foi buscada pelas criadoras da página Profissionais Negros do Ceará, como explica a fundadora Elza Soares¹⁴², quando fala sobre o motivo de criar o perfil de/para/com pessoas negras. “A gente quer atingir essas pessoas, a gente quer que a nossa página, o nosso projeto, chegue em você ou em alguém, ou eu, por exemplo, chegue na tapiocaria daquela senhora (**uma mulher negra**) e marque ela. Tire uma foto, entendeu?!” (Elza Soares¹⁴³, 30 anos, **grifo nosso**). Assim o aplicativo, que tem como principal funcionalidade a publicização na qual os usuários, por meio de rolamento da tela, observam as fotos e vídeos das pessoas que eles seguem, responde pela vontade das fundadoras que optaram pelo *Instagram* para visibilizar a imagem de pessoas negras.

Figura 22 – Ícones e logotipos do *Instagram*.



Fonte: site Freepik.

A rede social vem desenvolvendo ferramentas que facilitam o acesso, interação e a navegabilidade de seus seguidores. O *Instagram* tem alcançado um grande número de pessoas, grupos e empresas de diferentes perfis que, mesmo tendo iniciado como um aplicativo que era utilizado apenas para os proprietários de iPhones e iPads. Foi criada por Kevin System e pelo brasileiro Mike Krieger, em 2010, e após a sua venda do aplicativo para o Facebook, em 2012, a rede é disponibilizada para os dispositivos Android, possibilitando a entrada de milhões de pessoas no mundo.

No Brasil, atualmente é a 4ª rede social mais utilizada, com 95 milhões de usuários, de acordo com os dados do relatório de outubro de 2020, produzido pela **We Are Social e**

¹⁴² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹⁴³ Idem.

Hootsuite¹⁴⁴. A pesquisa ainda ressalta o tempo médio que os brasileiros passam nas redes sociais que, em média, são 3 horas e 31 minutos por dia conectados, dentre outros pontos sobre a cultura digital dos brasileiros.

O *Instagram* tem mudado rapidamente sua interface, disponibilizando novos ícones, possibilitando a integração de outros aplicativos, atualizando seus filtros, ainda embranquecedores, ou introduzindo novos, e criando novas ferramentas como inclusão de músicas, diferentes formatos de vídeos, dentre outras coisas. Mudanças tecnológicas que compõem o espaço das redes sociais no intuito de envolver mais seguidores e, assim, viabilizar maior participação. Entre as estratégias que ajudam a impulsionar a plataforma temos a introdução dos *Stories*, com uma funcionalidade parecida ao de outro aplicativo chamado *Snapchat*¹⁴⁵, incorporado ao aplicativo em 2016, foi possível elaborar e inserir vídeos e fotos com filtros diferentes, ícones, música, menção, localização, e tantas outras ferramentas que serão deletadas após 24 horas. Com o *stories*, páginas, como a Profissionais Negros do Ceará, tiveram outro espaço para divulgar os serviços e/ou produtos de seus integrantes, utilizando ferramentas como *gifs*, músicas, enquetes, perguntas, dentre outros itens que ajudam a levar mais usuários para o *feed*¹⁴⁶ de cada agente digital, aumentando, desta maneira, sua audiência. Tudo para melhorar a usabilidade e interação de pessoas e empresas que estão cada vez mais conectadas, por meio de seus algoritmos, tema que vamos aprofundar no próximo tópico, colocando em evidência o interesse por meio dos *posts* na rede. Além de divulgar o "trampo das manas" que precisam de mais clientes e que estão iniciando um novo trabalho, no período da pandemia.

Figura 23 – *Stories* de busca por professores de *Yoga*.

¹⁴⁴ Dados retirados da pesquisa do site Resultados digitais Disponível em:

<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=Instagram,O%20Instagram%20foi&text=De%20acordo%20com%20o%20report,bilh%C3%A3o%20de%20d%C3%B3lares%20pela%20transa%C3%A7%C3%A3o!> Acesso em 15 de mar 2021.

¹⁴⁵ Rede social de mensagens instantâneas voltado para celulares com sistema Android e iOS criada e desenvolvida por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford. O app pode ser usado para enviar texto, fotos e vídeos e o diferencial é que este conteúdo só pode ser visto apenas uma vez, pois é deletado logo em seguida, se "autodestruido" do app. Fonte: site Techtudo.com. disponível em <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-snapchat.html>. Acesso em 16 de mar 2021.

¹⁴⁶ Tradução significa alimentação. O feed do *Instagram* reúne todas as publicações do perfil e serve como um resumo do conteúdo que você produz. Por isso, organizá-lo significa projetar o conceito e o visual que você deseja transmitir aos seus seguidores. Fonte: site Canva. Disponível: https://www.canva.com/pt_br/aprenda/feed-instagram/ Acesso em 18 de mar 2021.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instagram.

Figura 24 – *Stories* de divulgação de serviços.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instagram.

Esses instrumentos, inseridos constantemente no aplicativo, servem para ressaltar seu principal foco, o visual. Esse sentido que compõe o corpo humano e nos permite captar o mundo ao nosso redor através do olhar que busca, do olhar que admira, do olhar que questiona, do olhar que elabora uma leitura sobre as pessoas e coisas, como explica Paulo Freire (1989), ao dizer que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]” (FREIRE, 1989, p. 9). Ele explica que sua primeira leitura foi na casa com seus quartos e demais compartimentos, e no quintal de casa, olhando as diversas árvores plantas, criando uma interação entre as pessoas, os objetos e a natureza e isso passa pelos diversos sentidos do ser humano, inclusive e, especialmente, pelo visual, quando lembra como era a planta (mangueira), sua cor, formato e tamanho, ou dos quartos com cada utensílio, a cor das paredes, o formato do piso, dentre outros itens.

O mesmo olhar refletido na fala do jornalista Rogério Christofolletti (2008), ao dizer que “Olhar é apreender o mundo, as coisas, as pessoas e suas circunstâncias e considerá-las, guardá-las de alguma forma nos escaninhos da memória. Olhar é encarar, pesquisar, examinar” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 78). Pois é a imagem, é a interface primordial dessa rede que conecta pessoas através do olhar atento sobre o cotidiano das páginas seguidas. É o “ato de olhar” que fascina a todos e encontra, neste espaço, um aliado para a construção de narrativas, para a difusão da informação e para a produção do consumo.

Esse olhar que faz parte das redes sociais é onde podemos analisar os desejos através das interações de seus usuários, como explica Recuero (2010), quando diz que “uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2010, p. 24). Padrões de conexão que ajudaram e ajudam seguidores na busca por páginas de interesse, como aconteceu com as participantes da página Profissionais Negros do Ceará, que utilizaram formas diferentes de busca, mas, com o mesmo objetivo, encontrar perfis que ajudassem na divulgação de seus serviços.

Como exemplo, temos a empreendedora social, Theodesina Rosário¹⁴⁷, ao explicar que só foi possível conhecer a página Profissionais Negros do Ceará por meio do compartilhamento no perfil de um conhecido que ela segue. “[...] eu vi alguém compartilhando e achei a ideia muito massa no *Instagram*. De ser pretos comprando de pretos. [...] Isso foi bem no começo (**no início da página**), não tinha nem o link, era falando diretamente no *direct*”. (Theodesina Rosário¹⁴⁸, 20 anos, **grifo nosso**). A ferramenta de compartilhamento, também conhecida como *repost*, é bastante utilizada quando se deseja divulgar postagens de outra página que seja do seu interesse. Isso causa um “efeito dominó”, pois eleva o engajamento na página publicizada, que consegue atingir um maior número de usuários daquela plataforma. Estes instrumentos proporcionam um maior alcance na rede, que, além de provocarem o compartilhamento de mensagem entre os usuários, criam uma teia social que promove a distribuição de informações, pensamentos e práticas culturais elaborando a interconexão de mensagens, quer seja através de fotos, vídeos ou textos, para um vínculo social entre os usuários desta comunidade virtual.

3.2.2 Utilizando as *hashtags* para a visibilidade da população negra

O *Instagram*, como já ressaltamos, cria diversas formas de interação, quando utiliza o visual para chamar a atenção de seguidores que, de forma simples, utiliza sua linha do tempo, para reunir vídeos e fotos de boa qualidade e textos, quase sempre, acompanhados de *hashtags* para serem curtidas, comentadas e repostadas. As *hashtags*, palavras-chave ou termos que

¹⁴⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 16 de setembro de 2020

¹⁴⁸ Idem.

proporcionam a indexação de assuntos ou discussões específicas na rede social, conseguem agrupar imagens e fotos que são de interesse dos seguidores que as buscam.

Essas palavras-chaves são ferramentas que diversas pessoas, grupos e empresas, inclusive, a página Profissionais Negros do Ceará, utilizam para ajudar no engajamento do público-alvo que se deseja atingir, como conta a escritora e professora de língua inglesa, Carolina Maria de Jesus¹⁴⁹, uma das participantes da página, ao enfatizar que só foi possível conhecer o perfil e ter seus serviços divulgados, porque estava navegando no *Instagram* na busca por perfis para divulgar seu livro.

Eu conheci a página através de pesquisas mesmo que eu fiz na rede social do *Instagram* quando estava procurando maneiras de divulgar o meu livro, né?! A publicação do meu primeiro livro. Não conhecia a página e, na verdade, eu também não conhecia as meninas da página. Fui conhecer muito tempo depois. A página foi através de *hashtags* com todos os elementos que a gente põe pra ajudar na busca. Foi com isso que eu consegui achar a página. (Carolina Maria de Jesus¹⁵⁰, de 24 anos)

A escritora conta que fez sua inscrição e, meses depois, o seu livro foi publicizado; e ressalta que a divulgação no perfil ajudou a impulsionar seus serviços, pois “A Profissionais Negros (**a página Profissionais Negros do Ceará**) foi a primeira página assim, que eu vi que muitas pessoas chegaram até o meu trabalho. Foi exatamente assim. Eu creio que é uma página de extrema importância para nós (**população negra**)” (Carolina Maria de Jesus¹⁵¹, de 24 anos, grifo nosso).

Outra participante também conta que conheceu a página, quando resolveu dar uma repaginada em sua marca. A empreendedora social, de 24 anos, Auta de Souza¹⁵², disse que passava por momento de mudança na página e de reflexão sobre sua negritude, “[...] a minha marca era um nome diferente, não me representa” (Auta de Souza¹⁵³, 24 anos). Ela explica que procurou páginas com perfis de pessoas negras, para impulsionar seu produto e encontrou o perfil Profissionais Negros do Ceará. No período da entrevista, a empreendedora social disse

¹⁴⁹Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

¹⁵³ Idem.

que conversava com um amigo, um homem negro, sobre o nome da empresa que era Morenas Brownie, e ele a questionou perguntando “O nome da tua marca é Morenas Brownie, como assim? Tu é negra. E aí eu fiquei refletindo sobre isso e tal e aí eu decidi mudar a marca. E aí eu mudei para Brownie da [...]”. (Auta de Souza¹⁵⁴, 24 anos).

Figura 25 – Foto de divulgação da entrevistada na página.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no *Instagram*.

A empreendedora ainda diz que a mudança da marca ajudou a mesma a assumir sua cor e que até a criar uma boneca preta (como se vê na imagem 25), para representar seu negócio. Além disso, pediu a ajuda do irmão que sugeriu a busca de páginas que pudessem impulsionar a divulgação do seu perfil no *Instagram*.

E o meu irmão me ajuda muito nisso, e ele falou “mana, uma estratégia boa é a gente procurar Instagrans assim que tenha o perfil de negros, que falem sobre isso e tudo mais, e a gente vai procurando e seguindo as pessoas. Foi assim que ele encontrou o Profissionais Negros Ce (**a página Profissionais Negros do Ceará**) com essa estratégia de ter mais um público negro no Brownie. (Auta de Souza¹⁵⁵, 24 anos, **grifo nosso**)

¹⁵⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

¹⁵⁵ Idem.

Auta de Souza¹⁵⁶ conta que no início não tinha contato, então usava a página Profissionais Negros do Ceará para conseguir novos seguidores, onde seguia as pessoas que seguiam a página e que a página seguia para ter seguidores no seu perfil. Os depoimentos das participantes ressaltam como o uso das *hashtags* ajudou e ajuda na busca pelos seus temas de interesse, bem como ajuda a disseminar os conteúdos nas redes sociais. E por serem de rápida e fácil utilização, pois, é a união de uma ou mais palavras associadas ao sinal gráfico da cerquilha (#), as *hashtags* conseguem categorizar diversos temas e, com isso, têm ganhado grande espaço em diversas redes sociais, inclusive no *Instagram*. Sem regra específica sobre a quantidade de palavras-chave por postagem como, por exemplo, no *Instagram* que existe um número limite de 30 *hashtags* por publicação.

A hashtag é uma ferramenta que tem sido disseminada, causando um grande alcance, quer seja na busca de produtos, quer seja na busca de informações; as *hashtags* têm-se incorporado às publicações, quase que de forma permanente, pelos usuários da rede que ditam suas estratégias de uso. Não por acaso, vemos como essas palavras-chaves tiveram um importante papel, quando foram associadas às pautas sociais que provocaram debates na mídia e mobilização dentro e fora da rede.

As *hashtags* se transformam em armas para combater opressões e disseminar ações e casos de injustiças na sociedade, através de palavras de ordem, questionamentos e chamamentos que ajudam a propagar as falas de seus interlocutores, como explicam Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) em seu livro “A internet e a rua: ciberativismo e mobilização”, onde afirmam que a organização das vozes ativas ocorre “através de luta, criação e resistência que hoje incorporam intensamente as redes interativas de comunicação distribuída” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 58). Eles ainda acrescentam que essas resistências se constituíram quando a “multidão armada” (MALINI; ANTOUN, 2013) conectou suas pautas, para forçar mudanças nas construções sociais através das comunidades virtuais.

[...] uma rede de guerra que usa a contrainformação para lutar contra os Estados global e local, mas seu combate se desenvolve através de sua própria construção como um modo surpreendente de inventar valores e práticas democráticas no seu interior, utilizando-se da comunicação distribuída em rede interativa em vigor na Internet. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 85-86)

¹⁵⁶ Ibidem.

Essas comunidades virtuais têm o intuito de criar laços sociais, onde são elaborados discursos para a organização de lutas com narrativas baseadas em pautas individuais e/ou coletivas de pessoas, coletivos, movimentos, ONG's, dentre outros, através das *hashtags* que tentam publicizar as pautas. Isso também acontece com a página Profissionais Negros do Ceará que tem utilizado, em quase todas as postagens, as *tags* para evidenciar os temas da população negra. Para compreender melhor a funcionalidade destas *tags*, elaboramos a nuvem de palavras por meio dos recursos tecnológicos da plataforma *Infogram*¹⁵⁷. O recurso da nuvem de palavras é bastante aproveitado por pesquisadores na atualidade, pois ajuda a identificar e registrar tendências e padrões existentes em uma rede na *Internet* que vistos sem este recurso, poderiam passar despercebidos.

Figura 26 – Nuvem de palavras das *hashtags* que mais apareceram nas postagens da página.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instagram.

Fazendo uso do recurso gráfico da nuvem de palavras, vemos na figura 10, quais tags foram utilizadas e sua frequência, durante o ano de 2020, e percebemos como se organizam as publicações da página. Percebemos que não existe uma ordem de quantidades de palavras por tag ou mesmo a regra de permanência de tags em todas as publicações, pois houve mulheres que foram divulgadas e não havia *hashtags* no seu texto. Considerando isso, não existe uma padronização nas palavras-chave utilizadas. No entanto, existe uma recorrência de algumas como a tag #ProfissionaisNegroCe, que aparece, em primeiro lugar, na repetição das postagens.

¹⁵⁷ O Infogram foi criado com o objetivo de aumentar a alfabetização em dados, dando a qualquer pessoa a capacidade de visualizar e compartilhar dados em minutos. Nasce em 2012 por Uldis Leiterts, Raimonds Kaze e Alise Semjonova. Os usuários do Infogram têm criado gráficos, relatórios e infográficos vistos mais de 1,5 bilhão de vezes. Disponível em: <https://infogram.com/about> Acesso em 12 de out de 2021.

Outro ponto importante sobre utilização das *hashtags*, na página, é a construção de tags específicas, como a #Africa, que aparece apenas nas postagens do programa “O Papo”, projeto incluso dentro da página. É uma série de lives que conta com a participação de jovens do continente africano para falar sobre temas diversos como a pandemia, política, cultura e seus países de origem, elaborada pela criadora da página Elza Soares¹⁵⁸, em parceria com o projeto Sour Preto, durante a pandemia, para divulgar e movimentar a página. Além de visibilizar essa conjunção de palavras também impulsionam temas importantes para as criadoras, pois, em uma busca rápida pelo *Instagram*, com a tag #ProfissionaisNegroCe, foi possível achar diversas postagens de páginas e/ou pessoas, postando conteúdos no *site* e marcando a página, através da utilização das mesmas tags, ocasionando, assim, uma rede de compartilhamento de ideias no espaço digital.

As *hashtags* estão em todos os lugares, e não se pode negar que elas tenham ajudado no alcance de temas e pautas, sejam locais ou globais, como vimos com a tag que provocou uma gigante mobilização, como foi da *hashtag* #blackouttuesday. O Blackout Tuesday¹⁵⁹, que traduzido para o português significa terça-feira do apagão, é um movimento de antirracismo feito por meio das redes sociais e de plataformas de *streaming*¹⁶⁰. A tag foi criada por empresas de música como o *Spotify*, para convidar pessoas a colocarem imagens pretas no *Instagram*.

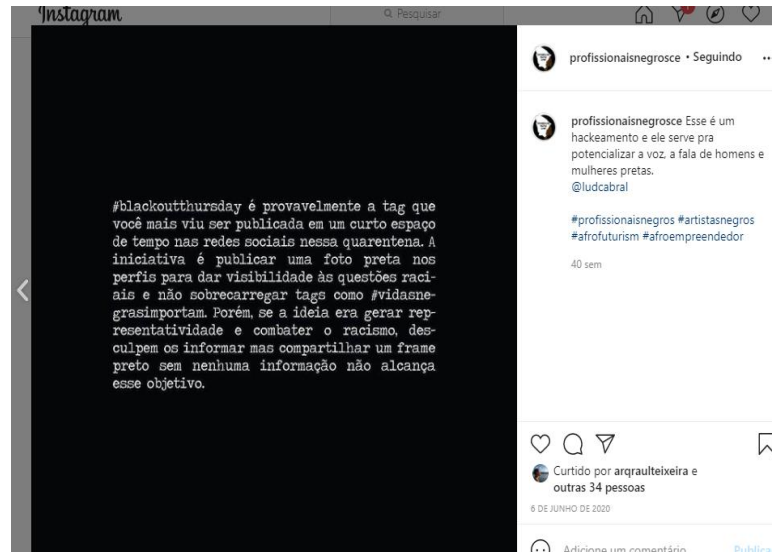
No entanto, precisamos compreender que as *hashtag* não respondem por mudanças estruturais, elas são meios para divulgação de pautas e não instrumentos de conscientização dos sujeitos sociais, como trazemos em mais uma postagem da documentarista e militante negra Ludmilla Cabral, que teve seu texto repostado na página Profissionais Negros do Ceará, ainda sobre a morte de Floyd que causou comoção internacional e criou o mote #vidasnegrasimportam, que já era utilizado, mas ficou em destaque neste período, como uma das *hashtags* mais impulsionadas durante as manifestações sobre o caso.

Figura 27 – *Repost* de divulgação do texto da militante negra Ludmilla Cabral sobre a #blackouttuesday.

¹⁵⁸ Nome fictício aplicado para a tese.

¹⁵⁹ Fonte: Site da Revista Carta Capital em 2 de jun de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/blackouttuesday-entenda-o-protesto-feito-com-imagens-pretas-no-instagram/> Acesso em 16 de dez de 2020.

¹⁶⁰ Streaming é uma tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo Fonte: site Tecnoblog. Disponível em <https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/> Acesso em 16 de dez de 2020.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instagram

Para ela, a tag que incentiva a mudança de uma foto não incentiva o motivo real sobre a morte de George Floyd, e de muitos homens e mulheres negros e negras, pois não representa uma transformação nas estruturas sociais que propagam as opressões e perpetuam o racismo na sociedade. Sem contar que as redes sociais também podem ser locais destas manifestações violentas, ou, ainda mais, as redes podem ser propagadoras dessas opressões, causando, assim, a continuidade da desigualdade social.

3.2.3 Algoritmos que impulsionam o racismo e o sexismo nas redes sociais

Como o Instagram consegue relacionar o tipo de conteúdo de interesse de seus seguidores? Isso ocorre, porque existe um mecanismo que ajuda nesta interação que conecta um conteúdo específico do usuário e plataforma, através de seus interesses, que são os algoritmos. Eles têm a tarefa essencial de potencializar o engajamento de seus usuários, direcionando os conteúdos corretos para cada um. Por isso, é necessário compreendermos o que é o algoritmo e o seu papel na disseminação da informação. A matemática Cathy O’Neil (2018), que escreveu o livro *Algoritmos de Destruição em Massa*, sobre o papel dos algoritmos na *Internet* conta que eles são “[...] basicamente um sistema de perfis demográficos gerados a partir de big data¹⁶¹. Averigua se você é um cliente que paga ou quais são suas possibilidades para

¹⁶¹ Bases com enormes volumes de dados, para aprimorar, complementar e, talvez em algum momento, substituir as formas tradicionais de estatísticas, que ainda informam e moldam os pontos de vista de autoridades econômicas, políticos e acadêmicos e guiam investimentos de trilhões de dólares. Fonte: site da Governance 4.0

comprar uma casa com base nas pistas que você vai deixando, como sua classe social, sua renda, sua raça ou etnia”. (O’NEIL, 2018, p. 2).

Com isso, os algoritmos conseguem deduzir como é o seu comportamento na rede, assimilando as pesquisas que você faz, o tempo que fica nas redes, suas informações pessoais registradas no ciberespaço. Uma estratégia recorrente no mundo digital que se alinha ao seu perfil para então enviar um conteúdo mais próximo dos seus gostos e desejos. Sempre levando para cada perfil a postagem que tem conexão com o desejo, com as curtidas, comentários e postagens salvas desses usuários.

Os algoritmos do *Instagram* são um sistema recente, pois, no começo, a rede apenas funcionava de forma cronológica onde os *posts* eram exibidos para os seus seguidores através da ordem de postagens. No entanto, isso mudou quando resolveram desenvolver seu próprio algoritmo em 2016, fazendo com que as postagens mais importantes fossem vistas por cada usuário no seu *feed*. Hoje em dia, o algoritmo recolhe os dados, por meio automático e com inteligência artificial, criando uma ordem de posicionamento das postagens inseridas no *feed*, reunindo as publicações mais relevantes daquele usuário que serão transmitidas aos seus seguidores.

O *Instagram* consegue fazer “uma leitura”, por meio de tudo que olhamos, quanto tempo ficamos na página de alguém, tempo de leitura em um post, com o quê ou com quem mais interagimos e dentre outros pontos. Para conseguir isso, a plataforma estabelece algumas estratégias que ajudam na organização das informações da postagem de cada usuário que, mesmo tendo diferentes gostos e afinidades na rede, tem uma padronização no que diz respeito à forma de acesso, como o engajamento, interesse, frequência, tempo (cronologia) e relacionamento. Podemos acrescentar outros itens ou mesmo retirar, mas, no geral, esses são os princípios básicos que auxiliam no trabalho dos algoritmos da rede.

No entanto, é importante compreender que somos afetados por esses algoritmos, a partir de uma política de controle que elabora estratégias para que sejam mostrados conteúdos de nosso interesse com uma mescla do que o sistema acha mais interessante. Não podemos nós enganar, ao achar que a *Internet* é imparcial, motivada apenas por nossas escolhas. Ela é controlada por pessoas, empresas, instituições que também têm interesses e vontades. O *Instagram*, após a inserção de seu algoritmo, tem um único objetivo: que seus seguidores

encontrem o que mais buscam e desejam, primordialmente, sem muitos problemas, mas, com uma combinação de conteúdos do interesse de seus “donos” para seus seguidores.

Por conseguinte, é necessário olhar o outro lado da moeda, quando pensamos nesses algoritmos que têm desenvolvido formas de perpetuar as desigualdades sociais. A pesquisadora Cathy O’Neil (2018) fala que esses algoritmos da rede podem ser a nova forma de controle nos tempos atuais, dado que pode ser ‘destrutivo para a sociedade’ (O’NEIL, 2018), como uma arma de destruição da sociedade de hoje. Ela acredita que:

Não devemos abandonar a automação ou parar de confiar em algoritmos, mas que prestem contas. Sobretudo quando atuam em um campo onde não há definição clara do que seja “êxito”. Esse é o tipo de algoritmo que me preocupa. Quem controla o algoritmo controla a definição de seu êxito. Algoritmos sempre funcionam bem para as pessoas que os projetam, mas não sabemos se funcionam bem para o público-alvo desses algoritmos. Eles podem ser tremendamente injustos com eles. (O’NEIL, 2018, p. 2)

Quando ela nos coloca essa reflexão, destaca os interesses que seus programadores têm e como é concreta a ideia de, mais uma vez, termos espaços para efetivar as práticas de racismo e sexismo que agora são transferidas para o espaço virtual, pois, “com algoritmos estamos tratando transcender o preconceito humano, de pôr em marcha uma ferramenta científica” (O’NEIL, 2018, p. 2). A matemática deixa até um exemplo para compreendermos o perigo que esses algoritmos podem propiciar, quando diz que “pode ser um algoritmo para decidir quem acessa a liberdade condicional racista, quem determina quais bairros sofrem uma pressão policial maior em função da presença de minorias...” (O’NEIL, 2018, p. 2).

Precisamos trazer à luz, as táticas de que políticos, empresas e instituições têm ao compor o espaço digital. São práticas políticas e econômicas que compõem o “*Big-data*”, que estão em jogo e se fortalecem diariamente nas redes, como analisa o professor e pesquisador Evgeny Morozov (2018), em seu livro “A ascensão dos dados e a morte da política”, onde estuda os impactos políticos e sociais com as tecnologias e do espaço digital. Morozov (2018) ressalta que devemos (re)pensar o termo “digital” e utilizarmos o termo “político” e “econômico”, quando analisamos as tecnologias digitais, pois essas têm desenvolvido meios para tentar monetizar a informação, a partir de seus interesses das grandes estruturas capitalistas. Ele nos faz refletir ao questionar se

“Não seria ótimo que um dia, diante da afirmativa de que a missão do Google é “organizar as informações do mundo e torná-las acessíveis e úteis para todos”, (se) pudéssemos ler nas entrelinhas e compreender o seu verdadeiro

significado, ou seja, “monetizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente inacessível e lucrativa?” (MOROZOV, 2018, p. 28, **grifo nosso**).

Uma reflexão necessária é sobre quais os rumos da Internet, com seus algoritmos, e como precisamos monitorar e denunciar qualquer tipo de racismo e sexismo na rede. Questionar essas estruturas é uma tarefa importante, como conta a ilustradora e participante da página Profissionais Negros do Ceará, Clementina de Jesus¹⁶², ao falar sobre a representação da população negra na página. Ela acredita que a página Profissionais Negros do Ceará ajuda na representação da população negra cearense. Entretanto, é necessário observar os algoritmos do *Instagram*, pois, mesmo quando se tem uma página que tenta desenvolver práticas que promovam as pautas da população negra, é possível que haja um boicote por parte dos algoritmos, ao implementar estratégias para diminuir e/ou cancelar a possibilidade da aparição da página como indicação no feed de novos seguidores.

[...] É até um debate que a gente tava tendo nesses dias. De como as redes sociais contribuem, de alguma forma, pra que o racismo se perpetue, né?! Não sei se tu viu aquele debate do *Instagram*? **(pergunta para a entrevistadora sobre uma matéria que fala dos algoritmos que promovem o racismo)** Quando você posta a imagem de uma pessoa branca, o algoritmo coloca essa imagem lá pra cima. E quando você coloca a foto de uma pessoa negra, você não tem tanto alcance. Várias pessoas postaram sobre isso e fizeram teste, tipo, eu tenho uma página e eu posto uma foto de uma pessoa branca, aleatória, e aí ela sempre aparece no topo pras pessoas. E teve todo esse debate de “o algoritmo é racista?” Mas, o algoritmo é feito por pessoas. Sempre volta para as pessoas que são racistas. E como elas estão no controle desses meios de comunicação. (Clementina de Jesus¹⁶³, 26 anos, **grifo nosso**)

A matéria relatada pela ilustradora é do site “Sou Conversa”, que apresenta a fala da influenciadora negra, Sá Ollebar, que postou um vídeo sobre a funcionalidade diferenciada dos algoritmos do Instagram entre pessoas negras e brancas. A influenciadora Sá Ollebar diz, no vídeo, que fez um experimento onde postou fotos de mulheres brancas, fazendo as mesmas coisas que ela, praticando *yoga*, falando sobre maternidade, preparando uma comida vegana, caminhando na praia, dentre outras coisas do seu cotidiano. As fotos tiveram um aumento de 6000% em alcance, se comparadas às fotos e vídeos dela tendo a mesma rotina. Ela ainda utilizou de um filtro para deixar sua pele branca e a foto também teve um enorme alcance nas

¹⁶² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

¹⁶³ Idem.

redes. Desta forma, percebemos no vídeo a existência de um “racismo algorítmico” que se perpetua no espaço digital e provoca mais desigualdade entre negros e brancos.

Figura 28 – Print do vídeo da produtora de conteúdos digitais, Sá Ollebar.



Fonte: página Autocuidado Sá Ollebar no Instagram.

Um tema que tem sido constantemente pautado nas redes sociais, mídias e pesquisas, como explica o pesquisador Tarcízio Silva (2019b), que estuda imaginários sociotécnicos de resistência, ao dizer que assim como existe dominação da branquitude nas estruturas sociais, geográficas e econômicas, também ocorrerá esta dominação com outras áreas, inclusive, as novas tecnologias.

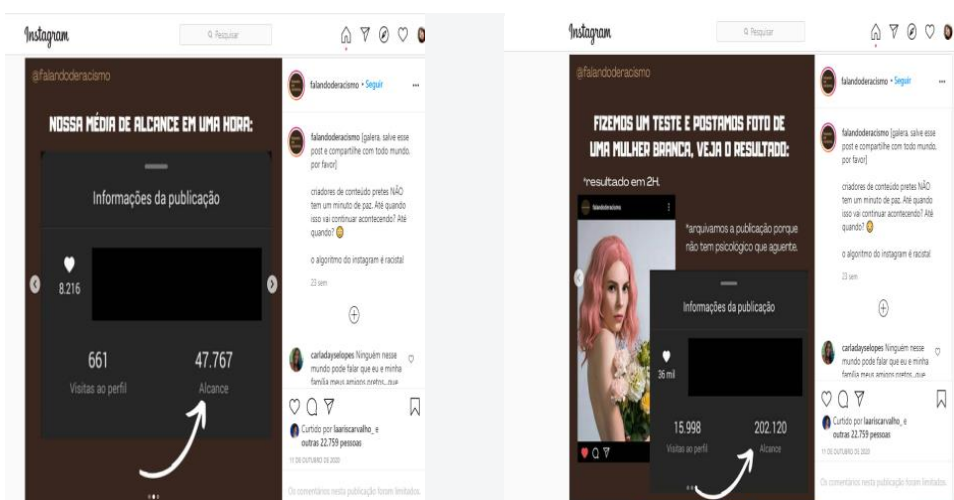
A manutenção e reprodução dos privilégios da branquitude partindo de uma centralidade evocativa à Europa se ligaram histórica e economicamente à dominação colonial e neocolonial, com desdobramentos da ciência à tecnologia, mas sempre através da evitação ao debate sobre raça. (SILVA, 2019b, p. 3)

Ao expor seu pensamento sobre racismo produzido pelos algoritmos, a ilustradora Clementina de Jesus¹⁶⁴ coloca em evidência uma realidade vivida por pessoas de diversas páginas, lideranças públicas negras, empresas negras, influenciadoras e influenciadores negros, que fazem parte do Instagram e que têm seus perfis com pouco alcance, poucos seguidores e pouca interação. Assim também se apresenta na página Profissionais Negros do Ceará, quando

¹⁶⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

vemos um pouco mais de 6000 seguidores, além de poucas curtidas e mensagens nas postagens, em um Estado onde temos o número de pretos de quase 480 mil e pardos de 5,9 milhões de cearenses, como apontam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além do testemunho da influenciadora negra, Sá Ollebar, outra página também deu visibilidade ao tema “racismo algorítmico”, como foi o caso da página Falando de Racismo, que também fez um experimento em seu perfil e colocou a foto de uma mulher branca.

Figura 29 – Imagens do experimento sobre racismo algorítmico.



Fonte: página Falando de Racismo do Instagram.

São provas consistentes sobre o controle que os algoritmos têm e sua tarefa de reforçar o racismo e machismo na rede, como analisa o pesquisador Tarcízio Silva (2019), que estuda sobre o racismo algorítmico em plataformas digitais. Tarcízio acredita que “os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós com frequência cada vez maior” (SILVA, 2019, p. 5) e, por isso, são determinantes na tática de marginalizar as populações historicamente oprimidas. O pesquisador revela, em sua produção, o racismo algorítmico como vetor para essa violência digital, pois “o grupo minorizado em questão – afro-americanos – se depara com esta incongruência na cobertura e citação dos temas que os afetam [...]” (SILVA, 2019, p. 14).

Diante disso, cabe analisar esses algoritmos e denunciar toda forma de marginalização, produzida por essas estruturas, para invisibilizar os conteúdos da população negra. Observar o racismo por trás dos filtros que clareiam a pele de pessoas negras no Instagram, tema que será aprofundado no próximo tópico, monitorar o alcance das postagens realizadas nas páginas de pessoas negras, denunciar os algoritmos que tentam produzir

desigualdade, cobrar a construção de uma equipe que preza pela diversidade e a inclusão e uma maior transparência na elaboração dos algoritmos. Os problemas causados por essa prática são maiores do que podemos imaginar, e, mesmo que sejam invisíveis, são sentidos, quando vemos depoimentos e pesquisas sobre o assunto.

3.3 Comunicar para resistir, resistir para comunicar!

3.3.1 A (in)visibilidade de um corpo negro e político na web

Observamos o crescente número de páginas sobre empoderamento negro, beleza negra, cinema negro e tantos outros temas que fazem parte do mundo da população negra no Instagram. Temos um leque de possibilidades que tomou o espaço das redes hoje e conta com uma diversidade de opções de sites, blogs, canais no *youtube* que são produzidos por/com e para a população negra. Não se pode negar que esses agentes sociais fazem parte da web, mas é preciso pensar como esse grupo social se faz presente, sua audiência, visibilidade, interatividade com o público em geral e com os seus pares. Já falamos, anteriormente, que existem diferenças quando tocamos no tema “acesso à internet” da população negra ou quando discorremos sobre a funcionalidade dos algoritmos que evidenciam a desigualdade de raça e gênero, temas que demonstram o quanto a falácia de que a *Internet* é um espaço livre e igualitário para todos.

A fundadora da página, Elza Soares¹⁶⁵, conta sobre essa (in)visibilidade, quando recorda sua participação, ao lado da outra fundadora Margareth Menezes¹⁶⁶, do evento Menos30 Fest¹⁶⁷, para falar da experiência de criarem a página Profissionais Negros do Ceará. Ela fala que acompanhou a palestra de outra pessoa, minutos antes de iniciar a sua, onde falava sobre Internet. A palestrante disse que qualquer pessoa podia acessar a internet e, na hora, a fundadora da página Profissionais Negros do Ceará argumentou que não era bem assim e disse “não, a gente não acessa as pessoas” (Elza Soares¹⁶⁸, 30 anos) e ainda acrescentou: “porque, justamente,

¹⁶⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹⁶⁶ Nome fictício aplicado para tese.

¹⁶⁷ Festival de Inovação e Empreendedorismo realizado pela Rede Globo, no dia 23 de novembro de 2019, na Universidade Fortaleza (UNIFOR).

¹⁶⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

na nossa página, a gente percebe que várias pessoas que estão nas comunidades e nos bairros não nos acessam, porque eles não estão nas redes sociais”. (Elza Soares¹⁶⁹, 30 anos)

A reflexão necessária que a fundadora faz, ao descrever sobre a ausência de certas pessoas nessa *Internet*, que tem seu lado desigual no acesso, e pensar maneiras de visibilizar, elaborada por essas sujeitas que utilizam a web, é uma forma de denunciar, valorizar ou mesmo celebrar seu corpo, sua cor, sua história como uma prática política. Esse corpo social que causa um incômodo nas “vistas” da sociedade e traz à tona a intolerância que tem enraizada por conta de anos, décadas e séculos de violência e exploração através da escravidão. Esse corpo que causa mal-estar e que precisa ser alterado ou modificado conforme as vontades de uma supremacia branca que domina os espaços de representação como bem explica bell hooks (2019), em seu livro “Olhares Negros: raça e representação”, quando fala sobre a representação da população negra nos meios de comunicação.

Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca. Essas imagens podem ser construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca – o racismo internalizado. (hooks, 2019, p. 32)

A pesquisadora traz à luz as dificuldades que existem, quando se fala em representação nos meios de comunicação e nos possibilita pensar que aqueles e aquelas que resolvem quebrar com essa lógica terão que pensar estratégias de resistências e (re)leituras em diferentes espaços sociais, inclusive no meio digital, como acontece com as páginas Profissionais Negros do Ceará que se propõem a modificar condutas arraigadas com uma linguagem e imagens que possam construir outra narrativa na sociedade. Uma narrativa que aparece na fala da entrevistada Cidinha da Silva¹⁷⁰, articuladora comunitária, que grita sobre direito ao corpo, à cidade e à mente que precisam ser valorizados e respeitados no mundo.

Ela ressalta que “ei, essa cidade também é minha, esse corpo é meu, essa mente é minha. Eu posso dizer sim, eu posso dizer não, sabe”. (Cidinha da Silva¹⁷¹, 55 anos), e ainda acrescenta que “é ser você mesma dentro de uma conjuntura que a mulher pode estar em

¹⁶⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

¹⁷⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

¹⁷¹ Idem.

qualquer lugar, ela pode vestir qualquer roupa que ela quiser, ela tem que ficar bem com ela mesma. Ela tá bem e ela se ama. O resto é apenas a vírgula da frase” (Cidinha da Silva¹⁷², 55 anos). Um “grito” que ressoa no espaço e demonstra uma realidade dolorosa sobre as múltiplas estratégias para a dominação física e também simbólica de seus corpos, de seus espaços sociais, de suas mentes, de sua cultura, de seus costumes, dentre outras formas, e que vai ao encontro do pensamento do filósofo Achille Mbembe (2014), em seu livro *Crítica da Razão Negra*.

É sabido que, para ser duradoura, qualquer dominação se inscreve não apenas no corpo dos seus submissos, mas também marcas no espaço que eles habitam, assim como traços indeléveis no seu imaginário. Deve involucrar o subjugado e mantê-lo num estado mais ou menos permanente de transe, de intoxicação e de convulsão – incapaz de refletir, com toda a clareza, por si só. (MBEMBE, 2014, p. 218)

Esse sujeito é formulado e enquadrado pelo grupo dominante que busca, a todo instante, elaborar maneiras de manipular as estruturas de poder para retirar seus direitos. Onde produz diversas formas eliminar sua existência com políticas de morte como aconteceu com os diversos grupos sociais, historicamente explorados, violentados ou oprimidos, como o povo negro com a escravidão, o povo judeu com o holocausto e tantos outros povos passíveis da retirada de direitos e condicionados ao extermínio.

Como nos descreve a escritora Hannah Arendt (2013), no seu livro “*As Origens do Totalitarismo*”, sobre a criação do discurso antissemita de ódio religioso aos judeus, quando diz que “Os antissemitas podiam imediatamente apontar para os parasitas judeus de uma sociedade corrupta, para 'provar' que todos os judeus de toda parte não passavam de uma espécie de cupim que infestava o corpo do povo”. (ARENDR, 2013, p. 121). A pensadora nos mostra como o pensamento produzido para eliminar o povo judeu é uma reprodução simbólica do que acontece com os diferentes grupos oprimidos que tem em seus corpos políticos a marca do mal, da corrupção, do feio, da miséria e de todas as mazelas do mundo.

E como modificar essa imagem que foi marcada pela submissão e violência como ferro em brasa em seus corpos? Quais formas de alterar esses olhares preconceituosos? Essas indagações aparecem nas falas das criadoras e das entrevistadas da página Profissionais Negros que acreditam na importância de se modificar esse padrão negativo que foi fincado no pensar, falar, agir, olhar dos sujeitos negros que vivenciam, no seu cotidiano, as imposições do sistema opressor. Falas que se transformam em táticas, como na postagem feita pela página, como

¹⁷² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

vemos na imagem abaixo, e postada no dia 18 de fevereiro de 2020, com o título “Informe Preto”: um quadro permanente na página onde divulga novidades sobre a população negra em diferentes áreas como na saúde, na educação, questão financeira, dentre outros temas. Essa postagem, em questão, conta com a foto da primeira bilionária negra do continente africano, a angolana e empresária, Isabel dos Santos, que entrou no ranking da Forbes de bilionários.

Figura 30 – Foto da primeira bilionária da África.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

No texto de apresentação da postagem, as criadoras falam da história de vida e ascensão financeira da empresária, e ressaltam a importância de construir outras narrativas jornalísticas sobre o sucesso de Isabel, que também aparece na mídia com notícias controversas sobre a construção de sua fortuna. Quanto a essas polêmicas, as criadoras apenas enfatizam que “como vivemos numa mídia eurocêntrica, a gente sempre tem dúvidas do teor do jornalismo, então precisamos construir e aprender” (trecho do texto extraído da postagem na imagem acima). Um argumento que nos faz pensar como as fundadoras olham os meios de comunicação vigentes, o que nos traz a reflexão de que é preciso ter outros espaços para divulgação de notícias referentes às populações excluídas, pois, muitas vezes, aparece apenas com uma única narrativa, uma única voz.

Criar espaços que tragam outras vozes e outros corpos diferentes dos apresentados cotidianamente pela mídia retira a ideia de uma narrativa única ou a notícia que tem apenas um lado, o que é perigoso, como fala a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) em seus escritos, no livro “O perigo de uma história única”, onde discorre que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p.

15). Por essa razão, é importante elaborar outros lugares de resistência para publicizar as pautas da população negra, foi um dos intuitos da página Profissionais Negros do Ceará, como explica a estudante e fundadora Margareth Menezes¹⁷³.

Para a estudante já existia a necessidade de criar a página, pois “a gente via que não tinha uma ferramenta que pudesse conectar essas pessoas” (Margareth Menezes¹⁷⁴, 32 anos) e acrescenta que o perfil estava no campo das ideias de outras pessoas negras e conclui “é como a gente gosta de falar, a Profissionais Negros tá na cabeça de qualquer pessoa preta do Brasil, mas só faltava alguém executar” (Margareth Menezes¹⁷⁵, 32 anos). Com o pensamento de divulgar e apoiar profissionais negros, nascem outros objetivos, o de conectar pessoas negras com assuntos relacionados às relações de poder, às lutas sociais, questionamentos sobre os meios de comunicação hegemônicos e tantos outros debates que fazem parte do espaço público e privado da população negra.

Tudo sempre “num padrão de constante mudança” (CASTELLS, 2017, p. 21), utilizando as ferramentas possíveis para isso, como explica Manuel Castells (2017), em seu livro “Redes de Indignação e Esperança”, ao ressaltar que esses sujeitos sociais usam os instrumentos que têm no intuito de disseminar suas lutas nos meios de comunicação. Para isso, “os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, seus medos, seus sonhos e esperanças” (CASTELLS, 2017, p. 24). Onde esses sujeitos “lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem” (CASTELLS, 2017, p. 24) e, assim, alterar as experiências negativas vividas. Utilizando dessa compreensão percebemos que a página tem produzido, desde sua criação, mensagens que ajudem a modificar esse olhar sobre a representação do negro no mundo. Vemos isso, por exemplo, na produção de uma série chamada “O Papo”, uma série de lives que conta com a participação de jovens dos continentes africanos que conversam sobre a pandemia, política, cultura e seu país de origem. A série foi elaborada pela criadora Elza Soares¹⁷⁶, na página do projeto Sour Preto, durante a pandemia, e divulgada na página Profissionais Negros do Ceará.

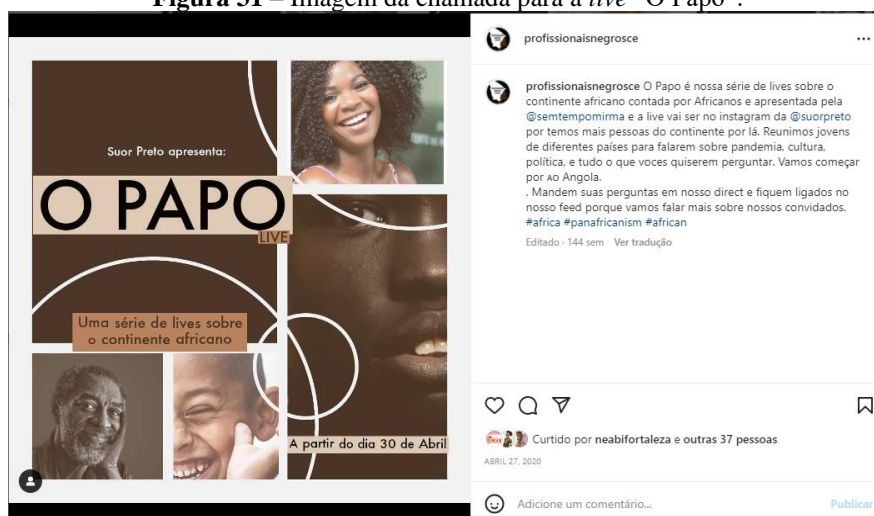
¹⁷³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

¹⁷⁴ Idem

¹⁷⁵ Ibidem.

¹⁷⁶ Nome fictício aplicado para a tese.

Figura 31 – Imagem da chamada para a *live* “O Papo”.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará

Na postagem, o texto enfatiza que “Curiosos para saber mais sobre Cabo Verde? Mandem suas perguntas” (trecho extraído do texto da postagem na imagem acima). Uma mensagem para instigar as pessoas que acompanham a página, questionamentos sobre a cultura, história, costumes e outras curiosidades do país que não é destaque nos grandes meios de comunicação. Ou, quando é, quase sempre vem acompanhado de estereótipos da pobreza e desigualdade por compor o continente africano. A série “O Papo”, que contou com seis lives, teve a participação de pessoas de Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau, Benin e Angola. Também apresentou outro ponto importante: é preciso pensar a conexão feita entre dois países de diferentes continentes que têm costumes, práticas e vivências diferentes, e, no entanto, têm algo em comum que os integra - a língua portuguesa. Um instrumento de interação social que proporciona a produção de um diálogo e a troca experiências vividas entre jovens africanos e sul-americanos.

A língua que é viva e que carrega em si uma ideologia composta de representações, principalmente, para países colonizados que têm a marca da opressão e violência física e simbólica enraizada na sua estrutura, pois é preciso compreender “a linguagem como mecanismo de manutenção de poder” (RIBEIRO, 2017, p. 14). A linguagem que precisa sair da sua impassibilidade para ser transformadora da realidade, como explica Jesús Martín-Barbero (2014), em seu livro “A Comunicação na Educação”, quando fala que “pois é só lutando contra a própria inércia que a linguagem pode se constituir como palavra de um sujeito, isto é, *fazer-se a pergunta* que instaura o espaço de comunicação” (Martín-Barbero, 2014, p. 18). Caso contrário, “a linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira

ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento” (RIBEIRO, 2017, p. 14).

Essa linguagem que tem sido (re)pensada e (re)estruturada pelos atores sociais, como no caso das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará, que buscam transformar a sociedade e, com isso, criam métodos diferentes para existir e resistir em diversos espaços. Essa mesma linguagem que pode dominar o povo, também pode conectar pessoas em redes, como bem explica Castells (2006), em “Sociedade em Rede”, quando discorre sobre a funcionalidade da sociedade em rede e seus sistemas de nós interligados que produzem a linguagem, para estruturar as redes e envolver diferentes agentes.

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. [...] É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. (CASTELLS, 2006, p. 20)

Essa linguagem, utilizada pela página Profissionais Negros do Ceará, que vai desde algo bem simples, como a importância de uma mesma língua falada pelos participantes do perfil, até a criação de um discurso, pautado nas suas lutas, que estabeleça a produção da mensagem que chega ao público, que faz parte ou não da página, e que proporciona a difusão de informações que constitui os ideais e pensamentos das criadoras da página.

3.3.2 Vozes negras midiáticas resistindo nas redes sociais

Como temos acompanhado, através das postagens e entrevistas com as criadoras e as participantes, é perceptível que a página Profissionais Negros do Ceará tenta discutir os temas que envolvem a população negra. Com maior ou menor intensidade, como contam algumas das entrevistadas, seu papel central tem sido realizado. As fundadoras do perfil parecem acreditar que não se pode apenas divulgar os serviços e/ou produtos de profissionais negros, é preciso falar de empoderamento, consciência negra, identidade, feminismo negro e tantos outros temas que vão para além das relações de empregabilidade.

Vemos isso com a publicização de discursos, através de imagens e vídeos, de lideranças negras, cantoras, apresentadoras e influenciadoras digitais negras que têm seus posicionamentos postados na página. Assim, nos conta a entrevistada e empreendedora social,

Auta de Souza¹⁷⁷, que não acompanha a página Profissionais Negros do Ceará com tanta frequência, mas, por ter sido divulgada no período da pandemia, teve maior interação e pode perceber que o perfil divulga diversos temas para além dos serviços e produtos dos profissionais negros.

Assim para ser sincera eu não acompanho muito, eu procuro não ficar muito no *Instagram*, sabe. Então eu não vejo muito diariamente a página, assim eu vejo uma vez perdida e tudo mais. Eu tive muito contato na página agora, nesse período da pandemia que elas me divulgaram lá e eu fiquei acompanhando também outras divulgações. E **(vi)** que elas fizeram *Lives* também. [...] Pois é, eu vi que teve *Lives* **(a página divulgou a série intitulada “O Papo” que debatia diversos temas como a pandemia, cultura, política e curiosidades no continente africano com jovens africanos de diferentes países)** que algumas eu pude acompanhar um pouco, eu não fico muito tempo no *Instagram*, mas, eu vi que ela **(a página Profissionais Negros do Ceará)** promove esses debates, durante a pandemia eu vi isso, e que ela divulga também e isso é muito importante. (Auta de Souza¹⁷⁸, 24 anos, **grifo nosso**)

A empreendedora social explica que a página apresenta outros pontos, não especificando-os, já a entrevistada e psicóloga, Lúcia Xavier¹⁷⁹, que também foi divulgada no período da pandemia, explica que “em alguns momentos eu vejo proposta de debate das meninas, eu não acompanho muito porque eu também não sou aquela pessoa que fica direto nas redes sociais por incrível que pareça **(risos)**.” (Lúcia Xavier¹⁸⁰, 25 anos, **grifo nosso**), e conclui dizendo “[...] Mas, quando eu tenho oportunidade de ver, eu vejo algumas propostas das meninas. De debate sobre questões raciais e de gênero também” (Lúcia Xavier¹⁸¹, 24 anos).

Falas que são percebidas, ao abrir o perfil e acompanhar a postagem de uma sequência de vídeos, no dia 12 de maio de 2020, da fala da influenciadora negra Gabi Oliveira que é criadora de conteúdo digital e têm quase 500 mil seguidores em sua página do Instagram, além de comunicadora social, ativista e ter um canal com o seu nome. Na ocasião, o vídeo da

¹⁷⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

¹⁷⁸ Idem.

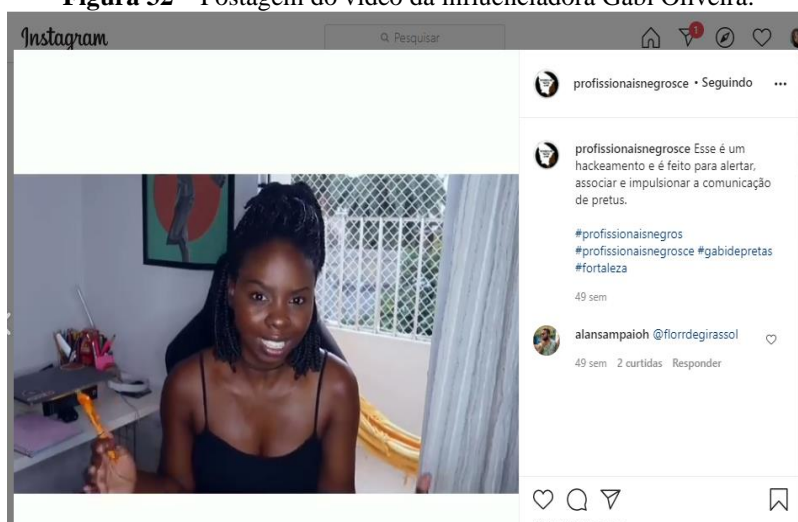
¹⁷⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

¹⁸⁰ Idem

¹⁸¹ Ibidem.

youtuber, divulgado na página Profissionais Negros do Ceará, falava sobre os desafios da comunicação social diante da desinformação e *fake news*. Ela também se mostra bastante preocupada com os altos índices de mortes de pessoas pela Covid-19, especialmente pessoas pobres e pretas, pois diz ser o público mais impactado com a pandemia de coronanírus, e ressalta que essas pessoas têm pouca informação sobre a realidade política brasileira.

Figura 32 – Postagem do vídeo da influenciadora Gabi Oliveira.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

A postagem traz o texto: “Esse é um hackeamento e é feito para alertar, associar e impulsionar a comunicação de pretus” (trecho retirado do texto da postagem na imagem acima). O seguinte trecho do texto “esse é um hackeamento e” também faz parte de outras publicações, divulgadas na página, de personalidades negras através de vídeos e/ou textos sobre algum tema que se encontra em alta na mídia. E isso ocorreu, durante o ano 2020, em postagens de mulheres negras, que traziam debates sobre representação, afeto, feminismo negro, comunicação, *fake news*, cuidado, dentre outras pautas que aparecem na fala ou na escrita.

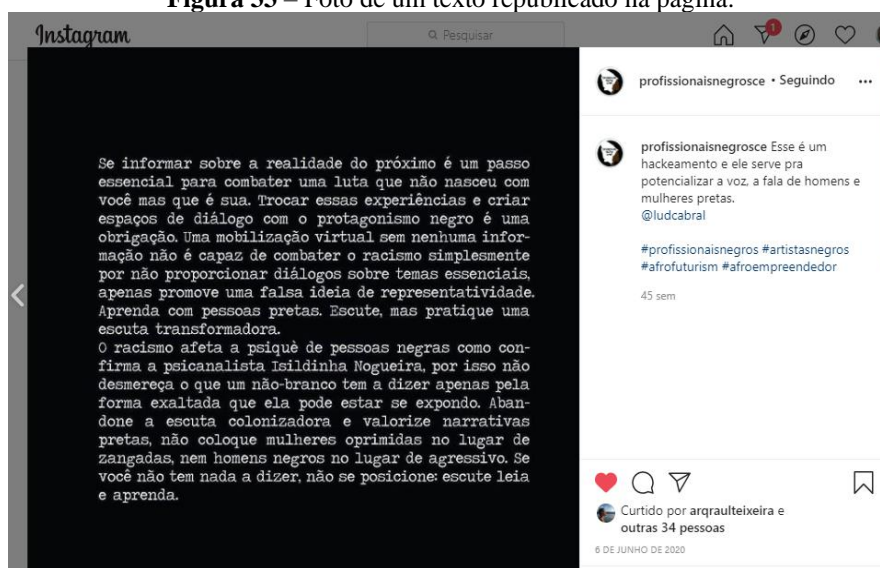
O termo “hackeamento”, utilizado na página, traz à tona uma percepção diferenciada de sua compreensão utilizada em sites e páginas da Internet. A palavra, bastante utilizada no mundo da informática, vem do verbo hackear e, conforme o dicionário *online* de português, significa “burlar a segurança de um sistema computacional, buscando acessar ilegalmente, sem a permissão do dono, um computador ou sistema computacional e informático: hackear as contas de uma empresa, buscando os dados pessoais dos funcionários” (Dicionário *Online* de Português, acesso online¹⁸²).

¹⁸² Fonte: Dicionário Online de Português. Link: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em maio de 2021.

No entanto, na página Profissionais Negros do Ceará, a palavra “hackeamento” cria outra conotação. Aqui, o termo cria a ideia de uma produção coletiva que precisa ser disseminada nas redes sociais. É um pensamento que toma força e rompe com a estrutura hegemônica vigente que busca dominar os sujeitos, é a palavra que causa uma ruptura no agir e no pensar dos sujeitos sociais que acompanham o perfil.

É válido lembrar que o termo “hackeamento” tem sido tema de pesquisas acadêmicas que buscam acrescentar outros sentidos à palavra, como vemos na pesquisa do professor Daniel de Souza Neves Hora (10), na dissertação intitulada “Arte_hackeamento: diferença, dissenso e reprogramabilidade tecnológica”, onde define como um conceito estratégia de resistência uma “conveniência inconveniente” (HORA, 2010, p. 23). O que poderíamos acreditar que se aproxima do conceito utilizado pela página Profissionais Negros do Ceará, que sempre liga o termo à ideia do gerar “incômodo social”, questionar a produção do saber vigente e “cutucar” as estruturas de poder, como aparece na seguinte publicação.

Figura 33 – Foto de um texto republicado na página.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

A postagem acompanha a seguinte frase “Este é um hackeamento e ele serve pra potencializar a voz, a fala de homens e mulheres pretas” (trecho retirado do texto da postagem na imagem acima). Temos mais uma republicação da artista negra, Ludmilla Cabral, que tem cerca de 1.300 seguidores em sua página no Instagram e desenvolve pesquisas utilizando diversas linguagens artísticas. Na postagem, a artista negra fala sobre os desafios de uma mobilização virtual para tentar combater o racismo e afirma que, sem informação, não conseguimos realizar um diálogo que proporcione mudanças reais e que valorize as narrativas

pretas. O texto se refere a *tag* #blackoutthursday, trazendo novamente o tema sobre o assassinato de George Floyd e de outros homens negros pela polícia dos Estados Unidos. Mais uma vez, a palavra hackeamento aparece, na página, como uma estratégia de debater sobre um tema que traz dores para a população negra como é o tema da violência e morte de pessoas negras; uma estratégia de socializar a reflexão de pessoas negras sobre as pautas importantes dos seus pares; e uma estratégia de dissidência das questões negras tocadas pela mídia hegemônica.

Outro ponto também percebido nas publicações é o fato de que, mesmo sendo a página Profissionais Negros do Ceará um espaço de divulgação de profissionais negros de todos os gêneros, quando a mesma resolve discutir sobre questões que estão em pauta na mídia, ou mesmo quando republica falas de empoderamento, de questionamento ou de celebração da população negra, a representação vem sempre por meio da imagens de mulheres negras, ou seja, todos os vídeos, imagens e/ou textos republicados são protagonizados por mulheres negras, como vemos nas imagens 30 e 31. Ou seja, são vozes, rostos e escrita de mulheres negras que protagonizam os debates na página Profissionais Negros do Ceará e que também fazem parte das redes sociais, sendo algumas delas protagonistas de temas na mídia em geral.

Percebemos, através da observação do campo que existem ruídos ou pontos que não se alinham entre as criadoras. Daí vem o seguinte questionamento: é possível que as fundadoras tenham criado uma relação de autorrepresentação nas publicações? O “se sentir pertencente” pode proporcionar a elaboração de postagens que correspondam ao perfil das pessoas que gerenciam a página, duas mulheres negras, e, por isso, os temas vêm por meio da opinião de mulheres negras? Para tentar responder estas perguntas, recorreremos ao pensamento da ativista negra bell hooks (2019), que diz que as imagens “têm uma intenção ideológica” (hooks, 2019, p. 38), e se as imagens são ideológicas, assim como a linguagem, é preciso criar estratégias capazes de romper com essa ideologia do dominante que estereotipa a imagem, corpo e fala das mulheres negras, isso quando não nega a sua existência.

Neste sentido, a página parece colocar as mulheres negras como protagonistas de fala, posicionamento e reflexão de diferentes temas, uma estratégia que a pesquisadora bell hooks (2019) acredita ser necessária e urgente para a população negra. Para ela, é preciso elaborar outras imagens e isso será possível “apenas quando mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos” (hooks, 2019, p. 39). E ainda acrescenta que “neste processo, buscamos criar um mundo onde

todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos” (hooks, 2019, p. 39).

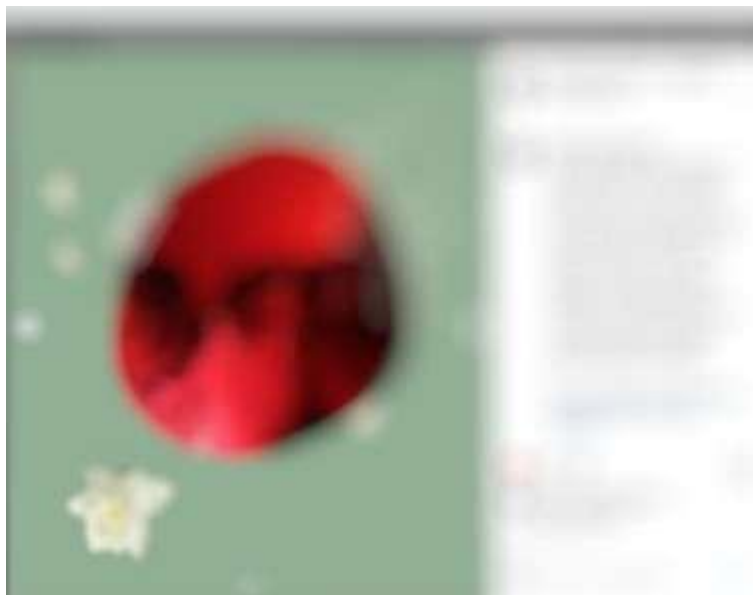
Fazendo isso, a página traz um “outro olhar” para a negritude e, em especial, para as mulheres negras, que são vistas e escutadas, ainda que as postagens possam desengajar conteúdos na plataforma. Mulheres negras que também fazem parte do cotidiano de algumas das participantes da página Profissionais Negros do Ceará que, não por acaso, quando perguntadas se fazem parte de algum espaço de militância social e/ou ativismo social, falam que fazem ou não parte, mas colocam como ativismo e/ou militância o acompanhamento do perfil de mulheres negras da atualidade que compõem os espaços das redes sociais e, algumas vezes, de outros meios de comunicação como TV, rádio, revistas, dentre outros. Ou seja, existe um alinhamento onde me vejo através da imagem dessas mulheres, e crio uma relação de pertencimento que acaba motivando a republicação das postagens, com a página Profissionais Negros do Ceará, e as curtidas e acompanhamento de páginas de mulheres negras por parte das entrevistadas que tiveram seus produtos e serviços divulgados no perfil.

É o caso da entrevistada Theodesina Rosário¹⁸³, 20 anos e empreendedora social, que não faz parte de grupos e/ou coletivos, mas diz que acompanha as páginas de feminismo negro no Facebook e no Instagram. Temos, ainda, a entrevistada Elisa Lucinda¹⁸⁴, 34 anos e massagista, que também fala sobre o acompanhamento de páginas que tratam da pauta negra. A massagista, que foi publicada na página em dezembro de 2020, já conhecia a página através da divulgação da Feira Negra de Fortaleza, onde a mesma participa. Na época, a entrevistada pediu para ser divulgada a uma das fundadoras que também faz parte da Feira.

Figura 34 – Foto de divulgação da entrevistada na página.

¹⁸³ Entrevista concedida à autora em 10 de setembro de 2020.

¹⁸⁴ Entrevista concedida à autora em 02 de fevereiro de 2021.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

Elisa Lucinda¹⁸⁵ disse que enviou seus dados, através do link da página, e foi divulgada. Quando indagada se participa de espaço de ativismo e/ou movimentos, ela respondeu que participa da Rede Kilofé de Economia de Negros e Negras do Ceará, da Feira Negra do Ceará e do Grupo de Mulheres Negras do Antônio Bezerra. A entrevistada conta que acompanha páginas de lideranças e influenciadores negros também, pois acha que também é uma forma de ativismo.

Não é que seja assim de movimentos em si, eu sigo é...como é que eu vou dizer é...influenciadores digitais, pessoas negras, influenciadores digitais que falam sobre essas questões que remetem mais à militância, tipo eu sigo o Ad Júnior, eu sigo o Roger Cipó, não sei se você conhece? (**pergunta para a pesquisadora**). Eu sigo muito mais gente (**da Região Sudeste**), a Djamila Ribeiro que vai falar dessas questões, é mais pessoas e não grupos. (Elisa Lucinda¹⁸⁶, 34 anos, **grifo nosso**)

No caso de Elisa Lucinda¹⁸⁷, a mesma fala da página no Instagram da filósofa Djamila Ribeiro, pesquisadora e militante negra que tem sido destaque nas redes sociais, revistas e TV e tem mais de 1 milhão de seguidores. A entrevistada também traz a informação que acompanha páginas de homens negros que discutem questões sobre a militância negra.

¹⁸⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 02 de fevereiro de 2021.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Ibidem.

Trazemos, para complementar a reflexão, o depoimento da participante Antonieta Barros¹⁸⁸, 31 anos e jornalista, que, quando perguntada sobre representação da página Profissionais Negros do Ceará para a população negra cearense, celebra a existência da página e ressalta a necessidade de outras páginas que debatam o empreendedorismo negro.

A jornalista lembra a página no Instagram da empreendedora Monique Evelle, que tem quase 94 mil seguidores e que debate sobre investimento e empreendedorismo social para a população negra. Antonieta Barros¹⁸⁹ diz: “[...] Eu acho que em nível de visibilidade é maravilhoso, porque tem outras páginas já que foram pioneiras nesse assunto no Brasil. Aquela página da Monique Evelle trouxe muito essa questão do empreendedorismo negro” (Antonieta Barros¹⁹⁰, 31 anos). São testemunhos de mulheres que ressaltam como as redes sociais compõem sua vida seja na construção do pensamento sobre uma outra forma de militância, seja na junção de práticas de militância que alinham o espaço *offline* com o *online*, ou seja, na formulação da ideia de que as páginas podem auxiliar na produção de um debate específico, como o empreendedorismo negro, para a população negra.

Páginas encabeçadas, em sua maioria, por mulheres negras que representam esse novo modelo de disseminação da informação, de elaboração de discurso e produção de uma linguagem que chega na vida das entrevistadas. Uma prática que tem sido comum em tempos de Internet, como explica Manuel Castells (2017), ao indagar como as redes sociais têm sido um espaço onde milhares de pessoas encontram um lugar para as “suas vozes e sua busca interna por esperança” (CASTELLS, 2017, p. 17), onde fosse possível encontrar outros sujeitos, “compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser [...]” (CASTELLS, 2017, p. 18).

Sendo assim, as redes sociais parecem ser um lugar onde se é possível construir e divulgar outros olhares, mesmo com as restrições e acesso limitado, ponto que questionamos diante do monopólio que também faz parte deste lugar que conta com a disputa de ideias. Não podemos nos furtar à compreensão de que a *Internet* foi e é um lugar onde as vozes negras puderam ser ouvidas, já que a mídia hegemônica não as permite. Assim nos mostra a página Profissionais Negros do Ceará que tem buscado visibilidade, divulgação e apoio aos profissionais negros e, ainda, a disseminação de suas ideias e posicionamentos no ciberespaço.

¹⁸⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Ibidem.

3.3.3 Lugares de mobilização negra no espaço digital e presencial

As estratégias de mobilização feitas pela página Profissionais Negros do Ceará que ajudam na divulgação de ações e pautas de outros movimentos e também de atividades encabeçadas por uma das fundadoras, são muitas. Observamos, durante a pesquisa, que essas estratégias criam uma rede de contatos, participação e mobilização em torno de pautas das mulheres negras da página para ações fora deste espaço. Percebemos durante as entrevistas que algumas das participantes conheceram a página, porque participaram de uma atividade ou outra e, depois, foram divulgadas no perfil. Ou que conheciam o perfil e, por conta dele, puderam participar de atividades que são realizadas em parceria, ou pelas fundadoras da página.

Como exemplo, temos a entrevistada que faz parte da Feira Negra de Fortaleza e afirma ter sido na Feira o seu primeiro contato com a página, como percebemos na fala da massagista Elisa Lucinda¹⁹¹, ao dizer que “a Profissionais Negros do Ceará, eu conheci através da Feira Negra de Fortaleza. Uma das organizadoras faz parte da Feira Negra de Fortaleza” (Elisa Lucinda¹⁹², 34 anos). A Feira Negra de Fortaleza, que surgiu em 2019, é um espaço que reúne trabalhos de empreendedores negros da cidade de Fortaleza que buscam divulgar seus produtos de empreendedores em shopping e praças, além da realização de apresentações culturais. Outras entrevistadas, que também fazem parte da Feira, ressaltam que conheceram a página através do contato com a fundadora Elza Soares¹⁹³, como é o caso da empreendedora social Teresa de Benguela¹⁹⁴. A empreendedora social disse que ocorreu uma atividade de apresentação da página Profissionais Negros do Ceará para as pessoas que fazem parte da Feira.

Conheci a página através da Elza Soares¹⁹⁵ (**uma das criadoras da página**), como você mesmo estava falando que ela é mentora da página, e ela tem outros projetos. E que ela nos conheceu através do nosso grupo empreendedor, (**a**) Feira Negra de Fortaleza. Ela foi indo na Feira viu o nosso grupo e apresentou esse grupo (**o grupo que a entrevistada fala é a página Profissionais Negros do Ceará**) e comunicou que tem esse grupo, essa forma de empreender

¹⁹¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 02 de fevereiro de 2021.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ Nome fictício aplicado para a tese.

¹⁹⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

¹⁹⁵ Nome fictício aplicado para a tese.

também. Porque ela empreende através de outros empreendedores, ela faz o marketing de outras marcas. Eu acho que o objetivo do trabalho dela é esse. E agora também, faz pouco tempo, ela entrou no grupo da Feira como afroempreendedora de um produto. (Teresa de Benguela¹⁹⁶, 40 anos, **grifo nosso**)

Ainda contamos com o depoimento de Olívia Santana¹⁹⁷, cabeleireira e 24 anos, que diz fazer parte de outra “Feira” que, na verdade, se chama Rede Kilofé de Economia de Negras e Negros do Ceará. Essa Rede, criada em 2014, tem por objetivo promover a divulgação de produtos produzidos e desenvolvidos por “afrodescendentes”, termo utilizado pela Rede para classificar pessoas negras, através de feiras, projetos e outras ações de valorização da cultura e da economia. A cabeleireira Olívia Santana¹⁹⁸ fala que a divulgação na página Profissionais Negros do Ceará ocorreu, porque as criadoras foram visitar um evento da Rede Kilofé, viram seu trabalho e ficaram interessadas em divulgar seus serviços na página.

Na verdade, participando de Feiras de envolvimento negro, Feira que já faço parte. Eu faço parte de uma Rede que se chama Rede Kilofé de Negros e Negras empreendedores (**a entrevistada se refere a Rede Kilofé de Economia de Negras e Negros do Ceará**). Então a gente participa muito, frequenta muito. Vamos pra Praças, pro Dragão do Mar e tem uma visibilidade bem grande lá. Assim, conheci as criadoras da página e elas me procuram para divulgar o meu trabalho na página. (Olívia Santana¹⁹⁹, 24 anos, **grifo nosso**)

Com isso, percebemos que mais de uma entrevistada traz à luz um ponto comum eficaz que existe nas redes sociais, a colaboração entre pares. Essa colaboração ocorre, quando a página Profissionais Negros do Ceará resolve divulgar mulheres negras e seus serviços, que fazem parte de uma feira e/ou rede, na sua página. Isso ocorre porque são criadas parcerias entre os sujeitos sociais das redes, como explica Recuero (2010), quando discorre sobre as dinâmicas nas redes sociais. Ela diz que isso acontece porque “os processos dinâmicos das redes são consequência direta dos processos de interação entre os atores” (RECUERO, 2010, p. 80), e esses processos podem ser positivos e negativos para os laços sociais criados na rede. Por isso, “é possível que existam interações que visem somar e construir um determinado laço social e interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço” (RECUERO, 2010, p. 79),

¹⁹⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

¹⁹⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de novembro de 2020.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Ibidem.

uma estratégia que a página Profissionais Negros do Ceará realiza por meio de suas interações que se apresentam como processos para somar na construção de laços sociais entre os indivíduos.

Apesar da página Profissionais Negros do Ceará não inserir as postagens da Feira Negra de Fortaleza ou mesmo da Rede Kilofé de Economia de Negras e Negros do Ceará no seu perfil, pois apenas divulga pessoas e/ou grupos e seus produtos e serviços, ela proporciona uma divulgação das pessoas destas redes. Isso ocorreu porque a página Profissionais Negros do Ceará criou um laço através da apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes que divulgam seus serviços na página, proporcionando uma rede de divulgação colaborativa indireta para esses movimentos.

Além da criação de outros espaços de participação, como explica uma das fundadoras do perfil Margareth Menezes²⁰⁰, que diz “a Profissionais é a principal (**página principal**), só que da Profissionais nasceram outros projetos, no caso. Ai esse que você mencionou, (**Programa “O Papo”**) e a Sour (**Festa Suor Preto**), que é a festa” (Margareth Menezes²⁰¹, 32 anos, **grifo nosso**). E assim a Festa Suor Preto também foi outro espaço que ajudou na divulgação e na criação de contato com as mulheres negras apresentadas pela página.

Isso é possível porque “a interação da rede informacional foi conduzida e montada, promovendo o poder da parceria [...]” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 133), onde evidencia a cooperação como processo central para a produção da mensagem que chega aos usuários das redes. Vemos isso na fala da Preta Tia Simoa²⁰², cabeleireira e participante da página Profissionais Negros do Ceará que nos conta como conheceu a página e, ainda, acrescenta que criou uma amizade com as fundadoras e fala como foi importante à divulgação de seus serviços na página, quer seja na publicização de seus produtos, quer seja na realização de outros trabalhos em parceria, como a Festa Sour Preto.

Foi num momento que eu estava bem ruim, profissionalmente, na época eu era *bartender* e dirigia um espaço cultural na cidade chamado Matinê. O povo tava fraco e tal. As coisas não estavam andando bem e aí me indicaram pra página. Eu não conhecia a página e me perguntaram se queria. Fui atrás de conhecer a página e fui divulgada lá. [...] Eu acho que desde (**apareci**) na página que a gente criou esse vínculo, se conheceu e passou a conversar. E a gente nunca se largou, né?! (**risos**) Tipo eu fiz muito vínculo, eu conheci muita

²⁰⁰ Nome fictício aplicado para a tese.

²⁰¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

²⁰² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 05 de novembro de 2020.

gente, inclusive, e meu público mudou totalmente. Foi muito massa porque mudou assim, de uma forma gigantesca por conta da página. Porque assim, me chamaram pra realizar um evento em conjunto, no espaço que eu dirigia, que foi a **(Festa) Suor Preto**. A 1ª edição foi lá. E aí desde a 1ª edição da Suor Preto, eu sempre estou, que dizer, só que eu não estive presente **(em uma das edições da festa)**, mas, as outras eu sempre tava botando o bar, tava fazendo parceria, tava trabalhando de alguma forma. Na última edição eu fui técnica de som, mas, nunca deixei de participar. E foi isso, desde que teve a Suor Preto e das outras edições onde a gente vai conhecendo pessoas que vão pegando o seu *Instagram* e vão começando a te seguir. Como meu bar era itinerante, eu sempre divulgava os eventos e chegava alguém que era impulsionado por esse vínculo da página. (Preta Tia Simoa²⁰³, 31 anos, **grifo nosso**)

A Festa Sour Preto parece ser um espaço comum para outras entrevistadas que falam com menor ou a mesma intensidade sobre o papel do evento que elabora uma teia de relações, produzindo mais contatos, mais atores sociais e mais audiência para a página. Assim nos conta a interlocutora Teresa de Benguela²⁰⁴, ao explicar como funciona essa rede de contatos e como ela ajuda na divulgação de seus produtos.

Até porque a página tem um público negro que se identifica com o produto nosso, nós, empreendedores negros. Quem vai pra “Suor Preto” **(Festa Suor Preto)** que vê uma peça de algum ou de alguém que está lá tipo, por exemplo, a Camisaria Nordestina que também tá nessa página, porque eles são muito próximos. Então quem vê uma peça da Camisaria **(na Festa Suor Preto)** vai olhar e perguntar de quem é. E que está lá na “Suor” **(Festa Suor Preto)** vai querer saber e vai atrás. Ou alguém que viu também uma pessoa usando um produto da Menina Negra **(nome da marca dos produtos da entrevistada)** vai perguntar, ou seja, comprei na loja da Menina Nega e vai entrar em contato comigo. E assim é com a Ceará Afro também, a Ceará Afro é uma loja que tem aqui em Fortaleza, não sei se você conhece...**(pergunta para a pesquisadora)** então que vê as peças da “Menina Nega” lá, na Ceará Afro. Vai saber de quem é e vai entrar em contato comigo também. Ou seja, é um trabalho que engrandece muito nós, é uma força muito grande esse projeto das meninas. A implantação desse projeto delas ajuda a elas e ajuda a gente também. (Teresa de Benguela.²⁰⁵, 40 anos, **grifo nosso**)

Essa prática rompe barreiras, cria laços e fortalece os diferentes atores envolvidos que caminham juntos na produção de um espaço de mobilização com autonomia e diversidade, onde a página Profissionais Negros do Ceará vai construindo uma rede de relações que vem possibilitando a cooperação entre seus usuários, pois “a cooperação é o processo formador das

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

²⁰⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 24 de setembro de 2020.

estruturas sociais. Sem a cooperação, no sentido de um agir organizado, não há sociedade” (RECUERO, 2010, p. 81). Apenas com essa cooperação é possível realizar ações conjuntas que publicizem não só os serviços e/ou produtos das entrevistadas, mas proporcionando uma possível transformação na representação da população negra.

4 MEMÓRIAS DE DOR E CORAGEM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES NEGRAS

“[...] Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguntei as chicotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? [...]”.

(Sojourner Truth, 1851)

4.1 A questão da representação na sociedade

Este discurso grandioso é de Sojourner Truth que nasceu escravizada, na cidade em Nova Iorque, em 1797, mas seu verdadeiro nome era Isabella Van Wagenen. Tornou-se livre em 1787, em função da Northwest Ordinance, que aboliu a escravidão nos Territórios do Norte dos Estados Unidos (ao norte do rio Ohio). Esse é apenas um fragmento do texto original proferido em uma intervenção na *Women’s Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851, com a denominação original “*Ain’t I a Woman?*” que, traduzido para o português, significa “E não sou uma mulher?”.

Era uma reunião de clérigos onde se discutia os direitos das mulheres. Num dado momento, Sojourner levanta-se para falar após ouvir dos pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis²⁰⁶. O discurso de Sojourner colocou em evidência as opressões, dores e sofrimentos que as mulheres negras estadunidenses enfrentavam à época. No entanto, até hoje a fala desta mulher escravizada ecoa no mundo força e inspiração para muitas mulheres negras e ativistas dos Estados Unidos que utilizam o seu discurso, para denunciar a condição da mulher negra na contemporaneidade. Vimos um trecho do discurso no livro “O que é lugar de fala?”, da militante negra Djamila

²⁰⁶ Fonte: E não sou uma mulher? – Sojourner Truth site: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> acesso: 15 de jun 2021.

Ribeiro, que utiliza a fala de Sojourner Truth, para também fazer ressoar as discriminações da mulher negra daqui.

Após a leitura do livro veio à vontade de conhecer todo o discurso proferido por essa liderança negra que motivou diversas outras lideranças de diferentes continentes do mundo. A pergunta ecoou na mente como um hino “E eu não sou mulher?” Que depois acrescentamos “E eu não sou mulher negra?” e mais questionamentos foram incluídos à medida que líamos textos de/com/para mulheres negras. Questionamentos que influenciaram sobre o significado da representação, pois o discurso acima nos fez pensar sobre as seguintes perguntas: “E se eu não sou mulher, quem eu sou? O que eu sou? Quem eu represento? Quem me representa?”. Perguntas que se entrelaçam com as perguntas da pesquisa agora com uma melhor elaboração, para indagar sobre o que é representação. Este tema faz parte da vida das mulheres negras? Como é a representação das mulheres negras na Internet? A página Profissionais Negros do Ceará consegue representar as mulheres negras do Ceará divulgadas? Estas tantas outras perguntas permeiam as reflexões da pesquisadora que insere o tema no enunciado da pesquisa, nas conversas e nas leituras realizadas.

Para tentar entender o que significa a representação para as mulheres negras da página Profissionais Negros do Ceará, é preciso compreender o que é representação para estas mulheres, pois, mesmo sendo um tema recorrente em produções acadêmicas, nas mídias digitais, nos movimentos sociais e partidários, mostra-se uma pauta sem resposta única, fixa e permanente. Isso ocorre porque acreditamos não existir apenas uma resposta, uma única direção. Tentar impor apenas uma significação sobre o tema seria um desrespeito com a produção científica de diferentes pensadores que se debruçam sobre a representação.

E sem esquecer que a pesquisadora é carregada de julgamentos, morais e práticas sociais que influenciam na busca e apresentação do tema em questão, como explica a pesquisadora Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) em seu livro “A invenção das mulheres”, que discorre sobre o sentido do discurso ocidental do gênero nas sociedades africanas. A mesma fala que “conceitos e formulações teóricas são ligadas à cultura e que as pessoas que pesquisam não meramente registram ou observam no processo de pesquisa; elas também são participantes” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 22-23). Por este motivo, quando discorremos sobre a representação falamos de um lugar, de um posicionamento, de uma motivação que nos faz utilizar as leituras e pesquisas de autores que discutem a decolonialidade, e, principalmente, autoras negras decoloniais, pois percebemos que existe um pertencimento nas suas falas e pensamentos quando tratam do tema de nossa pesquisa.

Percebemos isso, durante a caminhada da pesquisa, que se foi entrelaçando com cada palavra, suspiro, olhar, sorriso e até engasgo das mulheres negras que falam de representação através da dor, da raiva, da cura e da resistência. Que falam de sua imagem refletida no espelho, na família, na sociedade e nas redes sociais que trazem o peso de uma vida de construção e (des)construção sobre quem se é. Falar que revelam as cicatrizes das discriminações nas piadas racistas e nas risadas preconceituosas sobre sua cor, seu sexo, seu cabelo, seu corpo, seu nariz. Imagem essa criada pelo “Outro” (HALL, 2014), que apenas afirma o que elas não são: “nem é branca e nem é homem”. E o que seriam? Quem é essa sujeita? Que imagem é esta refletida no espelho? Por isso, valemo-nos mais uma vez da indignação - ou mesmo da raiva - de Sojourner Truth (1851), quando diz “E não sou uma mulher?”, para conseguirmos falar sobre a representação social dessas mulheres negras na sociedade e, por consequência, da representação das mulheres negras nas mídias sociais.

4.1.1 As diversas ciladas da representação para a população negra

Não conseguiríamos falar de representação sem dor, palavra que se repete em vários depoimentos das entrevistadas, e que chega aos nossos ouvidos como um ruído que incomoda, pois são relatos que carregam as opressões interseccionais de raça e gênero, sem esquecermos as opressões de classe e sexualidade que fazem partes de algumas falas. Mas também precisamos falar de coragem, palavra que escolhemos para contar sobre como essas mulheres negras vêm criando maneiras de se autodefinirem, autoafirmarem-se no mundo. A pesquisadora e ativista Patricia Hill Collins (2016) explica que isso ocorre porque as mulheres negras vêm refletindo, cada vez mais, sobre sua identidade e elaborando discursos que proporcionem a quebra de narrativas dominadoras. Para explicar isso, a pesquisadora discorre sobre duas razões significativas que nos ajudam a perceber a importância de fortalecer este pensamento consciente entre as mulheres negras.

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. [...] Uma segunda razão pela qual a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras são significativas diz

respeito à sua importância em permitir que mulheres afro-americanas rejeitem opressão psicológica internalizada. (COLLINS, 2016, p. 105-106)

Collins (2016) nos apresenta uma importante reflexão sobre a realidade das mulheres afro-americanas, que também se alinha com a realidade das mulheres afro-brasileiras, quando estas refletem sobre a necessidade de uma representação diferente da qual lhes foi imposta por toda uma vida. Por isso, compreender o significado desta representação e como ela é percebida, através da página Profissionais Negros do Ceará, é um dos pontos de nossa pesquisa. Tema também recorrente nas produções científicas na área da comunicação social que têm trabalhado constantemente com a representação nos meios de comunicação de massa e, atualmente, a representação nos meios digitais. A representação aparece, de forma direta, na pesquisa como pergunta através do questionário semiestruturado elaborado pela pesquisadora da seguinte forma: “Você acha que a página ajuda na representação da população negra cearense?”. Pergunta esta que trouxe outras tantas perguntas, quando respondidas pelas entrevistadas.

Queríamos saber se, para as entrevistadas, a página representa as necessidades da população negra e, após as respostas, surgiu a vontade de saber se ela se sente representada pela página. Porque percebemos que são questões diferentes, quando colocadas na balança. Se por um lado, queremos saber se uma página representa a população negra, por meio de suas postagens, imagens e falas. Por outro, aspiramos entender se estas mulheres negras, que foram divulgadas, sentem-se representadas por esta página. Afinal, muitas delas ainda estão tentando compreender o que seria ser mulher negra, ou seja, estão refletindo sobre sua identidade para então saber se existe uma representação sobre si. A partir das conversas realizadas e da observação da página, encontramos alguns apontamentos que podem possibilitar o entendimento sobre a representação.

Com isso, dividimos o seguinte capítulo em três pontos centrais que se desdobram, cada um em tópicos com outros elementos que se complementam sobre o assunto. Neste primeiro tópico, vamos discorrer sobre o que as entrevistadas entendem de representação e apresentaremos algumas teorias e teóricos que estudam e/ou refletem sobre o tema. O objetivo não é saber se suas opiniões estão certas ou erradas sobre o significado, mas perceber como estes sujeitos olham para a questão e quais sentidos elaboram para a pauta. No segundo tópico, vamos buscar compreender o impacto da representação na vida das mulheres negras, e, em especial, das mulheres negras que participam da página. E, no terceiro e último tópico, iremos

falar sobre a representação nas redes sociais e, conseqüentemente, a representação da mulher negra na página Profissionais Negros do Ceará.

Elaborar reflexões sobre a representação não é algo novo na academia, e já ressaltamos isto. No entanto, o tema aparece com maior frequência à medida que encontramos grupos oprimidos discorrendo sobre o tema, redes sociais com páginas, comunidades e grupos que buscam aglomerar pessoas e suas representações. Por este motivo, é preciso ponderar alguns aspectos sobre o tema, como afirma um dos mais importantes pesquisadores no campo das Representações Sociais, Celso Pereira Sá (1998), quando diz que “a pesquisa das representações sociais deve produzir um outro tipo de conhecimento sobre os fenômenos de saber social” (SÁ, 1998, p. 22). Para Celso Pereira Sá (1998), que trabalhou com as representações sociais na área da psicologia social e produziu diversos livros, durante a vida, suas conceituações conseguiram criar pontes, quando se fala sobre a representação social na comunicação. Ele afirma que o processo e estados das representações sociais devem-se ocupar com os “suportes de representação (o discurso ou o comportamento dos sujeitos, documentos, práticas, etc), para daí definir seu conteúdo e sua estrutura” (SÁ, 1998, p. 32).

Além de apresentar saberes que fazem parte da sociedade, as representações sociais trazem fenômenos sociais que são exemplificados, através de recortes na tentativa de especificar quem são os sujeitos e/ou grupos sociais ou objeto de dada pesquisa. O pesquisador complementa o significado da representação social dizendo que

A representação é, por outro lado, uma construção e uma expressão do sujeito, que pode ser considerado do ponto de vista epistêmico (se se focalizam os processos cognitivos) ou psicodinâmico (se a ênfase é sobre os mecanismos intrapsíquicos, motivacionais, etc), mas também social e coletivo, na medida em que sempre se há de integrar na análise daqueles processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito. Além disso, enquanto uma forma de saber, a representação se apresenta como uma modelização do objeto, que pode ser apreendida em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais. (SÁ, 1996, p. 33)

Sendo assim, por meio da representação social temos a possibilidade de analisar os processos de formação que ocorrem nas estruturas sociais e suas prováveis transformações, ocasionando novas rotas de pensamento e difusão do conhecimento sobre este sujeito social. Celso Pereira de Sá (1996) ainda acrescenta que a pesquisa sobre as representações sociais nos ajuda a enxergar as abordagens da teoria nas produções através de dois níveis relevantes, apesar de considerarmos que existam outros níveis explicativos que foram desenvolvidos por diversos

estudiosos que trabalham com o tema. Percebemos que os níveis interpessoal e intrapessoal explicam melhor o significado dessa representação social, quando o pesquisador diz que:

O nível interpessoal corresponde a nada menos que do ao “carro chefe” da teoria, isto é, à interação social que é explorada desde a situação face a face até a comunicação midiática. Com relação ao nível intrapessoal, a minha impressão é que, embora possa ter sido menos privilegiado de início, o desenvolvimento da teoria o tem tornado cada vez mais presente, quando, por exemplo, se insiste na maior consideração dos aspectos emocionais e afetivos das representações, os quais podem ser desencadeados por relações interpessoais e mesmo ideológicos, mas têm necessariamente a sua “sede operacional” no psiquismo individual. (SÁ, 2014, p. 386)

É o nível intrapessoal que se faz presente em nossa pesquisa, pois leva em consideração a relação identitária que traz aspectos emocionais e afetivos na representação social, conectado às relações interpessoais que detectam comportamentos, práticas sociais, formas de comunicação e relação que fazem circular diferentes epistemologias na sociedade, como explica outra pesquisadora, a professora Angela Arruda (2014), que também produz pesquisas sobre a representação na área da psicologia social, onde a representação social acontece através do Funk carioca.

Angela Arruda (2014) identifica “quatro conceituações ou dispositivos articuladores do dinamismo das representações” (ARRUDA, 2014, p. 445) que podem ajudar a compreender os estudos referentes a essa teoria, sendo “a representação social entendida como rede de significados; a consideração do peso dos afetos; a problematização da definição e do papel dos grupos e dos consensos; e, a observação da coexistência de lógicas diferentes, isto é, a polifasia cognitiva.” (ARRUDA, 2014, p. 445).

4.1.2 “São pessoas que me intitulam através da minha aparência”: impactos e desdobramentos sobre a representação

Considerando que os dispositivos fazem parte da construção das pesquisas e do processo de representação social, percebemos que, quando realizado o recorte de gênero e raça, a teoria cria um corpo doloroso, pois vamos acompanhar, por diversas vezes, a ocorrência de uma representação social, que de um lado é romantizada pelo opressor, quando cria o ideário de representação igualitária para celebrar a população negra, a beleza negra, a cultura negra, mas, com certo limite, e, do outro é imposta pelo grupo opressor que distorce ou silencia estes sujeitos sociais. Dois lados de uma mesma moeda, que precisamos discorrer neste capítulo, e que resolvemos intitular de “ciladas da representação”.

Sobre o primeiro ponto, que diz respeito a romantizar a representação, é onde o opressor cria mecanismos para que o sujeito negro acredite que está sendo representado, mas esta representatividade tem restrições, ou seja, ela pode “chegar até este ponto”. E estas restrições delineiam a vida social de diversas pessoas negras. Esta romantização da representação “dada” ou “presenteada” é, mais uma vez, uma reprodução do branco que elabora o discurso de uma representatividade da população negra. Aqui, a ideia é fazer com que o negro se sinta representado, sinta-se parte desta história.

Para tentar exemplificar este pensamento, vamos apresentar algumas postagens na página “Profissionais Negros do Ceará” que respondem por esta argumentação. A primeira postagem é de um vídeo comercial da empresa Natura, onde aparece a frase “Já parou pra pensar de quem você está comprando?”, e aparecem imagens de duas mulheres com um áudio fazendo a pergunta.

Figura 35 – Print do vídeo do comercial da Natura na página.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

Depois, acontece um corte onde entra a imagem da fundadora do perfil, Elza Soares²⁰⁷, falando, de forma irônica, sobre a utilização de mulheres negras em seus vídeos

²⁰⁷ Nome fictício aplicado para a tese e utilizado para a fala retirada de postagem inserida na página Profissionais Negros do Ceará no dia 03 de setembro de 2020.

comerciais e faz a divulgação de sua empresa, a Sentystore. No vídeo, a moderadora narra com as seguintes palavras:

Nossa, Natura, eu adorei a campanha! Já que faz tanto tempo você usa a imagem de mulheres negras, que eu resolvi também, desta vez, usar o comercial de vocês. Então, meu nome é Elza Soares (**nome fictício**), eu sou afroempreendedora e dona da @sentystore (**aparece, neste momento, o “arroba” e nome de sua empresa no vídeo**) e gostaria de convidar todos vocês, não só pra curtir a minha marca, não só para comprar, mas, também, para compartilhar. E é claro, falar da Sentystore por aí! Eu espero que um dia eu seja como a Natura. E eu possa não só ser mulher preta dona do meu próprio negócio, mas também empregando diversas pessoas no Brasil. (Elza Soares²⁰⁸, 30 anos, **grifo nosso**)

Também temos outro fator importante na postagem, o texto que complementa o vídeo, com a chamada “Acho chic a representatividade”, e que traz a narrativa da fundadora da página Profissionais Negros do Ceará, Elza Soares²⁰⁹, discorrendo sobre a desigualdade enfrentada em uma seleção de emprego que tinha como público-alvo pessoas negras no município de Caucaia, município brasileiro do estado do Ceará, que integra a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), no Ceará.

Figura 36 – Texto na íntegra da postagem chamada “Acho chic a representatividade”.
Acho chic a representatividade

Um dia fui pra uma vaga de uma empresa multinacional, a vaga era voltada pra pessoas negras, inclusive a empregue afro (**a @empregueafro é outra página do Instagram que trabalha com consultoria em RH e diversidade étnico-racial**) que divulgou, a pessoa da vaga deveria morar na Caucaia. Adivinha quem era a única pessoa que morava na Caucaia (eu) e haviam duas mulheres negras, o que estranhei muito vendo que a grande maioria eram brancas, além de mim, adivinha quem passou na vaga de gerente? Fui até a penúltima fase com mais duas concorrentes loiras e brancas, o tipo padrão, inclusive a vaga era itinerária, mudança de estado de 6 em 6 meses, uma delas inclusive havia dito durante a entrevista que não poderia mas estava lá e passou com a outra.

Moral da história: Não adianta querer fazer mudança se a mudança não é imposta e colocada dentro de seus colaboradores.

Pra preto só mais um entre tantos outros casos difíceis.

[#profissionaisnegrosce](#) [#emprego](#) [#trabalho](#)

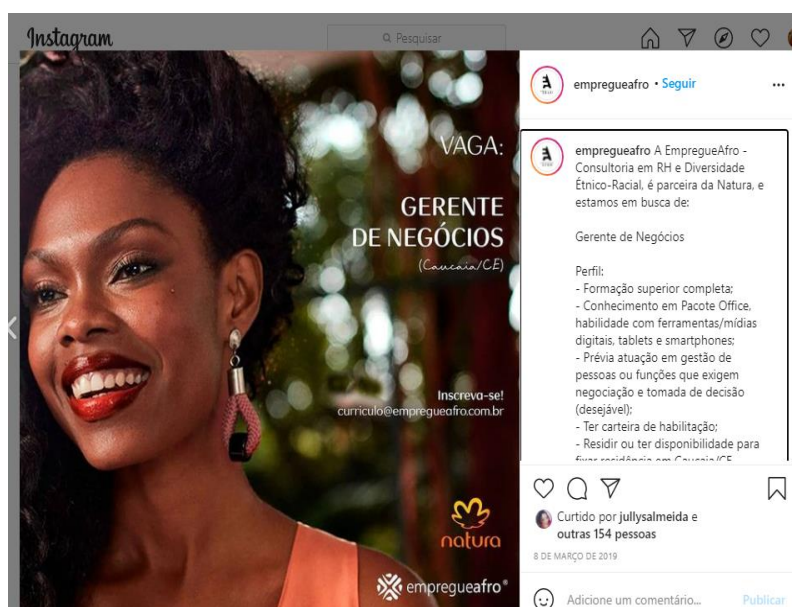
²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Ibidem.

Fonte: imagem elaborada pela autora.

Ela conta que, mesmo com o recorte da vaga, de raça e de localidade, havia apenas duas mulheres negras e apenas uma morava em Caucaia, a Elza Soares²¹⁰. No depoimento, ela ainda diz que apenas as duas mulheres brancas que participavam da seleção foram aprovadas para a vaga, que tinha como objetivo inserir profissionais negros do município de Caucaia. Encontramos a postagem da referida vaga no perfil do *Empregueafro*, onde havia todas as informações sobre a empresa contratante, cargo, requisitos e atividades. No entanto, não deixa explícito que é apenas para pessoas negras, como podemos observar na postagem.

Figura 37 – Postagem sobre a vaga para gerente de negócios da Natura.



Fonte: página *Empregue Afro* no Instagram.

Na imagem, aparece uma mulher negra, como em diversas imagens da página, e os seguintes requisitos para a vaga de gerente de negócios da Natura em Caucaia/Ceará: formação superior completa; conhecimento em Pacote Office, habilidade com ferramentas/mídias digitais, tablets e smartphones; prévia atuação em gestão de pessoas ou funções que exigem negociação e tomada de decisão (desejável); ter carteira de habilitação; residir ou ter disponibilidade para fixar residência em Caucaia/CE.

A postagem, o texto e a narrativa de Elza Soares²¹¹ nos trouxeram inquietações, reflexões e questionamentos. Será que apenas inserir a imagem de uma mulher negra na

²¹⁰ Nome fictício aplicado para a tese e utilizado na fala retirada de postagem inserida na página Profissionais Negros do Ceará no dia 03 de setembro de 2020.

²¹¹ Nome fictício aplicado para a tese.

postagem e nos vídeos da Natura promoverá uma representação? Representação é ter muitas mulheres negras trabalhando como revendedoras de produtos cosméticos? E os cargos? Perguntas que não responderemos neste momento, pois ainda existe outra postagem que também se alinha com os perigos da “cilada da representação”, utilizando de outras estratégias para celebrar a imagem da população negra. Nesta postagem, também divulgada na página Profissionais Negros do Ceará, temos um vídeo de chamada para que pessoas negras participem do “programa Representa estágio”, da Cervejaria AMBEV. No vídeo, aparecem diversos estagiários negros, homens e mulheres negros e negras, que contam como é participar do programa.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará no Instragram.

O vídeo mostra falas e imagens de pessoas negras, com seus cabelos afros, celebrando a participação de negros no programa e, quase no fim do vídeo, chega o momento de fala do representante de maior cargo na empresa. Entra, então, a imagem do CEO da AMBEV, Jean Jereissati, um homem branco, que diz o seguinte texto: “Eu sou muito fã deste programa, e é por isso que estou aqui hoje para convidar você e colocar a AMBEV em direção ao futuro que queremos” (Jereissati²¹², 2020). Uma fala que não diz muito sobre o significado

²¹² Fala retirada de postagem inserida na página Profissionais Negros do Ceará no dia 28 de julho de 2020.

deste programa, então procuramos mais informações e encontramos no site da empresa o seguinte texto sobre o objetivo do Representa estágio: “Acreditamos que políticas afirmativas de inserção de pessoas negras em grandes empresas sejam um pilar importante na promoção de maior equidade no mercado de trabalho, mas sabemos que isso não é suficiente”. (AMBEV²¹³, 2021).

Neste vídeo, surge outra pergunta que se alinha às perguntas anteriores: Onde fica a representação destas pessoas negras nos cargos de maior visibilidade e remuneração da empresa? Nas duas postagens, na página “Profissionais Negros do Ceará”, temos vídeos e falas de pessoas negras, onde, no primeiro vídeo, vamos acompanhar a discussão sobre a indignação, quando se fala da representação que parece existir apenas na divulgação de comerciais de cosméticos, mas não é possível nos cargos de maior visibilidade. No segundo vídeo, temos pessoas negras celebrando a oportunidade que a empresa cervejeira proporciona, quando realiza um programa específico para que esses sujeitos alcancem novos caminhos e melhores condições. No entanto, quando passa a falar para um cargo de maior hierarquia, temos mais uma vez um homem branco na chefia.

Uma realidade que não é de hoje, pois pesquisas mostram que as mulheres negras estão na base da pirâmide, quando se fala de mercado de trabalho. Elas continuam recebendo menos e trabalhando mais. E isto não é só falado nos vídeos ou comerciais das grandes empresas brasileiras, que tentam celebrar uma representação que mostra ter diversas restrições, a tal “representação romantizada”, uma das faces da “cilada da representação”, onde reproduz uma forma de representar que tenta celebrar a beleza, a cultura e o trabalho do sujeito negro, mas nem sempre em lugares que não transformam realmente sua trajetória. E isto é perigoso, pois pode se achar que o problema já foi resolvido.

A representação tem uma tarefa ainda maior que apenas colocar duas ou três pessoas negras em uma foto empresarial e, com isso, dizer que existe equidade em certa empresa. Precisamos de um “lugar de fala”, um falar em primeira pessoa, ter voz, e representar-se na formação da história. E não uma representação que por muito tempo foi (re)produzida pelo olhar e escrita do “Outro”, como vemos nas diversas produções científicas onde o sujeito negro era apenas um objeto de pesquisa para o outro. Não podemos cair na armadilha que representar significa ter um “lugar de fala”. Segundo a filósofa e militante negra, Djamila

²¹³ Trecho do texto sobre os diferenciais do Programa Representa estágio da Ambev. Disponível no site: <https://www.ambev.com.br/carreiras/nossos-programas/programa-estagio-representa/> Acesso em 19 de agosto de 2021.

Ribeiro (2017), é perigoso achar que a representatividade é um lugar de fala e a filósofa argumenta tal reflexão.

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. (RIBEIRO, 2017, p. 83-84)

Um argumento que nos alinhamos por trazer questões que se foram discutidas nas postagens acima: lutar por representação, falar e estudar sobre o tema, criar espaços de representatividade, como comerciais empresariais e programas direcionados, importam, mas não é possível acreditar que dará uma resposta à pauta. Precisamos pensar em outras questões, caso contrário será mais um lugar onde se opera a imagem enviesada que acaba colaborando para a perpetuação de papéis definidos pela sociedade para as mulheres negras. E quem explica bem sobre essa continuidade destes lugares é a militante negra Lélia Gonzalez em seu ensaio “Cultura, etnicidade e trabalho”, que faz parte do livro Lélia Gonzalez - Por um feminismo afro-latino-americano, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima (2020). Lélia nos conta, neste ensaio, sobre a mulher negra e o mercado de trabalho no Brasil, onde evidencia como a representação destes grupos sociais é sempre colocada em um lugar determinado:

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de uma mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. (RIOS; LIMA, 2020, p. 42)

A pensadora Lélia trouxe elucidacões importantes para entender o porquê destas representações serem perigosas, ou mesmo serem passíveis de reprodução de um racismo existente na sociedade. É bastante problemático a que se resolve a questão da representatividade apenas incluindo fotos e/ou vídeos comerciais de grupos excluídos com as mulheres, negros, LGBTQ+, indígenas, entre outros. Não é por acaso que acompanhamos, recentemente, o caso

de racismo em supermercados, como foi o caso da morte de João Alberto²¹⁴, 40 anos, cliente negro que foi espancado por seguranças de uma loja do Carrefour da zona norte Porto Alegre, em 19 de novembro de 2020. Este mesmo Carrefour que sempre coloca em seus outdoors, encartes de produtos e tantas outras artes gráficas com imagens de pessoas negras, mas que provocou a morte de um cliente negro um dia antes do dia 20 de novembro, conhecido no Brasil como Dia da Consciência Negra.

Este caso é muito simbólico para entendermos a questão da representação no Brasil e como é suscetível possível a manipulação da pauta por parte do opressor. Elaborar outras formas de representação com a participação de outros agentes sociais, e compreender que a representação romantizada não faz sentido, é um dos passos. Buscar novas formas de representatividade pode ser um caminho. E quem sabe a página possa nos apontar estes caminhos, ou, pelo menos, dizer que existem outros caminhos para se pensar. Acreditamos nisto, quando escutamos a narrativa da articuladora social, Cidinha da Silva²¹⁵, de 55 anos, ao contar sobre a importância da representação para a população negra que a página Profissionais Negros do Ceará desempenha.

Comecei a seguir a página e achei interessante por ser a página que representa um grupo de pessoas que são tão esquecidas neste país, né?! Eu achei interessante e (**disse**) ‘vou ver até onde dar’ e coloquei lá o meu perfil. Eu não sou muito de tá seguindo nenhum aplicativo (**a entrevistada se refere ao Instagram**), sabe?! Eu acho que é por isso que eu não tenho como falar muito da página. Achei interessante naquele dia pela curiosidade e fui buscar. Achei muito importante a divulgação dos profissionais negros do estado do Ceará, porque precisamos divulgar mais essa ação pra que chegue a todos. (Cidinha da Silva²¹⁶, 55 anos, **grifo nosso**)

O depoimento da articuladora social²¹⁷ expõe uma questão relevante sobre a necessidade da representação para os que “são tão esquecidos” na sociedade, no mercado de trabalho, nos bancos escolares, nas redes sociais. Falar sobre a representação social da população negra, e, em especial, das mulheres negras é desafiar esse modelo dominador e

²¹⁴ Matéria Homem negro é espancado e morto por segurança e PM em Carrefour de Porto Alegre. Disponível no site Correio Braziliense em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/11/4890130-homem-negro-e-espancado-e-morto-por-seguranca-e-pm-em-carrefour-de-porto-alegre.html> Acesso em 19 de agosto de 2020.

²¹⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Ibidem.

encarar os problemas ocorridos durante séculos da invisibilidade desses sujeitos. Questão que a ilustradora Clementina de Jesus²¹⁸, 26 anos, também explica, quando conta que a página “retira os profissionais da sombra”, ou seja, da invisibilidade de suas vidas e trabalhos, ao dizer que “a representatividade que eles (**a página “Profissionais Negros do Ceará”**) trazem gera um tipo de debate desses profissionais e trazer esses profissionais tirando daquela sombra” (Clementina de Jesus²¹⁹, 26 anos, **grifo nosso**).

Estas sombras que ocultam a possibilidade de representação dos profissionais negros crescem, ainda mais, quando fazendo um recorte de gênero. Ampliar significações sobre a construção da representação na vida das mulheres negras é uma reflexão que carece ser feita, e para elaborar discursos horizontalizados sobre este ponto, necessitamos virar o outro lado da moeda que compõem as “ciladas da representação”. Por isso, vamos discutir a imposição da representação elaborada por séculos para estes sujeitos sociais e que impactos causaram em suas vidas, em seus corpos e em suas mentes.

4.2 Entre o “ver” e o “olhar” da negritude: reflexões sobre a imagem da mulher negra

O modo como a representação do negro na sociedade tem sido (re)pensado na atualidade é um desafio para militantes, pesquisadores e intelectuais negros que desejam (re)construir novos significados sobre o tema, principalmente quando se leva em conta o entrecruzamento do recorte de gênero, classe, orientação sexual. Isso parece ocorrer porque, por décadas, a construção desta representação ficou a cargo de outras pessoas, uma fala em terceira pessoa, pois se acreditava que a mulher negra não poderia falar e/ou não tinha consciência de identidade. Percebemos isso, quando a pergunta tão certa de Sojourner (1851), daquele período político, cultural e social, repercute até os dias de hoje nos ouvidos de tantas mulheres negras: “E não sou eu mulher?”.

Essa pergunta inquieta e incomoda a pesquisadora que se pergunta como é possível, após tanto tempo, ainda ser preciso fazer o questionamento de Sojourner (1851) e continuar sem resposta. A falta de resposta vem porque a formação da representação da mulher negra sempre foi atravessada pela produção da fala e do olhar do Outro, o olhar do dominante que elaborou, por meio de suas ideologias, quem e o que eram esses sujeitos sociais, como nos conta

²¹⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

²¹⁹ Idem.

a ativista negra Patricia Hill Collins (2019), ao indagar sobre as imagens de controle utilizadas para desumanizar a representação das mulheres negras.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição da mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. (COLLINS, 2019, p. 135)

Uma reflexão que precisa ser observada que mesmo após tantas transformações na sociedade, a elaboração de políticas de inclusão e afirmação para integração do negro ainda aparece nas falas de diversas interlocutoras da página Profissionais Negros do Ceará. Falas que chegam aos nossos ouvidos em tom de dor de quem deseja não ser reformulada, rotulada ou mesmo subjugada pelo Outro. Outros que dominam a palavra e que têm o direito à palavra e, com isso, produzem livros, revistas, textos acadêmicos, filmes e novelas sobre quem são essas mulheres negras. Formulam suas histórias, através de seu olhar enviesado, e elaboram discursos que se perpetuam na sociedade.

Assim nos conta a militante e pesquisadora Lélia Gonzalez (apud RIOS; LIMA, 2020), em seus textos sobre a representação das mulheres negras. Ela nos mostra como esse sujeito é constituído na formação econômica, histórica e social brasileira e seus desdobramentos. No livro “Lélia Gonzalez - Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos”, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima (2020), explica que a construção da representação das mulheres negras é uma estratégia para condicioná-la a um lugar determinado na sociedade brasileira, um lugar de subalternidade e dominação. Mas será que a representação é apenas um lugar de dominação? A representação vem apenas do olhar que o Outro tem destas mulheres negras? E o olhar delas sobre elas? Pensando sobre as questões da representação, percebemos que mesmo com as leituras, observação da página e entrevista com as participantes e fundadoras ainda faltavam pontos, havia lacunas que não foram atendidas.

Ainda existiam lugares desconhecidos. Então, resolvemos revisitar, diversas vezes, as falas, para compreender que seria necessário realizar um grupo focal que teve como tema central a questão da representação onde expusemos fragmentos da página, vídeo e textos divulgados no perfil, para ajudar no debate. No grupo focal, falamos sobre “o que seria representação”, “como elas percebem esta representação na sociedade”, “se a página realiza o papel de representar a mulher negra”, “como é a representação das mulheres negras nas redes sociais”. As perguntas tiveram outros desdobramentos e conseguimos, com isso, refletir um

pouco mais sobre a temática. O grupo focal contou com a presença de cinco (05) das entrevistadas, sendo elas: três (03) participantes da página e as duas (02) administradoras da página.

Durante a conversa, percebeu-se que o tema vem carregado de significados que vão desde a superação de suas dores, a celebração de suas identidades e a partilha de suas conquistas. Muitas delas tinham um entendimento comum sobre a representação ser um ponto que precisa ser pensado por todas, pois atravessa seus corpos e sua caminhada no mundo. Com pontos de concordância e discordância que precisamos expor, pois acreditamos que fazem parte do pensamento da pesquisadora e, arriscamos dizer, de diversas mulheres negras.

4.2.1 Quando apenas se ‘vê’ a representação das mulheres negras

As falas das entrevistadas e as leituras sobre representação trouxeram muitos questionamentos na nossa caminhada. Percebemos que a palavra levanta dores e necessidades, alegrias e tristezas num mesmo lugar. Arriscaríamos a dizer que a representação é como um termômetro de ambiente, usado para determinar os valores da temperatura de um local, onde pode indicar uma temperatura alta ou baixa, as duas extremidades de um mesmo objeto que oscilam, conforme o clima. Assim é a representação, carregada de significações que vão para dois extremos da mesma palavra que pode subir ou descer, diante da vontade das estruturas que olham para estes sujeitos da representação e ditam, a qualquer instante, qual a necessidade desta representação em suas vidas.

Entendendo isso, iniciamos pelo primeiro extremo deste termômetro, quando a temperatura atinge o lugar da dor que traz aflição e sofrimento, quando se fala sobre o ‘representar’ desses sujeitos sociais na sociedade. Esta dor que é carregada por anos, décadas e séculos, que apenas se ‘vê’, de forma desinteressada, fria e indiferente que acaba produzindo adjetivos carregados de conceituações, algumas vezes distorcidas, sobre as vivências ou afetos entre os sujeitos. Onde apenas se passa a vista, como se nem existissem ou, se existem, é melhor que não sejam percebidas. Como nos conta a participante da página que também fez parte do grupo focal, Elza Soares²²⁰, ao explicar um lado desta representação na vida das mulheres negras.

²²⁰ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

Ela fala que as mulheres negras têm conquistado os espaços. No entanto, a conquista chega com o gosto da cobrança, do cansaço e da dor que atravessam estas mulheres e que acaba desestruturando suas mentes, quando fala sobre os problemas de cunho psicológico, por causa da necessidade de tentar ser forte ou autossuficiente. Além de saber sobre tudo que dizem respeito às questões raciais, ou seja, ‘ser perfeita’, como fala Elza Soares²²¹, em todos os espaços, sejam eles na vida profissional, amorosa ou social.

Eu acho também que as mulheres negras estão conquistando espaços diferentes dos homens. Então acaba que (**ocorrendo**) essa cobrança mesmo. Que a gente tem que ser perfeita em absolutamente tudo. Não só na questão profissional, mas a gente tem que ser autossuficiente na questão do afeto e também de se entender enquanto uma pessoa racializada²²². Parece que agora, mais do que nunca, é obrigatório a gente saber todos os autores e poder tá explicando pra qualquer pessoa branca, no momento que ela se desejar. Quando, às vezes, a gente só quer ser perguntada sobre um ‘oi, tudo bem?’ ou ‘como é que você tá?’ A gente quer coisa simples na verdade assim. E é muito assim do que é tratado. Quem cuida das mulheres pretas? Quem é que tá cuidando da gente? E a gente chega num lugar que, muitas vezes, é inglório, sabe?! Porque na verdade a gente se questiona de quantas pessoas que, diariamente, vem nos perguntar sobre como nós estamos, sabe?! Nos volta a um lugar de não afeto que, enfim, é muito difícil, difícil. (**voz de choro**) E vestir essa carapuça que temos de ser fortes, diariamente, é muito difícil. E atrapalhar totalmente o nosso psicológico. [...] A gente passa por muitas dores. E é muito difícil estar na nossa pele. (Elza Soares²²³, 31 anos, **grifo nosso**)

Esta cobrança que caminha ao lado de suas vidas, nos mostra como a representação é sentida de forma diferente por cada sujeito no mundo. A representação tem pesos e medidas, quando se alinha aos recortes de gênero, raça, classe, orientação sexual, etnia, deficiência e tantos outros marcadores que compõem as estruturas sociais. E isso acarreta modos de sentir e viver deste representar na vida de cada pessoa. É como percebemos na fala da entrevistada que expõe suas indignações e tristezas e nos mostra como a dor corta sua pele, sua pele negra como por muitos desafios. Dor esta que se entrelaça com as linhas do livro da filósofa Vilma Piedade (2017), ao explicar bem o significado sobre essa dororidade.

²²¹ Idem.

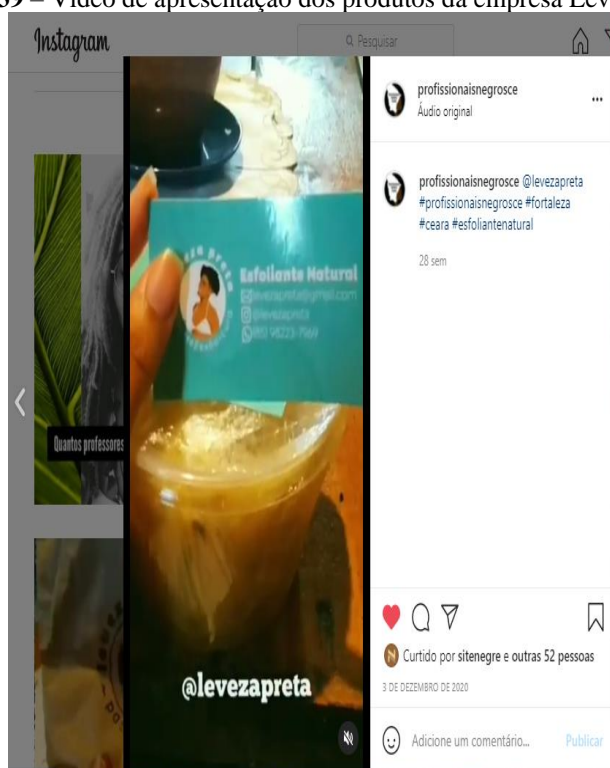
²²² Como explica o Prof. Dr. Kabengele Munanga, uma categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. Disponível no site: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em 11 de mar de 2022.

²²³ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A pela Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. (PIEDADE, 2017, pg. 17)

A mesma dororidade vivida por Benedita da Silva²²⁴, de 22 anos, que, mesmo com dores, descreve sorrindo ser estudante, produtora cultural e empreendedora social e outras coisas mais. Benedita da Silva²²⁵ é uma das fundadoras da empresa Leveza Preta, que, ao lado de sua namorada, elabora produtos estéticos.

Figura 39 – Vídeo de apresentação dos produtos da empresa Leveza Preta.



Fonte: página do Instagram da página Profissionais Negros do Ceará

A estudante conheceu o perfil Profissionais Negros do Ceará após ler uma matéria no jornal. A matéria citada é do jornal O Povo²²⁶, onde as fundadoras falam sobre a criação da página. Ela começou a acompanhar as postagens do perfil no Instagram e logo iniciou uma

²²⁴Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Fonte: matéria “A Cor do Mercado de Trabalho” do caderno Pop empregos do Jornal O Povo divulgando em 18 de nov. 2019. Link: <https://mais.opovo.com.br/jornal/popempregosecarreiras/2019/11/18/a-cor-do-mercado-de-trabalho.html> Acesso em 17 de fev. 2021.

amizade com as criadoras, pois as mesmas fazem parte do movimento negro e até realizam outras ações conjuntas. Quando Benedita da Silva²²⁷ é perguntada sobre “o que é ser mulher negra?”, sua resposta se entrecruza com o pensamento da ativista negra Patricia Hill Collins (2019), quando conta que foi Outro quem tentou controlar sua vida - um lugar cristalizado, rótulo desumanizador - e, com isso, sua representação na sociedade.

Essa pergunta não é só pessoal, ela é complexa. Assim, eu tô num processo de tentar positivar a minha experiência nesse lugar. Eu sou pisciana, eu sou muito emocional (**risos**). Então quando toca nesse lugar de...do que é ser mulher negra, assim, a priori a gente...eu aciono muitas dores, muitas dores (**olhar perdido e voz embargada**), porque a construção dessa negritude, ela existe desde que a gente tá no ventre da nossa mãe. A gente sente, né?! Desde quando a gente é bebê tudo que a nossa mãe tá passando. Quando nossa mãe é negra, a gente está se sentindo ali com ela a todo momento. E aí eu acho que, para mim, não teve esse momento de “ah, eu sou negra ou sou mulher” essas coisas assim não. Porque, eu acho, que desde sempre as pessoas fazem questão de lhe construir, de lhe dizer o que você é. Então, muitas coisas que me disseram foram muito dolorosas. Hoje, eu tô no processo de positivar isso e de me desfazer dessas mentiras, dessas coisas que não são verdades. (Benedita da Silva²²⁸, 22 anos, **grifo nosso**)

Um depoimento repleto de significados de um sujeito que teve sua vida ditada a partir da dominação e interesse de manipulação do Outro, esse Outro que representa os interesses de uma elite que instituiu ideologias para hierarquizar as relações sociais. Uma fala de dor e raiva que se conecta com a indignação de bell hooks (2019), ao explicar como não é fácil assumir outra representação para a sua caminhada, pois a representação que lhes foi imposta carrega o significado e significante dominador, ou seja, “[...] para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estraçalha” (hooks, 2019, p. 35).

Essas histórias de dor vão perpetuando um modelo de sociedade onde as mulheres negras devem apenas aceitar sua condição social e não devem pensar que é possível mudar a rota do seu destino, ou o modo como se veem representadas na sociedade antiga ou contemporânea. Assim também ressalta Collins (2019), quando questiona esse lugar elaborado para a mulher negra, ao lembrar que “essas imagens de controle são traçadas para fazer com

²²⁷Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

²²⁸ Idem.

que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p. 136).

Maneiras de conter qualquer pensamento contrário que venha a modificar essa realidade imposta a mulheres negras, quer sejam as afro-americanas, sujeitos sociais das produções de Collins (2019), quer sejam as afro-brasileiras, sujeitos sociais da nossa pesquisa. Mostrando, mais uma vez, que o termômetro da representação chega a uma ‘temperatura’ densa onde as mulheres negras se vêm encurraladas e com atribuições que são apenas impostas à sua história. O lugar de dor vai-se desdobrando para a percepção da dominação e controle feito aos seus corpos e mentes, deixando a dúvida sobre quem se é, na verdade.

Dessa forma, percebemos que a representação se conecta com a dominação, e se entrelaça na história da formação social, onde sua construção é estabelecida por um grupo que detém o poder e dita como o Outro deve ser representado. É o que nos conta a massagista de 34 anos, Elisa Lucinda²²⁹, ao ser perguntada sobre “o que é ser mulher? O que é ser negra?”, afirmando que as outras pessoas sempre querem definir quem “somos”.

Olha! Eu, assim, eu acho...eu não vou dizer eu acho, eu vejo assim que o ser mulher é um lugar social muito difícil de habitar porque é uma coisa que, tipo, muito peso para cima da gente. Aquela história da mulher guerreira, a mulher que dá conta de várias coisas, a mulher que faz milhões de coisas, mas que ninguém vê que é uma mulher exausta que precisa de uma rede de apoio, que precisa de suporte, que precisa de uma série de coisas para dar conta de tudo que é jogado em cima da gente. Que dito pra gente e que a gente tem que fazer, porque se você não dá conta, você é o sexo frágil, mas você não pode ser frágil. Então, é muito difícil para mim assim, definir o que é ser mulher e negra, principalmente, porque primeiro que embora nós, mulheres negras, não estamos ali categorizadas com esses termos, mas, pensamos e funcionamos diferentes. Somos muito diversas, sabe?! (Elisa Lucinda²³⁰, 34 anos)

Para Elisa Lucinda²³¹, que não participou do grupo focal, mas que parecia ter presenciado o momento da fala de Benedita da Silva²³², que participou do grupo focal, pois ambas estavam em total sintonia quando Benedita da Silva²³³ fala sobre este lugar da ‘mulher

²²⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 02 de fevereiro de 2021.

²³⁰ Idem.

²³¹ Ibidem.

²³² Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²³³ Idem.

negra forte’, da ‘mulher guerreira’, que tem que dar conta de tudo e não pode ficar exausta, não pode ser frágil, acaba por condicioná-la a um espaço determinado, sem ter dado o direito de perguntá-la se era realmente o que ela desejava. A representação chega como imposição e não como um modelo construído que acaba por criar outros desdobramentos, como é o caso do cansaço que se vai transformando em medo de não aguentar, de não dar conta, de não ter força pra lutar ou de não ser o que os Outros desejam tudo ao mesmo tempo.

4.2.2 A mulher negra no cruzamento da representação

O tema sobre a representação se mostra uma armadilha e parece causar danos na mente destas mulheres, que ficam entre a tarefa de ser forte ou ser frágil. Ser corajosa ou ser covarde. Uma duplicidade constante que percebemos com a fala da participante da página e do grupo focal, a psicóloga Lúcia Xavier²³⁴, que conta como é difícil carregar o peso da representação nas costas. Onde, para ela, a representação fica entre a necessidade e o cansaço ou entre a necessidade e a preocupação. Substantivos que aparecem em diversos momentos de sua fala, durante o grupo focal, quando é perguntada sobre “o que é representação?” ou “como esta representação perpassa sua caminhada, enquanto, mulher negra?”.

Neste momento, ela nos apresenta reflexões importantes sobre a representação. Na primeira pergunta, Lúcia Xavier²³⁵ explica que a representação tem uma relação com preocupação de como olham o seu trabalho, a preocupação de falar sobre o tema do racismo, a preocupação em ser usada porque é a única mulher negra psicóloga, no espaço que ocupa, falando sobre as questões de raça.

Eu acho que, na minha experiência, a questão da representatividade se divide em duas esferas, como algo necessário, no sentido que uma das colegas falou, é muito massa chegar num canto e ter uma pessoa semelhante (**a você**). [...] Mas, ao mesmo tempo eu vejo isso como um lugar difícil de estar, porque, dentro da minha experiência, fica sempre naquele lugar, ‘eu como psicóloga acabo sendo referência de outros profissionais brancos, então quando tem que falar sobre raça chama lá a (**Lúcia Xavier**) pra falar, nesta data específica, mas, em outros momentos, eu não tenho essa solicitação, por exemplo. Então, eu vejo isso como lugar de preocupação, mas, também, de necessidade. Como é muito importante, por exemplo, quando uma pessoa vem me procurar e sabe que eu sou uma mulher preta que vai tá lá atendendo e ela não vai precisar me explicar coisas básicas, por exemplo, o que é racismo? Mas, ao mesmo tempo

²³⁴ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²³⁵ Idem.

fico nesse lugar de me sentir, às vezes, no lugar de ser usada mesmo. Nestes espaços onde muitas vezes eu sou a única preta representando e carregando essa ideia de que eu tenho que representar outras mulheres negras. Sendo que são muitas vivências pra dar conta, né?! Então fica entre a necessidade e o peso da representatividade pra mim. (Lúcia Xavier, 25 anos, **grifo nosso**)

A entrevistada nos proporciona uma atenção pertinente sobre o tema, pois fala que representar tem dois lados, um ponto que temos percebido com a pesquisa, e nos coloca no centro da percepção sobre como ocorre a representação em sua vida. Ainda nos mostra um perigo corrente, ao tentar classificar a mulher negra em lugares definidos, sem respeitar suas complexidades. Percebemos como isso acontece constantemente, quando falamos de representação, pois as estruturas elaboraram padrões bem específicos de como a pessoa negra pode e/ou dever ser representada.

Ela ainda acrescenta o cansaço como ponto impactante na representação e, por vezes, é solitária esta representação nos espaços, como explica ao dizer: “Eu acho que fica o peso daquele lugar de cansaço que tá nesse lugar de representar, né?! E também da necessidade de precisar tá ali. Pelo menos chegam para mim algumas dúvidas: ‘será que eu posso abrir mão disso porque eu tô cansada?’ [...]” (Lúcia Xavier²³⁶, 25 anos). A palavra cansaço aparece em diversos momentos de sua fala e em questões diferentes. No primeiro momento, quando fala da questão de ser a única mulher negra no espaço e, num segundo momento, quando explica que precisa sempre trazer o tema da raça nas suas falas e práticas diárias.

Questões que têm peso e medidas diferentes, mas que não deixam de ser, cada uma delas, importantes na sua forma. E que fazem chegar outras indagações: Por ser a única pessoa negra no espaço de trabalho, acadêmico, entre outros, tenho o dever de sempre falar sobre raça? Posso escolher não ser esta pessoa que fala sobre o tema racial e discutir outras coisas? Como fica a minha posição se sou a única pessoa negra no espaço e não desejo falar sobre as questões raciais? Perguntas que atravessam a escrita e a vida da pesquisadora, pois sua vida é marcada pela questão racial, seja na vida particular, quando percebe os primeiros relatos de racismo vivido por seu pai, quando descobre que é uma mulher negra, quando decide entrar para o movimento negro durante a sua militância juvenil, quando escolhe discutir raça na comunicação e segue este caminho até os dias de hoje. Esta pesquisadora se sente pertencente em cada relato de dor, cansaço, necessidade e preocupação e se percebe na fala de Lúcia Xavier²³⁷, quando

²³⁶ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²³⁷ Idem.

explica sobre o cansativo lugar da pessoa que precisa ‘problematizar’ a questão racial nos espaços de que participa.

Enquanto muitos de nós passamos o ano inteiro, a própria vivência na verdade, falando sobre isso e trazendo discussões. A gente fica mesmo no lugar das problemáticas, da **(pessoa)** que vê problema em tudo, vê raça em tudo. Então é um lugar importante que é preciso estar, mas, ao mesmo tempo, é muito cansativo. É um lugar que a gente tem que se cuidar o tempo todo pra não entrar nessa pilha de que ‘eu preciso estar constantemente nos espaços pra cumprir uma cota. Pra cumprir essa lacuna que existe em todo lugar que a gente vai. Na faculdade foi assim, eu era a única mulher negra na minha classe e era a única que falava sobre raça e sobre questões de gênero e sexualidade. Então é sempre muito cansativo ser a única nos espaços. Às vezes é muito legal chegar num canto e ver que tem outras pessoas que vão te entender só de olhar. É muito legal tá aqui **(no grupo focal)** e saber que eu não preciso ficar me explicando, porque as mulheres compartilham as mesmas vivências. Por mais que a gente venha de lugares diferentes, a gente tem pontos em comum. Então, eu vejo **(a representação)** também nesse lugar do cansaço e, às vezes, a gente só quer descansar, é isso, a gente só quer descansar. (Lúcia Xavier²³⁸, 25 anos, **grifo nosso**)

Uma fala carregada de sentidos para a pesquisadora que percebe como as suas vivências se cruzam com as vivências de cada participante em um grau maior ou menor. Desabafos que são construídos através da identificação entre pares e que causam um ambiente de confiança para expor como é viver esta representação tão sentida por cada uma delas. Trazem questionamentos importantes sobre esta tal necessidade da representação tão falada. Uma necessidade que se mostra, em alguns momentos, mais uma ordem que uma forma de autonomia para as mulheres negras. O que é cansativo porque quem tem privilégios não quer assumir o lugar de privilégios, para também discutir o tema.

Como bem fala Lúcia Xavier²³⁹, e que, complementado por outra participante do grupo focal, Elza Soares²⁴⁰, em um trecho de seu discurso, já inserido no texto e que precisa ser lembrado por seu grau de importância. Ela explica como esta necessidade de falar sobre o tema se transforma em uma obrigação que passa de autonomia para aprisionamento, pois agora se deve ter a necessidade de ser a pessoa negra que sempre está pronta para o combate, quando é preciso debater a questão racial. Ela diz que “[...] a gente tem que ser autossuficiente na

²³⁸ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Ibidem.

questão do afeto e também de se entender enquanto pessoa racializada. Parece que agora, mais do que nunca, é obrigatório a gente saber todos os autores [...]” (Elza Soares²⁴¹, 31 anos, **grifo nosso**). Um regime imposto a ela e a todas às mulheres negras que vivem e experimentam a representação a partir da construção do Outro, algo externo às mesmas, que apenas são integradas a este padrão de representação desumanizadora, onde esse ‘ver’ superficial se desdobra em outro ponto discutido no grupo focal.

A existência de uma dita representação, percebida na atualidade dentro das estruturas sociais, onde as mulheres negras estão participando com autonomia, como fazer parte das grandes empresas, apresentadora de um telejornal de grande porte ou mesmo ser protagonista de uma novela, mas que não é tão real. A participante do grupo focal, Elza Soares²⁴², explica-nos sobre os perigos de se fortalecer uma ‘falsa representação’ que apenas é uma repaginada, para permanecer com o modelo de dominação destes sujeitos sociais. Ela celebra a importância da pressão feita na sociedade, para que se estabeleça a participação de pessoas negras nos espaços. No entanto, fala que a inclusão também possibilitou a implementação de uma ‘falsa representação’, muito comum nos dias de hoje, onde se cria a ideia de que, se tem uma pessoa negra no local, aquele local é inclusivo, mas ela não tem autonomia legítima. Ela nos mostra isso através do exemplo da participação no mercado de trabalho.

Eu acho que a questão da representatividade é de você se ver. Então, a gente cresce hoje, até que com um pouco mais, existem mais referências pretas nos espaços, nos cargos. A gente sabe que é o mínimo, a gente não tá numa posição de dizer que tá médio. Mas, hoje eu consigo ver mais pessoas pretas protagonizando alguns espaços que são de poder, vamos assim dizer. Só que o que acontece, existe uma dualidade muito grande, porque as empresas e o mercado, eles percebem que o público tá acordado, de certa forma, e as pessoas elas querem se ver e aí hoje é criada uma falsa representatividade. Que é o que? Colocar uma pessoa (**negra**) ali pra ela ser tipo um ‘totem’ do qual essa pessoa tem que ser muito boa no cargo que ela exerce e também vai validar. Como (**se**) aquela empresa fosse anti-racista, aquela empresa ali é uma empresa diversa, inclusiva. Então assim, eles utilizam uma pessoa (**negra**), pra que ela sugue toda a carga de se, colocar neste lugar. [...] Elas (**empresas grandes**) chegam a tal ponto de colocar pessoas pretas em grupos de discussão do qual só existe uma pessoa negra. E ficam questionando ela: ‘ah, você já sofreu racismo dentro da empresa?’ Então, ela fica sendo aquela pessoa, a única pessoa. E eles não conseguem entender como uma única pessoa, que

²⁴¹ Entrevista concedida à autora no grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²⁴² Entrevista concedida à autora no grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

está ali entre eles, é uma empresa onde não há racismo. (Elza Soares²⁴³, 31 anos, **grifo nosso**)

Um testemunho bastante significativo, para exemplificar como a representação de mulher negra pode cair no limbo da ‘falsa representação’, local que a pesquisadora Winnie de Campos Bueno (2019) nos demonstra, em sua pesquisa de dissertação intitulada “Processos de resistência e construção de subjetividade no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*, a partir do conceito de imagens de controle”, onde discorre sobre o pensamento da socióloga Patricia Hill Collins que auxilia na compreensão das ausências de direitos das mulheres negras, como funciona esta mecânica. Bueno (2019) nos fala que a “falsa representação” é algo corriqueiro e se manifesta por meio de estratégias onde os grupos dominados, e aqui falamos das mulheres negras, sejam incentivados a ocupar espaços, de forma controlada, desde que sigam um roteiro que as permitam estar lá condicionadas e familiarizadas com os grupos dominantes.

Com isso, percebemos que elas podem até fazer parte, todavia, de uma maneira em que estejam, mais uma vez, no lugar da dominação e subordinação. “A falsa sensação de representatividade faz com que as pessoas que jamais são ouvidas aparentem ter suas falas respeitadas, quando, na verdade, só são ouvidas, porque estão enquadradas em uma linguagem familiar e confortável para os grupos dominantes”. (BUENO, 2019, p. 28). Esta sensação é percebida nas diferentes falas das participantes da página “Profissionais Negros do Ceará”, seja sentida na voz raivosa, no olhar lacrimejante ou na respiração profunda após expor sua experiência. Elas nos contam como se sentem, quando percebem que são apenas uma “cota”, um “totem” – como nomeiam as participantes - que precisam responder por todas as mulheres negras. Como bem fala Lúcia Xavier²⁴⁴, quando explica sobre o cansaço de ser a única nos espaços e que, por vezes, pensa em desistir.

E se não for eu será que eles vão procurar outra pessoa? Será que outra pessoa vai ocupar esse espaço? Porque também eu não tenho nenhuma ambição de ser a única nos espaços. Ou ser a única pessoa que vai ser referência em psicologia, falando de raça. Na verdade, eu queria que isso acontecesse com muito mais facilidade do que tem acontecido de fato. Mas fica esse lugar. Eu abrindo mão e fica essa coisa. Então, deixa, não vou mais falar sobre isso. Porque uma das coisas que aconteceram comigo, por exemplo, foi uma

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

professora que apareceu e me pediu pra fazer uma fala e a própria turma disse assim ‘esse assunto não é interessante para gente’. Então fica aquele lugar de ‘pra quem que realmente eu estou representando aqui?’ ‘Qual é a importância da minha presença nesse lugar?’ (Lúcia Xavier²⁴⁵, 25 anos)

A participante nos permite perceber os desafios enfrentados pelas mulheres negras, quando o tema é representação e como é preciso “olhar”, de forma aprofundada, para as armadilhas que o representar pode trazer. Sabemos que a participação destes sujeitos sociais tem ocorrido em diversos espaços, como no mercado de trabalho, na Universidade, nos movimentos sociais, sindicais e partidários onde elas estão inseridas, no entanto, como estão inseridas também faz a diferença. Assim se mostra o questionamento em cada fala das entrevistadas da pesquisa, que partilham suas indignações sobre o lugar que ocupam. Precisamos compreender que é recorrente a prática de uma representação controladora que tenta subjugar a mulher negra. Um regime que deve ser extinto, para que seja (re)pensado e (re)elaborado um novo modelo de representação. Mas qual seria a forma? É possível criar um novo conceito? E como seria essa “outra” representação?

4.2.3 “Essas identidades pra mim, representam resistir pra sobreviver. Tipo assim é o que tem para nós”: um outro “olhar” sobre a representação das mulheres negras

Neste subtópico, vamos discorrer sobre um outro “olhar” para a representação. Um olhar aprofundado, um olhar que tem afeto, um olhar que tem atenção sobre a temática. E abrimos o tema com a fala de uma das participantes da página, a massagista, Elisa Lucinda²⁴⁶, de 34 anos, que nos apresenta o outro lado deste termômetro, o outro ponto desta temperatura. Pois, como falamos anteriormente, o tema oscila em um mesmo espaço tal qual um termômetro de ambiente que vai de uma temperatura alta para uma baixa a depender do clima existente. Aqui, o que pode mudar este clima, como explica a participante, são as estratégias de resistência que parecem ser bem significativas na caminhada das mulheres negras.

Este olhar que exige dedicação e cuidado, que é lento, mas perspicaz na tentativa de mudar a ideia de representação tão incorporada pelo Outro. Esses olhos que foram fixados pelo Outro, como discorre o grande militante negro, intelectual e sociólogo, W.E.B. Du Bois

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 05 de fevereiro de 2021.

(1998), em seu livro “As Almas da Gente Negra”, onde explica a construção da identidade da pessoa negra no mundo.

Após os egípcios e indianos, os gregos e romanos, os teutônicos e mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu, e dotado de uma clarividência, neste mundo americano, — mundo que não lhe permite produzir verdadeira autoconsciência, que apenas lhe assegura se descubra através da revelação do outro. É uma sensação peculiar, essa dupla-consciência, esse sentindo de sempre olhar a si próprio através dos olhos dos outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena. É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de biparte-se. (DU BOIS, 1998, p.39)

Olhos que precisam ser arrancados, para conseguirmos enxergar um outro modo de entender o conceito de representação. Olhos que começam a mirar outras possibilidades, onde pessoas negras têm produzido escritos, pensamentos, conceitos sobre o que veem através do espelho e quais visões têm sobre o mundo e sobre si. Por este motivo, não é possível achar que o caminho é apenas saber que existem falsas representações ou representações que edificaram sua história. Precisamos reconhecer e questionar estas representações vigentes e repensar ações para a construção de novas práticas de representação da população negra, como nos conta a militante negra bell hooks (2019), ao explicar que “é mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta, quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras” (hooks, 2019, p. 34).

Um lugar de onde algumas das mulheres negras da página falam e percebem sua importância. Um lugar onde tentam descobrir quem são, pois, como algumas falaram durante a pesquisa, já conseguem entender o que não são. E isto tem sido produzido constantemente por elas que desejam apagar essa representação edificada pelo dominador. Como nos descreve a psicóloga de 25 anos, Lúcia Xavier²⁴⁷, que também fala sobre a imposição de um padrão, uma representação sobre a mulher negra na sociedade, mas que busca modificar essa realidade. Ela, ao expor sobre o que pensa ser a mulher negra, explica que é preciso uma reconexão com essa mulher, olhando para suas lutas, sua história e sua trajetória na tentativa de construir novas narrativas representativas.

²⁴⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

Mas eu acho que pra além da questão das lutas, enquanto mulher e mulher negra, eu acho que é se reconectar com a humanidade (**a entrevistada fica com um olhar distante**). Eu acho que, quando a gente pensa sobre o que é ser mulher, eu acho que a gente deve se colocar no lugar de mulher humana. Porque, às vezes, a gente é ligada à ideia de ser uma preta guerreira. Eu tenho lutado bastante contra esse lugar e tenho trazido isso também para o contexto clínico. Mas ser mulher negra é duro muitas vezes, mas muito gratificante quando eu entendo de onde eu vim e das mulheres que vieram antes de mim. (**ela fala e pega no cabelo afro**). Acho que ser mulher negra é luta constante, mas também doçura com os nossos. Para além disso, é (**ela respira fundo**) uma afirmação diária, é uma construção diária, na verdade, porque a gente tem muita uma ideia de que ser mulher, mas construída socialmente, mas o que é ser mulher negra, quando a gente foi criada nessa ideia branca social. Então, eu acho que é uma construção diária de se reconectar com o que a gente é. Então, eu sempre gosto afirmar que ainda estou neste processo de construção. Até porque eu comecei a me identificar, enquanto mulher negra, eu já tinha 21 anos de idade. É uma construção que eu estou nesta batalha até hoje, eu acho que é até o fim da vida. (Lúcia Xavier²⁴⁸, 25 anos, **grifo nosso**)

A psicóloga nos apresenta uma questão importante, (re)fazer, (re)criar, (re)modelar o regime de representação imposto pelo opressor, uma maneira de construir novos significados, pois Stuart Hall (2003) nos fala em seu livro “Da Diáspora: identidade e mediações culturais”, onde discorre sobre os sistemas de representação na formação da sociedade e como eles podem mudar. Assim Stuart Hall fala que “O importante sobre os sistemas de representação é que eles não são únicos. Existem diversos deles em qualquer formação social. Eles são plurais”. (HALL, 2003, p. 180)

A reflexão de Hall (2003) e a fala de Lúcia Xavier²⁴⁹ nos possibilitam pensar que é possível mudar e pensar a partir de outro lugar, o lugar da representação ativa, o lugar da visão sobre si e sobre os seus pares. Esta representação que já sabemos como iniciou, que foi costurada nesta colcha de retalhos com pedaços de dor e pedaços de raiva, e que, agora, necessita ser costurada com outros retalhos. Retalhos que contêm pedaços de alegria, pedaços de força, pedaços de resistência, pedaços de coragem. Essa colcha que tenta agasalhar cada mulher negra, mas sabe que ainda faltam pedaços e, por isso, ainda está em construção.

Não sabemos qual o tempo. No entanto, as palavras de Lúcia Xavier²⁵⁰ nos chegam como um alento sobre como anda a caminhada desses sujeitos sociais, pois ela reconhece que é preciso elaborar novas imagens e narrativas para a sua representação. Uma fala que entrecruza

²⁴⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Ibidem.

com a reflexão de outra mulher negra que, mesmo distante no espaço/tempo, também fala da importância de criar novos modelos de representação. Assim explica bell hooks (2019):

Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. (hooks, 2019, p. 36-37)

Somente com a luta é possível pensar em transformações sobre a representação das mulheres negras e isso vem ocorrendo, como temos percebido com o avanço das políticas públicas, das produções acadêmicas e, particularmente, nas redes sociais, como percebemos na construção e difusão da página Profissionais Negros do Ceará. Alinhar as falas destas mulheres que buscam se (re)fazer e criar novos significados, símbolos, vontades e desejos sobre sua história é uma possibilidade de modificar o curso do rio que as levará por outros caminhos.

Outro ponto que também se mostra necessário e precisamos nos debruçar com profundidade é sobre a representação da população negra e, em especial, das mulheres negras na *Internet*. Um debate recorrente na atualidade e onde as redes sociais têm sido protagonistas. Por isso, a importância de saber quais os efeitos destas plataformas que têm feito parte do cotidiano desses sujeitos. Uma questão sobre a qual discorreremos no próximo tópico.

4.3 As representações sociais com a era digital

No tópico a seguir, vamos tentar compreender como e se as redes sociais são espaços de representação da população negra, e, em especial, das mulheres negras. Para isso, é necessário observar alguns pontos importantes que dizem respeito às formas de organização da web. Principalmente, quando percebemos as mudanças ocorridas nas últimas décadas, por conta da corrente globalização do mundo, sobre o conceito de representação social e seu alinhamento com redes sociais que se transformam num piscar de olhos.

4.3.1 As redes sociais como sistema de representação

As redes sociais têm-se mostrado um local de grande conexão no que diz respeito à representação social de sujeitos e/ou grupos sociais com páginas específicas, comunidades diversas, grupos que falam a 'mesma língua' e suas identificações. Assim, são as mídias que

buscam representar as pessoas que estão inseridas nelas, através de imagens, textos, vídeos, emojis e uma infinidade de ferramentas que fazem parte da Internet, disponíveis a um toque de dedos.

Notamos como as plataformas tentam, alinhar-se ao perfil individual de seus internautas, com indicações feitas a partir da leitura dos algoritmos que detectam os seus acessos, tempo que passam na rede, o que mais olham, o que mais curtem, o que mais buscam na *Internet*, e, com isso, vai-se criando uma teia de representações sobre quem se é, e até sobre as emoções que o internauta tem sentido durante seu passeio pelas redes.

Isso ocorre porque, como explica Canclini (2009), no seu livro “Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade”, a atualidade trouxe novos modelos sociais que entrecruzam os sujeitos sociais e suas conexões e desconexões neste caminhar das redes, com o cruzamento de saberes da antropologia, sociologia e comunicação. Ele elabora um discurso sobre as mudanças ocorridas nas relações interpessoais na pós-modernidade, principalmente na América Latina.

Ele conta que “As teorias comunicacionais nos lembram que a conexão e desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos” (CANCLINI, 2009, p. 31). Assim, o autor abre o caminho para compreendermos que essas conexões compõem a construção social dos indivíduos, profundamente interligada à nossa formação social e, por isso, reflete-se nas relações criadas nas redes sociais. É um reflexo das estruturas sociais transferido para as mídias sociais, onde a segunda corresponde ao modelo da primeira, ou vice-versa, o que nos faz lembrar os pensamentos de Raquel Recuero (2010), Manuel Castells (2017), quando falam sobre os impulsos dos indivíduos em fazer parte de uma rede. Recuero (2010) elucida bem essa relação, quando analisa o processo de expressão dos atores na Internet, denominando de representações performáticas.

Essa construção pessoalizada é visível em muitos elementos utilizados no ciberespaço. Nos perfis do Orkut, por exemplo, é clara a individualização e a construção pessoal de cada página. Ali são expostos os gostos, as paixões e os ódios dos atores sociais. [...] Essas ferramentas, portanto, são apropriadas como formas de expressão do *self*, espaços do ator social e percebidas pelos demais como tal. É unicamente por conta dessa percepção que as redes sociais vão emergir nesses espaços. Por conta dessas observações, os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através de representações performáticas de si mesmos, como seus *photoblogs*, *weblogs* e páginas pessoais, bem como através de um *link*. (RECUERO, 2010, p. 28)

A partir daí, é construído um sistema de vinculação, representação social, onde atores e as redes elaboram conexões que despertam sentidos e desejos. E ainda completa, dizendo que:

Portanto, através da observação das formas de identificação dos usuários na Internet, é possível perceber os atores e observar as interações e conexões entre eles. Assim, todo o tipo de representação de pessoas pode ser tomado como um nó da rede social. (RECUERO, 2010, p. 28-29)

Recuero (2010) estava correta, mesmo não estudando o *Instagram* na época de seu livro, ao definir essas “apropriações como representações” (RECUERO, 2010) que tomaram o ciberespaço. Hoje, essas conexões se aprofundaram ainda mais, e é bem provável saber como andam os sentimentos e desejos de uma pessoa e/ou de um grupo social apenas acompanhando o acesso ou sua postagem. Um estudo feito por Andrew Reece (2016), de Harvard, e Chris Danforth (2016), da Universidade de Vermont, nos Estados Unidos, mostrou que é possível, por meio dos filtros do *Instagram*²⁵¹, saber se um usuário digital tem problemas de depressão.

Durante a pesquisa, eles coletaram as informações de 166 indivíduos voluntários por meio da *Amazon Mechanical Turk* (uma plataforma que paga pequenas quantias de dinheiro pela realização de tarefas), através de resposta em um formulário com perguntas sobre depressão e a análise de quase 44 mil fotos publicados pelos participantes. O material foi publicado, à época, no *ArXiv*²⁵², uma plataforma eletrônica que recebe prévias pesquisas aprovadas por revistas científicas ou que aguardam aprovação. Os cientistas analisaram a escolha de cores e outros componentes da postagem e, com a ajuda dos algoritmos, perceberam que os filtros em tons de cinza e preto e branco, além de poucas pessoas na foto, davam indícios de depressão.

Outra pesquisa, que trata sobre o Facebook, também traz dados importantes sobre as emoções de seus internautas²⁵³. Com o objetivo de falar de diferentes públicos que fazem parte da rede social, outro estudo realizado pela Universidade Brunel, do Reino Unido, com

²⁵¹ Matéria: Usa o “Inkwell”? Filtros do Instagram podem indicar depressão. Site: Veja – publicado no dia 31 de agosto de 2016. Link: <https://veja.abril.com.br/ciencia/usa-o-inkwell-filtros-do-instagram-podem-indicar-depressao/> acesso em 23 de jun 2021.

²⁵² Artigo completo da pesquisa. Link: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1608/1608.03282.pdf>.

²⁵³ Matéria: O que suas postagens nas redes sociais revelam sobre suas emoções Site: BBC News - Brasil Link: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-37816962> Acesso em 23 de jun de 2021.

555 usuários do *Facebook*, mostrou que os mais extrovertidos tendem a postar mais sobre atividades sociais e sobre seu dia-a-dia, e o fazem com frequência.

A pesquisa ainda fala que pessoas com baixa autoestima tendem a fazer mais postagens sobre seus cônjuges ou parceiros. Ainda tem as pessoas com traços de neurose que utilizam do *Facebook* para chamar a atenção e os narcisistas que costumam utilizar seu status para expor suas conquistas, falar sobre vida saudável e a rotina diária de exercícios físicos.

Esses estudos, e outros mais que têm sido produzidos, vêm nos mostrar que as redes sociais são uma extensão da vida de seus usuários e essas interações se fazem constantes, criando assim um lugar de representação social. E a representação social na *web* acontece por existir a dependência de representações que procedem, pois já existem grupos e ou pautas representativas para que sejam consolidadas na rede. Isso acontece com a página “Profissionais Negros do Ceará”, que nasce com o objetivo de divulgar e apoiar profissionais negros, e se vai conectando com as relações de gênero, de classe, nação, orientação sexual, entre outros. Essa representação é bem elucidada por uma das fundadoras do perfil, Elza Soares²⁵⁴, quando conta sobre a importância de se identificar, a partir do consumo racial, com empreendedores sociais, coletivos ou mesmo empresas e que passa pela página da Profissionais Negros do Ceará.

É tipo assim, para que as pessoas também entendam no seu dia-a-dia o **(a importância do)** consumir. Porque a gente pensa, a gente fala de consumo consciente pra várias coisas, consumo cidadão pra tudo, mas a gente não fala nesta questão da raça **(consumo da população negra)**. Quem é exatamente o dono que vende o meu xampu? Quem será ele? Será que é um branco, uma pessoa branca? Será que esses funcionários dessas marcas...sei lá lembrei agora da *Salon line* **(empresa de produtos para cabelo)**, vamos dizer assim: será que a maioria dos funcionários são negros? Será que a maioria tem o cabelo cacheado ou crespo? Sabe, é um questionamento que a gente deve fazer. Se a gente pensar que nós também temos capacidade pra estar nestes espaços, quem é melhor do que nós pra falar sobre o nosso cabelo que é crespo e é afro? Bem melhor que seja uma pessoa com o cabelo crespo e afro pra falar de um cabelo crespo e afro. Bem melhor, né?! Ou será melhor um químico branco e do cabelo liso? Não! Então a gente tem que discutir diversas coisas. Esse consumo racial tem que acontecer. Isso é muito do que a gente discute lá na página, né?! Além disso a gente tem **(o consumo racial)**. Quando a gente colocou o Ceará no planejamento estratégico, a gente pensou assim “não, o grupo provavelmente ele vai crescer. Esse projeto a gente vai passar pra outros estados”. Era uma coisa que desde o início a gente pensava, “não, a gente vai começar aqui, e se der certo, a gente vai passar a mesma ideia”. Porque o que acontecia também, antes da Profissionais parece que as pessoas só usavam rede social pra falar sobre elas mesmas, e como se elas não entendessem que na rede social existe audiência e que as pessoas veem aquilo dali. Então assim, a gente começou a perceber que as pessoas, gratuitamente,

²⁵⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

começavam a repostar, tipo assim, no próprio perfil delas. Então criou tipo assim, se eu consumo daquela pessoa negra por que eu não vou postar aquele perfil? E não precisa ser na Profissionais, pode ser no próprio perfil. Então, acabou que criou uma repetição padrão que foi criado pela Profissionais Negros, digo, as pessoas entenderem que elas deveriam, conscientemente, repostarem no perfil delas. E a gente vê totalmente o antes, eu consigo perceber, o antes e o depois, sabe?! Como as coisas foram acontecendo, né?! (Elza Soares²⁵⁵, 30 anos, **grifo nosso**).

Apesar de Elza Soares²⁵⁶ não utilizar diretamente da palavra ‘representação’, a fala da fundadora do perfil vem carregada pelo desejo da identificação por parte das pessoas, grupos e até empresas pela página. Fazer com que pessoas negras se sintam representadas pelas imagens, vídeos e textos postados pelo perfil é uma maneira de representação antirracista. E para que isso aconteça deve existir a elaboração de uma mensagem (linguagem) por parte do emissor, que utiliza significados que afetam o público receptor. Uma tentativa de promover a representação social nas redes sociais, utilizando os impulsos e desejos por meio da interação entre os indivíduos e o espaço digital.

O que nos remete ao pensamento do pesquisador Manuel Castells (2017), em seu livro “Redes de Esperança e Indignação”, quando trata sobre o porquê da identificação dos sujeitos sociais com o espaço digital na contemporaneidade. E mesmo que o ponto central de sua produção seja a organização dos movimentos em redes, vamos nos ater ao ponto em que ele explica as ações e motivações dos indivíduos em rede.

Então, temos de entender a motivação de cada indivíduo: como esses indivíduos e porque são capazes de fazê-lo, num processo de comunicação que, em última instância, leva à ação coletiva; como essas redes negociam a diversidade de interesses e valores presentes em cada uma delas para se concentrar num conjunto de objetivos comuns; como essas redes se relacionam com a sociedade em geral e com muitos outros indivíduos; e como e por que essa conexão funciona em grande número de casos, estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta. (CASTELLS, 2017, p. 27-28).

Estas motivações levam os indivíduos a adentrarem a web para ecoar a sua voz e (re)modelarem sua representação com autonomia, adicionando novas linguagens e práticas, para a interação entre seus pares, a essa colcha de retalhos que tem diversos recortes. Recortes

²⁵⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

²⁵⁶ Idem.

heterogêneos, recortes diferentes, que estão em tensão, pois “implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (CANCLINI, 2009, p. 17), e isso faz parte do contexto social em que estão inseridos onde as representações sociais são um processo existente na vida de cada um.

Como ficam as relações de negociações e os conflitos, quando colocamos em evidência a imagem da mulher negra nas redes sociais? São imagens que inspiram? Ou apenas a reprodução de uma representação elaborada pela sociedade? Há alguns questionamentos que precisamos observar com cautela neste próximo tópico para então compreender o papel da página ‘Profissionais Negros do Ceará’ na produção e divulgação da imagem da mulher negra.

4.3.2 A imagem da mulher negra na mídia

Aqui tentaremos observar como a imagem da mulher negra é construída nas redes sociais e quais as formas de representação atravessam sua vida neste espaço digital. Para isso, é necessário refletir sobre alguns pontos importantes, quando tocamos no tema da representatividade de mulheres negras, pois a mídia teve e ainda tem um papel crucial na construção do discurso da imagem destes sujeitos sociais. Os estereótipos elaborados por décadas e séculos ajudaram a propagar uma narrativa que alicerçou a forma como a mulher negra é vista na sociedade brasileira.

Ora pela sua hipersexualização de seus corpos, ora pela sua amabilidade incondicional, ora pela sua submissão conformista, como nos explica Lélia Gonzalez (apud RIOS; LIMA, 2020), ao dizer que, na mulher negra brasileira, estão situadas três representações que foram estruturadas pelo dominador e que a mídia se encarregou de apenas perpetuar com suas narrativas nos meios de comunicação, utilizando a TV, o rádio, o cinema, a literatura, o jornal e atualmente, as redes sociais, como ferramentas que proporcionam imagens de controle sobre suas histórias e suas vidas.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele que habitualmente vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar à questão da mulher negra numa outra perspectiva. Tratam-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (GONZALEZ apud RIOS; LIMA, 2020, p. 76)

Lugares que, para a autora, são excludentes e só ajudam à formação de uma sociedade racista e sexista que até hoje busca encaixar cada mulher negra em uma destas caixinhas. Na mídia, estes padrões são alternados, conforme a necessidade de se perpetuar imagens que auxiliem na representação desses atores sociais. Imagens que exaltam um discurso colonizador e carregam uma memória de dor que não passa, pelo contrário, causa mais danos para sua vida e sua psique.

Imagens que controlam sua história e que ainda fazem parte do cotidiano da população negra como bem explica bell hooks (2019), quando nos conta que “as imagens que consumimos na mídia de massa continuam a apresentar ao público global as mesmas velhas representações prejudiciais” (hooks, 2019, p. 25). Consumimos, a todo instante, estas imagens e acabamos internalizando este modelo vigente como parte da cultura e estereotipando uma população inteira que viverá sempre à sombra de uma representação criada, moldada, elaborada pelo *Outro*.

Assim, constantemente, a representação da mídia acaba por marcar na sua carne, seu corpo, sua pele, padrões elaborados que se tornam linguagem, jargões ou ditos populares, que se naturalizam na sociedade. Imagens que engessam a forma como as mulheres negras se percebem e, facilmente, encontramos nas falas, olhares, engasgos das entrevistadas que colocam em evidência sua insatisfação e como a construção desta imagem fortaleceu dores, inseguranças e raivas nas suas vidas. Como explica a entrevistada e ilustradora, Clementina de Jesus²⁵⁷, ao contar que se percebeu negra através da hipersexualização do seu corpo negro. Uma experiência que faz parte do cotidiano de milhares de homens e mulheres negros e negras durante toda a vida.

E eu acho que ser mulher, a gente se percebe muito, muito cedo, principalmente, mulheres negras que são muito sexualizadas desde pequenas, mas, me afirmar enquanto mulher negra e perceber o que isso significava na minha vida, foram muito mais na faculdade. Tá tudo junto, né?! (Clementina de Jesus²⁵⁸, 26 anos)

Experiência também vivida pela entrevistada, Zezé Motta²⁵⁹, ao indagar que a sociedade elabora tratamentos diferenciados para pessoas negras e não-negras na sociedade o

²⁵⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 28 de outubro de 2020.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

que ocasiona diversos impactos, inclusive na sua vida, que hoje guiam sua forma de olhar o mundo e sua forma de tratamento. Zezé Motta²⁶⁰, que é artista visual, pesquisadora e arteeducadora, tem 26 anos e reside em Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense.

Ela conheceu a página ‘Profissionais Negros do Ceará’ através da sugestão do *Instagram*. Ela acredita que o motivo da sugestão ocorreu, porque tem amigos em comum que seguem o perfil. A entrevistada disse que segue desde o início e que a ‘Profissionais Negros do Ceará’ promove uma rede de relação que auxilia na criação de uma forma diferente de representação da população negra no meio digital. Ela conta como foi perceber negra em uma sociedade que alimenta o racismo, a discriminação e as desigualdades.

Pra gente é sempre quando a gente é criança, a gente nunca é tratado como as meninas brancas. Nem os meninos e nem as meninas. Nem os professores tratam as meninas negras como se fossem meninas brancas. Primeiro a gente não tem o direito de ser princesa, depois o cabelo não é bonito. E quando você é pobre tem uma série de implicações que vão sendo usadas como mecanismos de comparação e isso vai afetando a sua personalidade e vai tornando talvez algumas pessoas mais sensíveis. Talvez, eu acho que, no meu caso, me tornou um pouco violenta e raivosa. Que não é nada de...acho que não seria nada de preocupante hoje, é só um resultado de como eu fui tratada. **(riso desajeitado)** A sociedade construiu esse espaço pra eu viver, ela vai ter que construir agora um espaço para ela aturar o que ela forjou, mas de dizer assim, de bater o pé. (Zezé Motta²⁶¹, 26 anos, **grifo nosso**)

Olhares de duas pessoas de vivências diferentes, de lugares diferentes, de idades diferentes, mas que são atravessadas pelo racismo na mesma proporção, pois, antes mesmo que cada uma chegasse ao mundo, outros sujeitos já haviam escrito sua história. Olhares nossos que também percebem que sua história foi costurada com a mesma agulha e linha que uniu as entrevistadas, as fundadoras da página ‘Profissionais Negros do Ceará’, as primas, as tias, as mães, filhas e netas que fazem parte deste local e de qualquer outro lugar do mundo, dada as proporções de tamanho, profundidade, entre outros quesitos.

A cor e o gênero são fardos pesados e quando acrescidos da classe, orientação sexual, localidade ou tantas outras identificações, ficam ainda mais penosos de se carregar. Estes marcadores sociais que atravessam todas as mulheres que fazem parte desta pesquisa, inclusive a pesquisadora, e mostram como esta representação foi sentida através de suas falas, choro, risadas e escrita. O que ouvimos aqui, em cada depoimento, é um reflexo dos discursos

²⁶⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

²⁶¹Idem.

ditos como verdades que são validados pelos meios de comunicação e perpassam gerações e mais gerações de mulheres negras por anos, décadas e séculos. Um projeto que tem como tarefa a marginalização de suas vidas e, conseqüentemente, estabelece a exclusão de outras referências que possam modificar a forma como são retratadas na sociedade.

Discursos que, mesmo tentando se perpetuar, encontram atualmente mecanismos mais severos, como a legislação que tem sido mais atuante no acompanhamento e resolução de caso de racismo, e o movimento negro que continua denunciando as práticas de racismo nos meios de comunicação. No entanto, vez ou outra é possível encontrar alguma prática de racismo na mídia, como exemplo a propaganda da marca de lingerie Duloren que divulgou, em 2012, uma campanha publicitária que reforçou estereótipos racistas e machistas, ao colocar uma mulher negra, de lingerie, segurando um quepe com o policial branco que parece desacordado e tendo a frase: “Pacificar foi fácil. Quero ver dominar”.

A propaganda foi divulgada no período das operações de pacificação pela polícia na Rocinha, no Rio de Janeiro. Após a divulgação da peça publicitária, uma ação foi encaminhada ao Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – CONAR²⁶², que apontou prática de racismo e machismo. O CONAR suspendeu a veiculação do anúncio.

Figura 40 – Peça publicitária da marca de lingerie Duloren.



Fonte: matéria do jornal Uol Economia.

²⁶² Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, uma ONG encarregada de fazer valer o Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária. Desde de sua criação, o Conar já instaurou mais de 9 mil processos éticos e promoveu um sem-número de conciliações entre associados em conflito. Nunca foi desrespeitado pelos veículos de comunicação e, nas raras vezes em que foi questionado na Justiça, saiu-se vitorioso. Disponível em: <http://www.conar.org.br/> Acesso em 08 de abri de 2022.

Com isso, percebemos que os depoimentos se alinham com o pensamento das pensadoras negras e são revelados com as práticas dos meios de comunicação. Assim nos fala a entrevistada Dandara de Palmares²⁶³, ao explicar durante o grupo focal, que existe uma dualidade na mídia, quando o assunto é a representação das mulheres negras. Ela nos conta que até tem a participação das mulheres negras nas peças publicitárias, nas propagandas, na televisão, mas acabam aparecendo, diversas vezes, de forma estereotipada, como no comercial da Duloren. A entrevistada ainda acrescenta que isto acontece, porque, muitas vezes, não existem pessoas negras nos cargos de gerência, ou grande relevância da empresa, e que se existem pessoas negras, naquela corporação, estas estão em cargos subalternos e sem grande oportunidade para discutir sobre o tema.

E nas mídias é uma dualidade que existe. Existe uma representatividade nas mídias, mas, quando a gente já vai para as grandes empresas, as grandes corporações, aí o negócio meio que desanda, sabe?! Como assim meio que desanda? Você vê as pessoas (**negras**) em propagandas, mas os corpos das empresas as pessoas negras não existem. Elas existem em papéis...em empregos mais básicos. Elas não estão no cargo de gerência, elas não estão sendo supervisoras, elas não estão em cargos de marketing. É por isso que a gente vê tantos casos de propagandas de cunho racista. Empresas assim, renomadas e milionárias. Tipo assim, não teve ninguém para avisar? É porque, simplesmente, as pessoas não-brancas não chegam nestes cargos. Elas ficam em cargos menores, cargos mais baixos, cargos com menor escolaridade. E não é porque não existem pessoas negras capazes, existem. Elas (**as empresas**) só não querem aquelas pessoas (**negras**) ali. Então a parte da representatividade, quando falamos das grandes mídias, das grandes corporações, ela meio que desanda, entendeu?! A gente tá nas propagandas porque vende. Vende a imagem de tipo: ‘olha eles botaram uma pessoa parecida comigo’, para atrair consumidores, mas a grande parte da empresa e a parte importante, de formar o local, não é feito de pessoas negras. (Dandara de Palmares²⁶⁴, 26 anos, **grifo nosso**)

E, com isso, a entrevistada nega que exista uma representatividade positiva na mídia. Dandara dos Palmares²⁶⁵ e recorda personalidades que fazem parte do cotidiano, como é o caso da jornalista e apresentadora do programa de televisão – Fantástico²⁶⁶ - a Maria Júlia

²⁶³Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²⁶⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ Programa dominical em forma de revista eletrônica, o Fantástico é um painel dinâmico do que é produzido na Globo. Criado em 1973, é exibido aos domingos, à noite. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/> Acesso em 08 de abril de 2022.

Coutinho, também conhecida como Maju, que é mulher negra. Na época do grupo focal, a jornalista Maria Júlia Coutinho ainda trabalhava como apresentadora do Jornal Hoje²⁶⁷, por isso a entrevistada fala do desempenho da jornalista no jornal da tarde.

A parte da representatividade é muito importante. Quando a gente vê na televisão é uma coisa. Você vê a mudança na televisão, você vê pessoas negras na TV, você vê jornalistas negros apresentando. **(Por exemplo)** a Maju **(apresentadora do jornal)**, no jornal das 13h da tarde, sendo a protagonista, âncora principal. É muito incrível, é muito divino. (Dandara de Palmares²⁶⁸, 26 anos, **grifo nosso**)

Ainda na conversa, durante o grupo focal, sobre representação das mulheres negras, ela retorna para o ponto da falta de representação da população negra nos cargos de importância das grandes corporações midiáticas. No entanto, acrescenta outro assunto espinhoso que é a representação posta como tarefa de um único sujeito social que precisa carregar tudo, quando, na verdade, é preciso ter mais pluralidade nos meios de comunicação. Ao falar sobre isso, a entrevistada traz à tona o tema da representação como responsabilidade exclusiva de uma única pessoa, de um único casal, em um único programa de televisão, em uma única propaganda publicitária ou em um único filme.

Esse é o caso de diversas instituições midiáticas que colocam um jornalista negro e acham que o problema do racismo está resolvido, ou colocam uma mulher negra na bancada de um jornal e, por causa disso, acham que o machismo acabou naquela “nova” estrutura. A ideia de representatividade, utilizando as palavras da entrevistada Dandara de Palmares²⁶⁹, “cai por terra” quando acha que solucionou o problema utilizando uma pessoa para responder por toda uma população, que não se encontra nas imagens produzidas pela mídia.

Quando vai para as grandes corporações todo sobre representatividade, cai por terra. Resumindo é isso, sabe?! E onde a gente vai se ver, é por nós mesmas. Ou nos programas de televisão das grandes corporações que colocam um totem, uma única pessoa que está ali representando. Tipo o programa **(Encontro)** da Fátima **(Bernardes)** que tem aquele repórter que fica lá. Ou o

²⁶⁷ O noticiário do Brasil e do mundo, apresentado com uma linguagem leve e informal, na hora do almoço. O telejornal estreou no dia 21 de abril de 1971 tendo o compromisso com a notícia, mas também em dedicar parte de seu tempo à arte, comportamento, moda, cidadania, defesa do consumidor. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/> Acesso em 08 de abr. de 2022.

²⁶⁸ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²⁶⁹ Idem.

É de casa! (**programa da emissora ‘Globo de Televisão’**) que tem um preto, de dread bem grande, mas assim, quem é que tá por trás desses programas? Na organização? Na gerência? Nesses cargos mais altos? Às vezes não tem pessoas negras, às vezes acontece as gafes que a gente vê nas propagandas, nas matérias de jornais e revistas. É diário, é diário. Se fosse uma pessoa negra que tivesse fazendo isso, não aconteceria. É porque, justamente, a gente não tá nestes lugares. (Dandara de Palmares²⁷⁰, 26 anos, **grifo nosso**).

Frequentemente, ouvimos, durante a pesquisa, as insatisfações das entrevistadas sobre a sua imagem nos meios de comunicação. Reclamações consistentes, pois as mulheres da página percebem como o mundo ao seu redor enxerga cada uma e como os obstáculos, para mudar esta conjuntura, ainda são grandes.

4.3.3 O mito da representação das mulheres negras nas redes sociais

Neste subtópico, esperamos refletir, um pouco mais, sobre a representação, olhando, falando apenas das redes sociais, onde tentaremos compreender se é real a produção de mecanismos que ajudem na representatividade das mulheres negras da página ‘Profissionais Negros do Ceará’. Trataremos, com mais profundidade, sobre a representação das mulheres negras na página, no próximo capítulo, onde falaremos sobre o seu papel na produção ou não de uma representação e o impacto desta representação na vida delas.

A partir daí, chegam-nos alguns questionamentos sobre a representatividade nas redes sociais: como funciona a representação das mulheres negras nas redes sociais? Quais representações fazem parte deste espaço digital? Intensificou a opressão ou aumentou a representação positiva? Quando falamos de redes sociais e mulheres negras, o que primeiro vem à cabeça é “será que os discursos dominantes que oprimiram e violentaram estes corpos negros, até os dias de hoje, atravessaram os meios de comunicação como a televisão, cinema, fotografia, rádio para as redes sociais?”

Uma pergunta um tanto ingênua, mas necessária neste momento, por entendermos que as redes têm outras atribuições, e, mais, por ser um espaço mais amplo de participação. Estamos cientes que, apesar das redes sociais criarem o discurso do acesso horizontalizado e igualitário entre os agentes sociais, onde uma jovem negra da cidade de Fortaleza pode criar uma página – seja no *Youtube*, *Facebook*, *TikTok* ou *Instagram* - assim como o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama ou mesmo a cantora brasileira, Anitta. A

²⁷⁰ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

realidade é um tanto diferente, pois as relações de poder que compõem estruturas sociais também farão parte deste ambiente.

E mesmo as redes sociais sendo um espaço diferenciado na linguagem, o *modus operandi* permanece e acaba por utilizar instrumentos que favorecem as práticas racistas e machistas tal qual existem fora do meio digital. Avaliamos até que, algumas vezes, estas práticas têm maior intensidade. Isso porque a instantaneidade e a interatividade deixam mais nítidas as relações de opressões e violências, pois as mensagens, fotos, vídeos que se entrelaçam com as curtidas e comentários ficam à vista de todos.

Neste espaço, o racismo, sexismo e a misoginia se enrolam na teia digital, moldando a linguagem e produção de conteúdo que chegarão para seus usuários. Sejam elas páginas de pessoas jurídicas – empresas, instituições, dentre outros – ou pessoas físicas. Com isso, não estamos dizendo que não existe uma representação por parte das empresas, mas que ainda é pequena, se comparada à quantidade de ações que são realizadas há bastante tempo para outros grupos sociais.

E não falamos sozinhas nesta afirmação, como mostram as pesquisas relacionadas ao meio digital. A *Safernet*²⁷¹, que acompanha denúncias de crimes cibernéticos, aponta que já recebeu mais de 2,5 milhões de denúncias referentes aos discursos de ódio na Internet. Através dos casos, a instituição traçou um perfil dos indivíduos e/ou grupos odiados e descobriu que as questões de raça e gênero têm bastante destaque, onde 59,7% das vítimas desses discursos de ódio são pessoas negras, e 67% são mulheres. Outros grupos também aparecem como a população indígena e a comunidade LGBTQIA+.

Dados que se fortalecem com a fala da pesquisadora Winnie Bueno (2019), ao discorrer sobre imagens de controle que ajudam na manutenção da violência contra as mulheres. Ela consegue responder, com exatidão, o motivo pelo qual estes discursos de ódio só aumentam na *Internet*, ao explicar que para dominar esse grupo é necessário construir, constantemente, imagens que promovam a estereotipação das mulheres negras, pois, com isto, elas serão enquadradas em um local de permanente domínio pelo Estado.

As imagens de controle são propagadas de forma tão massiva e constante na mídia por uma razão bastante específica: é confortável para a comunidade branca que existam justificativas que lhes retirem a responsabilidade de

²⁷¹ A SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial. Fundada em 20 de dezembro de 2005, com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil. Disponível em <https://new.safernet.org.br/> Acesso em 13 de abril de 2022.

responder pelo contínuo de violência que a exploração econômica dos povos negros significou na construção do *status quo* da branquitude. (BUENO, 2019, p. 112)

Um pensamento coerente que mostra como estratégias para controlar as imagens da população negra, e, em especial, das mulheres negras, serão elaboradas em diferentes espaços da sociedade. Uma indagação que se alinha à fala da entrevistada, Benedita da Silva²⁷², 22 anos, ao discorrer sobre a importância da página para ela, por entender que as estruturas de poder continuam nos espaços de dominação e concentração de dinheiro, e, com isso, mulheres negras não conseguem ter visibilidade e melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Eu acho que ela (a **página Profissionais Negros do Ceará**) é muito importante porque a gente tem assim uma peneira. Tipo, ‘Quem são os grandes empresários? CEO e tal? E onde fica concentrado o dinheiro?’ E a gente, inclusive, não tem mídia, tipo, grandes mídias assim, que consigam influenciar a opinião da galera, visibilizar. Então, às vezes a gente tem muito trabalho massa e esses trabalhos não têm essa visibilidade porque muito, muito da galera preta...tipo, nós (**entrevistada fala o nome da empresa**), por exemplo, nós “é um corre” que. tipo assim, é vendendo, tirando uma parte pra investir de novo e uma parte pra existir, assim. (Benedita da Silva²⁷³, 22 anos, **grifo nosso**)

É percebido que os meios de comunicação também influenciam na forma como se “olha” para estas mulheres e ditam como será a recepção de sua imagem e conteúdos. Não é à toa que Benedita da Silva²⁷⁴ fala dos desafios que ainda são frequentes na tentativa de “vender” seus produtos ou mesmo sua imagem. Isto ocorre, porque tentar promover conteúdos para web, de grupos subalternos, é bastante desigual. Uma afirmação que nos chega após a leitura de dados e as constantes conversas com as mulheres da página ‘Profissionais Negros do Ceará’ que sempre trazem indagações sobre a disparidade de acesso, engajamento ou financiamento das páginas, sites, podcast e/ou sites entre pessoas negras e pessoas brancas.

Como bem fala a dentista de 26 anos, Jurema Werneck²⁷⁵, que teve seus serviços divulgados na página. Ela é de Cabo Verde, mas mora há dois anos em Fortaleza. Conheceu a página através de uma das fundadoras, quando estavam em uma festa, como explica ao dizer

²⁷² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 12 de abril de 2021.

que “a gente já se cruzava em festas de, de...alguma coisa negra... (a participante quis falar da Festa Sour Negro realizado por uma das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará) com um grupo de amigos”. (Jurema Werneck²⁷⁶, 26 anos, grifo nosso). Lá, falaram sobre o perfil e a convidaram para divulgar seu trabalho. Para a dentista, as redes sociais ainda são espaços de invisibilidade para a população negra e conseguir ser divulgada em uma página no Instagram foi motivo de celebração para ela.

Também recebi uma mensagem de uma integrante da página falando pra eu fazer um texto sobre a minha profissão e tudo mais, porque eu sou negra, pra elas poderem divulgar. Com isso, acabei fazendo o texto falando sobre mim e o que faço e foi isso, elas explicaram. Daí, depois disso, começou a aparecer mais gente me procurando, querendo atendimento odontológico e eu fiquei muito grata. Isso é muito relevante, como você sabe?! E a classe negra é mais esquecida, ou seja, a gente não tem aquela visibilidade. Até porque a gente não tem aquela oportunidade igual aos brancos. Então, com isso, eu acho que fizeram essa página pra engrandecer e divulgar todos os profissionais jovens, não só negros, aqui de Fortaleza. (Jurema Werneck²⁷⁷, 26 anos)

Invisibilidade que pessoas negras vivem, constantemente, no espaço da web, onde a disputa ocorre de forma desenfreada. Jurema Werneck²⁷⁸ reconhece que a divulgação na página ajudou no reconhecimento do seu trabalho. Também estamos cientes que cresceu o número de propagandas nas redes sociais que utilizam a imagem da população negra. Como mostra a pesquisa realizada em 2021 pela Agência SA365²⁷⁹, em parceria com a consultoria Elife²⁸⁰, onde afirma que a presença do povo negro aumentou em 4% nas propagandas em redes sociais no Brasil²⁸¹. Segundo os dados do estudo “Diversidade na Comunicação de Marcas em Redes Sociais”, a presença deste público aumentou 04 pontos em relação ao ano anterior,

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 12 de abril de 2021.

²⁷⁹ A SA365 é uma agência com escritório no Brasil e Portugal. Referência em inovação e estratégias de marketing com base em inteligência de dados e co-criação.

²⁸⁰ Consultoria global surgida em 2004 especializada em inteligência de mercado e gestão de relacionamento digital. Esta presente no Brasil, México, Espanha e Portugal com serviços e software.

²⁸¹ Informação extraída da matéria “Presença negra aumenta 4% nas propagandas em redes sociais no Brasil” do site do jornal Metrópoles Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/m-buzz/presenca-negra-aumenta-4-nas-propagandas-de-publicidade-no-brasil> Acesso em 14 de abr de 2022.

passando de 34% para 38%. Durante a amostragem de 1.902 posts, feitos no Facebook e Instagram, observou-se a participação de negros em 726 publicações de 50 marcas.

No entanto, mesmo com o aumento, ainda é pequena a participação de pessoas negras vistas neste espaço, compreendendo que vivemos em um país onde mais da metade da população, 56%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, declarou-se negra, pretos e pardos, no Brasil. E isso ocorre porque as redes sociais são reflexos de um sistema anterior, um sistema que estrutura as relações sociais e ditam quais formas, modelos e personagens podem ser vistos, reconhecidos e celebrados na *web*, como bem nos lembra Manuel Castells (2005), no seu estudo sobre as relações políticas de uma sociedade em redes.

É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede. Estes programas são decididos socialmente fora da rede, mas a partir do momento em que são inscritos na lógica da rede, a rede vai seguir eficientemente essas instruções, acrescentando, apagando e reconfigurando, até que um novo programa substitua ou modifique os códigos que comandam esse sistema operativo. O que a sociedade em rede é atualmente não pode ser decidido fora da observação empírica da organização social e das práticas que dão corpo à lógica da rede. (CASTELLS, 2005, p. 20).

Uma reflexão consistente, pois, as redes vão remodelando, retirando e/ou acrescentando o que tem interesse, e este interesse é resultado de uma (re)produção do mundo social que vivemos, é resultado da forma como nos relacionamos, é resultado de uma construção sociológica que oprime, violenta e discrimina, elementos estes fundamentais utilizados pelo grupo dominante. Sem contar que estamos falando apenas da aparição de imagens de pessoas negras em propagandas nas redes sociais, quando pensamos em páginas fundadas e/ou geridas por esta população, o debate da representação fica ainda mais desleal, pois é um desafio conhecer os espaços onde esses agentes produzem conteúdo.

Além de outros agravantes como o pouco número de páginas, os algoritmos que ajudam a perpetuar o racismo e o sexismo, e o pouco engajamento nos perfis de pessoas da comunidade negra. Assim concorda a professora e historiadora, Janete Pietá²⁸², de 23 anos, que

²⁸² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

é sócia e namorada de Benedita da Silva²⁸³, da empresa divulgada na página ‘Profissionais Negros do Ceará’. Janete Pietá²⁸⁴ conheceu a página através de uma matéria de jornal e começou a acompanhar as postagens da página. Quando iniciou um negócio, em parceria com a namorada e sócia, resolveu divulgar, no perfil, os serviços de sua empresa.

A historiadora disse que a ‘Profissionais Negros do Ceará’ é bastante importante para o povo negro, pois, acredita que não existem tantos espaços que promovem as ações feitas para e por este grupo nas redes sociais. “Eu acho importante, porque a gente não tem muitos canais, muitas redes de organizações entre nós. Tipo, esse é um movimento que acontecia muito no presencial, mas que, nas redes sociais, a gente tinha um pouco dessa dificuldade” (Janete Pietá²⁸⁵, 23 anos). Apesar dela não aprofundar o motivo da dificuldade de ‘canais’, específicos para o povo negro compreende que existe uma ausência que precisa ser discutida e ainda acrescenta a necessidade de fortalecer páginas como estas.

Então, eu acho importante justamente pra gente valorizar o nosso “trampo”, poder divulgar entre os nossos, poder compartilhar entre as pessoas que não são pretas, mas que querem se dizer antirracistas, por exemplo. Então, eu acho importante a gente ter essa rede de fortalecimento justamente para que a gente possa dizer “estamos aqui, estamos juntos nos valorizamos”. (Janete Pietá²⁸⁶, 23 anos)

O desejo de promover interações que ajudem na visibilidade de pessoas negras é recorrente na fala das entrevistadas, independente da idade, do lugar e da relação social que vivem. Cada uma traz na fala a vontade de ver nas redes sociais, a possibilidade de reconhecimento de sua cor e a buscar por outra imagem para se sentir representada. É evidente que não desejamos apenas mostrar as diferentes formas de representação criadas e moldadas para elas.

Desta maneira, suas narrativas mostram, em medidas e pesos diferentes, que esperam mudar o discurso vigente desta representação elaborada pelo *Outro*. Elas têm buscado ações e usado ferramentas para criar uma resistência, na tentativa de elaborar outros “modos de vida” que quebrem esta estrutura hegemônica. Um tema que vamos desdobrar no próximo

²⁸³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

²⁸⁴ *Idem*.

²⁸⁵ *Ibidem*.

²⁸⁶ *Ibidem*.

capítulo, que trará outros elementos sobre o se (re)conhecer na página ‘Profissionais Negros do Ceará’ e que relações foram criadas a partir da divulgação neste espaço.

5 UM OLHAR NEGRO SOBRE A PÁGINA ‘PROFISSIONAIS NEGROS DO CEARÁ’

Vozes-Mulheres
Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

Chegamos ao último capítulo da tese, no último suspiro da pesquisa que ainda tem tanto a nos dizer. E abrimos com o poema de Conceição Evaristo, outra mulher negra que faz ecoar as vozes de dor e liberdade na atualidade. Voz de outra mulher negra que nos tem acompanhado nesta intensa trajetória. Voz que ecoa de sua avó, de sua mãe, da própria escritora – Conceição Evaristo –, voz de sua filha e a minha voz que se entrelaçam nesta teia de vozes de espaços e tempos diferentes e de sentimentos diversos que experimentaram no caminhar de suas vidas. Agora é o fim que parece mais próximo e o ato de respirar fica mais cansativo, e, ao mesmo tempo, ansioso, para tentar contar o que ainda falta sobre estas mulheres negras que

aceitaram me seguir, que confiaram um pouco de sua intimidade e que compartilharam olhares, falas e choros com a pesquisadora.

No quinto capítulo, buscaremos apresentar mais elementos sobre a representação, no entanto com foco para a representação da página. Falaremos sobre o fio condutor que alinha pontos comuns entre as entrevistadas e a página, o papel central do perfil e sua interação com outros seguidores e outros agentes que interagem, uma análise das imagens utilizadas para divulgar as postagens e, por fim, compreender se/como as mulheres olham para a página e/ou redes sociais, quando chega o tema da sua representação nesta estrutura.

5.1 Da oralidade para a escrita virtual negra

A fala é um dos primeiros atos que desenvolvemos nos anos iniciais de nossas vidas. Mesmo sem tanta familiaridade com as palavras, é através da fala que criamos a capacidade de exprimir nossos sentimentos e pensamentos. O emissor utiliza o vocabulário com o apoio de diferentes códigos linguísticos que ajudam a complementar sua linguagem, como a entonação da voz, os gestos, os sons, dentre outros códigos que compõem a fala. A partir da fala, é que nos comunicamos com o mundo ao nosso redor e que nos conectamos com os demais indivíduos.

Para Ferdinand de Saussure (2006), que realizou pesquisas na área da linguística e escreveu o livro *Curso de Linguística Geral*, a fala é “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2006, p. 22), pois, “Historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala?” (SAUSSURE, 2006, p. 27). Um questionamento para nos explicar sobre a importância da fala para a formação humana, no entanto a fala precisa compor com outro elemento para criar forma, a língua.

Ele indaga que a língua é o “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17), e ainda acrescenta que “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude dum espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (SAUSSURE, 2006, p. 22). Percebemos, com isso, que a língua constitui um sistema de signos, para expressar ideias e auxiliar na construção das relações sociais, e quando alinha a fala nos conecta com a linguagem para a comunicação entre os sujeitos.

Esta permanente conexão da língua com a fala, pois “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2006, p. 22). Ou seja, eles estão em constante entrelaçamento para a produção do que dizemos e compreendemos. A fala e a língua entrelaçadas estabelecem a linguagem que compõem as diversas populações, pois é um fato social (SAUSSURE, 2006) que faz parte da vida de pessoas e da sociedade e conecta nações, povos e/ou países, sendo assim é bastante importante para todos. No entanto, temos ciência que Saussure se concentrou apenas nos aspectos gerais da linguagem e que acabou priorizando apenas um pensamento da linguagem como um fato social, que assim explica Stuart Hall (2016) em seu livro “Cultura e Representação”, onde descreve o trabalho de Saussure, mas também faz uma crítica ao seu modelo.

O grande feito de Saussure foi nos forçar a prestar especial atenção na linguagem em si, como um fato social, no processo de representação em si, em como a linguagem realmente funciona e no papel que desempenha na produção do sentido. Ao fazer isso, Saussure salvou a linguagem do status de mero meio transparente entre coisas e sentido. Ele mostrou, em vez disso, que a representação é uma prática. No entanto, em seu próprio trabalho, Saussure tendeu a focar, quase exclusivamente, nos dois aspectos do signo – significante e significado. Deu pouca ou nenhuma atenção a como essa relação entre significante/significado poderia servir ao propósito do que nós previamente chamamos de referência – ou seja, nos referindo ao mundo das coisas, pessoas e eventos que estão fora da linguagem, no mundo ‘real’. (HALL, 2016, p. 63)

E Stuart Hall (2016) aprofunda ainda mais a questão da linguagem utilizada no mundo “real”, quando posiciona, na linguagem, as relações de poder que existem na sociedade. Uma crítica que acreditamos ser contundente, quando pensamos sobre a importância da linguagem nas relações sociais.

[...] o foco de Saussure na linguagem pode ter sido exclusivo demais. A atenção aos seus aspectos formais realmente tirou a atenção das características mais interativas e dialógicas da linguagem – como é realmente usada, como funciona em situações reais, no diálogo entre diferentes tipos de interlocutores. Então, não é surpreendente que, em Saussure, a questão do poder na linguagem – por exemplo, entre interlocutores de diferentes status e posições – não tenha grande expressão. (HALL, 2016, p. 63)

Uma questão que nos chega através de questionamentos, ao tentar pensar sobre qual o local que a linguagem ocupa nas relações de poder entre os indivíduos. Qual a função da

linguagem na construção da representação de um sujeito e/ou grupo social? Questões que nos incomodam, ao percebermos que esta mesma linguagem que conecta pessoas também pode servir como instrumento de opressão, dominação e controle.

E, nesta maneira de pensar, encontramos a reflexão da pesquisadora bell hooks (2008), que se alinha ao de Hall (2016), quando afirma que a linguagem tem lugar importante nas relações de poder, como percebemos no cotidiano e nas falas das entrevistadas da página. No texto de hooks (2008) intitulado “Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens”, há reflexões sobre a linguagem, onde ela relaciona com as opressões vividas pelo povo negro estadunidense. E, mesmo sabendo que somos outra nação, encontramos pontos comuns com a realidade em que vive a população negra brasileira.

Ela conta que a linguagem pode ser utilizada como um instrumento de opressão, ao dizer que “como o desejo, a linguagem rompe, recusa-se a ser encerrada em fronteiras. Ela mesma fala contra a nossa vontade em palavras e pensamentos que se intrometem, até mesmo violam os mais secretos espaços da mente e do corpo” (hooks, 2008, p. 857), ou seja, a linguagem pode dominar o outro, marcar sua mente e seu corpo, trazer dores permanentes à sua alma e silenciar a sua história.

Assim como aconteceu com a construção do discurso da escravidão, assim como ocorre hoje a produção de narrativas que auxiliam na perpetuação do racismo, assim como sentiu e ainda sente, na pele, a entrevistada Benedita da Silva²⁸⁷, ao nos contar como ela era chamada, na infância, pela turma do bairro. Quando perguntamos como a entrevistada se percebeu negra, ela que sempre soube, pois sempre colocavam apelidos ligados à cor de sua pele, seu cabelo e sua orientação sexual.

E tipo os apelidos...a galera sempre apelida você com alguma coisa da sua cor. Tipo, eu era a “nêga”, quando eu ia pra praia a galera falava “Aí, a Lilica tá parecendo fuscão preto”, eu voltava preta da praia. “Eita, tá azulão”. Então foram vários apelidos, a questão do cabelo. Todos esses fatores assim sempre foram...**(parada para reflexão)** hoje eu entendo que todos esses fatores era a construção da minha identidade racial e tal, se liga?! Na época era eu só achava que era eu, e que era um problema o jeito que eu era. As pessoas achavam feio, achavam estranho e tal então teve esse início. (Benedita da Silva²⁸⁸, 22 anos, **grifo nosso**)

²⁸⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

²⁸⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

Palavras que machucaram sua vida, palavras que geraram feridas que ainda hoje tentam cicatrizar, no entanto, não machucam apenas a entrevistada que rememora cada frase dita, doem também, quando pronunciadas, na pele da pesquisadora que escuta com toda atenção por fora, e com tristeza por dentro. Estas palavras que encontram conforto na ideologia racista, elaborada e perpetuada por séculos, podem até parecer simples palavras, mas têm o peso de excluir, acusar e matar, quando saem da boca dos que as pronunciam. Palavras de dominação que amedrontam estas mulheres, que as deixam sem reação, sem forças, pois parece que as falas só chegam para machucar suas vidas. Como também conta a entrevistada, Zezé Motta²⁸⁹, quando explica o papel das narrativas para a construção da identidade, ao explicar como se percebeu negra.

Ela lembra que não encontrava pessoas negras na Universidade e completa “academia é lugar extremamente embranquecido e embranquecedor” (Zezé Motta²⁹⁰, 24 anos) e isso dificultou, por muito tempo, sua identificação com a negritude. Ela conta que só começou a se perceber negra com a chegada de uma nova professora, mulher negra, que a ajudou neste período de compreensão sobre sua negritude. Por isso, a entrevistada resalta a importância de alguém que ajude, acolha e fale palavras que possam fortalecer outras mulheres negras, para enfrentar as narrativas dolorosas e aceitar sua cor, sua força e sua caminhada.

Não tinha pessoas periféricas, e a partir da [...], **(nome da professora)** assim, quando ela vem traz muitos questionamentos, mas, a chegada dela é também, eu acho, um acolhimento muito potente daqui pra que eu possa me apresentar assim para mim mesma e depois pro mundo. Quer dizer, você quer se apresentar pro mundo, mas, aí quando você vê várias pessoas brancas com muito mais poder institucional que você. Isso lhe cerca, isso lhe amedronta. E quando você vê uma mulher que vem desse acolhimento e dá um suporte, é agora! **(risos de felicidade)** “Pode ficar calma, pode ficar tranquila e, se você quer falar para o mundo, tudo bem” **(fala da professora)**. Eu aprendi com ela que a minha narrativa é muito importante. É muito importante a minha narrativa pessoal. Não só das outras pessoas, sempre as narrativas das outras pessoas brancas, que também são importantes, mas essas narrativas são sempre colocadas como mais importantes. Então, a partir do que eu vi que a minha narrativa também é importante quanto de um artista que morou na Europa. (Zezé Motta²⁹¹, 24 anos, **grifo nosso**)

²⁸⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

²⁹⁰ Idem.

²⁹¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

Narrativa que precisa ser tratada com zelo e respeito, como toda narrativa deve ser tratada, palavras que precisam ter afeto e cuidado, quando saem da boca. A junção da fala e da língua para criar uma linguagem que tem sentido e que valoriza narrativas que foram constantemente silenciadas, como foi a narrativa do povo escravizado que viu suas histórias serem oprimidas e humilhadas.

5.1.1 (Re)construindo linguagens diaspóricas negras

Seguimos com o tema da linguagem e seus impactos na vida das pessoas negras, mas trazendo outros questionamentos e autores que nos ajudarão na compreensão sobre as transformações desta linguagem entrelaçada à diáspora africana, que criou outras linguagens. O papel central que a diáspora africana desempenhou trouxe mudanças significativas à cultura, geografia e à organização social. O continente americano foi um dos lugares que tiveram mais impacto com a diáspora africana, como bem explica Fanon (1997), em seu livro *Os Condenados da Terra*, ao explicar que certos conceitos, como Negritude, por exemplo, só apareceram após a “A sociedade africana tornar-se a sociedade cultural do mundo negro e será levada a abarcar a diáspora negra, isto é, as dezenas de milhões de negros dispersos pelos continentes americanos.” (FANON, 1997, p. 179).

Ou seja, a criação de certas palavras, conceitos e termos que fazem parte da nossa história só foram possíveis com a inclusão de povos africanos trazidos e, com eles, vêm os seus costumes, seus vestuários, suas religiões, sua língua, dentre outras coisas. E, mesmo com a imposição do colonizador, os povos africanos criaram estratégias para que sua língua e forma de linguagem não fossem apagadas de suas vidas. Que suas narrativas não sejam silenciadas, pois, como nos conta o psiquiatra Fanon (2008), em “*Peles Negras, Máscaras Brancas*”, “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33), o povo negro cria estratégias a partir de sua oralidade para não se sujeitar à linguagem do europeu.

Este povo compreende a força de sua língua que é, a todo instante, subjugada e violentada pela estrutura hegemônica que busca sempre deslegitimá-la. Essa língua que faz parte de suas civilizações antigas que se constituíram através das experiências, narradas pelos mais velhos, que explicam sobre a história, a cultura, as tradições e a vida deste povo. Língua que busca a valorização da palavra, muito mais que a escrita, como percebemos na tradição oral dos povos antigos que transmitiam suas vivências, por meio da fala, seja para explicar algo e interagir com a sociedade. E que tem feito parte da história africana por gerações, um dos

valores civilizatórios da cultura africana que atravessa continentes, países e povos que alicerçam toda a sua tradição.

Para o etnólogo e filósofo malinês A. Hampâté Bâ (2010), que tem seu texto “A tradição viva” publicado na coletânea História Geral da África – I: metodologia e pré-história da África, organizado pela UNESCO, a tradição oral faz parte de sua cultura africana e semeia, por séculos, este saber que tenta explicar como nasce o mundo ao seu redor, as pessoas, a divindade e os ensinamentos necessários à formação do sujeito social.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167)

Como herança, encontramos a presença da tradição oral em diferentes culturas como as indígenas, islâmicas, maias, astecas, dentre outras que viveram ou que vivem até os dias de hoje, empregam a fala, para transferir saberes e ensinamentos sobre temas que fazem parte de sua vida. Que através da oralidade ocupará um importante papel na construção social e na produção de narrativas que se perpetuam por gerações. Esta oralidade que precede a escrita em muitas sociedades antigas, como é o caso das sociedades africanas, é constantemente subjugada como uma prática de segunda classe, sem legitimidade para a formação de sua sociedade. Não é à toa que, diversas vezes, a falta de escrita foi utilizada, para justificar a exploração do povo negro durante séculos. Estratégia para desvalorizar sua oralidade como um patrimônio cultural que faz parte da nossa identidade, corroborando para predileção da escrita como instrumento mais ‘civilizado’ de uma nação.

Estratégia que tentam utilizar para dominação dos povos negros, para a escravização de sua fala, para a discriminação de sua cultura, como vemos nas estruturas de poder. Por isso, quando decidimos deixar as palavras “ditas erradas” ou “não-padrão” da língua portuguesa e as gírias faladas pelas entrevistadas, sem correção gramatical ou de concordância, é porque acredito na necessidade de se respeitar a fala e cada palavra que foi compartilhada. Não vamos refrear ou mesmo tentar consertar uma palavra ou outra, se sabemos que isso diz respeito a práticas do racismo que tenta sempre corrigir as falas de pessoas negras.

Não como prática de correção linguística, mas como prática de racismo que cria classes de civilidade que fazem surgir o “preconceito linguístico”, tão bem explicado pelo

linguista Marcos Bagno (2006), em seus escritos. Em seu livro “A Língua de Eulália: novela sociolinguística”, o autor consegue trazer exemplos que são comuns da realidade de pessoas negras que são ridicularizadas por sua forma de falar.

Quando nós, falantes escolarizados de uma variedade urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz prantá no lugar de plantar, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que nós não pertencemos àquela classe social, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado... Queremos deixar bem clara a distância social, econômica e cultural que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico... (BAGNO, 2006, p. 42)

Este preconceito é o que pessoas negras sempre presenciam, e de onde a pesquisadora também fala, pois não importa a formação, os mestrados ou doutorados que retirem o desejo sádico que pessoas brancas têm de tentar consertar, corrigir, para ‘melhorar’ nossa fala, seja no espaço público, seja no privado, para tentar mostrar, a todo instante, que precisamos ter uma linguagem mais correta, mais ‘civilizada’, mais erudita, mais padronizada, quando, na verdade, mascaram a discriminação quanto a quem somos.

Preconceito linguístico que faz parte do dia-a-dia de mulheres negras que têm sua fala ‘corrigida’, para se tornar mais apresentável à sociedade, e isso ocorre em diversos espaços como forma de ridicularizar sua linguagem. Como acompanhamos no caso da jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, que, ao se tornar âncora do Jornal Hoje, recebeu diversas críticas sobre sua postura e nervosismo, no entanto parece que o real problema foram os “erros” linguísticos proferidos pela jornalista. Isso ocorreu após uma matéria publicada pelo site Notícias da TV²⁹², criado pelo jornalista Daniel Castro²⁹³, intitulada “Nervosismo de Maju Coutinho no Jornal Hoje acende alerta na Globo”, onde o jornalista contabiliza os erros de português da jornalista durante a apresentação do jornal.

Figura 41 – Matéria sobre o nervosismo da jornalista Maju Coutinho.

²⁹² Fundado em 18 de setembro de 2013 pelo jornalista Daniel Castro, o Notícias da TV, site de entretenimento, passou em 2018 a ser parceiro do portal UOL. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/daniel-castro/nervosismo-de-maju-coutinho-no-jornal-hoje-acende-alerta-na-globo-30001?cpid=txt> Acesso em 04 de jun. de 2022.

²⁹³ Foi colunista de TV da Folha de São Paulo. Trabalhou no Notícias Populares (1995-1996) e R7 (2009-2013). Em 2013, fundou o Notícias da TV, do qual foi editor-chefe até 2020. Atualmente, é Publisher do site.

re  AliExpress  Facebook  YouTube  Booking.com

  Menu Buscar

notícias da tv
por Daniel Castro

Daniel Castro

DESAFIO

Nervosismo de Maju Coutinho no Jornal Hoje acende alerta na Globo

REPRODUÇÃO/TV GLOBO



Fonte: site Notícias da TV.

Mesmo que a chamada da matéria fale sobre o nervosismo da âncora, fica evidente, durante toda a leitura, que o ponto central do texto de Daniel Castro é a quantidade de erros de português proferidos por Maju. A matéria fala que Maju engole letras, tem dificuldade para pronunciar palavras mais elaboradas e diz ainda que ela “chutou o pau da barraca da gramática ao soltar frases erradas ou com problemas de concordância verbal, entre outros pontos que o jornalista descreve durante todo o texto (Notícias da TV, 2019).

As críticas feitas pelo jornalista Daniel de Castro são frequentes, quando se trata de outro grupo racial e de gênero, quando é um homem branco que inicia como âncora em um telejornal de grande visibilidade e erra alguma frase ou se mostra nervoso. E, neste momento, nós perguntamos: quantos jornalistas brancos foram subjugados pelos seus erros de português? Quantos jornalistas brancos foram criticados por nervosismo?

Isso ocorre com outros sujeitos sociais que têm seu corpo, sua língua, seu cabelo ridicularizado pelo opressor. Uma estratégia para criminalizar os corpos negros, que antes eram açoitados em praça pública, hoje criam formas para tentar reforçar uma possível incapacidade na sua fala, por exemplo, com o intuito de imposição de uma ordem erudita que não importa o quanto tente uma pessoa negra sempre será rechaçada e/ou podada em sua fala, em sua postura ou em sua conduta, especialmente se for uma mulher negra. Observando, a todo instante, se este sujeito vai errar para então afirmar sua incompetência.

E este pensamento não é apenas nosso, ele comunga com a fala de algumas das entrevistadas como o depoimento de Dandara de Palmares²⁹⁴, durante o grupo focal, quando conversamos sobre a representação na vida das mulheres negras. Ela celebra as conquistas que algumas mulheres negras têm, quando conseguem realizar os seus sonhos, mas lembra como é difícil o acesso à Educação, por exemplo, e tantos outros acessos quando se é mulher negra e, para isso, utiliza o exemplo de uma das participantes do grupo focal, que realizou o que desejava: ser psicóloga.

Você como mulher preta, psicóloga que tá num status que muitas mulheres negras nem sonham em tá. A vida passou para elas e olha pra você e você tá na profissão da sua vida. E eu não vou conseguir. São dificuldades que a gente sabe que tem pra muitas mulheres negras. Por estarmos no país que a gente vive, por viver as ofensas, que nos foram inseridas. Como a marginalização, as dificuldades no acesso, os estudos e tudo. Esse é o percurso. E querendo ou não a pressão social. (Dandara de Palmares²⁹⁵, 26 anos)

Assim é a vida de milhões de mulheres negras que têm pouco acesso, que vivem à margem da sociedade, que estão nas piores condições de vida. Mesmo com o aumento da população negra, e, em especial, as mulheres negras na Universidade, com a implementação de ações afirmativas que mudaram a realidade do ensino superior brasileiro, como mostra a pesquisa realizada pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)²⁹⁶, onde as mulheres negras são 27% das estudantes do ensino superior público em 2019, seguidas na ordem de participação, vêm homens e mulheres brancos, com 25% e homens negros, com 23%.

No entanto quando estas mulheres negras conseguem realizar seus sonhos, a pessoa negra ainda sentirá o peso de outra cobrança em sua vida, como é o caso da jornalista Maju, que tem qualificação para exercer o cargo, mas, ainda sim, é subjugada pelo site de notícias que conta quantas vezes ela erra alguma palavra. Como ainda nos explica Dandara de Palmares²⁹⁷, durante o grupo focal, ao nos fazer pensar como a mulher negra vive a cobrança diária, mesmo quando acessa uma qualificação, tem sempre outra questão, outro desafio a responder à sociedade.

²⁹⁴ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ Site Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/mulheres-negras-sao-hoje-maior-grupo-nas-universidades-publicas-do-pais.shtml> Acesso em 04 de jun 2022.

²⁹⁷ Nome fictício aplicado para o grupo focal realizado no dia 03 de fevereiro de 2022.

Você é uma psicóloga, você tem que ser dez vezes mais inteligente, você tem que falar sobre um assunto racial com uma propriedade lá em cima. Você não pode errar, falando sobre determinado assunto. A pessoa sempre tá esperando o máximo de você. Enquanto uma pessoa branca pode fazer o trabalho dela medíocre e tá tudo bem e tá normal. Com a gente isso não pode acontecer, isso não existe. Só existe essa pressão da gente ser realmente muito boa, ser mais do que boa, ser além. E a gente se cobra. Querendo ou não, o papel de mulher negra é um papel de cobrança muito. A história da profissão, na nossa vida pessoal. A gente tá sempre se cobrando muito em todos os aspectos da vida. Eu super concordo nessa parte que tu falou no âmbito da representatividade. É uma necessidade, mas, também é um lugar de preocupação pra nós, mulheres negras, que a gente passa por essas situações. (Dandara de Palmares²⁹⁸, 26 anos)

A frase “você não pode errar”, da entrevistada Dandara de Palmares²⁹⁹, ecoa em nossos ouvidos como um lamento e como uma ordem que se perpetua por séculos. Onde cobram de nós, mulheres negras, a responsabilidade de não erramos mais, pois já somos negras, como se “ser negra” já fosse um erro que vamos carregar em nossas vidas. Você não pode errar em nenhum local entre eles, quando fala, e, por isso, a linguagem tem papel importante na construção do racismo que estrutura nossa sociedade e de onde mulheres negras vivenciam esta realidade. Valorizar a linguagem do povo negro é urgente, diante dos obstáculos da língua, pois é necessário (re)construir linguagens diaspóricas negras, (re)posicionando-as para que se coloque em destaque a produção do entrelaçamento entre as línguas, que causou a formação social brasileira.

Uma valorização iniciada pela pesquisadora Lélia Gonzalez (apud RIOS; LIMA, 2020), que cria o termo ‘pretuguês’, para ressaltar a influência das línguas africanas faladas no Brasil. Para Gonzáles (2020), o “pretuguês” terá uma função essencial na organização do Quilombo dos Palmares³⁰⁰, onde, “na verdade, Palmares foi berço da nacionalidade brasileira. E o mesmo se pode dizer com relação aos quilombos, onde a língua oficial era o “pretuguês”, e o catolicismo (sem os padres, é claro) a religião comum” (GONZALEZ apud RIOS; LIMA, 2020, p. 51). E ainda ressalta que:

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ Ibidem.

³⁰⁰ O nome faz referência ao Quilombo dos Palmares, maior espaço de resistência de escravizados durante mais de um século no período colonial (1597-1704). Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-11/regiao-do-quilombo-dos-palmares-se-tornara-patrimonio-cultural-do-mercosul> Acesso: 10 de jun 2022.

Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram representantes. Mais precisamente, coube à mãe preta, enquanto sujeito suposto saber, a africanização do português *falado* no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira. E, se levamos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como o fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por essa razão que a cultura brasileira é eminentemente negra. E isso apesar do racismo e de suas práticas contra a população negra enquanto setor concretamente presente na formação social brasileira. (GONZALEZ apud RIOS; LIMA, 2020, p. 54-55)

O “pretuguês” faz parte da vida do povo brasileiro, que é proveniente do iorubá, banto, quimbundo, entre outras línguas, e que utilizamos cotidianamente, sem muitas vezes saber que são de origem africana, como as palavras: bunda, moleque, caçula, dengo e tantas outras palavras que compõem a nossa língua. A pesquisadora Lélia Gonzalez (apud RIOS; LIMA, 2020) ainda nos conta que essa linguagem não é usada apenas pelo povo negro, como bem sabemos, foi transferida para toda sociedade brasileira através da “mãe-preta” ou do “pai-joão”, que são termos estereotipados bastante utilizados, para folclorizar uma pessoa negra e, com isso, defini-la a um determinado local na sociedade, por meio da contação de suas histórias que compartilharam suas valorações, culturas e crenças. Variações linguísticas que podem ser vistas como instrumentos de resistência, pois, bem sabemos que a língua é um lugar de disputa do poder, que persiste através do tempo e do espaço.

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira, como diz Caio Prado Jr. Essa criança, esse *infans*, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da *língua materna* e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai. (GONZALEZ apud RIOS; LIMA, 2020, p. 88)

Com isso, Lélia Gonzalez (2020) nos mostra que a (re)construção de uma linguagem é possível, e pode fazer parte de nossa história, como uma ferramenta de resistência que devemos utilizar para combate a estrutura dominante que busca silenciar, e quando não consegue, tenta depreciar a linguagem deste povo. Compreendendo isto, o sujeito negro resolve elaborar outras formas de (re)criar, (re)modelar e (re)fazer sua linguagem, e encontra no meio digital esta possibilidade de (re)construção de uma linguagem diaspórica negra, na *web* que

proporciona a transformação da fala através de textos e imagens, para divulgar a população negra.

5.1.2 *Escritos negros no mundo digital*

Neste tópico, buscaremos compreender como a escrita transformou-se em um instrumento de resistência da população negra, e, em especial, das mulheres negras, e como a escrita no espaço virtual consegue elaborar estratégias de representação e visibilidade destes sujeitos sociais. Não vamos tentar falar sobre a chegada da escrita na população negra, pois estamos cientes que diversos povos africanos já se utilizavam da escrita, no entanto uma escrita que trouxesse a possibilidade de denunciar e visibilizar as causas de pessoas negras apareceria durante o período da escravidão, onde lideranças negras utilizariam este recurso. A pesquisadora bell hooks bem fala sobre a utilização deste meio por mulheres negras, quando relata que, no primeiro ano da faculdade, conheceu o poema da e Adrienne Rich (1968), feminista e poetisa judia, que se chama “Queimar papéis em vez de crianças/*The Burning of Payer instead of Children*”³⁰¹, onde a poetisa fala sobre dominação e opressão de classe e ressalta a perseguição e tortura de seres humanos, onde temos o seguinte trecho:

Imaginar um tempo de silêncio
 ou poucas palavras
 um tempo de química e música
 as pequenas covas acima das tuas nádegas,
 traçadas pela minha mão
 ou, *o cabelo é como carne*, disseste
 uma era de longo silêncio
 o conforto
 desta língua desta placa de calcário
 de concreto reforçado
 fanáticos e traficantes
 lançados nesta costa verde e selvagem vermelha como barro
 que antes respirava
 em sinais de fogo
 varrida em vento
 a sabedoria do opressor
esta é a linguagem do opressor
e todavia preciso dela para falar contigo

(Adrienne Rich, 1968, **grifo nosso**)

³⁰¹ Poema extraído do ficheiro de Ana Luísa Amaral. Disponível em:
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4217.pdf> Acesso em: 10 de jun 2022.

O poema de Adrienne Rich (1968) descreve como a poetisa tem a necessidade de utilizar a linguagem do opressor para falar conosco, que precisa da língua do opressor para descrever as dores e violências sentidas por uma mulher judia que viu o ódio contra judeus crescer e se transformar no horror que foi o Holocausto. Um poema que também pode ser utilizado pela população negra. Por este motivo a proximidade de bell hooks ou falar o que sentiu ao precisar, também, fazer uso da linguagem do opressor para falar conosco.

Estamos cientes que as palavras têm o poder de construir assim como têm o poder de destruir, como bem mostra a poetisa Adrienne Rich (1968), quando diz que a linguagem é do opressor que matou, escravizou e violentou, contudo ela utiliza as palavras para escrever outras linhas em sua história. E assim, outros grupos, historicamente oprimidos, escrevem sua história, usando as palavras do opressor, para (re)contar outras narrativas e, com isso, transformam esta linguagem na linha de um texto que vai para os textos, livros e páginas das redes sociais que têm sabor de luta e de esperança.

Assim nos conta a entrevistada Carolina Maria de Jesus³⁰², que celebra a escrita em sua vida. Desde a infância, no entanto, só percebeu que “ser mulher negra é sinônimo de luta”, quando começou a ler mulheres negras poetas. Isso fez com que ela (re)pensasse sua prática e entrasse para uma militância de gênero e raça. Como ela bem explica, ao dizer que “Tanto que eu fui dizer ‘eu sou uma mulher negra’ e fui lutar por isso, quando começou a minha militância” (Carolina Maria de Jesus³⁰³, 24 anos). A participante da página nos explica como foi o encontro com a literatura produzida por mulheres negras:

Eu escrevo desde criança. Pra mim, a escrita vem desde criança. Agora poema, eu fui gostar de poema quando conheci mulheres poetas, e poetas negros na Faculdade. Um professor meu me apresentou algumas mulheres que escreviam, inclusive, para a disciplina de poesia. E foi daí que eu gostei de poesia, poema. Enfim, eu gostava muito mais de prosa. Então comecei a escrever por volta de 2015 ou 2016, eu comecei a escrever poemas mais voltados para isso, voltados para raça, voltados para gênero também. (Carolina Maria de Jesus³⁰⁴, 24 anos)

Para a entrevistada a escrita deve fazer parte da caminhada de pessoas negras, pois assim podem conhecer suas lutas, suas vozes e suas resistências. E, mesmo sabendo que a

³⁰² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ Ibidem.

linguagem utilizada é do opressor, como nos conta a poetisa Adrienne Rich (1968), “preciso dela para falar contigo”, preciso dela para escrever esta tese, preciso dela para conversar com as entrevistadas e preciso dela para tentar mudar e construir discursos que denunciem as opressões e desigualdades. O pensamento da ativista negra estadunidense bell hooks também reconhece, ao explicar sobre a tarefa da linguagem que pode gerar memórias de dor ou de coragem, que gera preconceito linguístico, que gera limites e acessos entre grupos raciais, cotidianamente.

Quando me pego pensando sobre linguagem agora, essas palavras estão lá, como se elas estivessem sempre esperando para me desafiar e me ajudar. Eu me pego silenciosamente recitando-as várias e várias vezes com a intensidade de um mantra. Elas me chocam, despertando-me para uma consciência da ligação entre línguas e dominação. (hooks, 2008, p. 857)

A pensadora bell hooks (2008) nos coloca num lugar incômodo, como dever ser, onde precisamos olhar com bastante cuidado para esta língua que faz parte do opressor e que, ainda hoje, é utilizada para tentar moldar os lugares de cada população na sociedade. Sabemos que hooks (2008) fala de um lugar, a língua inglesa que domina o país que ela viveu, e, aqui, a língua portuguesa domina o Brasil. Aqui onde viviam milhares de populações indígenas que foram dizimadas e que tiveram de aprender a falar o português, assim como a população negra africana que teve a língua portuguesa imposta. Povo que viu suas línguas locais serem marginalizadas e que, até hoje, buscam fortalecer e visibilizar sua linguagem.

Mas sabemos que não é língua o real problema, como diz bell hooks (2008), “[...] eu sei que não é a língua inglesa que me fere, mas o que os opressores fazem ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar e colonizar” (hooks, 2008, p. 858). É a forma como ela pode ser manipulada para destruir toda uma população, no entanto é possível construir possibilidades com a língua, como ainda nos conta a entrevistada Carolina Maria de Jesus³⁰⁵ que explica, com alegria na voz, a importância da literatura negra para sua formação e que hoje ela escreve livros que celebram a escrita negra.

Eu sou escritora, afrofuturista. Eu acho que tudo pra mim se encontra no afrofuturismo. Quando eu digo que eu sou uma afrofuturista, ao mesmo tempo, eu estou me identificando enquanto mulher, mulher negra, já que o afrofuturismo é feito de pretos para pretos, e também estou me identificando

³⁰⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

enquanto uma mulher que ama a sua negritude e quer que mais pessoas passem a amar também. E desejo que o futuro seja um lugar melhor para todas as pessoas pretas. Então me ver enquanto uma mulher, me ver enquanto uma mulher negra e escritora é um movimento de ampliar vozes o tempo todo. Eu me vejo como uma pessoa que está buscando sempre ampliar outras vozes pretas e eu acho que isso é super importante pra nossa sociedade, e, principalmente, aqui no Ceará também. A gente precisa mais dessa literatura contemporânea também dessa literatura preta presente em escolas, presente no que é assim em alta, por exemplo, no entretenimento. Enfim, em várias coisas. Por que a gente tem que ter uma repetição dos mesmos clássicos e tal? E existem clássicos pretos e a gente nem dar valor, a gente nem conhece. Por isso, estou sempre pesquisando e tentando ampliar vozes, as minhas identidades acabam se encontrando, no querer mudar. (Carolina Maria de Jesus³⁰⁶, 24 anos)

Mesmo sem estarmos próximas umas das outras, durante a entrevista, a sua voz e seu sorriso, através da tela do computador, nos revela que as palavras do opressor podem ser empregadas de outra forma, podem ‘libertar’, como aconteceu com a entrevistada. Reconhecendo isto, olhamos para a página Profissionais Negros do Ceará, que por meio da escrita nas redes sociais, se comunica com pessoas negras e não-negras para divulgar a página de outra forma. Percebendo que pode ser possível criar uma linguagem que desloca esta língua que oprime para uma língua que resiste. Assim ocorre nas diferentes postagens inseridas na página, durante a pesquisa.

Temos, então, textos para celebrar a cultura negra ou para denunciar, como é o exemplo de mais uma postagem no 'informe preto' que apresenta informações sobre as mortes de negros na Covid-19, no Brasil. Na postagem, o texto traz a indignação, ao perceber que pessoas negras morrem cinco vezes mais que pessoas brancas. Para isto, a página se utilizou de dados e gráficos, alinhados ao texto, que ajudam na explicação.

Figura 42 – informe preto sobre a morte de negro por Covid-19 no Brasil.

³⁰⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.



Fonte: página no Instagram da “Profissionais Negros do Ceará”.

O texto opinativo traz perguntas, reflexões e raivas carregadas em cada palavra escrita. Termos, gírias ou palavras fora do padrão formal da língua portuguesa, como o ‘ora bolas’ ou ‘escurecer’, são utilizadas, no mundo virtual, para explicar a saúde da população negra neste momento. Fazendo uso da língua do opressor, a página pode denunciar um problema real que pessoas negras estão vivendo, pois sabem que a língua tem o poder de revelar este *Outro*, por muitas vezes oculto ou silenciado, como nos lembra Fanon (2008), ao discorrer que “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33), a língua conectada com as novas tecnologias pode proporcionar visibilidade para aqueles que sempre foram invisíveis.

As tecnologias têm-se mostrado significativas na produção e na disseminação de temas e sujeitos que não tinham espaços e, muito menos, fala nas estruturas. Um exemplo disto são os levantes e as revoluções realizadas através das redes sociais, que têm feito parte da história do mundo. Para Manuel Castells (2017) que estuda sobre estes fenômenos, a partir dos movimentos sociais, na atualidade, estamos presenciando uma grande transformação na forma de organização da sociedade, e, em especial, dos movimentos sociais.

A tecnologia não determina os movimentos sociais nem, no que nos interessa, qualquer espécie de comportamento social. Porém, as redes da *Internet* e de telefonia celular não são apenas ferramentas, mas formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para a autonomia política. (CASTELLS, 2017, p. 93)

Com esta reflexão, pode-se perceber que as redes sociais se transformam em instrumentos que revelam as vozes de grupos e/ou pessoas que não tinham espaços para isto. É possível manifestar sua língua no mundo, denunciar as opressões, expressar suas dores, assumir

sua cultura, mesmo que seja pela ‘língua do opressor’, pois, como explica Fanon (2008), o “falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50).

Mesmo que signifique empregar a fonética, morfologia ou padrão da língua assimilada, como também recorda Fanon (2008), ao dizer que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). A fala do pesquisador só mostra como é evidente a tentativa constante, das estruturas dominantes, de desqualificar ou folclorizar a fala da população negra e que, por isso, é pertinente a criação de estrutura que possa ocupar os espaços constituídos.

5.2 Enxergando a comunicação nas imagens das mulheres negras

Neste tópico, queremos discorrer sobre as imagens que a comunicação elabora sobre e para as mulheres negras. Aqui, tentaremos observar como isso ocorre na mídia e, em especial, nas redes sociais, além de tentar entender como a página “Profissionais Negros do Ceará” se posiciona, neste espaço da web, quando o assunto é a imagem da mulher negra.

Ao falar sobre a imagem, logo nos chegam perguntas que fazem pensar sobre o poder que carregam em nossa sociedade. Ela caminha, desde sempre, com a produção de conceitos e ideais sobre a formação social do homem. A partir da imagem é possível causar sentimentos no ser humano: dor, raiva, tristeza, alegria e tantas outras sensações são expressas através de uma imagem. Mas, será que uma imagem pode matar? Uma pergunta que é o tema do livro de Marie-José Mondzain (2009) pode dizer muito sobre a habilidade com que uma foto ou uma pintura pode destruir ou construir discursos ou conceitos de povos ou nações. Imagens que trazem comoção ou mesmo indignação para pessoas que as olham, essas pessoas que carregam conceitos e convicções morais a partir do seu lugar.

Uma imagem que chega ao sentido humano da visão, trazendo impressões para quem observa as cores e detalhes que marcam aquela produção. Impressões que não são criadas à toa, elas têm uma finalidade e uma tarefa que, por si só, não causam impacto. No entanto, alinhadas ao discurso predominante, proporcionam perigo. Assim nos fala a Mondzain (2009), quando tenta explicar que a imagem tem atribuições específicas, em nossa sociedade: elas são criadas com um propósito e que, nesta imagem, “se joga, sem dúvida, o lugar que atribuímos ao outro” (MONDZAIN, 2009, p. 8).

Principalmente, quando falamos das imagens de corpos que expressam o pensamento do Outro. A pergunta que é título de seu livro ‘A imagem pode matar?’ é

respondida no decorrer do livro, quando ela explica a sua relação com a imagem para a humanidade. E nos conta como a imagem cria uma conexão com o campo do visível, quando refletida na sociedade, e com o campo do invisível, quando se liga aos signos e símbolos criados por quem produz o pensamento dominante.

No entanto, é sem dúvida assim que é preciso encarar a imagem na sua realidade sensível e nas suas operações ficcionais; é necessário admitir que elas se encontram a meio caminho entre as coisas e os sonhos, num entre-mundo, num quase-mundo, onde talvez se joguem as nossas dependências e as nossas liberdades. Pensar a imagem segundo esta perspectiva permite interrogar o paradoxo da sua insignificância e dos seus poderes. Para apreender esta estranha situação que faz de tão pouco, isto é, a imagem, uma questão de primeira grandeza, a liberdade, é necessário percorrer um pouco a sua história na palavra e nos gestos dos homens que a produzem. Pois a imagem não existe senão no fio dos gestos e das palavras, tanto daqueles que a qualificam e a constroem, como daqueles que a desqualificam e a destroem. O desejo de mostrar induz uma necessidade de fazer e não o desejo inevitável de fazer. (MONDZAIN, 2009, p. 12).

A reflexão da filósofa sobre o poder da imagem nos coloca no centro da questão sobre a imagem. É possível acreditar que a imagem, sozinha, é um instrumento, que carrega valores do sujeito que a produz e, com isso, carrega preocupações éticas e políticas quando reproduzida no mundo. E não vamos longe quando percebemos a existência dessa articulação entre a imagem e a construção do pensamento dominante, na produção ideológica sobre a mulher negra. Para isso, valemo-nos de Patricia Hill Collins (2019), para explicar o funcionamento dessas imagens de controle elaboradas para sentenciar e enclausurar as mulheres negras a um lugar social e político na sociedade. Ela diz que as mulheres são atacadas, constantemente, através das diversas imagens negativas produzidas. E nos conta que essas imagens acabam ajudando a justificar a opressão e o controle dos corpos destas mulheres:

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. (COLLINS, 2019, p. 135).

Ao analisarmos a fala de Collins (2019) sobre o papel das imagens de controle, logo percebemos que vai para além da imagem desempenha uma ação importante para a produção do racismo e do machismo, é a construção do verbo/textual. Quando se conecta a mulher negra com imagens negativas, depreciativas ou vulgares, cria-se uma representação sobre estes sujeitos sociais que atravessará todas as estruturas no tempo/espaço, e, conseqüentemente,

naturalizando essas imagens na sociedade. Assim, acrescenta Collins (2019), ao explicar que “Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p. 136).

Imagens que guiaram, por exemplo, a vida das mulheres negras da página “Profissionais Negros do Ceará”, como explica à entrevistada, Zezé Motta³⁰⁷, ao nos contar “o que é ser mulher negra”. Ela expõe a existência de uma narrativa bastante comum no mundo: a construção de histórias negativas sobre as mulheres negras.

Quando você toma consciência que você é uma mulher negra, isso não é algum ruim. É uma coisa que vai estar relacionada às suas origens, das pessoas que vieram de outros lugares. Vai estar relacionada a uma série de violências, histórias ruins e tragédias, mas que existe uma beleza muito grande. Pra mim, o que seria hoje ‘ser mulher negra’ é existir a partir dessas belezas. E não a partir de uma história de violência, de tristeza que existiu. Infelizmente, a gente sofre com o resultado dela (**dessas histórias**) até hoje. (Zezé Motta³⁰⁸, 24 anos, **grifo nosso**)

A artista visual coloca em evidência as reflexões de Collins (2019) e nos mostra como as histórias negativas perpetuam a formação social e psíquica de nossas mulheres negras. Histórias que, alinhadas às imagens, elaboram uma ordem onde essas mulheres negras, esse Outro do Outro, são sempre o estranho, o errado e o imperfeito nos espaços. E, como Outros, não podem acessar direitos fundamentais e outros lugares, a não ser o da submissão, servidão ou da objetificação, na estrutura social. A reflexão de Zezé Motta³⁰⁹ sobre o perigo dessas histórias para a representação das mulheres é percebida pela entrevistada, Jurema Werneck³¹⁰, que explica, na prática, como essas histórias de violência e tristeza definem a forma com que elas serão tratadas pelas outras pessoas.

Ser mulher no Brasil, principalmente negra, não é fácil. Eles ficam te pautando como corpo, como objeto sexual. “Ah, porque você é negra é por isso que você é assim...porque você é negra”. E ficam te lembrando direto que você é negra, que você é negra. E, pra mim, aqui em Fortaleza, toda hora, as pessoas me perguntam: “Você não é daqui? Você é carioca?” Ficam querendo te

³⁰⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 12 de abril de 2021.

³¹⁰ Idem.

ensinar que Fortaleza não pode ter negro, entendeu? Não tem negro aqui em Fortaleza. E eu digo: “Ah, é isso mesmo, gente” e digo que não sou daqui. Quando eu estou cansada de tantas perguntas, eu falo que sou carioca mesmo, entendeu. A gente sofre muito e muito assédio sexual, muito e muito mesmo. É muito preocupante! [...] Mas, ser mulher no mundo é difícil porque eles querem nos limitar. (Jurema Werneck³¹¹, 26 anos).

A entrevistada não é brasileira, mas percebe como a representação da mulher neste país é excludente, compreendendo que não é fácil ser mulher em outros países, como ressalta no depoimento. No entanto, demonstra que a imagem da mulher negra brasileira é bastante estereotipada, quando fala sobre o racismo no Brasil.

E você sabe, ser mulher negra no Brasil, o Brasil é um país muito racista. É o segundo país do mundo que mais têm negros, salvo a Nigéria que fica na África, mas eu ainda vejo muitos negros que são reprimidos, são muitos. Eu acho, é o que eu vejo. Pode não ser, pode ser que as pessoas daqui pensem bem diferente, mas, eu como já vivenciei, eu já vivo aqui, já sei um pouco, já estou enturmada com a cultura, entendeu?! Eu acho que tenho uma visão pra falar sobre. E ser mulher aqui é muito difícil, não só aqui, ser mulher no mundo eu acho que é difícil. Até porque da nossa antiguidade até o que a gente é hoje, muitas mulheres morreram nessa luta pra dar a liberdade que a gente tem hoje, entendeu. [...] Eu até tenho medo de falar sobre. **(risos)**. Ser mulher, independentemente de ser preta ou branca, é complicado. Porque aqui a gente sofre muita violência e muito assédio. Eu sofro muito assédio aqui, que eu não sofria no meu país. Não sei se é porque aqui tem mais homens. E lá **(no seu país)** tem mais mulheres, mas é difícil. (Jurema Werneck³¹², 26 anos, **grifo nosso**).

Um depoimento que afirma a funcionalidade da cultura da objetificação das mulheres negras e não-negras produzida por discursos e perpetuada pela mídia que elabora uma narrativa, transformando esse ator social em um objeto que pode ser controlado, moldado, manipulado e condicionado. Uma comunicação que promoveu, e ainda promove imagens que ajudam na exploração da representação da mulher negra. Não à toa já tratamos desse assunto no segundo capítulo, quando discutimos sobre os algoritmos racistas, ao contarmos o caso da influenciadora negra que muda sua cor numa foto e tem um aumento no engajamento em mais de 600%³¹³.

³¹¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 12 de abril de 2021.

³¹² Idem.

³¹³ Ver segundo capítulo, no tópico 2.2.3. Algoritmos que impulsionam o racismo e o sexismo nas redes sociais.

Questão que vem sendo, cada vez mais, denunciada através dos estudos realizados por instituições, agências de notícias e outras entidades, como mostra uma matéria do site *The Intercept Brasil* intitulada “Reprovados por Rôbos – como plataformas de inteligência artificial podem discriminar mulheres, idosos e faculdades populares em processos seletivos”³¹⁴. O texto, em questão, discute as falhas da plataforma *Gupy*, de seleção de emprego para a contratação de pessoal, e ainda ressalta que isso não é novidade, ao lembrar o caso da Amazon, em 2015, que parou de utilizar da inteligência artificial para a seleção de pessoas, pois os robôs recrutavam, preferencialmente, homens. Currículos que tinha palavras como mulher, feminino ou menina eram excluídos da seleção de emprego. Como se não bastasse a exclusão histórica e presencial feita nos espaços de trabalho, e a desigualdade de salários entre homens e mulheres, exercendo o mesmo cargo, a robótica também vem para fomentar, ainda mais, o sexismo em nossa sociedade.

³¹⁴ Matéria do site *The Intercept_Brasil*. Disponível em : <https://theintercept.com/2022/11/24/como-plataformas-de-inteligencia-artificial-podem-discriminar-mulheres-idosos-e-faculdades-populares-em-processos-seletivos/> Acesso em 06 de dez 2022.

Figura 43 – Imagem da matéria do site *The Intercept* Brasil.

The Intercept Brasil

FAÇA PARTE

Tecnoinvestigação

- PARTE 3 Como plataformas de inteligência artificial podem discriminar mulheres, idosos e faculdades populares em processos seletivos
- PARTE 2 Como uma foto feita pela Polícia Militar me tornou suspeito numa cidade de MG
- PARTE 1 Motoristas e

score de cada candidato é disponibilizado para as empresas que conduzem o processo seletivo, e que os critérios utilizados na análise só podem ser divulgados aos candidatos se o contratante autorizar.

Por mais que possam se esforçar na tentativa de mitigar risco, por tratar-se de uma tecnologia ainda não compreendida em seu total funcionamento, **não é possível impedir** o aparecimento de vieses. Discriminação de gênero, localidade, raça, formação educacional e interpretações preconceituosas de características físicas em reconhecimento de imagem e vídeo podem estar acontecendo – e nós não sabemos.

A Amazon, por exemplo, **descontinuou a utilização** de inteligência artificial na área de seleção de pessoas depois de perceber que seus robôs recrutadores preferiam homens. Em 2015, seus especialistas em *machine learning* descobriram que, apesar de ser programada para não julgar por gênero, a IA não aprovava mulheres em sua seleção de candidatos. Ou seja, a ferramenta não se comportava de maneira neutra diante de currículos de homens e mulheres. Pelo contrário, penalizava todos os currículos que incluísssem palavras como “feminino/mulher/menina” e, mesmo editando a programação, buscando torná-la neutra a esses termos específicos, a equipe concluiu que não poderia impedir que outras correlações discriminatórias fossem criadas pelas máquinas.

Fonte: site do **The Intercept** Brasil.

Neste momento, uma pergunta nos chega e inquieta nossa escrita e nosso pensamento: “A serviço de quem ou de quê está a inteligência artificial? As redes sociais?” O que nos faz pensar que as estratégias de controle que sempre acompanham as estruturas sociais podem se modificar, camuflar-se na atualidade por meio de novas ferramentas. Sempre estando lá para ditar como será organizada a sociedade. Como explica o pesquisador Mbembe (2016), no seu livro “Necropolítica”, ao contar que as estruturas de controle se remodelam do período colonial ao pós-colonial.

Como já não se pode mais vender o Negro, serão criadas outras estratégias de controle para exterminar esse corpo, seja por guerras – como explica Achille Mbembe (2016) – pelo policiamento, pela insegurança, e nós acrescentamos ao seu pensamento, pelo uso da inteligência artificial para exterminar negros, mulheres, indígenas e tantas outras populações excluídas do sistema de poder.

Essa forma de governabilidade difere do comando (commandement) colonial. As técnicas de policiamento e disciplina, além da escolha entre obediência e simulação que caracterizou o potestado colonial e pós-colonial, estão gradualmente sendo substituídas por uma alternativa mais trágica, dado o seu extremismo. Tecnologias de destruição tornaram-se mais táteis, mais anatômicas e sensoriais, dentro de um contexto no qual a escolha se dá entre a vida e a morte. Se o poder ainda depende de um controle estreito sobre os corpos (ou de sua concentração em campos), as novas tecnologias de destruição estão menos preocupadas com inscrição de corpos em aparatos disciplinares do que em inscrevê-los, no momento oportuno, na ordem da economia máxima, agora representada pelo “massacre”. (MBEMBE, 2016, p. 141)

Assim, as formas de controle auxiliam na perpetuação dos padrões vigentes e criam sempre meios que deixam que esses sujeitos sejam “cancelados” no seu acesso mais básico até a entrada a uma plataforma que se apresenta como acessível e inclusiva para todos. No entanto, filtra e classifica, através dos seus algoritmos, pessoas, utilizando a discriminação, para prejudicar esses indivíduos.

5.2.1 A espetacularização da imagem do negro na comunicação

Como falamos anteriormente, a mídia ajudou e ainda ajuda na manipulação da imagem da mulher negra. Por décadas e séculos, criou imagens que promoveram uma visão distorcida deste sujeito e que prospera até os dias de hoje. Através da constituição de uma ordem moral e social vigente que tenta dizer como esses corpos devem comportar-se, sempre as conectando a uma imagem negativa. Uma espetacularização, que vem da palavra espetáculo³¹⁵, criada pelos meios de comunicação que ajudou a nutrir valores, opiniões e ideias, ocasionando a promoção de uma imagem, um signo desse negro na sociedade.

A comunicação que se vale de suas ferramentas, para mediar e controlar o que vamos acessar, por meio da TV, rádio, jornais impressos, propaganda e *Internet*, através de sua produção, dita o que deve ser visto e ouvido, consumido, excluído e desejado. Utilizando meios para criar um grande espetáculo midiático onde a mulher negra é a atração principal, quando se deseja apresentar uma fabulação, como é visto na história de ‘A Vênus Hotentote’³¹⁶, sobre a africana Sarah “Saartjie” Baartman, que foi transformada em uma atração de circo, nas cidades de Londres e Paris, onde multidões pagavam para observar seu corpo, e, em especial, o formato do seu traseiro que seria algo incomum entre mulheres brancas da época.

Além de virar atração de circo, Sarah Baartman foi violentada por homens que pagavam não só para observar, mas tocar e fazer tudo mais que quisessem com seu corpo. Não bastasse a ridicularização de seu corpo, após sua morte, seu cérebro, esqueleto e órgãos sexuais

³¹⁵ A palavra espetáculo é derivada do latim *SPECTACULUM*, que significa algo para se observar visualmente, vista. Também de *SPECTARE*, ligado a *SPECERE*, ver, e do *Indo-Europeu SPEK*, observar. Fonte: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-espetaculo/> Acesso em 20 jul 2022.

³¹⁶ A africana Sarah Baartman foi levada para a Europa, outubro de 1810, onde recebeu o nome artístico de "A Vênus Hotentote" e foi transformada em uma atração de circo em Londres e Paris. Após sua morte, em 29 de dezembro de 1815, seu cérebro, esqueleto e órgãos sexuais continuaram sendo exibidos em um museu de Paris até 1974. Fonte: BBC. Link disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab#:~:text=Ela%20foi%20levada%20para%20a,onde%20multid%C3%B5es%20observavam%20seu%20traseiro. Acesso em 21 de jul 2022.

continuaram sendo exibidos em um museu de Paris até 1974. Seus restos mortais só retornaram à África em 2002, após a França concordar com um pedido feito por Nelson Mandela.

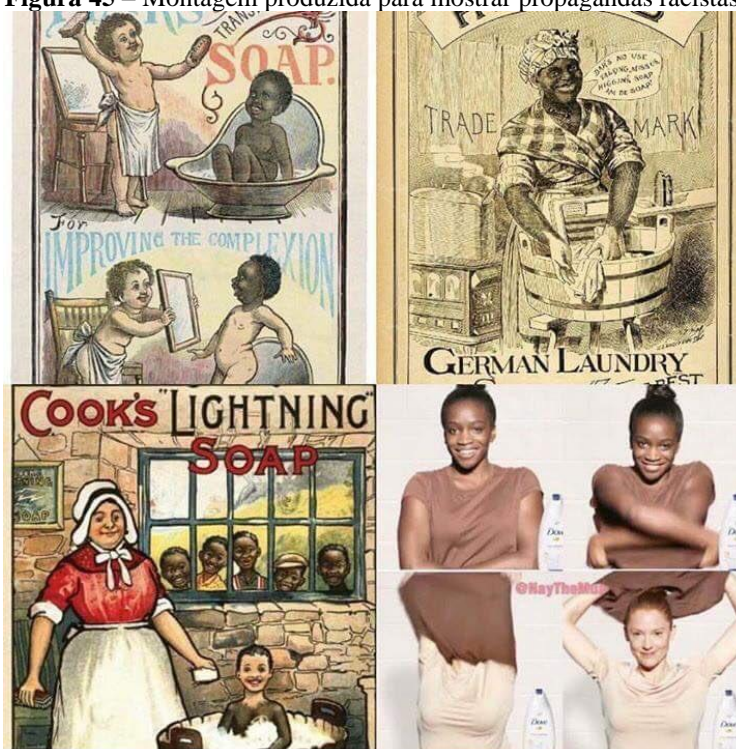
Figura 44 – Imagem da africana Sarah Baartman.



Fonte: imagem retirada do site BBC (Foto SPL).

Tivemos apenas a mudança de cenário que sai da espetacularização dos Circos e Museus para os meios de comunicação que perpetuam a mesma prática grotesca de representação da mulher negra na sociedade. Não precisamos ir longe, quando acessamos algumas propagandas marcadas pelo racismo e sexismo, seja na marca de cerveja, desodorante, lingerie e tantas outras que fazem parte da história da publicidade.

Figura 45 – Montagem produzida para mostrar propagandas racistas.



Fonte: imagem retirada do Twitter³¹⁷.

A imagem fala por si só. Ela toca cada sentido das pessoas que olham, trazendo diversas sensações para seu observador. Sensações que ajudam na construção dos valores, morais e sociais, de um povo que, ao se deparar com tais imagens, vai conceituando esse local da pessoa negra. Fanon (1968), em seu livro “Os Condenados da Terra”, explica bem a construção da narrativa feita pelo colono – os meios de comunicação, o Estado, a sociedade – sobre o colonizado – a população negra e indígena – onde, a todo instante, esse colono que desumaniza o sujeito colonizado.

O mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor jamais habitaram, o mundo colonizado. (FANON, 1968, p. 30-31).

³¹⁷ Fonte: Twitter. Link disponível em:

https://twitter.com/monerorape/status/917412221558325248?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E917412221558325248%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.pr ensalibre.com%2Fvida%2Fescenario%2Fel-comercial-racista-de-dove-es-defendido-por-la-modelo%2F. Acesso em 21 jul. 2022.

Ele diz que o colono faz uso de diversos meios, para animalizar o colonizado, como explica ao falar que “o colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário” (FANON, 1968, p. 30-31); ou seja, esse Outro é qualquer coisa, menos humano. Essa alienação introduzida na Comunicação molda nossa sociedade e, conseqüentemente, a forma como olhamos para a mulher negra e até como ela se olha. Dores que demoram a cicatrizar, raivas que podem demorar uma vida inteira para serem sucumbidas, pois sua psique fica dilacerada.

Isso aconteceu com algumas das entrevistadas que contam sobre a dor de vivenciar o racismo e machismo quando se percebem mulheres negras, como explica a entrevistada Theodenisa Rosário³¹⁸, ao falar do desafio de ser mulher negra. Ela respira, para continuar a conversa, quando pergunto ‘o que é ser mulher negra’ e, logo, diz “Eu vou te dizer que demorou” (Theodenisa Rosário³¹⁹, 20 anos), e, depois, acrescenta outros pontos importantes sobre a negação da cor por um bom tempo em sua vida.

Essa é uma pergunta bem difícil. Caramba! Ser mulher negra hoje. Eu tive uma vivência bem, bem chata. Ser negra é ser um objeto que qualquer pessoa pode discriminar só pela cor da tua pele. É ser motivo de dúvida da sua competência profissional, da sua inteligência. É conviver diariamente com racismo, machismo, sexismo e ter que aguentar a barra. E tem ao mesmo tempo a força das raízes junto com a gente, porque a vida da mulher negra não é fácil. (Theodenisa Rosário³²⁰, 20 anos)

Neste momento, a empreendedora social, fala com um engasgo na voz, como se cada palavra sangrasse, e com uma raiva, como que saísse de cada poro do seu corpo negro. Mesmo não estando ao lado da entrevistada, observo pelo computador cada gesto de cabeça, olhar e até mãos gesticulando o significado dessa dor. Essa espetacularização que segue seus passos, dentro e fora dos meios de comunicação, pois a construção dessas narrativas está em todos os lugares, só precisam ser alinhadas com o Estado, as mídias e a sociedade.

Assim podem ser ridicularizados quando aparecem nas propagandas, nos filmes, séries, no caso dos espaços midiáticos, e quando não aparecem nestas estruturas também. É uma forma de espetacularizar essa população, pois fica o discurso da falta de competência ou confiabilidade, ou seja, mais uma vez a imagem do negro - ou a falta dela – é uma forma de

³¹⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 16 de setembro de 2020.

³¹⁹ Idem.

³²⁰ Ibidem.

espetáculo sobre quem são esses sujeitos. Como afirma a entrevistada Dandara de Palmares³²¹, durante o grupo focal, ao explicar que a naturalização da ausência de população negra nos cargos de poder das empresas no Brasil é uma estratégia para desqualificá-la e faz uso de um exemplo que ficou marcante na mídia brasileira.

Coisas que a gente vê que é falácia, é tudo mentiroso. Quando é no mês de novembro, mês da Consciência Negra, chamam alguém pra palestrar. Sempre chamam uma pessoa negra pra fazer uma palestra, para fazer um momento sobre a consciência negra. Quando é em dezembro, que é festa de final de ano, que você vai ver a foto de todos os funcionários da empresa, você conta nos dedos de uma mão só quantas pessoas negras têm. Não vamos muito longe, né?! Tem aquela foto polêmica da Audio BR, que é a concessionária de carro nacional. Gente não tinha nenhuma. Gente não tinha uma pessoa que olhasse e dissesse ‘É parda!’. Eram todos extremamente brancos. Tanto que as pessoas comentaram ‘gente, parece que essa foto não foi feita no Brasil’. Porque nenhum funcionário da Audio BR lá, em um estado aqui do Brasil. Nenhuma pessoa negra, nenhuma pessoa que você consideraria parda, diante do colorismo que a gente tem aqui no Brasil. Então é muito absurdo. Um país que tem 54% da sua população que se considera negra, que é considerada como preta e parda, uma empresa tão grande como a Audio não vai ter. É um absurdo! E não é só com ela que acontece isso. (Dandara de Palmares³²², 26 anos)

A entrevistada conta a história de uma foto tirada na festa de final de ano de uma empresa de carros, que retirou a imagem das redes sociais após diversas críticas. Uma prática recorrente em algumas empresas, como foi o caso da empresa Ável Investimentos, escritório parceiro da XP, que postou uma foto, em agosto de 2021, de seus funcionários, em sua maioria homens brancos, pouquíssimas mulheres e nenhuma pessoa negra. A foto foi retirada no terraço da empresa localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No caso da empresa Ável, houve uma péssima repercussão que culminou em ação judicial ao Ministério Público da Justiça do Rio Grande do Sul, movido por 04 (quatro) entidades do movimento negro e social, sendo elas a Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), Frente Nacional Antirracista, Associação Visibilidade Feminina e Centro Santo Dias de Direitos Humanos. À época, as organizações questionaram a falta de representatividade e consideraram a possibilidade uma “política de contratação notoriamente

³²¹ Nome fictício aplicado para o grupo focal em 03 de fevereiro de 2022.

³²² Idem.

excludente e discriminatória” da XP e da Ável. A condenação das empresas chegou a R\$ 10 milhões de reais³²³.

Figura 46 – Funcionários da Ável, escritório da XP em Porto Alegre/RS.



Fonte: imagem retirada do Internet.

Uma imagem como essa – dos funcionários da empresa Ável Investimentos, escritório parceiro da XP – revela muito sobre o lugar do negro na sociedade, mesmo quando não aparece na foto, que também é uma forma de discriminar e desqualificar esta população. Mais uma tática elaborada para silenciar e, com isso, criar uma narrativa única sobre quem somos e quais são os lugares permitidos para nós. Locais bem definidos e controlados pelos colonizadores - num tempo anterior – ou sua extensão com outros atores e formatos, nessa atualidade, que se traveste de diferentes formas e nomes que continuam reproduzindo símbolos que auxiliam na opressão e dominação da população negra.

5.2.2 A imagem negra em tempos de redes sociais

³²³ Matéria no site da poder360. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/01/22/processada-por-ausencia-de-negros-avel-recua-e-cria-plano-de-diversidade.htm> Acesso em 08 de dez 2022.

Diante do exposto nos tópicos anteriores, referente ao negro na comunicação, observamos como sua imagem foi (re)cortada, (re)montada ou (re)ajustada sempre que necessário, para responder aos desejos da branquitude. Por séculos e décadas, personagens estereotipados foram criados pela TV, cinema ou rádio para desqualificar o Negro, seu corpo, suas características, sua cultura e sua memória. Como pesquisadora, mas acima de tudo uma mulher negra, lembro-me da infância também carregada desses personagens com as caricaturas e narrativas produzidas pelos meios de comunicação.

Cresci assistindo ao programa dos Trapalhões onde o estereótipo do Mussum, homem negro bem malandro, que vive bêbado e sempre é chamado de urubu pela turma. Apesar de ser uma mulher negra que, no colorismo, tem uma pele mais clara, o humorista tinha a cor e os traços do meu pai e tios. Então, era ele que mais parecia com a minha família. Ou quando não estava assistindo aos programas infantis com apresentadoras loiras, como é o caso da Xuxa ou Angélica. A apresentadora Mara Maravilha já existia, mas, também, havia a lealdade, comum de meus pais, a Globo e o SBT. Esses programas infantis nem tinham pessoas negras como apresentadoras, além de ter um público, em sua maioria, composto de pessoas brancas. A não ser a ajudante de palco negra Adriana Bombom, do programa da Xuxa, que era hipersexualizada, assim como outras.

Assim, foi a infância de milhares de meninas negras e sua relação com o perceber-se negra, principalmente, de forma dolorosa e perversa, onde os meios de comunicação têm grande influência neste aspecto. Das 24 (vinte e quatro) mulheres entrevistadas, pelo menos 12 (doze) falaram que se descobriram negras, quando crianças, a partir das falas e piadas racistas. Poucos são os depoimentos que falam dessa descoberta de forma tranquila e leve; na verdade, as falas quase sempre estão carregadas de dores, traumas e raivas, ao se compararem com outros sujeitos ou mesmo ícones que são bastante disseminados na sociedade, como mostra a fala da entrevistada Benedita da Silva³²⁴, ao falar sobre a tentativa de se enquadrar, para ficar parecida com as “menininhas tipo Barbies”, mesmo sabendo que tinha traços negros.

Meu pai é negro, minha mãe é negra, minha avó é negra, por parte de pai. A família da minha mãe é toda negra, tem alguns primos que são brancos e tal, mas já não são tantos. Então esse lance de ser uma pessoa negra para mim sempre foi dado. Estudei em muitas escolas que as pessoas eram negras, então acho que essa questão da cor da pele, para mim, enquanto pessoa mais escura, até entre os meus irmãos eu também era mais escura, sou a mais escura, isso foi um fator que sempre me fez ter consciência. Não tinha como fingir. Até

³²⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

tentava e tal hora comprava aquelas maquiagens da Avon que não era(m) nada da minha cor (**risos**) e passava na cara, alisei o cabelo, tentei me enquadrar no jeito das meninhas e tal, tipo, das barbies. Das meninas branquinhas, das barbies, mas não dá. (Benedita da Silva³²⁵, 22 anos, **grifo nosso**)

A estudante e produtora cultural fala sobre uma realidade que diversas meninas negras atravessaram quando crianças. As comparações com símbolos e personalidades que reproduzem um padrão totalmente aceitável e desejado na sociedade – a boneca Barbie³²⁶ – branca, magra e rica, a mais vendida no mercado de brinquedos. As pesquisadoras na área da Educação Michelle Brugnera Cruz Cechin e Thaise da Silva (2012) falam em seu artigo intitulado “Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém”, que trata sobre os efeitos da mídia na construção de um padrão social imposto que é aplicado pela supremacia branca, através da boneca Barbie. Cechin e Silva (2012) explicam que a boneca reproduz a narrativa de um corpo único, mesmo com atualizações, diante dos anos de sua produção, a Barbie ainda promove a estética excludente:

A boneca manequim mais famosa do mundo, Barbie, envolta em um mundo cor-de-rosa, que evoca magia e fantasia, pode parecer apenas um simples e inocente brinquedo para entreter e divertir crianças. No entanto, ao se revisitar sua história, emergência e permanência no mercado de brinquedos, vê-se que sua produção está imersa em intenções pedagógicas, com o intuito de ensinar a supremacia de um tipo de corpo, raça e comportamento. (CECHIN E SILVA, 2012, p. 624)

As educadoras ainda acrescentam como a mídia tem um importante papel na elaboração de uma narrativa que auxilie no fortalecimento para que a supremacia branca seja difundida, principalmente com o público infantil que é bombardeado com essas informações.

Na crescente profusão de imagens nas quais as crianças estão imersas, determinados modos de pensar, agir e ser são ensinados e reconhecidos como legítimos. A educação imagética está cada vez mais presente na vida cotidiana dos infantis, tornando-se um âmbito legítimo da educação das subjetividades,

³²⁵ Idem.

³²⁶ Em 9 de março de 1959, a primeira boneca Barbie é apresentada ao público na Feira Americana de Brinquedo, na cidade de Nova York. Com 28 centímetros de altura e vasta cabeleira loira, a Barbie foi a primeira boneca produzida em massa nos Estados Unidos com feições de adulta. Fonte: Site Opera Mundi. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/34291/hoje-na-historia-1959-primeira-boneca-barbie-e-apresentada-ao-publico-nos-eua#:~:text=Em%20de%20mar%C3%A7o%20de,Unidos%20com%20fei%C3%A7%C3%B5es%20de%20adulta>. Acesso em 10 de dez 2022.

pois a formação da identidade perpassa diversos dispositivos e personalidades culturais. As representações culturais envolvidas nas imagens pictóricas estão apenas relacionadas a uma personalidade reconhecida conscientemente dentro da cultura e com as marcas do lugar desta identidade na cultura. Dessa forma, as subjetividades são atravessadas por modelos identitários difundidos pelas imagens estampadas em filmes, brinquedos, roupas, revistas etc. Alguns personagens veiculados pela mídia são divulgados como autoridades na autorregulação dos indivíduos. Nos discursos vinculados à Barbie, os modos de ser menina são apreendidos como objeto passível de regulação, intervenção e governmentação. As narrativas dessa boneca tornaram-na uma expert da feminilidade, um modelo de corpo, conduta, beleza, estilo e um modo de empreender cuidado sobre si. (CECHIN E SILVA, 2012, p. 626)

Assim foi a vida das nossas entrevistadas, e estou inclusa neste ponto, que vivenciaram, durante a infância e adolescência, os efeitos dessa narrativa que opera para regular os corpos e a vida das pessoas, e, quando isso não ocorre, vemos os traumas estampados no olhar de Benedita da Silva³²⁷, e retornamos a última parte da fala da produtora cultural sobre o desejo de ser uma “Barbie” e perceber que isso não era possível. “[...]No fundo, no fundo eu sentia que aquilo ali não era meu. Não era porque eu queria, não era algo que vinha de mim e sofria. Então, acho que desde piveta (**gíria**) teve isso.” (Benedita da Silva³²⁸, 22 anos, grifo nosso).

Traumas que marcam sua carne e sua psique por toda uma vida de opressões. No entanto, com a chegada da *Internet* e a criação de plataformas gratuitas e acessíveis podemos acreditar que a imagem da pessoa negra mudou? Será que isso ocorre no *Instagram*? Bem, já apresentamos alguns argumentos sobre as questões raciais nesta plataforma. Exemplos que ajudam a entender como essa rede social pode promover a visibilidade de pessoas negras, mas, também, pode promover mais racismo, através de seus algoritmos. Não podemos negar que essas novas tecnologias trouxeram benefícios para a sociedade atual, promoveu a conexão geográfica, cultural e social, proporcionou o compartilhamento de informações com mais rapidez e ajudou a denunciar governos opressores, derrubar Estados e mobilizar lutas sociais em diversos países. Tem ajudado, por exemplo, na divulgação de ações, projetos e grupos que são historicamente excluídos, e que não acontecia com os meios de comunicação padrão, como

³²⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

³²⁸ Idem.

explica a entrevistada Benedita da Silva³²⁹, ao explicar a importância da página Profissionais Negros do Ceará para a divulgação de seus produtos.

Pra poder pagar as contas, pra poder comprar as nossas coisas, sabe. Então, a gente tem uma grana muito emergencial e quando a gente tem uma rede (**a página Profissionais Negros do Ceará**) dessa que ela consegue articular varias pessoas e consegue articular a nível estadual, tal hora a nível Nordeste, isso “dá um up” muito grande porque faz com que a gente seja mais valorizado. Porque, tipo, é muito difícil nesses canais de comunicação comum, convencional, que a gente consiga porque tem que pagar, na maioria das vezes, você tem que pagar pra ter uma publicidade. Então o fato da galera tá lá fazendo esse trabalho, que é o trabalho voluntário, que é um trabalho organizativo e político muda muito porque eu não precisei chegar e pagar as meninas pra ter essa publicidade e, querendo ou não, quando você trabalha com vendas a publicidade é a alma do negócio. (Benedita da Silva³³⁰, 22 anos, **grifo nosso**).

Percebemos, através deste depoimento, que as redes sociais têm sido ferramentas importantes na contemporaneidade e, cada vez mais, mostram-se necessárias à nossa sociedade. O Instagram que tem sido uma das redes que mais cresce no Brasil, se comparado ao Facebook que ainda tem um grande número de pessoas, vem provocando reflexões sobre diferentes temas, dentre eles, as questões raciais, pois discutir raça é discutir sua representação no mundo, e, conseqüentemente, sua imagem. Vimos que os meios de comunicação como TV, cinema, revistas e tantos outros ajudaram na construção de um modelo regulador para a população negra por muito tempo. A tia Anastácia ou Saci – do Sitio do Picapau Amarelo –, a Globeleza – dos carnavais da emissora Rede Globo –, o Mussum – Os Trapalhões – e tantos outros personagens que podemos enumerar.

Com tudo, isso mudou porque agora você pode abrir a sua página no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e tantas outras redes e construir a sua própria narrativa, correto? No entanto, não podemos deixar de lembrar que essas estruturas têm donos que continuam sendo os mesmos da TV, a branquitude. Eles permanecem elaborando um discurso racista e sexista que se perpetua. O *Instagram*, por exemplo, é gerido por essa maquinaria capitalista e hegemônica que regula e oprime a população negra, como bem fala o pesquisador Tarcízio Silva (2019a) no seu artigo “Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código”, assim:

³²⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

³³⁰ Idem.

Os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós com frequência cada vez maior. [...] Estas decisões trazem impactos em diferentes níveis de imediaticidade e sutileza, podendo modular o comportamento e condutas de seus usuários de forma discreta (Silveira, 2017), na maioria dos casos para reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade. (SILVA, 2019a, p. 5)

Seja através dos filtros que clareiam pessoas negras, ou seja, no engajamento de páginas onde os perfis de pessoas negras têm menor alcance que o perfil de pessoas não negras. Mais uma vez, esses dispositivos que, em tese deveriam ser mais democráticos, evidenciaram a invisibilidade das questões de gênero, raça, etnia, classe e orientação sexual. Só precisamos observar a página “Profissionais Negros do Ceará” com a sua quantidade de seguidores, que vem caindo a cada ano, desde o início desta pesquisa. Quando começamos a pesquisa, em dezembro de 2019, a página tinha 6.287 seguidores, até o momento da entrega da pesquisa – dezembro de 2022 – a página tem 5.576 seguidores.

O perfil teve muitos desafios, principalmente, em 2020, quando a pandemia trouxe dificuldade de trabalho para as administradoras que tiveram de buscar outros “corres”, para “pagar as contas”, como bem explica a administradora Margareth Menezes³³¹, durante a entrevista, pois eram as administradoras que patrocinavam a página. Não houve, no período de sua criação até os dias de hoje, a possibilidade de um patrocínio externo, para bancar a continuidade da página ou mesmo condições para aumentar o número de seguidores, a fim de pensar estratégias de patrocínio por parte da plataforma. Motivo que ocasionou a parada de postagens na página, sendo sua última postagem em 15 de dezembro de 2020, pois elas não conseguiam acompanhar, entrar em contato com novos profissionais e divulgar na página.

A administradora da página, Margareth Menezes³³², explica o motivo da desaceleração nas postagens, durante sua entrevista no mês de setembro de 2020, e informa que a página voltará a sua normalidade após uma (re)organização das ações entre as moderadoras. O que realmente aconteceu, pois a página contou com postagens nos meses de outubro, novembro e dezembro. No entanto, a ‘Profissionais Negros do Ceará’ deixa de postar material, em 2020, sem explicar se continuará com os trabalhos, se deixará de existir ou qualquer outra informação até os dias de hoje.

³³¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

³³² Idem.

E a Profissionais continua recebendo mensagem tudo mais, só que eu acho que já tem uns dois meses que a gente deu uma parada nas postagens da Profissionais, porque a gente estava tentando reorganizar as coisas, porque apesar de ser uma coisa bem simples, ela demanda bastante tempo. A logística pra fazer ela funcionar. E muito infelizmente, a pandemia ela tirou a energia da gente pra várias coisas e deixou com que o projeto, por enquanto...ele não morreu, ele tá vivo, (**risos**) ele tá lá, funcionando. A gente conversa e o pessoal manda, pra além dos profissionais, eles mandam palestras e cursos também voltados pra pessoas pretas no Estado do Ceará e a gente divulga. Vai divulgando, vai divulgando, mas continuamos ali. Estamos fazendo o nosso trabalho ainda. (Margareth Menezes³³³, 32 anos, **grifo nosso**).

Vamos perceber, também, que a imagem negra vai passar por mudanças, como a possibilidade de termos páginas que valorizam, celebram e divulgam a beleza e cultura da população negra, contudo essas páginas terão mais dificuldade no alcance para as suas postagens. Principalmente, os perfis gerenciados e utilizados para divulgar as mulheres negras que sofrem racismo. Perdemos a conta de quantas matérias, vídeos e entrevistas de mulheres negras que denunciaram crime de racismo nas redes sociais. Uma pesquisa feita pela Central Nacional de Denúncias da *Safernet* mostrou um aumento, só no primeiro semestre de 2022, de 67,5% de denúncias de crime de ódio na internet envolvendo racismo, lgbtfobia, xenofobia, neonazismo, misoginia, apologia a crimes contra a vida e intolerância religiosa³³⁴. Esse valor é o dobro, se comparado ao mesmo período em 2019, ou seja, aumenta, a cada ano, a quantidade de crimes de ódios na internet.

Com isso, percebemos que as redes sociais são um terreno fértil, para oprimir e controlar a vida da população negra, mais um espaço para a implementação da necropolítica dos corpos negros. Como pesquisadora, fico inquieta refletindo sobre quais caminhos essas populações devem seguir, mas, como mulher negra, fica a raiva de saber que essa opressão nos acompanha a todo instante e em todos os lugares.

5.3 Um divisor de esperança das mulheres negras

Neste último ponto vamos retornar para o tema da ‘dor’ que caminha com essas mulheres quando falam sobre a sua representação na sociedade, e, em especial, nas redes

³³³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de agosto de 2020.

³³⁴ Fonte: Site do Senado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/10/crimes-de-odio-na-internet-tiveram-aumento-de-quase-70-no-primeiro-semester>. Acesso em 10 de dez 2022.

sociais. No entanto, trazendo outros elementos que ajudaram a compreender esse lugar que é de dor, mas, também é de esperança, comum às mulheres negras. Tentaremos entender como elas conseguem elaborar discursos para transformar sua representação na sociedade, como elaboram estratégias de sobrevivência coletiva para criar “espaços seguros” (COLLINS, 2019), para ecoar as suas vozes e, por fim, tentar compreender se foi possível, através da página Profissionais Negros do Ceará, (re)pensar sua imagem.

O sentimento de impotência e o cansaço são evidentes em algumas falas das entrevistadas, como percebemos nas falas. Alguns depoimentos que saem, de forma até desajeitada, outros mais diretos e dolorosos quando uma pergunta ou assunto tocam suas dores. No entanto, não é qualquer pergunta, como “Qual o papel da página Profissionais Negros do Ceará para a representação da mulher negra?” ou mesmo a pergunta “Você acredita que o perfil ajuda no debate sobre identidade da mulher negra?”. Essas questões são rápidas e sem muito sentimento para elas, mas, quando perguntamos sobre “O que é ser mulher negra?” ou sobre “perceber-se mulher negra na sociedade”, as feições do rosto se modificam, as palavras engasgam e o olhar vai se desviando para um lado e para o outro.

Seja no formato presencial ou *online*, percebemos como o tema traz sombras e inquietações com medidas diferentes para cada uma. Assim é a fala da cabeleireira e participante da página “Profissionais Negros do Ceará”, Preta tia Simoa³³⁵, embargada de lembranças de dor ao lembrar o momento da infância e da vida adulta quando a questão da raça chega. Mesmo quando tenta se esquivar afirmando que a motivação da discriminação é por causa de outro marcador, neste caso é ser lésbica, percebe que a cor também chega nos locais da vida cotidiana e fará parte da sua caminhada, independentemente de ela afirmar ou não sua negritude, pois, o “Outro” vai lembrar a qualquer custo.

A relação do ser negra dentro disso (**que é ser mulher lésbica**). Além de ter essa “curva no mulher”, ainda ser negra. Porque eu me visto de uma forma masculina, eu ando no traje masculino. Antigamente eu achava que tudo era homofobia, até eu perceber que era racismo (**voz fica embargada, olhos com lágrimas, desvio no olhar, olhando para o lado, pensamento longe e fica em silêncio**). Porque, tipo, quando eu era criança não ia pros aniversários, eu não frequentava a casa dos meus colegas e das minhas colegas, eu brincava com poucas pessoas e tal. Minha brincadeira era na rua, eu nunca tava dentro de casa. Tipo, “Ah, festinha do pijama, vamos todas dormir juntas na casa da fulana de tal?”. Não, eu nunca estava nestes eventos, nos aniversários, em nada. E desde pequena eu não esboço essa feminilidade. Já fui criada uma criança esquisita desde cedo. E eu achava muito que era homofobia, quando

³³⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 05 de novembro de 2020.

em iniciei a vida sexual com mulheres e ai eu pensava. “Vixe, a galera é muito homofóbica e tal”. E quando eu percebi que as pessoas lésbicas, gays habitam as casas e elas eram apresentadas pra sogras e sogros, só que elas eram brancas...“porra, não só sobre isso, é sobre outra coisa”. Ai que comecei a me tocar. E dói, né?! (Preta tia Simoa³³⁶, 31 anos, **grifo nosso**)

Assim é a prática do racismo, onde mulheres negras passam uma vida inteira sendo ditadas pelo “Outro” (Collins, 2019). Sua identidade, sua imagem, sua história são enquadradas por outro sujeito. A objetificação, tema bastante discutido por Collins para explicar como as mulheres negras são categorizadas na sociedade. Ela nos conta que “a objetificação é fundamental para esse processo de diferenças formadas por oposição. No pensamento binário, um elemento é objetificado como o Outro e visto como um objeto a ser manipulado e controlado” (COLLINS, 2019, p. 137).

Percebendo isso, essa mulher negra é vista como um produto que pode ser (re)formulado e (re)definido pela vontade de quem a explora, como se não tivesse uma identidade, pois, “a dominação sempre envolve tentativas de objetificar o grupo subordinado”. (COLLINS, 2019, p. 138). Isso explicaria o motivo de grande parte dessas mulheres terem dificuldade em discutir o tema “representação”. Respiram fundo, olham para o lado e para o outro e, no final, falam apenas sobre a representação que não desejam para si. Como nos conta a empreendedora social, Auta de Souza³³⁷, com um longo suspirar, logo na abertura, e durante o depoimento ela explica sobre a necessidade de “quebrar paradigmas” para transformar o pensamento sobre o que é ser uma mulher negra e sua representação na sociedade.

Nossa! É uma superação diária. Tanto de você com você mesmo, de quebrar paradigmas que criaram e na sociedade em si. Porque nós não temos muito espaço para poder aparecer, para ter visibilidade. A gente tem que ir trabalhar muito para consegui o mínimo de visibilidade, no caso também do que eu disse na superação diária. Por essa questão de você ter que trabalhar muito, você acaba ultrapassando os seus próprios limites. Então tipo às vezes é muito cansativo, sabe. E assim às vezes eu fico pensando para quem eu tô tentando provar alguma coisa, tá entendendo?! Porque às vezes, eu trabalho demais e quero fazer muita coisa. Quero alcançar um patamar assim tipo de sucesso. O que é sucesso pra mim, pode não ser pra você, mas o que eu vejo como sucesso é ter, justamente, esse espaço e que eu seja uma pessoa que inspira outras mulheres negras. Então pra isso eu tenho que trabalhar muito pra conseguir

³³⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 05 de novembro de 2020.

³³⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

essa visibilidade. E às vezes são um peso muito grande e aí a presença dessa questão da superação diária, mas estamos aí. (Auta de Souza³³⁸, 24 anos)

Auta de Souza³³⁹ traz palavras-chave, que sublinhamos por se repetirem em diversos momentos da sua resposta, como uma busca para tentar explicar esse local da representação que vivem as mulheres negras. A palavra “trabalho”, que é falada quatro vezes, sempre está ligada a imensa jornada. Quando chega, tem sempre os advérbios de intensidade e excesso “muito” ou “demais” para acompanhar. Para dizer que sempre precisa justificar esse excesso, que é além da medida, da tentativa de provar algo para outra pessoa. Uma carga de ansiedade que segue suas falas, tensões que se mostram no seu respirar e no mexer das mãos quando tento saber como foi sua experiência ao perceber-se negra.

Além do trabalho, outras palavras brotam de seu depoimento como a palavra “visibilidade” e “superação” que são pronunciadas três vezes, e “sucesso” que também aparece. Como se fossem palavras que tentassem suprir o trabalho que precisa realizar no seu caminhar, e os desafios enfrentados pela participante. Mostrando que as mulheres negras estão constantemente, na busca por tentar superar os limites impostos pela sociedade, as estratégias de controle e dominação que são influenciadas pelos veículos de comunicação que falam sobre sua estética, sua força de trabalho e sua identidade. Como bem explica a pesquisadora Joice Berth (2019) que nos faz pensar que isso ocorre, por exemplo, com a estética negra ao falar dos cabelos das mulheres negras. Ela diz que isto acontece porque “esse mito tem trabalhado para a negação da identidade negra, minando a confiança na imagem através da propagação de uma estética padronizada e excludente, hipervalorizada é definida como única forma de ser perfeito” (BERTH, 2019, p. 131).

Um exemplo que segue para outras questões das mulheres negras, como falamos anteriormente, e que se transforma em uma tensão constante que machuca cada uma das entrevistadas, que desmotiva e torna cansativo cada dia de sua vida. Sua capacidade, seja ela física ou psíquica, sempre são colocadas em xeque, suas escolhas são sempre postas à prova pelas estruturas dominantes a ponto de não conseguirem responder quem são. Falas envergonhadas que buscam conforto ou um pouco de cuidado da ouvinte que acompanha cada gesto, balançar de cabeça, olhar perdido durante a entrevista.

³³⁸ Idem.

³³⁹ Ibidem.

Como bem complementa a confeitadeira, Preta Ferreira³⁴⁰, ao explicar sobre essa “luta diária” que Auta de Souza³⁴¹ utiliza com outra palavra “superação diária”, substantivos femininos, que aparecem na tentativa de argumentar as opressões e discursos racistas que vivenciam. Por coincidência, ou não, as entrevistas foram ouvidas no mesmo dia, em horários diferentes, pela plataforma Zoom. Tendo idades diferentes, e vivendo em locais diferentes, elas não se conheciam – falamos isso porque elas sempre dizem quem as indicou para a página e se conhecem outras pessoas dá – apenas têm em comum a página. Falam de um lugar muito próximo, um lugar comum das mulheres negras, mesmo tendo idades tão distantes, Preta Ferreira³⁴² tem 48 anos, o dobro de Auta de Souza³⁴³, com 24 anos, mas vivem o cansaço e as dores de sempre precisar argumentar que são boas o bastante. Parece-nos que não importa o tempo/espço, pois, as práticas de dominação e controle imposta às mulheres negras se perpetuam, independente do local, idade ou família, ou seja, uma repetição de padrão que sempre retorna.

O que eu penso e o que eu sinto é que ser negro é algo que a gente deve valorizar cada vez mais. Não se achar menor ou pior que alguém pela cor da nossa pele. E eu acho que é uma luta diária, todo dia. A gente já passou. O preconceito não existe, a escravidão não existe, mas a gente sabe que historicamente, está implícita em várias pessoas, a questão do preconceito. Às vezes até na gente mesmo, da gente se menosprezar e dizer “ah, porque eu sou negra, pobre, sou mulher. E eu tenho que aceitar o salário menor”. Já é costume e povo faz é brincadeira. Então certas coisas a gente tem que bater de frente mesmo. Se colocar com a sua importância, um ser humano independente da cor. Seu caráter, seu trabalho, seu serviço. É estar na sociedade, estar no mundo pra fazer o seu melhor possível. (Preta Ferreira³⁴⁴, 48 anos)

Não à toa, que durante o grupo focal uma das fundadoras da página “Profissionais Negros do Ceará”, a publicitária Elza Soares³⁴⁵, fala com bastante aborrecimento sobre essa repetição de padrão vivida pelas mulheres negras. Palavras que saem em tom de raiva, dor e

³⁴⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

³⁴¹ Idem

³⁴² Ibidem.

³⁴³ Ibidem.

³⁴⁴ Ibidem.

³⁴⁵ Nome fictício aplicado para o grupo focal no dia 03 de fevereiro de 2022.

cansaço de sua boca, tão amargas quanto o fel e que causam dores nos ouvidos nas que participam do grupo, bem como nos ouvidos da pesquisadora.

Eu estou há não sei quantos anos pensando no que eu posso fazer pra uma criança que está nascendo hoje não sofrer com a mesma m* (**palavrão**) que eu tinha. E eu não vou conseguir! Então é tu viver todo dia sabendo que tu não vai conseguir fazer isso, vai morrer e tu vai conseguir. E aí tu resolver um problema que é estrutural, rapidamente, tu não vai conseguir (Elza Soares, 31 anos, **grifo nosso**)

Raiva que se conecta com o pensamento do psiquiatra Frantz Fanon (2008), no seu livro “Peles Negras, Máscaras Brancas”, quando explica as motivações desse sentimento e como faz parte de cada pedaço desse corpo negro transfigurado e mutilado.

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável. (FANON, 2008, p. 59).

Traumas que atravessam o tempo, pois têm a ajuda das estruturas dominantes e suas instituições, como exemplo a comunicação, e que a pesquisadora Joice Berth (2019) explica quando conta o papel dos meios de comunicação na perpetuação desses discursos que moldam a forma como a pessoa negra olha para si e para o mundo e como deve se comportar na sociedade.

Conhecendo a trajetória dos veículos de comunicação de massa e também dos tradicionais, e considerando o racismo como ideologia e prática estrutural, estruturante e institucional, concluímos facilmente que a forma massivamente usada para alienação e o estilhaçamento de que fala Gonzalez não poderia ser outro senão o trabalho imagético de perpetuação da ideia de inferioridade da pessoa negra [...] (BERTH, 2019, p. 131-132).

Percebendo esses sentimentos, algumas das mulheres negras entrevistadas, durante a entrevista, tentam encontrar apoio através das palavras e frases como o “né?”, “porque nós”, “você sabe como é”, e tantas outras, durante os depoimentos e, neste momento, percebemos que essa busca se transfere para a página. Chega a nós o motivo delas desejarem ter seu produto visto ou seu serviço divulgado no perfil. Mesmo que não acompanhem a página, ou mesmo saibam que seu produto/serviço apareceu, como é o caso da articuladora comunitária, Cidinha

da Silva³⁴⁶, que encontrou a página, ficou interessada e começou a curtir. Então, decidiu enviar seus dados para divulgação, mas não acompanhou o dia da publicação, tempos depois, com pessoas falando que viram ela no Instagram, descobriu que tinha saído.

Pra falar a verdade na minha casa chega gente todo dia. “Ah, Izabel te vi numa página”, “Vi você assim”, e às vezes eu pergunto: valha, onde é que essas pessoas me conhecem? Eu acredito que o Instagram sirva pra esse tipo de serviço mesmo, né?! De propagar essa divulgação tanto eu, em relação à mulher, como também aos profissionais do Estado do Ceará (**a entrevistada se refere à página**), mas muita gente me procura, como você, e eu penso “valha, eu não sabia?” E até sei. Porque é tanta coisa que acontece no nosso dia-a-dia que a gente vai...e eu estou chegando a velhice e fica mais difícil me lembrar de tudo. (**risos**). (Cidinha da Silva³⁴⁷, 55 anos, **grifo nosso**).

Ou mesmo a jornalista, Antonieta Barros³⁴⁸, que foi procurada por uma das fundadoras da página para ter seu perfil divulgado. Ela explica que foi no início e demorou um pouco para sair, tanto que havia esquecido o contato e a divulgação quando, tempos depois, apareceu.

Bem, o primeiro contato...Eu acho que eu nem conheci a página não, mas acho que foi por indicação. Eu acho que a menina (**uma das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará**) tava começando e aí foi pedindo indicação de profissionais e alguém indicou o meu o nome. E ela (**uma das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará**) pediu um perfil meu, uma mini bio, e eu mandei. Achei que fosse publicado e tal. Demorou e tudo aí, enfim. O tempo foi passando também esqueci. Foi minha surpresa ter sido publicado em fevereiro, mas eu acho que primeiro ela (**uma das criadoras da página Profissionais Negros do Ceará**) entra em contato comigo e depois eu fiquei sabendo da existência da página. Porque tava no comecinho, né?!E foi assim. Ela entrou em contato e disse, sou da página Profissionais Negros do Ceará e eu fui lá (**na página**) e curtir e fiquei acompanhando. (Antonieta Barros³⁴⁹, 31 anos, **grifo nosso**).

O que essas mulheres negras, uma que buscou e outra que foi buscada pela página, têm em comum? Bem, a vontade de “fazer parte” parece ser um dos motivos. Querer ser acolhida, receber o cuidado, o afeto que a sociedade nega para essas mulheres negras ajuda na

³⁴⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 07 de outubro de 2020.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 08 de setembro de 2020.

³⁴⁹ Idem.

escolha por ser divulgada na página, pois algumas disseram ter vista sua foto, seu perfil, no entanto, não significa que aumentaram os serviços ou o ganho de convites para trabalho após a divulgação. É possível que essa vontade de participar venha da relação do cuidar entre essas mulheres negras que as fizeram aceitar ou procurar o perfil.

5.3.1 Quando o “esperançar” vem do ato de acolher e cuidar de mulheres negras

Logo no início da pesquisa, já apareceu a resposta sobre o motivo de criar a página, que foi lembrada e relembada por amigas mais próximas de uma das fundadoras, Elza Soares³⁵⁰, que manifestou o desejo de elaborar um perfil no Instagram que proporcionasse a divulgação de profissionais negros do Ceará. A história da consulta, o médico negro e assim por diante, no entanto, outros elementos são percebidos nas falas e até na página após observação da pesquisadora.

A página proporcionou a criação de um elo entre algumas das mulheres, mesmo que não sejam todas, mas, promoveu um contato inicial para algumas e o fortalecimento de laços, já existentes, para outras. A fala da entrevistada e florista, Dandara de Palmares³⁵¹, explica que já conhecia as fundadoras e é amiga a muito tempo de Elza Soares³⁵², bem antes de a página nascer.

A página é de criação de uma grande amiga minha que é a Elza Soares (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**). E a gente já é amiga há uns 4 anos. E a página ela foi criada, eu acho que já vai fazer uns dois, ou ela foi criada ano passado...eu não tô me recordo muito bem. Eu sei que já faz um tempo que existe e já tem bastante seguidores, eu acho que já tem uns 6 mil seguidores. E surgiu de uma ideia dela, porque ela tava procurando um profissional negro para fazer um determinado serviço que ela tava precisando, uma demanda. Ela começou até essa curiosidade ela “Poxa eu não estou encontrando esse determinado profissional”. Só que ela chegou a pensar. Mas essa procura dela criou um *start*. Ela pensou “Poxa eu tenho que criar algo pra poder encontrar essas pessoas porque eu sei que elas existem”. Tipo, ela não tem esse pensamento redutivo de que não existem pessoas negras que sejam profissionais, existem médicos negros, existem professores negros. Existem pessoas na área da saúde que são negras, existem fisioterapeutas, existe todo um universo sobre uma demanda de pessoas negras que são profissionais, em todas as áreas que existem, sobre trabalho. Então ela resolveu, ela deu o *start*

³⁵⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

³⁵¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁵² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

no cérebro e disse “Poxa, eu vou criar essa página e o nome vai ser Profissionais negros do Ceará e eu vou começar a catar pessoas”. E eu fui uma das primeiras, assim tem umas pessoas na minha frente, mas eu fui uma das primeiras que ela me consultou e disse “Posso te colocar na página? A Floricultura tua e da tua tia, vocês são duas pessoas negras e eu adoro os produtos de vocês e eu quero que você esteja lá”. Eu super topei! Ela entrou junto com a Margareth (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**), que a Margareth Menezes. E elas duas, assim a criação mesmo é da cabeça para Elza (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**), e ela pediu ajuda pra Margareth (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**), pra ela ficar com esse controle de entrada da página, de ver as pessoas que vão entrar e tal, os critérios e tudo mais. Ficaram as duas na criação e na manutenção. E eu super topei o convite! Faz tanto tempo que eu sou amiga da Elza (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**) que eu penso que a página é antiga, mas foi no final do ano passado mesmo que elas criaram. (Dandara de Palmares³⁵³, 26 anos, **grifo nosso**).

A fala de Dandara de Palmares³⁵⁴, apesar de trazer as informações sobre a criação e dados sobre a página – a quantidade de seguidores na época da entrevista - ressalta muita mais a amizade que ela tem com uma das fundadoras. Da sua relação pessoal com essa pessoa que faz parte da sua caminhada, por isso, fala em outros momentos das visitas na casa da fundadora, das festas conjuntas e demais atividades coletivas. Palavras como “parceria”, “amizade”, “cooperação”, e tantas outras que as conectam tanto a página, como a amizade que cultivam.

A entrevistada ainda nos conta que após a criação da página viu outros movimentos acontecerem, ações que ela só percebeu após a divulgação na página, prática comum das fundadoras que fazem postagem para, além dos serviços/produtos, visibilizar as atividades de outros parceiros. Assim é o caso da Feira Negra de Fortaleza[,] que foi criada em março de 2019³⁵⁵, com o objetivo de ser um espaço lúdico e formativo, que congregue artistas, grupos culturais, produtores individuais, grupos produtivos e cooperativas.

A Feira foi criada em março de 2019, quando empreendedores negras e ativistas do movimento negro buscaram outras formas de comercializar as produções, embasadas na ancestralidade africana. Assim, um grupo de dez empreendedores fizeram uma cota para alugar mesas e cadeiras e se articularam com os povos de terreiro e outros parceiros. No dia 15 de agosto do mesmo ano, a feira foi pela primeira vez para a rua, participando da

³⁵³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁵⁴ Idem.

³⁵⁵ Informações retiradas da matéria “Feira Negra de Fortaleza busca estimular o afro-empendedorismo” do jornal O POVO. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2022/06/10251708-feira-negra-de-fortaleza-busca-estimular-o-afro-empendedorismo.html> Acesso: 29 dez 2022.

programação do evento Festa de Iemanjá, no Aterro da Praia de Iracema. (O POVO, 2022)

A Feira Negra de Fortaleza acontece em praças, *shoppings* e outros espaços e faz parte da agenda negra da cidade. Essa Feira é lembrada por Dandara de Palmares³⁵⁶, que conta a importância de divulgar esse evento nas redes da ‘Profissionais Negros do Ceará’, como uma local de cooperação e cuidado com as produções negras.

Eu acho que **(a página)** tem um papel importantíssimo. A página tem um ano e ela já tem mais de 6 mil seguidores e está caminhando. Acho que existem pessoas que vão atrás de procurar **(profissionais negros)** e alavancou outros tipos de movimentações referentes aos negócios de pessoas pretas, aos novos empreendedores, que somos nós. Agora a gente se autodenomina afroempreendedores e isso é um resgate muito bacana do nosso recorte racial e da gente se valorizar e criar gosto de consumir entre nós. Eu posso te dar um exemplo, antigamente a gente não teria uma coisa que se chama Feira Negra de Fortaleza, eu não sei se você já ouviu falar **(pergunta para a entrevistadora)**. Isso aconteceu um pouco depois da profissionais **(da página)** ter sido criada, sabe?! Não sei se teve uma ligação, mas, tipo ele se ajudam. A profissionais **(a página)** posta quando vai acontecer a Feira Negra. Isso na época que a gente estava podendo se reunir, as aglomerações que a gente podia fazer. **(risos)** Mas, existia essa cooperação. Essa dinâmica da gente tá se ajustando, se agrupando e colocando um nicho referente a isso. Começou a crescer, pois, antigamente não existia essa de Feira Negra de Fortaleza, não. E existiu mesmo dando essa parada por conta da pandemia, infelizmente. Ela acontecia lá no Benfica. (Dandara de Palmares³⁵⁷, 26 anos, **grifo nosso**).

Dandara de Palmares³⁵⁸ fala ainda sobre essa coletividade ao justificar que a parceria, através da *Internet*, entre a página “Profissionais Negros do Ceará” e Feira Negra de Fortaleza, pode ter ajudado na visibilidade da Feira e da página.

De início, era uma coisa mais amadora, pois, querendo ou não a gente não tinha muita estrutura e o pessoal que organiza não tinha muita estrutura. Mas já era uma movimentação muito legal era lá na pracinha do Benfica. Tinha cerca de umas 10 ou 12 lojas. Tinha camisaria, tinha bijuteria, tinha artigo para decoração de casa, tinha roupas africanas, de tecidos africanos vendidos por pessoas africanas que residem aqui em Fortaleza, e tinha essa ligação super massa da gente, os negros, em diáspora que somos nós aqui, e os negros

³⁵⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ Ibidem.

africanos do continente. Acho que tinha umas três ou quatro lojas que eram de pessoas africanas que estão aqui em Fortaleza e tem o seu próprio negócio. Eles estavam juntos na Feira Negra e essa ligação é bem importante e eu acho que tem uma relação com uma página (**Profissionais Negros do Ceará**) porque as pessoas começam ver esse tipo de coisa e começam a querer se agrupar e se organizar. E essa ligação é muito interessante. Não tenho certeza se existe uma ligação de participação, mas, existe sim um compartilhamento. Compartilhar quando será a Feira Negra e tal. Acho que muita gente pode ter visto a divulgação na *Internet* e entre os próprios profissionais negros que estavam se divulgando, as pessoas que viam e queriam comprar. Eu não estava participando da Feira Negra porque o meu produto é perecível e não posso estar transportando ele, eu não sei se vai ter certeza de compra. Porque eu trabalho com flores naturais e é outra dinâmica. Não tenho como participar, mas, estou estudando sobre isso. Por enquanto estou ainda como consumidora. (Dandara de Palmares³⁵⁹, 26 anos, **grifo nosso**).

Percebemos que sua fala chega carregada de uma busca pelo agrupamento, organização coletiva e compartilhamento de produções da população negra. Ações que fazem parte das relações em sociedade e se desdobram nas redes sociais, como explica a pesquisadora Raquel Recuero (2009), no seu livro “Redes Sociais na *Internet*”, quando diz que “Os processos dinâmicos das redes são consequência direta dos processos de interação entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 80).

Recuero ainda acrescenta que “essas dinâmicas sociais podem ser construídas coletivamente” (RECUERO, 2009, p. 80) quando têm o objetivo de impactar ou modificar estruturas e fala sobre “O primeiro elemento que é trazido para o estudo das redes sociais como elemento dinâmico é o aparecimento da cooperação da competição e do conflito como processos sociais que influenciam a rede” (RECUERO, 2009, p. 81).

Quanto à questão referente à cooperação, ponto que parece se alinhar com maior força nos depoimentos das entrevistadas, Recuero (2009) traz reflexões que nos ajuda a compreender a fala de Dandara de Palmares³⁶⁰ ao insistir na parceria entre a página e a Feira, ou da página e as divulgações que são parte de uma cooperação que proporciona transformações sociais, pensamento que pode ser justificado pela indagação de Recuero (2009):

A cooperação pode aparecer, por exemplo, na formação de grupos na Internet. Weblogs coletivos, por exemplo, são weblogs produzidos por um grupo de pessoas. Eles dependem da cooperação entre todos os envolvidos para que

³⁵⁹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020..

³⁶⁰ Idem.

continuem a existir, já que é preciso atualizar, ler comentários e, sobretudo, dividir as informações. Também existem fotologs coletivos, que se encaixam no mesmo exemplo. Esses sistemas são apenas possíveis porque há cooperação entre os indivíduos envolvidos em torno da proposta (RECUERO, 2009, p. 83)

O pensamento de Dandara de Palmares³⁶¹ se mostra assertivo, pois, existe uma “proposta”, um “objetivo” entre os envolvidos que os ajuda a produzir nas redes sociais e fora delas. Como exemplo, a divulgação da Feira Negra de Fortaleza ou mesmo a criação de ações, pela fundadora da página Elza Soares³⁶², como o evento Suor Preto já falado em capítulos anteriores, que tem o objetivo de reunir pessoas negras para festejar e ressaltar a beleza e estética negra e o projeto Corre Preto de saúde e autoestima da população negra para pensar hábitos saudáveis e práticas desportivas.

Figura 47 – Postagem sobre o projeto Corre Preto.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

Uma cooperação que vai para além das redes e retorna para elas como possibilidade de diálogo e interação mesmo sabendo que todas as mulheres negras entrevistadas já se percebiam negras, ainda assim encontravam motivos para caminharem juntas, esperar

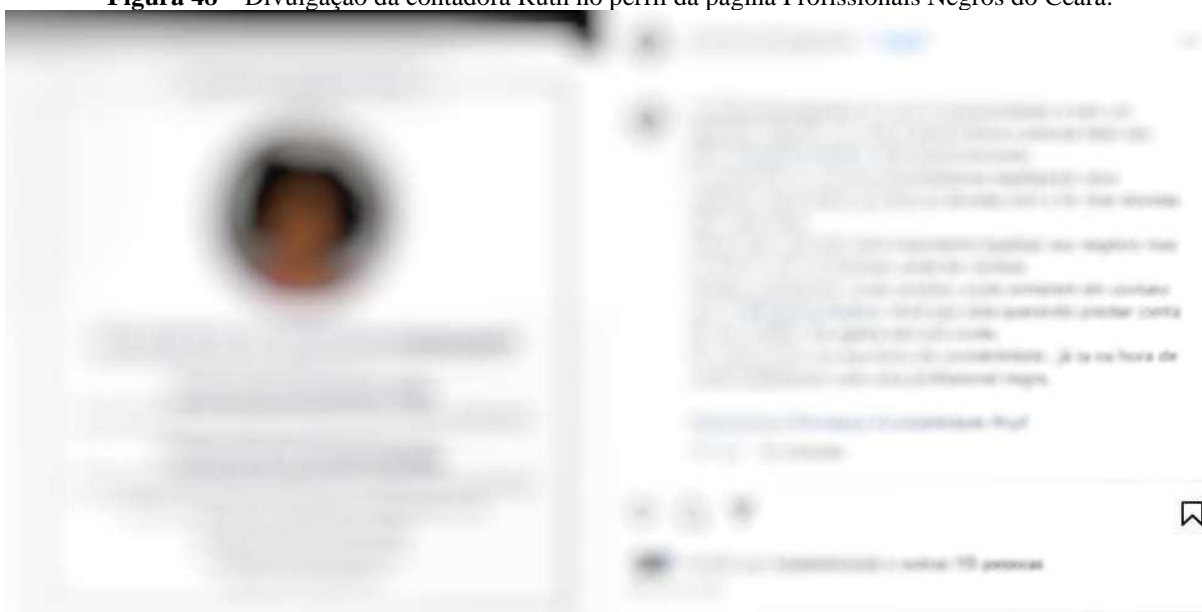
³⁶¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁶² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2020.

unidas por um propósito como explica a contadora de 35 anos, Ruth Souza³⁶³, que partilhou suas reflexões sobre a página e a representação da mulher negra.

A contadora chegou à página através da indicação de um amigo em comum das fundadoras. “Uma pessoa conhecida minha, tínhamos amigos em comuns, com as pessoas que fazem a página, os responsáveis da página profissionais negros e essa pessoa, esse nosso amigo em comum, me indicou” (Ruth Souza³⁶⁴, 35 anos). Depois as fundadoras começaram a seguir sua página e enviaram um *direct* perguntando se ela tinha interesse em participar para ter seus serviços divulgados.

Figura 48 – Divulgação da contadora Ruth no perfil da página Profissionais Negros do Ceará.



Fonte: página Profissionais Negros do Ceará.

Ruth Souza³⁶⁵ explica que desde cedo se percebe mulher negra, mas, afirma que essa negritude não foi fácil e teve problemas durante muito tempo até a chegada da vida adulta. Como podemos enxergar em sua fala:

Na verdade, desde que eu me entendo por gente eu sempre soube que era negra. Agora a questão da aceitação é que não existia. Eu neguei, por muitas vezes, a cor da minha pele, de não gostar e de não achar bonita. Então essa questão eu sempre soube que era, mas eu não acolhia bem. Eu não tinha um apoio. Eu sou filha de um casal interracial então é complicado sempre. Eu não

³⁶³ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de setembro de 2020.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de setembro de 2020.

tive tanto, assim, apoio pra uma aceitação, pra achar que eu era como todas as outras pessoas, que eu não precisava me sentir inferior em todo esse trabalho. Se deu muito mais na vida adulta, enquanto mulher. (Ruth Souza³⁶⁶, 35 anos).

No entanto, ela diz algo, durante a entrevista, que acende uma vela no caminhar da pesquisa e nos faz pensar que a página não só ajuda na autoafirmação da negritude, sobretudo, suas postagens e o contato com as pessoas, promovem a criação de relações de afeto e cuidado que as encoraja nesta caminhada dolorosa, como um fio de esperança sobre sua identidade e representação.

Eu já me reconhecia como mulher negra, mas não através só da página, mas de outros projetos que a Elza Soares (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**), que é dona da página tem, me ajudou muito. Nessa construção como mulher negra na sociedade. Então o projeto já desenvolveu muitas outras (**pessoas**) mesmo. Fico feliz de saber que meu nome foi citado já algumas entrevistas. (Ruth Souza³⁶⁷, 35 anos, **grifo nosso**).

Quando ela explica que a página não ajudou a se perceber negra, mas, criou uma relação com a página e as fundadoras que ajudaram na construção da sua identidade negra. Percebemos que existe uma busca constante por encontrar a sua voz, mas, não se faz sozinha. Essa busca é coletiva como conta Collins (2019) ao explicar a resistência das mulheres negras estadunidenses quando diz que “Muito do que há de melhor no pensamento feminista negro reflete essa busca de uma voz coletiva e autodefinida, e também expressa um ponto de vista mulherista plenamente articulado” (COLLINS, 2019, p. 183). Ela fala da importância de espaços seguros que ajudem na busca por essa voz ou escuta por acolhimento e apoio, como famílias externas, organizações comunitárias ou igrejas, que podem ajudar na sua autodefinição. Ela conta que:

Ao promover o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros as ajudam a resistir à ideologia dominante promulgada não apenas fora da sociedade civil negra, mas também dentro das instituições afro-americanas. (COLLINS, 2019, p.185).

Podemos arriscar dizer que a página é um desses lugares seguros para essas mulheres negras? Ou as pessoas que fazem parte conseguiram promover, através do perfil, uma

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de setembro de 2020.

conexão que pode ser chamada de “espaço seguro”? Questões que tentaremos aprofundar no último subtópico deste capítulo e que buscará ligar os pontos soltos ou costurar os retalhos que faltam desta colcha da identidade.

5.3.2 *“Uma rede de divulgação, uma de fortalecimento, uma rede de contatos”³⁶⁸: quando o digital busca uma “nova” representação da mulher negra*

Neste subtópico falaremos sobre essa rede de divulgação, criada pela página “Profissionais Negros do Ceará”, que assumiu um espaço diferente para algumas das entrevistadas. Uma página que ganhou nuances fora de sua estrutura, e elementos que até antes não foram percebidos pela pesquisadora foram apresentados durante o grupo focal, mostrando que as redes sociais podem causar impactos positivos, que não são apenas o alcance ou engajamento tão desejado por seus usuários. A questão da representação começa a criar forma, ainda com dificuldade para nós, mas, já mostra que pode ser um local de terreno um pouco mais firme para as mulheres negras.

Para isso, tentamos compreender esse pensamento, e iniciamos o seguinte subtópico com a fala da artista visual, Zezé Motta³⁶⁹, que explica como a representação é importante e conta sobre a necessidade de mais representação nos locais e ressalta que a representação deve ser uma possibilidade. Ela discorre isto porque acredita que a página divulga mais pessoas da cidade de Fortaleza, que de outros municípios do Ceará. O que não deixa de ser verdade, pois, apenas duas mulheres negras são de municípios diferentes, sendo eles Quixadá e Juazeiro do Norte.

Na página, eu vejo que ela ajuda numa representatividade sim, mas, todo e qualquer meio de veiculação de imagem e de propagação de informação que seja, para um bem comum, tem que buscar representar de fato aquilo que ela **(a página)** tá se propondo a representar. Se ela quer divulgar profissionais negros do Ceará, e eu to falando assim mais numa reflexão pessoal porque eu não sei de fato se a maioria das pessoas que são divulgadas na página é de Fortaleza e próxima daquela região. Ou se elas são de fato de todo o Estado, porque o Estado não é só a Região Metropolitana. Existem profissionais negros em todas as cidades do Ceará. Fazendo todos os serviços. Sendo design gráfico, médico, fisioterapeuta, artista visual, músico, faxineira, cozinheira.

³⁶⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de outubro de 2020.

³⁶⁹ Idem.

Uma infinidade de coisas, entende?! Então eu acho que ajuda sim, mas, como tu tem que se pautar a pensar nisso. (Zezé Motta³⁷⁰, 24 anos, **grifo nosso**).

A artista visual nos conta que a página ajuda na representatividade das mulheres negras, no entanto, fala sobre a importância de entender que é necessário existir uma diversidade de local, pois, a página é estadual e não apenas de um município. Um fator que precisa ser discutido, até teve mulheres negras de outras cidades, mas que não participaram da pesquisa.

Seja porque não quiseram, ou porque nunca responderam ao e-mail/mensagem convite. A página pode até não ter conseguido chegar a um número grande de pessoas negras, e, em especial, de mulheres negras, mas, conseguiu criar laços que saíram da tela para a vida. Essa extensão, que faz parte dos espaços de redes de sociabilidade, apareceu nas falas das entrevistadas. Falas sobre cuidado, afeto e confiança fizeram parte dos depoimentos, costurando esse espaço seguro (COLLINS, 2019) para que elas se abrissem para a pesquisadora e tentassem buscar resposta sobre essa representação fora dos padrões impostos pela sociedade.

A entrevistada Lúcia Xavier³⁷¹ explica, durante o grupo focal, que a representação é olhar para a outra, mulher negra, e se identificar. Seja no momento de contratar um profissional, como foi o seu caso, que ao precisar de uma contadora, não pensou duas vezes e buscou uma mulher negra para organizar as suas contas.

[...]Recentemente, eu procurei uma contadora preta porque foi importante para mim, porque ainda é um olhar de desconfiança quando se procura esses outros serviços que lidam com algum que foi construído por mim. Então eu não ia me sentir à vontade em compartilhar algo que é privado, é meu com uma pessoa branca, por exemplo, que ela não entende as minhas necessidades, ela não entende o esforço que foi conquistar o pouco que eu tenho hoje. Então esse lugar de tentar achar pessoas com semelhanças como a nossa é tão importante porque passar por esse lugar de acolhimento. Se sentir acolhida. (Lúcia Xavier³⁷², 25 anos).

O depoimento de Lúcia Xavier³⁷³ nos mostra a vontade de “achar semelhantes”, o desejo por um lugar onde ela pode se sentir segura, representada, como o espelho que reflete o

³⁷⁰ Ibidem.

³⁷¹ Nome fictício aplicado para o grupo focal dia 03 de fevereiro de 2022.

³⁷² Idem.

³⁷³ Ibidem.

Outro, apenas ser uma mulher negra, sem as amarras dos padrões dominantes que querem controlar essas mulheres negras. Tanto que seu depoimento instigou outra entrevistada e participante do grupo focal, a contadora Ruth Souza³⁷⁴, a falar que foi ela a pessoa contratada. “É a contadora tá aqui, viu?! (**risos**)” (Ruth Souza³⁷⁵, 35 anos, **grifo nosso**). Uma informação que até então a pesquisadora não sabia, mas, percebe que a página ajudou a criar uma relação entre elas. A contadora ainda acrescenta pontos que acredita serem importantes para pensar a representação da mulher negra.

É a gente confia uma na outra (**mulher negra**) na questão da representatividade. Quando a gente se encontra e se identifica. Por mais que estejamos vivendo momentos diferentes da vida, por conta de diferença de idade, como tem a Dandara de Palmares³⁷⁶ (**risos**) (**nome da fundadora que substituído pelo seu nome fictício**). A gente sabe que não foi fácil as nossas conquistas. (Ruth Souza³⁷⁷, 35 anos, **grifo nosso**)

Sua fala nos faz refletir como a representação é um tema constante, quando falamos das mulheres negras, e que sua busca por tentar mudar a forma como a mulher negra é representada na sociedade é uma questão permanente. Neste momento, a florista Dandara de Palmares³⁷⁸, que foi citada na fala da contadora, complementa dizendo que “A gente sabe do cuidado que vai ter com a outra pessoa. A responsabilidade que a gente vai ter com o próximo. Querendo ou não, é uma coisa diferenciada” (Dandara de Palmares³⁷⁹, 26 anos). Palavras que saem com um tom de cuidado, olhares mais tranquilos entre elas e risos mais leves, sem um desconcerto ou constrangimento. A conversa vai fluindo entre o desejo comum de mudanças sobre o lugar dessa mulher negra, através do afeto, também falado pela pesquisadora Joice Berth (2019) quando tenta explicar a afetividade no processo de empoderamento.

Falar de afetividade de uma maneira global é falar do cultivo da autoestima em sua completude, não isolando a aceitação estética como central, mas considerando-a em conjunto com um movimento no sentido de aprender a

³⁷⁴ Nome fictício aplicado para o grupo focal dia 03 de fevereiro de 2022.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Nome fictício aplicado para a tese.

³⁷⁷ Nome fictício aplicado para o grupo focal dia 03 de fevereiro de 2022..

³⁷⁸ Idem.

³⁷⁹ Ibidem.

amar-se de fato para poder distribuir esse amor de maneira fluida, inspirando e influenciando aqueles cuja sensibilidade está adormecida pelas técnicas entorpecentes de desestruturação pessoal e coletiva de um sistema opressor. (BERTH, 2019, p. 143).

Berth ainda acrescenta que essa afetividade tem um papel importante para a autoafirmação das mulheres negras, quando explica que:

O processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento e deve ser levado a sério, embora nem sempre nos meios de militância isso seja considerado um elemento indiretamente político. Para o grupo de mulheres negras, tendo em vista as condicionantes que influem no acúmulo da experiência como sujeito oprimido, esse processo torna-se invariavelmente uma questão de sobrevivência. Sempre é necessário alertar mulheres negras para que estabeleçam um ritmo próprio de fortalecimento e reinvenção de si mesmas, pois as violências que as atingem as descaracterizam e desestruturam continuamente enquanto não são compreendidas. Assim sendo, em todos os lugares e tempos, enquanto as opressões se fazem atuantes, o trabalho de estímulo ao autoamor deve ser também contínuo, seja pelo autocuidado, pela alimentação do intelecto ou pelo cultivo das boas relações com outras mulheres negras, tendo em vista que ser gentil com aquelas que nos servem de espelho social é uma ação empoderadora do nosso estado emocional, pois é agir com gentileza para conosco mesmas. (BERTH, 2019, p. 144-145).

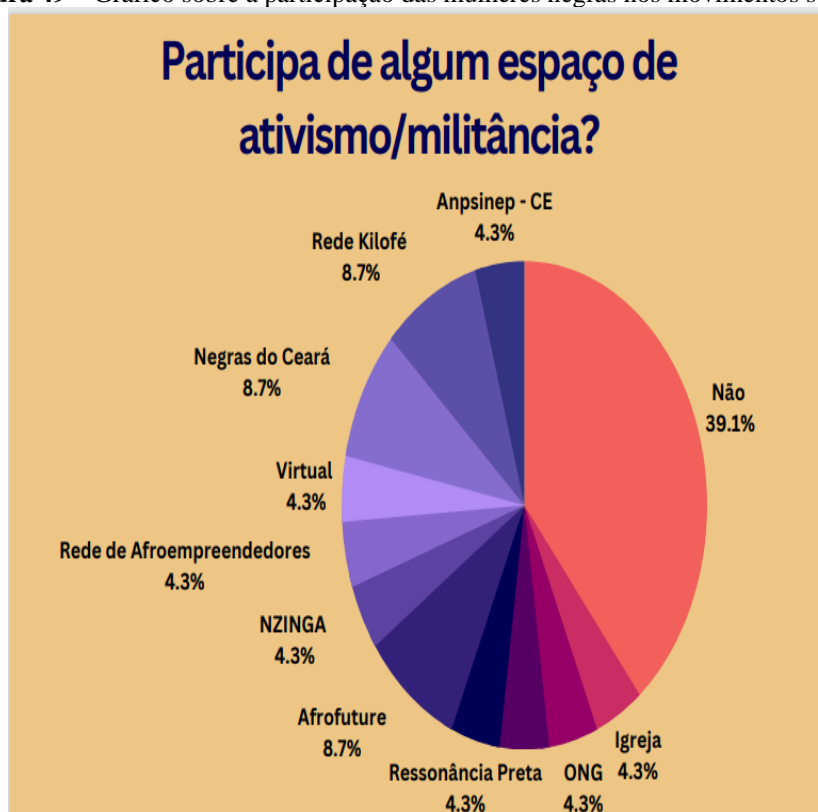
Ela nos proporciona uma compreensão importante para explicar a página “Profissionais Negros do Ceará”, que a afetividade é um laço para o processo de empoderamento e que ajudará na construção dessa representação das mulheres negras. Essas mulheres negras, divulgadas na página, que têm perfis diferentes, idades, pensamentos se unem na página com um intuito, no entanto, e fora da página elas perpetuam essa união, seja com a troca de serviços, seja apenas acompanhando a página. Algo une essas mulheres negras para que se fortaleçam, o que nos faz lembrar bell hooks (2019), que sempre enfatizou a importância do amor na luta contra o racismo e como estratégia para organização da militância negra.

Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras. (bell hooks, 2019, p. 53-54)

O que acreditamos por certo é que nos fez caminhar para a militância negra constitucionalizada, com o ingresso no grupo Juventude Negra Kalunga, durante a juventude.

Como mulher negra, sempre acreditei na importância dos movimentos sociais para realizar transformações sociais, e, em especial, do movimento negro que ajudou no meu processo de empoderamento, mesmo já me afirmando como mulher negra, desde a infância. Isso nos fez incluir a pergunta “Participa de algum espaço de ativismo/militância?”, no questionário elaborado para a pesquisa.

Figura 49 – Gráfico sobre a participação das mulheres negras nos movimentos sociais.



Fonte: elaboração da autora.

O gráfico elaborado, a partir da pergunta, nos mostra que mais de 50% dessas mulheres negras também acreditam na importância da militância. Que pode ser de diversas formas, inclusive, não participando desses tipos de movimento, mas, criando uma rede de apoio e cuidado. Das 22 mulheres entrevistadas, apenas 9 (nove) mulheres disseram que não fazem parte de um movimento institucionalizado, no entanto, trazem em seus discursos a necessidade de redes e fazem parte delas. Como é o caso da contadora, Ruth Souza³⁸⁰, que afirmou não fazer parte de um movimento, mas participa dos outros projetos de uma das fundadoras, como falou anteriormente.

Isso mostra que boa parte, dessas mulheres negras, já fazia parte de um espaço de militância. A página foi um instrumento para que algumas pudessem se encontrar e construir laços de empregabilidade, mas, também de laços sociais onde o ponto comum é a questão da raça. Um ponto que ficou evidente e proporcionou parcerias fora do estado em que a página trabalha, foi a caso de pessoas entrarem em contato com as fundadoras para criar uma página

³⁸⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 15 de setembro de 2020.

com o mesmo objetivo em outros estados. Como é o caso das páginas “Profissionais Negros” nos estados do Piauí, Bahia e no Rio Grande do Sul. Todas com o mesmo formato.

Figura 50 – Página “Profissionais Negros Bahia”.



Fonte: Instagram da página.

Mais uma vez a página “Profissionais Negros do Ceará” foi a linha para ajudar nessa costura que é a representação da mulher negra. Tentou unir pessoas com objetivos comuns. E mesmo que os traumas façam parte da vida dessas mulheres, a vontade de (re)pensar sua autodefinição e outras formas de representação é a busca para a transformação de suas caminhadas.

Sendo assim, os lugares de resistência podem estar na criação de uma página no Instagram, a organização em um grupo social ou apenas uma conversa, que ajudam na edificação de novos caminhos, sendo o espaço digital uma dessas possibilidades. Com isso, percebemos que cada vez mais o estudo sobre a representação social deve ser considerado e observado, pois essa teia de significados produzidos pelos sujeitos e/ou grupos corrobora para a construção de diálogos que evidenciam as práticas desses agentes sociais, levando em consideração o desdobramento de sua representação social na *Internet*.

CONCLUSÃO - O COMEÇO DO FIM

É chegado o momento de fecharmos esse ciclo. Não porque encontramos todas as respostas, algumas parecem pairar sobre nossas cabeças e acredito que continuaram lá. No entanto, um ciclo que um dia começou, precisará ser fechado. Assim como a vida que um dia encontrará a morte, a escrita de uma tese também tem começo, meio e fim, para que possamos seguir outros passos, mas, antes, precisamos alinhar alguns pontos sobre esse fechamento que foi doloroso e esperançoso.

Não à toa, esse lugar da escrita que teve seu início tranquilo, mesmo com o cansaço e trabalho solitário, seu final bem desafiador, quando teve de deixar a produção da tese para cuidar do seu pai, a pessoa que mais celebrou com a aprovação do Doutorado, que foi diagnosticado com câncer de estômago e faleceu meses depois. Diríamos que foi um momento crucial para fechar esse ciclo, pois estávamos sem condições para continuar. No entanto, ecoava uma frase que ele sempre dizia: “Não deixe de escrever, minha filha”. Escrevemos! Pesquisamos!

Tentamos, através destas linhas, compreender como é formulado e discutido o conceito da identidade na vida das mulheres negras que participaram da página “Profissionais Negros do Ceará” na plataforma do *Instagram* e quais caminhos as entrevistadas têm trilhado na maturação desta identidade que segue em movimento. A identidade como tema recorrente nas pesquisas de diferentes áreas e que tentamos explicar nestas linhas, através das relações de raça e gênero, como as mulheres negras percebem e se percebem no mundo é uma (re)construção e (des)construção diárias, compreendendo a existência de discursos que são retirados e outros que são incluídos no bojo da sua história.

Onde essas mulheres buscaram, incansavelmente, “descobrir o sentido da identidade negra” (FANON, 2009, p. 30), e essa luta será o motor para a sua forma de viver e olhar o mundo, seja com medo, raiva ou insegurança. Elas estarão sempre falando sobre a experimentação desse lugar de mulher negra, que tenta descobrir o sentido de sua humanidade e olhando para esse espelho que reflete experiências dolorosas, alicerçadas pelo pensamento dominante que elaborou narrativas que violentaram sua existência.

Criar um novo pensamento, um novo caminho para (re)pensar essa identidade negra é o grande desafio que essas mulheres enfrentam, seja no virtual ou presencial, elas vivem um redemoinho de emoções que atravessam suas histórias, desde a infância à vida adulta, estão em estado de alerta, esperando o momento em que, mais uma vez, serão alvo de práticas racistas, ou convencidas de que é “natural” esse lugar ocupado na sociedade. Não existe outro de que

possam fazer parte, pois esses estão destinados a cada uma delas, e ainda criam estratégias, para que a busca por entender essa identidade negra não seja desnecessária, ocasionando a luta constante e diríamos até desesperadora pela compreensão de sua identidade.

[...] o grupo racial dominante justifica sua indiferença e sua ignorância em relação ao grupo negro. Se o negro não ascendeu socialmente e não participa com maior efetividade nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio. Dadas as suas características de “preguiça”, “irresponsabilidade”, “alcoolismo”, “infantilidade” etc. ele só pode desempenhar, naturalmente, os papéis sociais mais inferiores. O interessante a se ressaltar, nessas formas racionalizadas da dominação/opressão racial, é que até as correntes ditas progressistas também refletem, no seu economicismo reducionista, o mesmo processo de interpretação etnocêntrica. Ou seja, apesar de sua denúncia em face das injustiças socioeconômicas que caracterizam as sociedades capitalistas, não se apercebem como reprodutoras de uma injustiça racial paralela que tem por objetivo exatamente sua reprodução/perpetuação. (GONZALEZ, 2020, p. 38)

A reflexão da militante e pesquisadora Lélia Gonzalez (2020), que comunga com o relato da entrevistada, Preta Ferreira³⁸¹, ao relatar que sempre se identificou como pessoa negra, no entanto, expõe como sempre foi alvo de falas racistas e ideológicas da estrutura dominante que tentam construir um lugar determinado para pessoas da sua cor, tentando criar uma ideia naturalizada de sua inferioridade no mundo.

A gente sempre, a gente sempre. **(explica que ela e a irmã sempre se identificaram como pessoas negras)** Desde o grupo de jovens que a gente tem se identificado assim, mas, assim as coisas, os termos e as palavras mudaram bastante desde o tempo do grupo de jovens que eu era e tinha 14 anos e hoje eu tenho 48. Então desde os 13 e 14 anos a gente ouvia coisas “ah, é negra, é não sei o quê”. E a gente ouvia como brincadeira e ouvia “ela era negra do grupo”. E era eu e minha irmã que eram as negras do grupo **(a entrevistada fala como se estivesse sem jeito e cortando a fala com receio)**. A gente escutava muito isso, mas...e na família gente escuta... a gente escutava de algumas pessoas dizendo “tenho horror a negro, e isso e aquilo”

³⁸¹ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

(entrevistada inicia lembrando das falas e depois deixa de falar dos exemplos e continua sem jeito e cortando a fala no meio). E a gente bate muito de frente. Muita coisa que historicamente que só falava que quando se referia ao negro se refere a algum pejorativo ou no diminutivo. Ou “o criado-mudo”, “a situação tá preta”, e isso, e aquilo, só se referindo ao que é ruim. E a gente bate muito, muito de frente com isso na questão do preconceito e do racismo. Na questão também do preconceito de gênero, a gente vê no nosso grupo de jovens, que a gente coordena, a gente vê muito isso. (Preta Ferreira³⁸², 48 anos, **grifo nosso**).

A confeitadeira ainda acrescenta como essa dimensão da inferioridade marcou sua vida, ao lembrar alguns momentos da sua trajetória e fala que pontuaram sua caminhada e termina, tentando afirmar que a identidade negra é uma busca de consciência de si e sobre o mundo ao seu redor.

Bate muita hoje, né?! Hoje, enquanto coordenadora, (**da igreja**) a gente combate também muito isso. Quando eu estava professora da escolinha (na igreja), a gente vê essas crianças, porque acho que aprende em casa também, se comparar uma com a outra. Se achar melhor porque outra era negra e outra era branca. Enfim, em cada espaço que a gente tiver tem que se colocar. De mostrar aqui não é nada disso, sempre bater de frente com relação à questão desse preconceito. A gente vê nos vizinhos “Ai, olha pra tua cor e olha pra dela” porque uma era negra e outra ela era branca. Se achar e se diminuir. Se diminuir porque era negro ou se achar porque era branco. Enfim, essa história que desde a adolescência a gente vai criando consciência e vai sensibilizando com relação a isso. E sempre que a gente tiver e puder vai bater de frente com relação ao preconceito. Tanto quanto a questão do negro, da orientação sexual, a gente conversa muito isso também no grupo de jovens. A gente vê muito isso, a gente combate muita questão do preconceito e do racismo. A gente é igual! (Preta Ferreira³⁸³, 48 anos, **grifo nosso**).

Neste momento, percebemos que a formação de uma identidade negra sempre chega através do olhar do Outro (COLLINS, 2019), e nos pegamos pensando sobre uma

³⁸² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 10 de setembro de 2020.

³⁸³ Idem.

identidade negra constituída pelo próprio negro. É possível? Acreditamos que sim! A pesquisa nos mostra que é possível e as falas dessas mulheres negras confirmam isso, quando dizem que estão conscientes desse olhar opressor, discriminador. No entanto, estão fazendo a sua história e buscando novas formas de olhar para suas vidas, como afirma a entrevistada e estudante, Benedita da Silva³⁸⁴, que, “no âmbito da sociedade, é muito doloroso ser mulher negra” e ainda acrescenta que escuta os relatos dolorosos de outras pessoas negras

Tipo, convivendo assim com a galera e como a galera retrata a gente, mas, pessoalmente, tem sido muito prazeroso sentir e descobrir que a questão não é nem que eu sou isso ou aquilo que as pessoas disseram, na real foi à forma que elas estavam tentando controlar o medo que elas tinham de mim, da minha inteligência, da minha força, da minha sensibilidade. (Benedita da Silva³⁸⁵, 22 anos)

Contudo, ela nos trouxe um elemento muito importante, quando fala que “elas (**a sociedade**) estavam tentando controlar o medo que elas tinham de mim” (Benedita da Silva, 22 anos, **grifo nosso**), e isso nos fez lembrar Grada Kilomba (2019) e sua reflexão sobre o sujeito branco que busca animalizar o negro e se utiliza do exemplo da escravizada Anastácia, que foi obrigada a usar uma máscara que a impedia de falar e se alimentar. No entanto, Grada Kilomba (2019) diz que a máscara tem outra tarefa: “silenciar” a pessoa negra, pois existe o “medo branco” de ouvir. Seria uma forma de negar sua fala por medo, medo do que esse negro possa falar, sentir ou ser.

[...] por que deve a boca do *sujeito negro* ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calado? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse a sua boca tapada? E o que o *sujeito branco* teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o *sujeito* colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o “*Outra/o*”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. [...]. Segredos como a escravização. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. O medo branco de ouvir o que poderia ser revelado pelo *sujeito negro* pode ser articulado com a noção

³⁸⁴ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

³⁸⁵ Idem.

de repressão [...] Esse é o processo pelo qual ideias – e verdades – desagradáveis se tornam inscientes, vão para fora da consciência devido à extrema ansiedade, culpa ou vergonha, que causam. (KILOMBA, 2019, p. 41)

Esse “medo branco” que mantém distância, para não reconhecer o Outro como uma pessoa que tem sua identidade. Com isso, nega a sua existência no mundo e impõe uma identidade “desumanizada” para essa pessoa negra. Mas a entrevistada Benedita da Silva³⁸⁶ nos chega como um clarão que não será apagado ou destruído, quando celebra sua negritude, sua beleza, inteligência e força através da coletividade, do empoderamento e da relação entre mulheres negras.

Hoje, para mim, ser mulher negra na real é uma dádiva! Sabe, assim mesmo. É uma dádiva porque eu tenho conhecido outras mulheres negras que também são maravilhosas, que são lindas, que são sensíveis, que são artistas, que são mães. Que tem uma inteligência assim, meu Deus, impecável, sabe?! Não consigo pensar em ser mulher negra e não pensar que eu sou muito inteligente, por exemplo. (Benedita da Silva³⁸⁷, 22 anos)

A entrevistada ainda finaliza, entre um sorriso e outro, que sua identidade está em construção, em constante transformação. Como podemos ver:

Então eu acho que ser mulher negra é isso, para mim, é um presente mesmo ancestral nascer nesse corpo, nessa pele. É um presente ancestral poder falar com essas mulheres junto, porque eu também não falo por todas, é muito particular cada coisa que você vive, mas é esse misto. **(risos)** É esse misto, é essa coisa que eu ainda estou descobrindo. Eu acho que mesmo que se eu soubesse, eu ainda não saberia tudo pra te dizer. Porque, eu acho, que é isso assim é indescritível, é inconstante, é mutação, sabe?! É direto assim. Quando eu acho que eu sou tal coisa, não isso aqui passou, eu fui ou eu sou. Então, eu acho, que se eu fosse dizer uma coisinha assim talvez pra tentar chegar perto

³⁸⁶ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

³⁸⁷ Idem.

seria isso...como é que eu posso dizer, é a transformação constante (**risos**).
(Benedita da Silva³⁸⁸, 22 anos, grifo nosso)

Podemos dizer que essas mulheres negras estão tentando (re)significar essa identidade negra, se deslocando da estrutura dominante que impõe uma identidade para elas, (re)escrevendo e (re)conhecendo quem são e, principalmente, quem elas não são. Pensando nisso, precisamos considerar que a questão da identidade vem sendo pensada como uma ferramenta estratégica para as transformações sociais, onde está em jogo o reconhecimento de tais questões pela pessoa negra e a produção de práticas conjuntas para modificar essa estrutura. Podemos compreender melhor a questão da identidade, bem como ela é percebida no espaço digital, quando a entrevistada conecta a página “Profissionais Negros do Ceará” com as questões de identidade.

[...] Eu acompanho lá galera (**a página Profissionais Negros do Ceará**), inclusive, às vezes, posto alguns posicionamentos, comentários de pessoas e posicionamentos, coisas que acontecem, às vezes, assim, aqui no Ceará e a galera reposta lá, abre aquelas caixinhas de pergunta. Quando você abre aquelas caixinhas de perguntas da *Profissionais Negros* muita gente coloca muita opinião lá, coloca muitos desabafos e eles vão compartilhando as suas respostas. Então vai gerando uma interação, para mim vai gerando uma discussão, entendeu?! E para além da galera que tá envolvida, que entende direito e que tem consciência racial, eles (**a página**) também divulgam muito uma galera que também não tem nenhuma proximidade. Eu acho que isso é muito importante porque, se a priori pessoa não se ligava dessa identidade racial, no momento que ela é colocada naquela página ali, aquilo ali vai melhorar o trabalho dela e ela vai, tipo, “Profissionais Negros”. Eu acho que isso gera também esse impacto na pessoa que tem aquele produto ou serviço, se liga?! (Benedita da Silva³⁸⁹, 22 anos, **grifo nosso**).

Essa reflexão da entrevistada coloca a pauta da identidade como ponto importante para a página, e que percebemos no decorrer da pesquisa, quando observamos as postagens. A

³⁸⁸ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 17 de março de 2021.

³⁸⁹ Idem.

necessidade de usar imagens de pessoas negras, falas e vídeos de pessoas negras, principalmente de mulheres negras, evidencia o desejo de pertencimento e de uma coletividade negra que deseja ser construída através da página com a divulgação e produção de sujeitos sociais, por meio da (re)invenção de práticas sociais com a utilização dessas novas tecnologias.

Com isso, poderíamos concluir que a questão da identidade é uma necessidade do sujeito e, por isso, precisa ser reivindicada pela mulher negra e que a página tentou elaborar, através de vídeos, imagens, *stories* e textos compartilhados. Não foi intencional, como informaram as fundadoras. No entanto, mesmo sem a intenção, a busca por divulgar os serviços e/ou trabalho dessas mulheres, e por serem também mulheres negras, acabou por esbarrar na identidade como um tema importante que foi sendo apresentado no perfil.

O mesmo aconteceu com a representação, quando a inquietação por compartilhar as produções da população negra na mídia fez com que o tema tomasse conta de algumas postagens, apresentadas no decorrer da pesquisa. O desejo por tentar representar a população negra tentou ser alcançado e algumas das entrevistadas trata disso, quando falam sobre o pertencimento, a procura de um profissional “como eu”, para resolver o problema, como explica o depoimento da entrevistada Dandara de Palmares³⁹⁰, quando fala sobre o impulsionamento do seu produto após a divulgação na página.

Porque eu conheço gente, e eu também, que quando quer algum determinado serviço, eu sempre procuro priorizar os profissionais como eu, profissionais negros. Vou lá na página consultar, eu vou lá na página olhar. Será que tem alguém que faça esse serviço e tal? Que seja próximo de mim? Então, eu vou lá na Profissionais (**página Profissionais Negros do Ceará**), eu vou lá ver, eu vou catar. Ver o que é que tem e quem é que tá lá. Referente ao que eu estou precisando. Eu vou lá fazer essa consulta e eu acredito que muitas outras pessoas, como eu, também façam isso. Acho que é de uma grande importância ao nosso nível, da nossa cidade e do nosso Estado. (Dandara de Palmares³⁹¹, 26 anos, **grifo nosso**)

A necessidade de discursos e de como o sujeito negro cria suas narrativas sobre a representação negra é constante, como bem explica bell hooks (2019), desse local em disputa.

³⁹⁰ Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 14 de setembro de 2020.

³⁹¹ Idem.

“É mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta, quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras” (hooks, 2019, p. 30), pois são temas dolorosos como as falas das entrevistadas sobre cabelo, corpo e outros dispositivos que acionam traumas na sua caminhada.

A representação na pesquisa tem um lugar de reflexão sobre a experiência do “eu” e a subjetividade de cada mulher negra e suas histórias sejam elas de dor, violência ou superação que nos desafiou a buscar novos olhares sobre o tema. Perceber que representação não é apenas ter uma pessoa negra no espaço, pois esse sujeito pode nem ter a construção do pertencimento também fez parte da fala de algumas das entrevistadas. Principalmente, quando pessoas negras não fazem parte do seu ciclo de convívio, como é o caso da entrevistada Laudelina de Campos³⁹², ao explicar que não se identificava como negra e explicou que a página desempenhou um papel importante para refletir sobre esse lugar de não pertencimento.

Com certeza, com certeza. Porque às vezes a gente assim, eu vou dizer por mim, né?! No meu ciclo social eu não tive contato com pessoas negras, assim, eu não tive tanto contato, claro. Eu sempre estudei em colégio particular e tudo mais, então eu era a negra da sala, e tipo tinha mais um ou dois. Eu cresci num ciclo social que eu não tive muitas referências, não via muitos profissionais negros, não conhecia. Então eu pude ver na página e encontrar justamente profissionais que já estão na área. Inclusive, quando eu fui atrás de uma contadora, eu vi pela página e contratei pela página porque tinha visto lá. Então desempenha um papel muito importante justamente por dar essa visibilidade para os profissionais negros. (Laudelina de Campos³⁹³, 23 anos)

A página ‘Profissionais Negros do Ceará’ promoveu novas formas de representação da mulher negra e criou narrativas no espaço digital, percebendo as suas particularidades, utilizando textos que auxiliam nesta jornada que perpassam pela questão da representação desses sujeitos negros e seus laços sociais dentro e fora das redes sociais. Percebemos que o perfil contou com técnicas comuns que permitiram sua entrada na *Internet* e a consolidação do perfil nas redes sociais e conseguiu unir pessoas com temas comuns, serviços de profissionais

³⁹² Nome fictício aplicado para a entrevista concedida à autora no dia 25 de novembro de 2020.

³⁹³ Idem.

negros, como explica a contadora Ruth Souza³⁹⁴, durante o grupo focal, ao dizer que se conheceram por causa da página.

Esse grupo, coincidentemente, só se conhece por causa praticamente da “Profissionais”. Eu conheci a Elza Soares³⁹⁵ e a Margareth Menezes³⁹⁶ através da página. Porque alguém me indicou pra elas, e foi quando elas souberam de mim e que a gente teve aproximação, né?! Que foi além de uma indicação, foi além de me colocar na página, pra catalogar o meu serviço. (Ruth Souza³⁹⁷, 35 anos)

No entanto, é necessário saber que houve desafios, pois, a pauta não tem fácil aceitação, as interações nem sempre são positivas e vale lembrar que a *Internet* é um local em disputa. A página ‘Profissionais Negros do Ceará’ teve um número pequeno de seguidores, comparada a outras páginas de pessoas não negras que também fazem divulgação de serviços e/ou profissionais nas redes. A página teve problemas de continuidade com a pandemia, pois, mesmo estando na *internet*, suas fundadoras tiveram que deixar o perfil de lado para buscar formas de sobrevivência. Período desafiador, já que eram as duas fundadoras que tiravam um tempo – um momento do dia –, para inserir as postagens, criar os cards, entrar em contato com novas pessoas, para divulgar na página, curtir e comentar os posts.

Mesmo com os avanços ocorridos nas redes sociais e como elas elaboram estratégias que possibilitam a criação e ampliação da participação de pessoas, grupos e movimentos que tentam apresentar suas pautas, utopias, ideias e representações, ainda é longa a construção de um espaço onde mulheres negras tenham visibilidade e alcance equivalente aos de pessoas não negras. Mesmo entendendo que as redes sociais se alimentam e retroalimentam, por meio da capacidade de desenvolver e fortalecer seus signos e linguagens, neste local que também está em disputa, através do poder de suas curtidas, comentários e compartilhamentos, o sujeito negro, como é o caso das mulheres negras da página, não consegue ter a mesma força nas suas produções.

³⁹⁴ Nome fictício aplicado para o grupo focal no dia 03 de fevereiro de 2022.

³⁹⁵ Nome fictício aplicado para a tese.

³⁹⁶ Nome fictício aplicado para a tese.

³⁹⁷ Nome fictício aplicado para o grupo focal no dia 03 de fevereiro de 2020.

Por fim, é preciso dizer que a representação foi alcançada, mas não da forma como pensamos no começo dessa pesquisa, a tarefa da representação virtual ficou distante do que poderia ser. No entanto, descobrimos que a representação, quando posta para as mulheres negras, é um lugar de tentativa coletiva, de busca conjunta e isso foi percebido nas falas, nas postagens e na pesquisa. É uma busca que tem acontecido de forma coletiva, construindo laços que saem do virtual para o real e vice-versa, na tentativa de produzir uma representação diferente da vigente.

Essas mulheres não têm uma resposta concreta sobre quem são, como falamos em outros momentos, mas estão numa busca por tentar descobrir, viver e experimentar um novo olhar sobre cada uma. Um olhar ‘a primeira vista’ que não seja enviesado, doloroso ou carregado de traumas; mas, sim, um olhar que transforme essas mulheres negras em quem elas desejam e esperam ser, por seus olhares.

Como será? Nem elas e nem a pesquisadora conseguem responder, pois a nossa pesquisa também é uma busca pessoal por essa representação, já que também caminhamos neste lugar onde os ‘Outros’ (COLLINS, 2019) sempre lhe impuseram um lugar na sociedade. ‘Sua neguinha atrevida’, ‘seu futuro será apenas ser ‘mãe solteira como suas primas’ e tantas falas que a pesquisadora lembra com dor. Discursos que tentaram desqualificar, discriminar e oprimir cada uma das entrevistadas e a pesquisadora. No entanto, resistências sempre serão possíveis, para desconstruir as fabulações contadas e (re)contadas pelas estruturas dominantes.

A pensadora bell hooks (2019) explica que “É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau” (hooks, 2019, p. 32). Uma alternativa para transformar a forma como as mulheres negras se veem e são vistas, algo que a página tenta fazer nas suas produções. O caminho para que essas mudanças ocorram na sociedade é extenso e lento. Ainda que sejam difíceis e lentas, essas alterações são reais e acompanham a vida dessas mulheres que fazem parte da página, sejam como criadoras ou como participantes.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Prefácio. In: HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade. Raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. 6ed. Tradução Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BUTLER, J. (2015). **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** (S. T. M. Lamarão & A. M. Cunha, Trans.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLS, Manoel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes e Indignação Social e Esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- CHAUÍ, Marilena. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.
- CUNHA, Carlos Alberto Motta. Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil. **Dossiê - Fundamentalismos e Democracia**, Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1137-1161, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23696/17877>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Ed. São Paulo; Boitempo, 2016.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- FANON. Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005..

FUNES, Eurípedes A; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Org); **História de Negros no Ceará**. Porto Alegre: Editora FI, 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. 9ª ed, Petrópolis: Vozes, 2019 [2010].

GONZALEZ, Lélia Almeida. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade. raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Edições Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/textos/RAP%20FUNK%20USP.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. 1.ed. Trad. Stephaine Borges. São Paulo: Editora Elefante em 2019.

IBGE. **Censo demográfico do Brasil**. 2018. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 15 mar. 2021.

JOCA, Alexandre Martins; VASCONCELOS, Francisco Herbert Lima. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. Recife: Imprima, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORAES, Dênis de. O ativismo digital Moraes. **Revista da Universidade Federal Fluminense**. Niterói: 2001. Artigo. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html. Acesso em: 4 dez. 2017.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, Catarina Farias de. **Comunicação, recepção e memória no movimento Sem terra**: etnografia do Assentamento Itapuí/RS. Fortaleza: editora Imprensa Universitária, 2014.

DE OLIVEIRA, L. Etnografia, pesquisa multissituada e produção de conhecimento no campo da comunicação. **Questões Transversais**. São Leopoldo, Brasil, v. 5, n. 10, 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/15735>. Acesso em: 6 mar. 2023.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Revista Esfera**: ano 2, nº 3, julho a dezembro de 2013. Artigo. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621> Acesso em: 8 nov. 2021.

TIBURI, Márcia, **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro, Record, 2015, p. 191.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

ROCHA, Luiz Carlos Moreira da. **Teorias do Sujeito a partir da Era Moderna**. São Paulo, UCP, 2016.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Uerj, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM_Pocket, 2006.

SILVA, Tarcízio Roberto da. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **VI Simpósio Internacional Lavits - Assimetrias e (in)visibilidades**: vigilância, gênero e raça. Artigo, 2019a. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Silva-2019-LAVITSS.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, Tarcízio Roberto da. Visão computacional e vieses racializados: branquitude como padrão no aprendizado de máquina. **II COPENE**: Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas. Artigo. João Pessoa, 2019b. Disponível em:

https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562639906_ARQUIVO_e9a44399eb59657e3a09d60cac35b5a8.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.